UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TESE DE DOUTORADO

ENTRE PRESCRIÇÕES E SENTIDOS: NARRATIVAS SOBRE COMPORTAMENTOS PARA MULHERES EM MANUAIS DE ETIQUETA NO TEMPO PRESENTE

MÁRCIA REGINA DOS SANTOS

FLORIANÓPOLIS, 2019

MÁRCIA REGINA DOS SANTOS

ENTRE PRESCRIÇÕES E SENTIDOS:
NARRATIVAS SOBRE COMPORTAMENTOS PARA MULHERES
EM MANUAIS DE ETIQUETA NO TEMPO PRESENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Humanas e da Educação-FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História. Área de concentração: História do Tempo Presente.
Linha de Pesquisa: Políticas de memória e narrativas históricas.

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

FLORIANÓPOLIS/SC
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da

Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Márcia Regina dos
Entre prescrições e sentidos : Narrativas sobre comportamentos para mulheres em manuais de etiqueta no tempo presente / Márcia Regina dos Santos. -- 2019.
312 p.

Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

1. Manuais de etiqueta. 2. Narrativa. 3. Mulheres. 4. Memória. 5. Tempo presente. I. Cunha, Maria Teresa Santos . II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

MÁRCIA REGINA DOS SANTOS

"Entre prescrições e sentidos: Narrativas sobre comportamentos para mulheres em manuais de etiqueta no tempo presente"

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de doutor (a), no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca julgadora:

Orientadora: _____

Doutora Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Doutora Cristiani Bereta da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Doutora Janine Gomes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: _____

Doutora Maria Cecília Barreto Amorim Pilla
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Membro: _____

Doutora Silvia Maria Fávero Arend
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 01 de julho de 2019.

Para
José, Paulo e José Eduardo.
Os incentivadores dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer por quatro longos anos de estudo e pesquisa não é uma tarefa fácil. Tantas pessoas foram importantes para que a minha tese fosse concluída, mas eu espero não ter problemas de "memória" nesse momento. Em primeiro lugar devo fazer meus agradecimentos à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e todo o seu corpo docente e técnico, instituição na qual realizei toda a minha formação acadêmica com o auxílio de bolsa do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP), possibilitando a minha participação nos eventos acadêmicos, a dedicação ao trabalho de pesquisa e o acesso aos bens culturais que tanto enriquecem o estudo e alargam os horizontes. Uma instituição pública e gratuita da qual eu muito me orgulho de ter feito parte.

Chegar ao momento da defesa se efetivou pela generosidade das professoras que gentilmente aceitaram ler e arguir a minha pesquisa, portanto, meu muito obrigada à Profa. Dra. Silvia Maria Fávero Arend que aceitou compartilhar seu conhecimento e sua competência; à Profa. Dra. Maria Cecília Barreto Amorim Pilla que se dispôs a vir de longe para trazer suas contribuições, à Profa. Dra. Doris Bittencourt Almeida que enviou um criterioso parecer sobre minha escrita e à Profa. Dra. Janine Gomes da Silva que aceitou fazer suas considerações. Agradeço também à Profa. Dra. Aline Dias da Silveira que fez parte da banca de qualificação do meu trabalho e em muito contribuiu para o seu desenvolvimento. Ainda quero registrar meu especial agradecimento à Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva por ter me apresentado as "viagens Paul Ricoeur" e tantos outros conhecimentos que marcaram indelevelmente a minha formação e o meu pensamento. Agradeço também às professoras e professores do PPGH – um Programa com nota 5 pela avaliação da CAPES –, profissionais incansáveis na formação de entendimento e criticidade acerca das questões do tempo presente.

O ingresso no Programa de Pós-Graduação foi uma tarefa tão difícil quanto gratificante, nesse espaço de aprendizado e convivência acadêmica eu cresci como professora, como pesquisadora e, principalmente, como pessoa. Acredito que um dos melhores encontros foi ter o privilégio de ser orientada pela Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha, alguém que eu tanto admiro pela competência, pela generosidade e pelo profundo comprometimento que tem com as pessoas que acolhe e orienta. À minha orientadora devo cada página dessa tese e um aprendizado que não cabe em narrativas, mas, já faz parte da minha memória. Muito obrigada MT!

Todo esse percurso não seria possível sem o apoio incondicional dos homens que foram a minha sustentação em todos os sentidos nesse processo. Meu mais sincero agradecimento ao

meu companheiro José Batista Martins que foi a minha base enquanto eu quis voar, aos meus filhos José Eduardo e Paulo Felipe, que compreenderam todas as minhas ausências sempre com sorrisos e palavras de incentivo. Agradeço à Isabelle Borges pelas palavras (às vezes em francês!) de muito apoio e ponderação nos momentos de confusão e cansaço. Agradeço aos meus amigos-família Dirciane Schimith Dalagnol e Rudinei Silveira da Rosa que acompanharam com forte torcida cada artigo publicado e cada participação em evento. À minha irmã Ângela que melhorou a minha escrita por meio da correção dos seus trabalhos acadêmicos que, em breve, lhe renderão conquistas maiores. Ao meu amigo e colega de doutorado Elias François, pelas incansáveis tardes e noites de intensos debates teóricos (alguns, nem tanto) naqueles momentos em que a teoria nos parecia incompreensível. Todas as vezes que me faltaram as ideias elas e eles foram inspiração mesmo sem saber que também eram meu laboratório de pesquisa, gratidão!

Agradeço à minha turma de doutorado, a 2015/2, na qual eu conheci figuras interessantíssimas, com pesquisas incríveis, e fiz sinceros amigos. Às professoras e colegas do Laboratório de Patrimônio Cultural (LABPAC) pelos anos de troca e excelente convivência. Aos meus colegas do Grupo de Estudos História, Cultura escrita e Leitura (GEHCEL), Eduarda Rosso Scottini, Susane da Costa Waschinewski, Gabriel Dalapria, Fauzi Miranda Campos, Júlia Paredes e Ana Luíza Andrade, pelos fartos momentos de troca acadêmica e pessoal. Em especial, à Karla Simone Willemann Schütz, pequena grande pesquisadora que me socorreu todas as vezes que os meus textos estavam sem rumo, companheira incansável de eventos, oficinas e preenchimento de formulários complicados. De todas as conquistas que a vida acadêmica nos proporciona, elas e eles foram, sem dúvida, uma conquista para a vida.

Enfim, cursar uma pós-graduação, especialmente no campo que considero apaixonante, me possibilitou aprendizados e interações sem precedentes, cada autor que compreendi, cada lugar que conheci, cada pessoa que me relacionei, contribuíram muito para minha prática profissional e minha visão de mundo. As vivências estão, de certa maneira, inscritas na minha pesquisa em forma de escolhas e argumentações construídas a partir desse processo. Assim como nos conceitos que emergem do tempo presente, esse passado do doutorado continuará me assolando, porém, de forma produtiva e instigante. O meu profundo sentimento de gratidão à todas e todos que contribuíram na escrita da minha história, eu cheguei até aqui por que vocês estiveram comigo!

A primavera chegará,
mesmo que ninguém mais saiba seu nome,
nem acredite no calendário,
nem possua jardim para recebê-la.

Cecília Meireles

RESUMO

A presente tese foi centrada nas narrativas produzidas em manuais de etiqueta e boas maneiras, de edição brasileira, entre os anos de 1947 e 2007. A perspectiva adotada consistiu em elucidar como se constituem memórias por meio de narrativas sobre comportamentos para mulheres contidas nestes manuais de etiqueta. Partiu-se da tese de que entre as prescrições e os sentidos de tais narrativas se verificam elementos estruturantes configurados por múltiplas temporalidades que negociam, se alternam e coabitam no processo de estabelecimento da continuidade de determinados modos. Nessa direção, foram delineados os objetivos de evidenciar como as prescrições elaboram condições de repetibilidade dos comportamentos para mulheres; identificar elementos estruturantes e cambiantes nas construções narrativas e perceber os múltiplos estratos de tempo que compõem os presentes dos manuais. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, na qual as fontes compõem um acervo de vinte e um (21) manuais de etiqueta entrecruzados com referências presentes em veículos de comunicação como jornais, revistas, mídias digitais, as quais fizeram citação ao tema ou às autoras e autores dos manuais. A construção da problemática à luz do tempo presente legitimou o seu sentido como um passado que permanece, assola o presente e transita entre superações e resistências em um movimento que dá a ver temporalidades múltiplas em um só objeto. A partir de um esboço de construção de memórias, o qual considerou as dimensões do lembrar, selecionar, exercitar e correlacionar, discutidas em cada um dos capítulos da tese, foi possível entrever a contribuição das narrativas dos manuais na configuração de modos direcionados para mulheres e a forma como estabeleceram continuidades e transformações no tempo. A pesquisa realizada a partir do conjunto documental selecionado evidenciou dois percursos de entendimento possíveis: o presente da produção das narrativas e a presença do passado na projeção do futuro. A análise de narrativas produzidas desde a década de 1940 permitiu inferir que o balizamento do comportamento feminino foi e é, um projeto social, no qual os acordos se configuram a partir de uma visão circunstancial das relações. Em um movimento descontínuo e não linear se processam as mudanças nos modos como as mulheres se estabelecem e são representadas nos mais diversos grupos sociais. Os passados constitutivos desse processo de construção de memórias são elementos estruturantes apresentados de forma fragmentada e assolada por projetos inconstantes de futuro.

Palavras-chave: Manuais de etiqueta. Narrativa. Mulheres. Memória. Tempo presente.

ABSTRACT

The present thesis is focused on the narratives produced in etiquette manuals and good manners, of Brazilian edition, between the years 1947 and 2007. The perspective adopted was to elucidate how memories are constituted through narratives about women's behavior for women contained in these etiquette manuals. It was based on the thesis that between the prescriptions and the senses of such narratives there are structuring elements configured by multiple temporalities that negotiate, alternate and cohabit in the process of establishing the continuity of certain modes. Therefore, the objectives were outlined to show how the prescriptions elaborate repeatable conditions of women's behavior; to identify structuring and changing elements in narrative constructions, and to perceive the multiple strata of time that make up the present of the manuals. This work is a bibliographical research in which the sources are made of a twenty-one collection (21) etiquette manuals related to current sources such as communicational medias as newspapers, magazines, digital medias that mentioned the theme or the manual's authors. The construction of the problematic in the present time meaning as a past that remains in the present and transits between overcomes and resistances in a movement that shows multiple temporalities in a situation. The construction of the problematic in the present time meaning as a past that remains in the present and transits between overcomes and resistances in a movement that shows multiple temporalities in an object (situation). From a sketch of memory building, which considered the dimensions of remembering, selecting, exercising and correlating, discussed in each of the chapters of the thesis, it was possible to see the contribution of the manual narratives in the configuration of modes directed to women and the way they established continuities and transformations in time. The research showed two possible paths of understanding: the present of the production of the narratives and the presence of the past in the projection of the future. The analysis of narratives since the 1940s allowed us to infer that the control of female behavior was and is a social project configured of circumstantial relationship views. In a discontinuous and non-linear movement, changes are made in the ways in which women are represented in the most diverse social groups. The past constitutive of this process of memory building are structuring elements presented in a fragmented way and devastated by inconstant future projects.

Keywords: Manuals of etiquette. Narrative. Women. Memory. Present time.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Esboço de um processo de construção de memórias.....31
Figura 02: Boas maneiras.....49
Figura 03: Guia de boas maneiras.....52
Figura 04: Só para homens.....53
Figura 05: A dedicatória coletiva personalizada de Danuza Leão.....69
Figura 06: Cartão resposta comercial da Editora TecnoPrint.....72
Figura 07: Os anúncios para venda.....73
Figura 08: Etiqueta na prática.....81
Figura 09: Etiqueta do século XXI.....81
Figura 10: Aprenda as boas maneiras.....82
Figura 11: Mil regras ilustradas de boas maneiras.....83
Figura 12: Chic [érrimo].....83
Figura 13: Snobérrimo.....88
Figura 14: Marcelino de Carvalho e os *best sellers* da quinzena.....88
Figura 15: Etiqueta sem frescura.....90
Figura 16: Na sala com Danuza.....91
Figura 17: Sempre, às vezes, nunca.....91
Figura 18: Arte das Boas Maneiras.....94
Figura 19: *Come quando fuori piove*.....97
Figura 20: O Marido Perfeito e a Mulher Ideal.....97
Figura 21: Não se come frango com as mãos.....99
Figura 22: *Il pollo non se mangia com le mani*.....99
Figura 23: *Amy Vanderbilt's Complete Book of Etiquette*.....101
Figura 24: O Livro de Etiqueta.....101
Figura 25: Cortesia.....104
Figura 26: *The new etiquete*.....105
Figura 27: Dúvida da contemporaneidade.....160
Figura 28: Recado aos homens.....163
Figura 29: Conselhos úteis.....173
Figura 30: Na sala com Danuza – versão de bolso.....193
Figura 31: Aprenda as boas maneiras – versão de bolso.....196
Figura 32: Contracapa do livro de bolso de Dora Maria.....197
Figura 33: Boas maneiras a mesa: comer e beber segundo as regras da etiqueta moderna-versão de bolso.....199
Figura 34: A representação da empregada doméstica.....206
Figura 35: A mesa no manual de Carmen D`Ávila.....209
Figura 36: Como receber.....211
Figura 37: O novo conceito de luxo.....211
Figura 38: O site da Escola de Princesa.....214
Figura 39: Amy Vanderbilt escreve para O Globo.....240
Figura 40: O noivado, segundo Maria do Carmo Nikol.....242
Figura 41: Etiqueta em *Audiobook*.....262
Figura 42: Cerimoniais de casamento com Claudia Matarazzo.....264
Figura 43: Gloria Kalil palestrante.....267
Figura 44: Claudia Matarazzo palestrante.....268

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Acervo de Pesquisa.....26
Quadro 02: Os paratextos dos manuais.....63
Quadro 03: Localização das editoras.....79
Quadro 04: O *facebook* das autoras em números.....157
Quadro 05: Os capítulos dos manuais de Danuza Leão.....194
Quadro 06: Páginas com imagens do serviço de mesa.....207
Quadro 07: Referências da História de Célia Ribeiro.....233
Quadro 08: O casamento nos manuais.....237

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: O Globo de 01 junho de 1945: múltiplas mulheres.....301
ANEXO 2: O Globo de 30 de novembro de 1945: os 10 mandamentos das donas de casa...302
ANEXO 3: Biografia de Berthe Bernage.....303
ANEXO 4: Biografia de Margery Wilson.....304
ANEXO 5: The New York Times: Biografia de Amy Vanderbilt.....308

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO. INQUIETANTE PRESENTE EVOCADOR DE PASSADOS..23
2. DA POMPA À CIRCUNSTÂNCIA: TEMPORALIDADES COABITANTES....43
2.1 O TEMPO PRESENTE DA ETIQUETA E DAS BOAS MANEIRAS.....46
2.2 NO LIMIAR DOS MANUAIS: OS PARATEXTOS E AS ESTRATÉGIAS DE LEMBRANÇA.....61
2.3 ESPAÇOS E TEMPOS DE PRODUÇÃO [DE MEMÓRIAS].....77
2.4 BOAS MANEIRAS UNIVERSALIZANTES: OS MANUAIS TRADUZIDOS.....93
3. SEMPRE, ÀS VEZES, NUNCA: OS PERCURSOS DA SELEÇÃO DE MANEIRAS.....109
3.1 MULHERES DE BOAS MANEIRAS: IDEALIZAÇÕES SELECIONADAS.....110
3.2 LUGARES DE MULHERES: DESLOCAMENTOS ENTRE DONAS-DE-CASA E SECRETÁRIAS.....122
3.3 ALGORITMOS SOCIAIS: SOBRE A PRODUÇÃO DE ESPAÇOS PARA MULHERES.....132
3.4 SOBRE AUTORAS E TEMPORALIDADES.....142
3.5 ETIQUETAS EM NOVAS INTERFACES: A MIGRAÇÃO DIGITAL DE TRÊS AUTORAS.....154
4. EXERCÍCIOS DE MEMÓRIA.....167
4.1 MULHERES SUBENTENDIDAS: ELAS PERMANECEM COADJUVANTES....168
4.2 TRAJANDO BELEZA E ELEGÂNCIA: A CONTINUIDADE DOS DITAMES....178
4.3 ETIQUETAS DE BOLSO.....190
4.4 DESEJOS DE FIDALGUIA: A CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO PELOS MODOS.....201
4.5 ESCOLA DE PRINCESAS X OFICINA DE DESPRINCESAMENTO: TEMPORALIDADES EM EMBATE.....213
5. RITUAIS ESTRUTURANTES E NARRATIVAS CAMBIANTES.....223
5.1 ESCRITAS QUE PRESENTIFICAM O TEMPO: NOS INTERSTÍCIOS DA MEMÓRIA.....225
5.2 VÃO-SE OS TEMPOS, FICAM OS RITUAIS: SOBRE CASAMENTOS.....235
5.3 *PLUS ÇA CHANGE, PLUS ÇA RESTE LA MÊME CHOSE*.....249
5.4 VESTÍGIOS ESTRUTURAIS: MEMÓRIAS ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS.....258
CONSIDERAÇÕES FINAIS. (IN) CONCLUSÕES SOBRE O TEMPO E A MEMÓRIA.....273
REFERÊNCIAS.....287
ANEXOS.....301

1. INTRODUÇÃO. INQUIETANTE PRESENTE EVOCADOR DE PASSADOS

> Num Chá de Princesas realizado em nossa visita na escola, as meninas, todas vestidas com camisetas polo brancas com golas cor-de-rosa e saias na mesma cor, aprendem todos os detalhes de como se portar à mesa. "Ou a gente põe a mão no colo, ou pode permanecer com a mão na mesa. O cotovelo, nunca", é uma das regras básicas que as meninas aprendem, além de saber até como mover os dedos ao pegar numa xícara e como usar um guardanapo - que não foge à regra e tem a mesma cor onipresente no local.[1]

Tomar chá com a nobreza – as princesas –, vestir roupas cor-de-rosa, saber onde colocar as mãos ou manipular com destreza utensílios de mesa são alguns indicativos de que se trata de meninas com "boas maneiras". A narrativa apresentada em cenas delicadas e aprazíveis remete a expectativas direcionadas para mulheres, ou, futuras mulheres, bem-educadas, preparadas para um convívio social admirável e a realização das projeções socialmente construídas de se tornar uma dama da sociedade, respeitada e admirada. Tais indicações podem ser interpretadas como conselhos para forjar um comportamento aceitável perante os outros, bem como, serem idealizações reproduzidas sob o esforço da manutenção de determinadas formas e modos. Os detalhes do excerto retirado de uma reportagem veiculada pelo *Jornal O Estado de São Paulo* (SP) realizada na Escola de Princesas, fundada em 2013, em Uberlândia (MG/BR), sinalizam uma formação inspirada no percurso de misses e *socialites*. Seria um contrassenso diante da efervescência de discursos feministas e de empoderamento feminino? Uma retomada de supostas tradições, antigas e ultrapassadas? A rememoração de formas internalizadas? Possivelmente, a resposta não é única. A fundação de uma escola que utiliza recursos pedagógicos assentados sobre concepções de educação inspiradas nos modos de uma nobreza idealizada em contos de fadas evidencia os resquícios de passados remanescentes no universo simbólico que constitui as relações no presente da minha escrita. A continuidade de tais concepções pode estar alocada em inúmeros suportes como a imagem, a escrita, a oralidade ou a memória. O fato de, no século XXI, meninas serem associadas a princesas – simbologia que vem sendo discutida e atualizada nas perspectivas de formação empoderadora para meninas – diz respeito a ligações com passados que são alimentadas por diversos grupos sociais, sugerindo desejos de suspensão do tempo e de desaceleração das mudanças culturais. Os modos de ser e conviver são internalizados com maior ou menor intensidade, de acordo com as conjunturas que lhes ponham sob holofotes ou lhes obscureçam pelo esquecimento voluntário, sendo assim,

---

[1] A narrativa é parte de uma reportagem feita na Escola de Princesas, localizada na cidade de Uberlândia (MG/BR). O objetivo era noticiar a existência da Escola, apresentar seus objetivos, direcionamentos e sistema de funcionamento. Disponível em: http://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,escola-de-princesas-ensina-etiqueta-culinaria-e-organizacao-de-casa-a-meninas-de-4-a-15-anos,10000081544. Acesso em: 13 out. 2016.

pensar as temporalidades que os constituem é uma questão interessante.

No intuito de produzir entendimentos possíveis sobre a aparente obviedade do conflito, a presente tese foi centrada nas narrativas produzidas em manuais de etiqueta e boas maneiras, de edição brasileira, entre os anos de 1947 e 2007. A perspectiva adotada consistiu em elucidar como se constituem memórias por meio de narrativas sobre comportamentos para mulheres contidas nestes manuais de etiqueta. Partiu-se da tese de que entre as prescrições e os sentidos de tais narrativas se verificam elementos estruturantes configurados por múltiplas temporalidades que negociam, se alternam e coabitam no processo de estabelecimento da continuidade de determinados modos. Nessa direção, foram delineados os objetivos de evidenciar como as prescrições elaboram condições de repetibilidade dos comportamentos para mulheres; identificar elementos estruturantes e cambiantes nas construções narrativas e perceber os múltiplos estratos de tempo que compõem os presentes dos manuais. A pesquisa foi focada em meios de iluminar elementos remanescentes de passados nas práticas do presente e as formas como contribuem na elaboração de memórias acerca dos comportamentos de mulheres. Essas questões guiaram o presente estudo, o qual partiu de uma problemática do século XXI, no entanto, se movimentou em temporalidades, produzindo ressonâncias relativas a múltiplos passados interpretados a partir de manuais de etiqueta e boas maneiras editados entre os anos de 1947 e 2007. A seleção de documentos produzidos nesse intervalo de tempo foi motivada pela intenção de pensá-los como parte de um processo civilizador em continuidade, percebendo permanências e transformações, no sentido de caracterizar os deslocamentos do tema etiqueta e boas maneiras em relação ao percurso cronológico.

Desse modo, a análise foi centrada em livros que apresentaram como tema central as prescrições sociais de comportamentos entendidos com válidos e legítimos entre grupos leitores configurados pelos atributos instrumentais e financeiros necessários para a aquisição desse tipo de produto cultural. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, na qual as fontes compõem um acervo de vinte e um (21) manuais de etiqueta e boas maneiras, arrecadados durante a elaboração do projeto de pesquisa. Os títulos foram selecionados a partir de publicações que constituíram um acervo pessoal que me foi doado, alguns da Biblioteca Pública de Santa Catarina, outros emprestados pela Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha[2] e, ainda, títulos localizados em buscas virtuais no sítio eletrônico da Estante Virtual, o qual

[2] Os exemplares, inicialmente cedidos e, posteriormente doados pela Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha foram utilizados como fontes no projeto de pesquisa "Tenha modos! Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1845-1950)", de autoria e coordenação da mesma, desenvolvido entre os anos de 2005 e 2007.

disponibilizava, em janeiro de 2015, uma rede de, aproximadamente, 1350 sebos e livreiros de todo o país, os quais comercializam todo tipo de publicações.

O processo de recolha dos manuais se iniciou quando, ao ter contato com um acervo pessoal que estava destinado ao descarte, localizei quatro títulos que apresentavam o tema "boas maneiras". Naquele momento, foi reativado o desejo obliterado no período de realização da pesquisa no mestrado[3] de aprofundar estudos acerca de modos sociais. Por motivos relativos ao tempo para a consecução do curso e pelo fato de ter sido realizado em uma linha de pesquisa dedicada a História da Educação, a pesquisa desenvolvida a partir de manuais escolares da disciplina de Educação Moral e Cívica havia suscitado algumas questões com relação a construção social dos modos, as quais seguiam, ainda sem forma, entretanto, com potencial de se tornarem um novo projeto. Dessa maneira, os quatro títulos localizados no acervo sobre etiqueta e boas maneiras foram os primeiros exemplares angariados para compor o que viriam a ser as fontes dessa pesquisa. Com a curiosidade despertada pela presença daqueles livros no acervo, imaginei por que as pessoas buscariam esse tipo de leitura ainda no século XXI. Uma pesquisa rápida no ambiente virtual me informou que o assunto etiqueta e boas maneiras continuava a ser publicado e isso sinalizava que havia demanda pelo assunto. O interesse aumentava e as problematizações começaram a tomar corpo. Uma consulta ao acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina possibilitou o contato com mais três livros que foram listados. Animada pela possibilidade de constituir um acervo próprio para desenvolver uma pesquisa, tive o privilégio de abrir caixas de acondicionamento pertencentes à professora que viria a ser orientadora da minha pesquisa e tive acesso aos manuais que já tinham sido fontes de pesquisa sob outros olhares e interesses. Por fim, uma busca detalhada no sítio eletrônico da Estante Virtual aumentou significativamente a quantidade de títulos, permitindo assim vislumbrar uma cena ampliada sobre tal gênero literário, uma vez que se encontravam disponíveis para a venda. Entre 601 títulos apresentados a partir das palavras-chave "boas maneiras", foram selecionados 26 manuais que atendiam a delimitação temporal pensada para o estudo e se somariam aos 13 outros, já localizados. Quando da revisão do projeto de pesquisa, no período de avaliar as possibilidades, os critérios de seleção foram ajustados e decidi priorizar três itens: a quantidade de edições, livros que fossem traduções e a autoria majoritária de mulheres. A quantidade de edições sinalizaria a demanda de leitura para tal publicação, as traduções possibilitariam correlações com as tendências fora do país e a autoria de mulheres

[3] Dissertação de mestrado intitulada "Signos de um ideal: livros escolares de Educação Moral e Cívica em Florianópolis na década de 1970", defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, em 2015.

permitiria evidenciar as formas de representação adotadas por mulheres na construção de memórias sobre si e sobre outras. Observados os critérios, as fontes selecionadas chegaram ao total de 21 manuais de etiqueta e boas maneiras (Quadro 1).

Quadro 1 – O acervo de pesquisa

Autor(a)	Título	Editora/ano	Páginas
1. WILSON, Margery	**Cortesia-** novo código social das boas maneiras	Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1947	340
2. PITIGRILLI	**O marido perfeito e a mulher ideal**	Rio de Janeiro: Vecchi, 1956	200
3. D'ÁVILA, Carmen	**Boas Maneiras** (11ª edição)	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958	385
4. MARIA, Dora	**Aprenda as Boas Maneiras** (livro de bolso)	Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1958	150
5. PITIGRILLI	**Não se come frango com as mãos** – moderno código de boas maneiras	Rio de Janeiro: Vecchi, 1959	261
6. CARVALHO, Marcelino de	**Guia de Boas Maneiras** (Exemplar nº 7799)	São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1961	222
7. BERNAGE, Berthe	**Arte Das Boas Maneiras**	Lisboa: Portugália, 1961	268
8. VANDERBILT, Amy	**O Livro de Etiquêta –** um guia para uma vida elegante	Rio de Janeiro: Récord, 1962	405
9. CARVALHO, Marcelino de	**Snobérrimo** (Exemplar nº 2387)	São Paulo: Cia Editora Nacional, 1966	181
10. CARVALHO, Marcelino de	**Só para homens** (Exemplar nº 2611)	São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967	200
11. NICKOL, Maria do Carmo	**Mil Regras Ilustradas De Boas Maneiras**	Rio de Janeiro: Ediouro, 1968	261
12. MARIA, Dora	**Aprenda as Boas Maneiras**	Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979	152
13. RIBEIRO, Celia	**Etiqueta na Prática** (19ª edição)	Porto Alegre: L&PM, 1992	168
14. LEÃO, Danuza	**Na sala com Danuza** (32ª edição)	São Paulo: Siciliano, 1992	214
15. MATARAZZO, Claudia	**Etiqueta sem frescura** (26ª edição)	São Paulo: Melhoramentos, 1995	144
16. ARRUDA, Fabio	**Sempre, às vezes, nunca** (7ª edição)	São Paulo: Arx, 2003	174
17. KALIL, Gloria	**Chic [érrimo]** (6ª edição)	São Paulo: Códex, 2004	253
18. RIBEIRO, Celia	**Etiqueta Século XXI**	Porto Alegre: L&PM, 2005	187
19. RIBEIRO, Celia	**Boas maneiras à mesa** (livro de bolso)	Porto Alegre: L&PM, 2006	95
20. LEÃO, Danuza	**Na sala com Danuza** (livro de bolso)	São Paulo: Companhia das Letras, 2007	221
21. KALIL, Gloria	**Alô, Chics!** (1ª reimpressão)	São Paulo: Ediouro, 2007	221

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do acervo de pesquisa.

As discussões dedicadas à formação dos indivíduos para a convivência em sociedade orbitam, constantemente, em torno das práticas e dos produtos culturais elaborados pelos

diversos grupos sociais em seus espaços. A diversidade de autoras e autores, editoras, tamanhos, formas e anos de publicação selecionados para compor o acervo de pesquisa, intentaram contemplar minimamente esse amplo escopo. Tornar a convivência humana mais aprazível e pacífica se constitui em uma tarefa cotidiana, principalmente diante dos desafios impostos pela escassez de tempo, pela inflação tecnológica e a volatilidade das relações. A continuidade de produção desse tipo de escrita até depois dos anos 2000, sinalizou necessidade, ou, pelo menos, preocupação com a manutenção de uma suposta harmonia social que circunscreve o entendimento sobre as boas maneiras.

A responsabilidade sobre essa formação social se divide entre famílias, escolas, bem como, instituições profissionais dedicadas ao refinamento dos comportamentos para os diversos convívios desde a mais tenra idade. Os modos ensinados às crianças se inscrevem nos projetos pedagógicos assumidos por instituições como a Escola de Princesas e podem oferecer diferentes perspectivas sobre as construções de boas maneiras. No caso dessa Escola, é oferecida uma formação direcionada para meninas, caracterizada por um tipo específico de feminilidade, a qual concebe as jovens sob o estereótipo de princesas que devem ter comportamentos associados aos da nobreza. Nesse sentido, há ênfase sobre os modos à mesa, a contenção da expressão corporal, a fala branda e outras caraterísticas que reafirmem uma delicadeza intrínseca, atribuída às mulheres. Essa visão sobre a formação de mulheres faz parte das opções referentes ao ensino oferecido na instituição configurada como uma prestadora de serviços, inscrita no sistema capitalista, com finalidades comerciais e financeiras, portanto, é necessário haver alguma identificação com os princípios por parte dos investidores nesse tipo de formação. Em outras palavras, famílias financiam um curso que aproxime suas meninas dos modos atribuídos a princesas pelo fato de que simpatizam com essa ideia de diferenciação social.

Em outras reportagens, como, por exemplo, no Jornal *O Globo*, a seção intitulada genericamente como "Rio", anunciou em seu ambiente virtual de notícias: "Escola de etiqueta volta a funcionar depois de 20 anos"[4] e "Instituição que ditava regras de boas maneiras agora ensina a lidar com celulares"[5]. Ambas as manchetes referiram-se a Socila[6], uma instituição

---

[4] Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/bairros/escola-de-etiqueta-volta-funcionar-depois-de-20-anos-17711233 . Acesso em: 10 out. 2016.

[5] Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/instituicao-que-ditava-regras-de-boas-maneiras-agora-ensina-lidar-com-celulares-18054941 . Acesso em: 10 out. 2016.

[6] Maria Augusta Nielsen fundou a Socila, Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico, em 1953, e treinou as candidatas ao título de Miss Brasil, de 1958 até 1976. A Socila era uma escola para modelos, na época uma profissão mal vista. Motivo: com o fechamento dos cassinos por Getúlio Vargas (1882-1954), os desfiles foram invadidos pelas coristas desempregadas. As moças bem-nascidas, que até então faziam esse trabalho, se retiraram. Graças às aulas que dava às filhas do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), a Socila ficou conhecida, mas legalmente não tinha ainda como enquadrar sua atividade. Isso só aconteceu em 1957, quando o Presidente criou uma lei regulamentando os cursos profissionalizantes. A proposta de Maria Augusta era a de criar

fundada na década de 1950, no Rio de Janeiro (RJ), para formar, principalmente, jovens meninas a fim de participarem da vida social da cidade, frequentarem lugares públicos e, possivelmente, apresentarem-se como moças recomendadas para um "bom casamento". Com alta demanda pelos seus serviços na década de 1950, a instituição retomou as atividades no ano de 2013, "após um período de ostracismo", segundo declaração de Manuella Machado, uma das professoras de etiqueta. Associadas pelo mesmo tema, tanto a fundação de uma Escola de Princesas em Uberlândia (MG), quanto a retomada das atividades de uma instituição como a Socila no Rio de Janeiro (RJ), são indiciários da atenção retomada por formações que adequem os indivíduos a conjunturas diferentes e forneçam subsídios para se destacarem e ascenderem em meio aos desafios e competições impostas em cada contexto. Afinal, dispensar, durante dois meses, o valor de R$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais) para assistir a uma aula semanal – segundo informação veiculada na reportagem – não se inscreve no universo de possibilidades da maior parte da população no Brasil do século XXI[7].

É preciso destacar o tom inovador das conjunturas que circunscrevem as narrativas jornalísticas e os eventos contemplados. Ignorando o decurso cronológico, alguns passados são reativados sob diferentes aparências e figuram *pari passu* com um presente repleto de lançamentos e ofertas, objetivando gerar necessidades ainda não identificadas nos indivíduos. Ao compreender tempo e sociedade como categorias de pensamento e ação (HARTOG, 2013) é sintomático perceber os diferentes usos que mobilizam passados, como são recrutados de diferentes formas e apresentados como necessidades no presente. Ambas as instituições citadas nas reportagens possibilitam a emergência de um tempo pretérito e promovem sua continuidade por meio de uma proposta travestida por adereços vinculados a contemporaneidade de seus usuários, ou, consumidores. Compartilhar do uso desse passado restabelecido, nesse caso, não significa aludir a nostalgia ou ao atraso, mas, consumir as velhas novidades, as quais permanecem constituindo os sistemas de significados sob os quais compactuam as sociedades.

Sobre a relação entre indivíduos e temporalidades é preciso explicar que não se constitui em um movimento homogeneizante. Os potenciais consumidores desse tipo de leitura são delimitados por recortes vinculados às condições materiais e instrumentais para acessá-los. Por exemplo, o público alvo das publicações das décadas de 1940 e 1950 era restrito ao percentual

---

modelos de classe e brasileiras. Disponível em: http://www.socilaescola.com.br/site/historia-da-socila/. Acesso em: 20 jan. 2017.

[7] Essa dedução foi feita a partir do valor de referência do salário mínimo brasileiro no ano de 2017, o qual era de R$ 937,00. Disponível em: http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario_minimo.htm. Acesso em: 20 nov. 2017.

de alfabetizados[8] que, nesse período, ainda era incipiente. Da mesma forma, é preciso considerar o custo das publicações em um contexto no qual o parque editorial estava em desenvolvimento, trabalhando com a importação de matéria prima e maquinário, incidindo sobre o custo final dos produtos impressos. Portanto, a identificação com as narrativas dos manuais de etiqueta e boas maneiras, nas décadas de 1940 e 1950, era válida para a parcela alfabetizada e com condições materiais de adquirir livros. A produção desse tipo de literatura nas décadas posteriores acompanhou as transformações do mercado editorial, bem como, do mercado consumidor. A adaptação da materialidade e dos suportes permitiu, a partir do século XXI, a presença do tema também em suportes digitais.

A partir da percepção de que os manuais são potenciais compartilhadores de modos sociais, os quais dão possibilidade de ampliação do alcance de tais modos, escolhi três formas de abordá-los: na estrutura, no tempo e na continuidade. O investimento do olhar sobre a estrutura permitiu entrever as relações com passados, a percepção sobre o tempo evidenciou as múltiplas temporalidades presentes nos manuais e a identificação de continuidades abriu caminhos para compreender um processo de construção de memórias acerca dos modos e formas sociais. Estes, portanto, serão os meus percursos de análise. Dessa forma, pretendo iluminar as condições que possibilitam perpetuar as concepções sobre as quais são configurados os diversos projetos de mulher no tempo, suas aproximações e seus distanciamentos. Haja vista a diversidade dos conteúdos oferecidos nos manuais, o foco sobre as prescrições direcionadas às mulheres foi mobilizado no sentido de verticalizar a análise da construção de memórias pela narrativa, bem como, foi significativo no sentido de que afeta a minha própria condição no tempo e no espaço. Para tanto, foi necessário identificar elementos textuais de narrativas que abordaram as representações de mulheres, identificar as prescrições de comportamento e perceber a delimitação de lugares sociais, em uma perspectiva multitemporal. A análise de produções desde a década de 1940 até os anos 2000 possibilitou correlacionar os conteúdos e suas características específicas imbricadas com o tempo social, político e cultural.

As citações ao tema, às obras ou autoras (es) em outros veículos de comunicação como jornais, revistas, *internet* permitiu analisar os impressos em relação à produção sobre o mesmo tema em suportes diferenciados, portanto, foram, igualmente, utilizadas como fontes. Nesse

---

[8] Segundo o "Mapa do analfabetismo no Brasil", organizado pelo Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), nas décadas de 1940 e 1950 as taxas de analfabetismo entre pessoas acima de 15 anos no país eram de 56,1% e 50,6%, respectivamente. Esses percentuais indicam que o investimento editorial sobre o tema da etiqueta e das boas maneiras era direcionado, genericamente, a pouco menos da metade da população. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3. Acesso em: 23 abr. 2018.

sentido, os acervos digitais dos Jornais *O Globo* (Rio de Janeiro), *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* foram mobilizados para entrecruzar fontes que contemplassem as narrativas sobre o tema nos períodos de produção dos manuais do acervo de pesquisa. Como possibilidade de discutir continuidades acerca de etiqueta e boas maneiras direcionadas às mulheres, foram selecionadas fontes digitais correspondentes aos perfis na rede social virtual *facebook*[9] de três autoras: Gloria Kalil, Claudia Matarazzo e Danuza Leão, e ainda seus escritos em *sites* e *blogs*, onde atuam profissionalmente. A perspectiva adotada foi identificar narrativas no suporte digital que dialogassem os conteúdos dos manuais. A utilização de fontes diversificadas é convergente com a proposta de perceber os manuais como parte de um processo de construção de memórias acerca dos modos e comportamentos considerados adequados para as mulheres que circularam em grupos leitores da sociedade brasileira, a partir de meados do século XX.

A dinâmica das sociedades está atrelada às relações que os indivíduos estabelecem e aos círculos dos quais fazem parte. As normas que regem essas relações de forma tácita ou institucionalizada são argumentos que regulam os comportamentos no âmbito social, individual e até mesmo psicológico. À luz de uma sociologia dos processos, Norbert Elias explicou que a atuação das estruturas sociais sobre os indivíduos ocorre de forma contundente, estimula percursos de mudança depositários das necessidades de entrelaçamento social (ELIAS, 1993) e cria novas formas de existir e se relacionar. A formação de redes que identificam e sustentam os indivíduos se torna condição de existência. A busca por formação, nesse sentido, se vincula às obrigações de adequação impostas pelos movimentos de transformação social, que se apresentam cada vez mais conectados e abrangentes, mas, também diz respeito às opções individuais que se aproximam deste ou daquele modo, de acordo com interesses e circunstâncias. No interstício entre o movimento social e o individual se configura a memória.

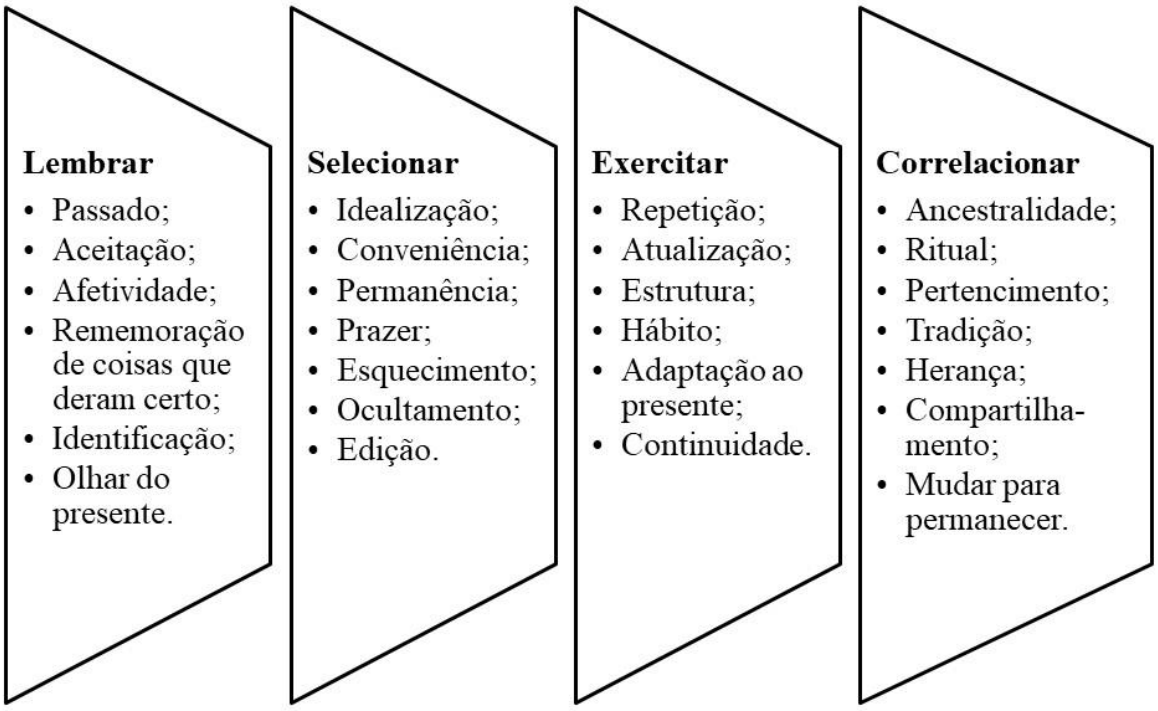
A produção de materiais escritos com intuito formador, portadores de preceitos morais, espirituais e corporais, desde, pelo menos, o século XV, infere sobre as demandas de homogeneização e as necessidades de edificar identificações. Conter pulsões e desenvolver autocontrole, segundo Norbert Elias (1993), faz parte de um "processo civilizador", no entanto, naturalizar comportamentos distanciando-os da coerção e das punições, segundo Cas Wouters

---

[9] Trata-se de uma rede social em ambiente virtual, lançada no ano 2004, desenvolvida por estudantes norte-americanos da Universidade de Harvard. Inicialmente, foi concebido como um ambiente *on-line* onde os estudantes se cadastravam, socializando seus perfis pessoais, imagens, suas práticas e interesses acadêmicos e pessoais, com a possibilidade de conectar-se à outras universidades do território americano. O sucesso do empreendimento desencadeou uma série de conflitos pessoais e jurídicos, resultando no registro da marca por Mark Zuckerberg (MEZRICH, 2010). A transformação do experimento de um programador em uma empresa comercial possibilitou a expansão da rede social para todo o mundo usuário da *internet*.

(2007), desdobra a civilização em um processo de "informalização", no qual as relações permanecem circunscritas por uma "terceira natureza", marcada pelo desenvolvimento da sensibilidade frente aos novos contextos sociais. Esses processos não são naturais e tampouco aleatórios. São, sim, parte de um constructo social elaborado de forma pluridimensional, em redes multidirecionadas vivenciadas em tempos estratificados. No sentido de iluminar essas práticas convertidas em conceitos – civilizar e informalizar – elegi a memória como chave de entendimento. Para pensar sobre as dimensões de sua construção [da memória], apresento alguns elementos que foram importantes para analisar esse processo (Figura 1) e destacar os vestígios estruturais. A partir do estudo de Paul Ricoeur, em sua obra *Memória, história, esquecimento* (2007), foi possível entrever os elementos implicados na edificação de memórias. Desenvolver estratégias de expansão de cada uma das ideias explicitadas no processo de construção de memórias guiou o foco do olhar sobre as fontes.

Figura 1: Esboço de um processo de construção de memórias



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Ricoeur, 2007.

Distante do intuito de desenvolver uma fenomenologia – como o faz Paul Ricoeur em profundidade em sua obra –, as quatro fases do processo foram esboçadas para elucidar o plano intermediário da memória, o qual "corta transversalmente e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugalidade quanto as relações sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento" (RICOEUR, 2007, p. 141). O autor nomeou esse plano de memória de os "próximos" e discutiu a possibilidade de ser essa memória o espaço de confluência de memórias individuais e coletivas. Essa compreensão da memória contribuirá para o olhar sobre os manuais como uma rede de confluência, na qual estão as necessidades do presente, os desejos de vincular-se a passados e a aposta no futuro. Afinal, por que leitoras e leitores[10] se identificam com experiências que não viveram? Por que a experiência do outro normatiza a minha vivência? Não raro, as narrativas encontradas nos manuais se referiram a acontecimentos de passados remotos. Se esses passados – coletivos ou individuais – se fazem presentes de alguma forma na prática e como se constituem em memórias, serão questões, literalmente, perseguidas a partir dos elementos do processo de constituição de memórias.

Em diálogo com importantes autores que empreenderam estudos no campo da memória (LE GOFF, 1990; NORA, 1993; HALBWACHS, 2013), Paul Ricouer (2007), pensou a memória em suas várias dimensões: fenomenológica, epistemológica, histórica ou ausente. No âmbito dos usos da memória, o autor considerou que a experiência histórica comporta duas ações importantes para a definição do que vai se instituir como memória de um tempo, de um grupo ou de um lugar: a memória-repetição e a memória-lembrança (RICOEUR, 2007, p. 93). A partir desses exercícios é possível pensar por que algumas ideias e práticas têm sua reverberação ampliada ou diminuída, por que algumas continuam e outras não. "No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa" (RICOEUR, 2007, p. 98). E, é nesse sentido que os manuais podem ser compreendidos como parte do processo de constituição de memória, por meio das "mediações simbólicas da ação", sendo suportes de idealizações de grupos sociais que se constituem pela projeção de pertencimento, lastreados por passados que são referenciados nas narrativas. Investigar como essas memórias se constituíram nas narrativas dos manuais pode

[10] Com o intuito de instigar o debate sobre os modos e as formas como foram concebidas algumas representações acerca das mulheres, proponho a desnaturalização das formas de escrita, as quais nos adestram desde a alfabetização a ler e escrever generalizando pelo masculino, no que diz respeito aos artigos e substantivos. Como discreta iniciativa, todas as vezes em que o texto referenciar interlocuções dadas pela leitura, a minha escrita colocará em primeiro plano as mulheres, subvertendo modicamente uma ordem tão internalizada e arraigada em nossa cultura de escrita e leitura. Desculpo-me antecipadamente pelas possíveis repetições.

iluminar o processo de transformação ocorrido em tais grupos, ou, apontar os pontos de estagnação a que permanecem vinculados.

A presença dessas demandas formativas permanece em negociação com a renovação das narrativas acerca das definições de etiqueta e de boas maneiras. Construir uma problemática a partir desses movimentos requer, fundamentalmente, reivindicar a sua historicidade e desnaturalizar o seu percurso de constituição. Dessa maneira, a inscrição desta pesquisa na História do Tempo Presente legitima o seu sentido como um passado que permanece, assola o presente e transita entre superações e resistências em um movimento que dá a ver temporalidades múltiplas em um só objeto. Esse campo da escrita historiográfica, ainda controverso e instável, foi construído a partir do uso do conceito de "tempo presente", nomeado por Jacques Le Goff, na década de 1970, quando presidia a seção de História do Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS), na França (ROUSSO, 2016). O uso do termo configurou novas maneiras de fazer história e teve sua afirmação com a criação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP)[11], fundado em 1978, na França. Novas perspectivas foram enfatizadas, destacando pesquisas e pesquisadores que se tornariam referências na área, demarcando um campo de estudos sobre o tempo presente. Entre muitos autores, Henry Rousso (1991/2009) afirmou ser uma história que não passa, René Rémond (1996) defendeu o retorno do político como categoria de análise histórica, François Hartog (2013) se reportou aos múltiplos regimes de historicidade, Reinhart Koselleck (2006/2014) inferiu sobre a semântica dos tempos históricos e François Dosse (2001/2013) discutiu a contemporaneidade do não contemporâneo.

As correntes teóricas formuladas à guisa da História do Tempo Presente constituirão os pontos de ancoragem da minha pesquisa que, para compreender eventos latentes na sociedade da qual escrevo, mobilizará fontes que permitam estruturar a problematização e evidenciar a historicidade de prescrições e memórias sobre mulheres. O trabalho de abordagem e análise das

---

[11] O Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) foi fundado em 1978 e inaugurado em 1980 por François Bedarida, que o presidiu até 1990. É herdeiro de uma parte do Comité de História da Segunda Guerra Mundial, criado em 1951, sob o governo provisório do general Charles de Gaulle. O Comitê era responsável pela elaboração da história da ocupação e libertação da França. Desempenhou um papel importante no surgimento da historiografia sobre a Resistência na França ocupada e o conflito militar no mundo. A iniciativa resultou na criação, na década de sessenta, do Comitê Internacional da História da Segunda Guerra Mundial. Atualmente o IHTP é uma unidade do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) francês e engloba pesquisas sobre a história da guerra, os sistemas de dominação autoritários do século XX, totalitários ou coloniais, história cultural das sociedades modernas e, também, à epistemologia da história, sob a perspectiva de uma abordagem singular da relação entre passado e presente, sensível à memória e ao testemunho. O laboratório do Instituto tem um centro de documentação (biblioteca, escrito e arquivos orais) especializado em II Guerra Mundial, descolonização e história oral. É hospedeiro de várias redes de pesquisa nacionais e internacionais. Disponível em: http://www.ihtp.cnrs.fr/ . Acesso em: 10 out. 2016.

fontes configura-se, principalmente, sob a perspectiva de estratos do tempo, pensada por Reinhart Koselleck (2014, p.19)**,** a qual "permite separar analiticamente os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados". Com a mobilização de fontes que compreendem, em grande parte, o período de 1947 a 2007, o esforço de pesquisa concentrou-se em evidenciar temporalidades que permitissem discutir sobre a existência de elementos estruturantes de memórias, as estratégias de continuidade e os vestígios de alteração. A investigação realizada em publicações distribuídas no período citado visou a elaboração de possibilidades sobre as formas como as mulheres representadas nos manuais foram e são vistas na sociedade brasileira, bem como, os comportamentos e funções que lhes são atribuídas. A exposição inicial de notícias alusivas a existência de outros veículos de disseminação utilizados para tratar de etiqueta e boas maneiras, converge à problematização do tema, o qual permanece ativo, inovando nos espaços, se adaptando aos suportes e, aparentemente, continuando práticas.

No sentido de debater os inúmeros processos de organização das sociedades, foram empreendidas discussões nas mais diversas áreas de conhecimento. Nessa esteira, destaco os estudos desenvolvidos pelo sociólogo alemão Norbert Elias, autor de diversas obras publicadas no Brasil, como, por exemplo: *O Processo Civilizador* (vol. I/1995; vol. II/1993); *A sociedade dos indivíduos* (1994); *Os alemães* (1997); *Sobre o tempo* (1998); *Os estabelecidos e os outsiders* (2000), entre outros. Desenvolveu a abordagem nomeada de "sociologia figuracional" e elaborou a teoria do "processo civilizador", constituída em uma categoria de análise sob a qual empreenderei minha escrita. Trilhando os flancos abertos por Elias, o também sociólogo holandês Casparus Adrianus Petrus Maria Cas Wouters, escandiu a teoria e pensou sobre a "informalização" dos processos civilizadores abordados pelo viés sociológico da figuração, caracterizada pela transição de um processo formal para o informal, bem como, suas formas de continuidade. Wouters publicou *Informalization: Manners and Emotions since 1890* (2007), aprofundando sua teoria da informalização, além de um extenso número de produções provenientes de suas pesquisas, entre os quais, artigos e capítulos de livros publicados em português. A pesquisa do campo sociológico contribuiu no sentido da identificação dos modos que são internalizados e passam a ser reproduzidos sem nenhum tipo de prescrição, transladados dos manuais para uma memória compartilhada.

No Brasil, igualmente, foram dedicados esforços de pesquisas sobre o tema. A professora e pesquisadora Dra. Maria Teresa Santos Cunha coordenou os projetos de pesquisa "Tenha modos! Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1845-1950)", de 2005 a 2007, "Saberes Impressos. Imagens de Civilidade em textos escolares e não-

escolares: composição e circulação (décadas de 50 à 70 do século XX)", de 2006 a 2008 e, "Protocolos de Civilidades: Modelos de conduta pessoal e cívica em leituras escolares (Santa Catarina/décadas de 20 a 50 do século XX)", de 2007 a 2010, os quais resultaram em inúmeras publicações e a formação de novos pesquisadores que, igualmente, se debruçaram sobre o tema. As pesquisas constituídas a partir do campo da História, estabeleceram diálogos com a área da Educação e privilegiaram os aspectos da civilidade e sociabilidades. Dentre muitas, destaco "A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940 1960/ Brasil-Portugal) (2013)"; "Das mãos para as mentes: Protocolos de civilidade em um jornal escolar. SC (1945-1952) (2013)"; "Leituras e civilidades. Um estudo sobre os livros de Corin Tellado (Décadas de 1960 e 1970) (2011)"; "Saberes impressos: Escritas de civilidade em impressos educacionais (Décadas de 1930-1960) (2009)" e "Ser de cerimônia: Manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos (2007)". Essas produções forneceram as bases para a construção da problemática da minha pesquisa, uma vez que, ampliaram os conhecimentos acerca da mobilização de manuais como fontes de pesquisa para investigar processos formativos, elaboração de representações e internalização de subjetividades. As pesquisas em questão também trataram de prescrições para mulheres e, dessa forma, colaboraram na configuração do percurso metodológico da pesquisa.

Com o foco sobre questões relativas a cultura e a sociabilidade, a professora e pesquisadora Dra. Maria Cecília Barreto Amorim Pilla publicou o livro, fruto de sua tese de doutoramento em História, defendida em 2004, intitulado "A Arte de Receber: distinção e poder à boa mesa (2011)". A continuidade de suas pesquisas se direcionou aos temas da história da alimentação, diferenciação social, comportamento adequado e boas maneiras; alimentos, símbolos, civilização; e processo civilizador e direitos humanos. A referida pesquisa mobilizou fontes que compõem parte do acervo desta pesquisa. Isso oportunizou estabelecer relações com as estratégias de problematização, bem como, uma maior aproximação com os conteúdos e dados referentes a tais publicações. Ainda que, as categorias de análise selecionadas para a minha pesquisa não coincidam com as escolhas da autora, sua tese contribuiu para o aprofundamento de conhecimentos sobre o tema e ampliação das possibilidades acerca das fontes.

Ainda sobre referenciais de pesquisa, destaco a professora e pesquisadora Dra. Daniela Scridelli Pereira, autora do livro "Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta (2006)", fruto de sua dissertação de mestrado, defendida em 2003, a qual teve seus desdobramentos na produção da tese "Interiores e exteriores da etiqueta e da decoração: gênero, posição social e histórias de vida (2010)", ambas no campo das Ciências Sociais. O tema da

etiqueta foi abordado pela inscrição como forma de distinção e sociabilidades. A problemática constituída pela autora possibilitou ampliar os olhares sobre o tema da etiqueta, uma vez que é proveniente das Ciências Sociais e dialoga com a Antropologia. As interfaces promovidas pelos diálogos transdisciplinares colaboraram sobremaneira com a diversificação das perspectivas e das abordagens sobre os objetos da pesquisa historiográfica. A interpenetração das áreas de conhecimento viabilizada pela autora possibilitou pensar a pesquisa em relação, situada num campo, porém, construída em relação a outros.

Os manuais mobilizados como fontes de pesquisa possibilitaram evidenciar aspectos de um tipo de memória elaborada acerca dos comportamentos, das funções, dos espaços destinados às mulheres brasileiras em um intervalo de sessenta anos. Sob a perspectiva da História das Mulheres, as obras de Celi Regina Jardim Pinto (2002), Mary Del Priore (2004), Michelle Perrot (2007), Margareth Rago (2013) e Carla Bassanezi Pinsky (2014), subsidiaram a inscrição das discussões na construção social de um espaço de mulheres, bem como, as transformações culturais ocorridas durante o período de edição dos manuais. Os estudos desenvolvidos a partir de enfoques diversos permitiram refinar o olhar sobre as prescrições dos manuais direcionadas para mulheres. No limite das narrativas, intentei identificar as negociações temporais que recrutaram ideais de passados e projetaram concepções de futuros para sugerir como deveriam ser os presentes nos quais os manuais foram produzidos. Naqueles presentes podem estar dispersos os resquícios de memórias que reverberaram e foram reinventadas para continuarem a existir.

A condição narrativa que possibilita reverberações se ampara na perenidade de ser um registro escrito. A partir da compreensão de que a cultura escrita é produto da interação cultural, esses manuais veicularam experiências que podem ser alocadas em “unidades geracionais, políticas e sociais, cuja característica comum consiste em vivenciar, reunir e organizar experiências singulares ou recorrentes” (KOSELLECK, 2014, p. 35) e, dessa forma, sugerir um compartilhamento de práticas, de acordo com os modelos vigentes. As leituras oferecidas pelos manuais incidiram em maior ou menor grau sobre as práticas, dependendo da internalização de suas prescrições e a sua mobilização no cotidiano. Quanto a esse aspecto – sobre o qual não me debruçarei nesse momento –, não se depreende com facilidade, no entanto, deixa algumas pistas de como se desloca no tempo e permanece em usos diversos.

Os livros têm o potencial de se tornarem relevantes referenciais de um período, uma vez que são portadores de representações acerca de práticas e difusores de idealizações perenizadas pela letra escrita. Para ajustar o olhar, tomo de empréstimo a perspectiva constituída por Roger Chartier (1990), uma vez que, igualmente, mobilizou livros como fontes. Por meio das

representações é possível vislumbrar as tensões da escrita, “onde o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social” (CHARTIER,1990, p. 23), a qual se configura a partir dos processos subjetivos de entendimento e identificação dos grupos com seus ideais de pertencimento. Considerando o potencial simbólico desse tipo de material, a elaboração da etiqueta e das boas maneiras se inscreve na presença ausente das balizas sociais que delimitam e diferenciam os indivíduos. As formas como as prescrições são apresentadas e dadas a ler fazem parte do aparato de sedução do leitor pela leitura, ao qual cada autoria e edição mantêm suas peculiaridades e, em parte, definem a produção de sentidos acerca de cada leitura.

O exercício imaginativo suscitado pela leitura fabrica simbolismos que têm o potencial de marcar eventos ou práticas, intensificando a continuidade e o compartilhamento de formas ideais e aceitáveis. As narrativas constantes nos manuais de etiqueta e boas maneiras que compõem o acervo de pesquisa são um dos elementos formativos que pretendem organizar e normatizar comportamentos e condutas das pessoas em sociedade. Não obstante diversas obras não anunciem a qual grupo leitor estão direcionadas, inúmeras prescrições foram direcionadas, especificamente, para mulheres, e outras lhes atribuíram a função de ensinar aos demais com quem conviviam, os preceitos para uma boa convivência. A ideia de que mulheres têm uma função essencial no processo de transformação social foi naturalizada e reverberada pelas diversas edições analisadas. Os manuais elaboraram a perspectiva de igualar-se para conviver e conviver para compartilhar de um mesmo *status* e, nesse processo, sugeriam as mulheres como mediadoras de uma determinada ordem. É nesse campo metafórico que está situada a problematização dessa construção de memórias, a qual pode estabelecer vínculos em largas digressões.

Desde o século XVI foram identificadas relevantes obras que trataram das questões educativas relacionadas aos hábitos, a higiene e ao convívio de uma forma geral. A obra *De Civilitate morum puerilium* de Erasmo de Roterdã, publicada pela primeira vez em 1530, tornou-se um ícone das obras dedicadas aos processos formativos de comportamentos. Organizado em sete capítulos, o livro apresentava prescrições para crianças em diversos tipos eventos e situações vivenciadas em um ambiente citadino. Como meio de padronização e orientação das crianças para conviverem de forma ordenada e pacífica, o livro consagrou-se como um manual de formação, o qual foi traduzido para muitas línguas e reeditado inúmeras vezes. Outras obras versaram sobre temas afins, como, por exemplo, as citadas no manual *Guia de boas maneiras*, do autor Marcelino de Carvalho (1961): *Miroir de la jeunesse*, de Mathurin Cordier (1559); *Galatéo ovrero de costumi*, de Giovanni Della Casa (1598); *Bienséance et de la Civilité chrétienne*, do padre Jean Baptiste de La Salle (1711); *Traité de politesse*, de Jules

Clément (1880), indicando que a produção desse tipo de literatura teve circulação em diversas línguas.

A intensificação da vida urbana e a formação de novas classes nas sociedades europeias demandaram o estabelecimento de parâmetros de comportamento ajustados ao ambiente das cidades e os seus inúmeros eventos e grupos. Os embates pelo controle da circulação do capital favoreceram a emergência da burguesia, classe prioritariamente urbana, a qual almejava ilustração com vistas a equiparar-se aos herdeiros da nobreza, portadores de uma identificação familiar tradicional que os assegurava espaços e acessos. As publicações que tinham como matéria as prescrições comportamentais conferindo maior ou menor grau civilizatório, eram artefatos auxiliares na questão da educação dos corpos, na elaboração das ideias e no refinamento dos modos. Aprender bons modos garantia acessos e ampliava oportunidades na sociedade cortês, por esses motivos se disseminavam os manuais e se reproduziam os estereótipos.

No decorrer do século XIX consagrou-se a produção de um campo literário voltado para as boas maneiras. Os conflitos vivenciados por toda a Europa em decorrência da formação dos Estados Nacionais, as grandes revoluções ocorridas até a primeira metade do século, as transferências no monopólio do capital, todas essas questões produziam constantes demandas por reordenação social. A produção de tratados e manuais de boas maneiras se amparava nessas necessidades e obteve considerável espaço no consumo de leitura nesse período. Segundo Schwarcz (1997, p. 12), “os manuais possuíam uma estrutura original que privilegiava a leitura rápida e objetiva. A consulta era fácil. E podia-se ir direto ao tema selecionado, sem precisar passar, obrigatoriamente, pelos demais”.

Um dos mais antigos manuais publicados no Brasil foi o *Código do bom-tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX* (1875), do Cônego José Inácio Roquette, publicado pela primeira vez em Portugal, em 1845. Em seu país de origem, o manual era considerado um importante referencial de educação, uma vez que, o autor se utilizava de experiências provenientes do convívio com a nobreza e a realeza em Paris e Londres. Com a formação da nobreza em terras subtropicais, a publicação previa atender as necessidades de educação de um reino jovem e em crescimento. Em “um Império escravocrata que dissimulava as marcas dessa instituição e de uma nobreza recém-criada, tais guias foram recebidos com o entusiasmo daqueles que tentam apagar as pistas de seu caráter recente e bastante improvisado” (SCHWARCZ, 1997, p. 29). O aprimoramento dos modos dava a impressão de aproximar os habitantes do país das culturas europeias, constituídas sobre os seus séculos de monarquia.

No século XX, já no Brasil republicano, esse tipo de publicação ampliou os espaços de circulação, fazendo parte inclusive da educação escolarizada figurando entre os materiais utilizados na formação de normalistas (CUNHA, 2005), futuras professoras e disseminadoras dos modos apreendidos. O material impresso com suas peculiaridades de duração, reedição, circulação, dificulta sobremaneira contabilizar precisamente a dimensão dos usos e das leituras, no entanto, na recolha de indícios, na identificação de vestígios e no entrecruzamento das fontes é possível apontar possibilidades sobre a forma como os manuais dialogaram com a sociedade em cada período. Ao considerar essas outras formas de diálogo, meu interesse assentou-se em perceber a atuação da escrita como um elemento configurador de memórias e buscar indícios sobre a temporalidade em que se insere a propagação de impressos formadores de comportamento. Nesse sentido, a perspectiva de um processo formativo que continua a acontecer não seria nem contrassenso e nem tradição – como me perguntei no início do texto – todavia, uma negociação contínua que está imersa nas tensões e disputas de cada contexto em que ocorre, dando a ver um tempo específico no qual se alocam os comportamentos e as sensibilidades, e, principalmente, um tempo que suporta as memórias.

Diante de tais considerações, emergiram algumas questões: Quais conteúdos constituíam esse tipo de leitura? Como as mulheres estavam representadas nos conteúdos? Quais modos foram selecionados para serem prescritos? Esse tipo de escrita tinha em vista um determinado projeto de mulher? Como as narrativas elaboraram memórias? Por que esse tipo de livro ainda é produzido no século XXI? De que ordem do tempo os manuais são produtores e produtos? Como são a etiqueta e as boas maneiras para as mulheres do século XXI? Em busca de elaborar entendimentos que elucidem as minhas questões, parti da premissa de que os moldes de formação, disseminados em livros de boas maneiras de meados do século XX, se inscrevem no tempo histórico como elementos constitutivos dos diversos presentes vividos sob o pretexto de "novas" apresentações que tem o intuito de internalizar comportamentos, identificações e lugares sociais. Portanto, constituem memórias que colaboram na perpetuação de determinada organização social, nesse caso, relativa às mulheres.

Dito isso no primeiro capítulo – o de introdução –, no sentido de ir ao encontro da consecução da tese, os capítulos pensados a partir do esboço de um processo de construção de memórias, foram organizados da seguinte forma:

O segundo capítulo, *Da pompa à circunstância: 60 anos de etiqueta e boas maneiras*, tratou o procedimento do "lembrar". Sem o intuito de realizar um histórico, foi discutida a emergência desse tipo de literatura, priorizando a sua inscrição na perspectiva do tempo presente e a questão da continuidade, como um elemento relevante na elaboração da lembrança.

O capítulo discutiu as estratégias de escrita mobilizadas para que um texto seja lembrado, a construção de aceitação e afetividade que aproximassem leituras e leitores, possibilitando identificação com as narrativas. Os caminhos da construção de legitimidade por meio do diálogo com passados, a valorização dos vínculos sociais, as editoras e o contexto social. Além disso, foi abordada a construção de uma identificação com sociedades consideradas tradicionais e mais desenvolvidas por meio da tradução de obras estrangeiras, suas contribuições e a exemplaridade vinda de culturas distintas e distantes.

O terceiro capítulo, *Sempre, às vezes, nunca: representações de mulheres*, tratou o procedimento de "selecionar". Foram problematizadas as formas como as mulheres foram representadas nos manuais, o estabelecimento do tipo de vivência em sociedade aceita ou recomendada como ideal para as mulheres, as narrativas igualitárias e as discriminatórias. No decorrer, busquei estabelecer um diálogo com as concepções de mulher circulantes à época e os ideais de comportamento selecionados para serem enfatizados nos manuais, a questão da mulher ideal nos âmbitos privado e público, bem como, o perfil da mulher considerada talhada para a sociedade. No sentido de discutir os lugares sociais, evidenciei as questões da dona de casa e da mulher trabalhadora em face às mudanças socioeconômicas. Ainda sobre os lugares, empreendi no debate sobre a autoria de mulheres nos livros de etiqueta e boas maneiras, a forma como articulam sua interlocução com o público (em geral, feminino), suas prescrições em relação às diferenças entre mulheres e homens. Foram tratadas ainda, as perspectivas de ascensão das mulheres, segundo os manuais e a presença em redes sociais de três autoras que continuaram a produzir no século XXI.

No quarto capítulo, *Exercícios de memória: vestígios de repetição*, tratei o procedimento de "exercitar". A discussão manteve o foco sobre a falta de protagonismo das mulheres e a sua condição secundária nos ambientes públicos e a contrapartida, quando se tratava das recomendações sobre as suas aparências no ambiente privado. A reverberação dos ícones e modelos para manter a "beleza" das mulheres em um movimento de configurar novas terminações para uma rede de compartilhamentos. Destaquei, ainda, a ideia de vulgarização das etiquetas por meio da sua circulação em manuais no formado de bolso, facilitando a portabilidade e possibilitando o aumento do círculo de consumidores. Além disso, como forma de repetibilidade de práticas, trabalhei os aspectos da escrita que evidenciam a construção e manutenção de um desejo de pertencer à círculos seletos, de assemelhar-se pelos modos e de estabelecer elos artificiais por meio da reprodução de um determinado comportamento. Na mesma esteira, finalizando o capítulo, apresentei as dissonâncias atuais sobre a formação de meninas a partir dos exemplos da Escola de princesas, de Uberlândia (MG) e o projeto Oficina

de Desprincesamento, iniciado por Organizações não governamentais (ONGs), no Chile. As tensões entre o fortalecimento de vínculos passados e descontinuidades de práticas não condizentes com demandas do presente.

No quinto e último capítulo, *Rituais estruturantes e narrativas cambiantes: vestígios de continuidade*, tratei o procedimento de "correlacionar". No sentido de discutir a existência dos vínculos com passados vividos e não vividos, foram destacados nos manuais os rituais que permanecem nas práticas da sociedade do século XXI, sua valorização e a concepção de manutenção da tradição. As questões da civilização e da informalização dos modos, as quais permearam todo o trabalho foram tratadas com mais vagar, dialogando com as produções realizadas depois dos anos 2000. A questão da continuidade foi pensada em suas diversas possibilidades de presença, assim como, cursos de formação, negócios dedicados ao tema, redes sociais e *blogs* que discutem o assunto, etc. O trabalho de formação desenvolvido nos mais variados suportes pelas autoras Gloria Kalil e Claudia Matarazzo e a possível inspiração nas escritas da metade do século XX, sobre as produções que adentram o século XXI. Foram privilegiadas as fontes que me permitiram entrever as negociações entre passados estruturantes e demandas contemporâneas a produção das prescrições. O foco foi direcionado sobre a mudanças operadas nas narrativas para se manterem interessantes e atuais, bem como, a apresentação da etiqueta e das boas maneiras em novos suportes de produção e circulação.

2. DA POMPA À CIRCUNSTÂNCIA: TEMPORALIDADES COABITANTES

> Estamos quase todos convencidos de que a história não é uma ciência como as outras – sem contar aqueles que não a consideram uma ciência. Falar de história não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem induzem-nos ao próprio âmago das ambiguidades da história (LE GOFF, 2012, p. 19).

Os caminhos pelos quais se produz a História como uma ciência interpretativa, portanto, peculiar em sua constituição, são abertos por escolhas, (des) encontros, dúvidas e obstáculos. Os infindáveis vestígios humanos dispersos no tempo e no espaço nada mais são do que objetos, ideias, registros e oralidades que serão deteriorados ou esquecidos diante da acelerada transformação da existência humana. Os poucos vestígios escolhidos para serem fontes para histórias viabilizam olhares sobre passados – recentes ou recuados – que, potencialmente, iluminam questões persistentes no presente de historiadoras e historiadores. Em meio a outros tantos passados se encontra um, representado especificamente por manuais de civilidade, o qual, assim como muitos, permanece presente objetiva e subjetivamente, seja na materialidade dos livros ou nos modos mediadores de convivências. Quase imperceptíveis, de forma sutil e internalizada, as boas maneiras conectam as relações, categorizam pessoas, estabelecem critérios e se fazem constantes em grande parte das circunstâncias cotidianas. São passados acumulados, herdados e revalidados por meio do uso, da memória, da representação na ausência e sobretudo, pela presença.

O acervo de pesquisa constituído para a consecução da presente tese está alocado em um passado próximo, demarcado pelo ano de publicação do manual mais recuado, o ano de 1947. Essa datação não representa rigidez alguma no que tange a mobilização do tempo como elemento problematizador dos documentos, entretanto, serve de baliza metodológica para perceber as temporalidades que emergem desse manual e dos demais publicados em anos posteriores. No sentido de enfrentar o desafio de elucidar como os manuais de civilidade desse acervo contribuíram para constituir memórias acerca de comportamentos para as mulheres na segunda metade do século XX até o início do XXI, esse capítulo se desenvolverá sobre a combinação pensada a partir da dimensão “lembrar”, a qual considero ser a primeira recrutada no processo de constituição de memórias quando colocada na ordem do tempo.

O ato de lembrar pode ser intrínseco à memória, no entanto não é natural ou aleatório no desencadeamento do processo. Ao aprofundar suas reflexões no âmbito da relação entre memória e reminiscência, Paul Ricouer (2007, p. 23) destacou o caráter objetal da memória, no qual “o momento da passagem da pergunta ‘o que?’ para a pergunta ‘quem?’ será ainda retardado por um desdobramento significativo da primeira pergunta entre um lado propriamente

cognitivo e um lado pragmático". Ao considerar que esses dois lados do caráter objetal da memória os quais emergem no momento de "o que" se vai lembrar, o autor explica que esse movimento incidirá sobre "a pretensão da memória à fidelidade em relação ao passado" (RICOUER, 2007, p. 24) e que, possivelmente, a relação de "o que" com o "quem" vai lembrar alguma coisa, passou pelo "como". Dessa forma, me aproximarei da perspectiva construída por Ricouer para vislumbrar o processo da memória, no sentido de elucidar "como" se dá a primeira dimensão do processo de construção de memória, a lembrança. Evidenciar elementos que acionam lembranças, as relações de afetividade que permeiam tal ação, a construção do passado como uma rememoração legítima, os elementos de identificação com esse passado e colocá-los na ordem do tempo foi o desenho escolhido para desenvolver o capítulo que segue.

Quanto ao contexto em que se inscrevem as lembranças suscitadas pelos manuais de etiqueta e boas maneiras, cabe "lembrar" que ao final II Guerra Mundial, a disposição de países como os Estados Unidos – não afetados diretamente em seus territórios – em aumentar a produção, suprir as demandas de países arrasados e destacar-se economicamente suscitou um ânimo de crescimento que inspirou a sociedade brasileira. Em seu estudo sobre a cultura política na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina/BR, no período entre 1950 e 1980, o historiador Reinaldo Lindolfo Lohn destacou o cenário que oportunizou a formação de uma "nova classe média" com anseios e necessidades específicas, as quais incluíam a busca por estabilidade, da mesma forma que o acesso aos bens de consumo que lhes oferecessem uma conexão com o novo. Segundo Lohn (2016, p. 57), "conforto e segurança eram representados, antes de tudo, por certeza diante do futuro, a qual significava a busca por estabilidade do país, e pela manutenção, durante um longo período de tempo, de um controle total sobre qualquer mudança conjuntural que pudesse afetar os cidadãos". As considerações do autor dialogavam com outras regiões metropolitanas do país, caracterizando um movimento em âmbito nacional.

O ânimo diante dos avanços tecnológicos decorrentes do empenho científico voltado para a guerra estava circunscrito pelo apego à estabilidade, pela manutenção de uma determinada ordem que conduziria o desenvolvimento da sociedade para ambientes seguros. Dessa forma, seria assegurada a distinção entre grupos considerados socialmente diversos, mas, também, possibilitada a ascensão dos interessados em aprender convivendo junto da parcela economicamente privilegiada da sociedade. Frente a esse cenário, o que não vinha da herança cultural familiar, teria que ser apreendido por outros meios e, a leitura, mais especificamente a leitura de manuais de etiqueta e boas maneiras, se constituía em uma estratégia de aprendizado a ser considerada. Os manuais de etiqueta e boas maneiras selecionados como fontes para o desenvolvimento dessa tese, foram problematizados como elementos constitutivos de memórias

compartilhadas e, em certa medida, estruturantes da estabilidade pensada por Lohn. No encadeamento da discussão, a historicidade desses materiais constitui o investimento na produção de entendimentos sobre a leitura como meio de elaborar pensamentos, moldar comportamentos, recrutar temporalidades e, principalmente, revalidar memórias.

O percurso desse capítulo privilegiou a emergência da literatura que trata do tema de etiqueta e boas maneiras e as formas como mobilizam passados e estabelecem diálogos temporais. Essa relação com um tempo não afixado, o qual escreve para um futuro ao mesmo passo que busca referenciais em passados, evidencia os elementos que justificam essas lembranças, ainda que sejam lembranças de passados não vividos. Uma análise dos paratextos[12] presentes em grande parte dos manuais foi utilizada como uma forma de apresentar as obras com maior detalhamento e, igualmente, discutir como as obras construíram sua legitimidade por meio das relações sociais evidenciadas nos prefácios, apresentações ou orelhas. O item em que abordei os tempos e espaços de produção dos manuais foi dedicado à geografia das editoras como uma forma de pensar sobre os espaços que consumiam esse tipo de literatura até a década de 1990, bem como, as perspectivas sob as quais foram editados, uma vez que, o sudeste do país estava ancorado em concepções peculiares sobre a questão dos comportamentos em relação ao crescimento urbano e a mobilidade social. Como fechamento do capítulo, optei por discutir a perspectiva universalizante atribuída as boas maneiras apresentadas nos manuais. Os ideais de identificação com sociedades entendidas como mais desenvolvidas, nas décadas de 1950 e 1960, animavam o mercado editorial brasileiro a buscar por autores estrangeiros que escreveram sobre o tema, em um movimento de ampliação e conexão com outras vivências, entretanto, os alicerces culturais e os entendimentos sobre determinadas circunstâncias se constituíam em problemáticas – em alguns casos assumidas, em outros não – pelos editores que seguiram a opção da tradução. A utilização de ideias construídas a partir de realidades distintas, o uso de exemplos sem correspondência, em muitos casos forçaram uma identificação que existiu apenas no prestígio de adquirir uma publicação de autor internacionalmente conhecido e legitimado.

---

[12] Segundo Gérard Genette (2001, p. 7), "el paratexto es para nosostros, pues, aquello por lo cual un texto se hace libro e se propone como tal a sus lectores, y, más generalmente, al público. Más que de un límite o de una frontera cerrada, se trata aqui de un *umbral* o – según Borges a propósito de un prefacio –, de un "vestíbulo", que ofrece a quien se ala posibilidad de entrar o retroceder. "Zona indecisa" entre el adentro y el afuera, sin un límite riguroso ni hacia el interior (el texto) ni hacia el exterior (el discurso del mundo sobre el texto)". Este será o entendimento adotado no capítulo que segue sobre os paratextos: como prelúdios das produções textuais, os quais, sem impor sequências ou limites para a leitura, contribuem na construção de sentidos possíveis acerca do conteúdo e das obras.

2.1 O TEMPO PRESENTE DA ETIQUETA E DAS BOAS MANEIRAS

A História, conhecimento que se utiliza do tempo como essencial artefato de construção, passou por uma transição tanto na questão das abordagens quanto da própria feitura. O fazer histórico foi irremediavelmente alterado por uma percepção temporal que não poderia mais se limitar a consulta de passados para projetar futuros. A partir do século XX, a problematização dos eventos e das fontes aproximou-se cronologicamente da vivência dos historiadores e a noção de presente se mostrou escandida no tempo (HARTOG, 2013). Foi preciso explicar e compreender o que ocorria nos intensos períodos de guerra e essas demandas mobilizaram historiadores para pensar um aparato teórico que colaborasse na construção de inteligibilidade sobre aqueles presentes. As noções temporais foram relativizadas e a percepção das múltiplas temporalidades nas quais se inscreviam os eventos sinalizavam para deslocamentos sensíveis com relação a produção de uma historiografia em busca de equilíbrio entre a imediatismo jornalístico e a fugacidade dos acontecimentos. No âmbito da História, instalar-se nesse campo movediço do presente não foi menos complexo do que manter-se e legitimar um espaço distinto de outras práticas de produção de entendimento sobre o contemporâneo.

O conhecimento histórico até então constituído e, de certa forma, acumulado, foi vislumbrado sob nova perspectiva, na qual o caos das guerras reforçou o passado como algo passível de esquecimento, portanto, inutilizado como referencial, e o futuro como algo incerto, nebuloso, difícil de ser imaginado. As sociedades se encontravam em um espaço de experiências que lhes propunha frágeis horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2006). A análise das grandes estruturas não era mais suficiente para fazer prospecções e a natureza diversa dos eventos simultâneos ocasionados, principalmente pela II Guerra Mundial e o período pós-guerra, requisitavam outro tipo de olhar para a inflação de acontecimentos que alteravam a consciência acerca da história (DOSSE, 2013). A profusão de histórias pessoais urgentes elaborou novas sensibilidades e o distanciamento temporal entrou para o repertório de subjetividades controladas, inscritas no método histórico, uma vez que, era preciso contar a "sua história" no limite de ser sujeito e objeto a um só tempo. Sob essa configuração, distinguiu-se o campo da História do Tempo Presente, com seus paradigmas em construção e suas considerações em aberto. Um olhar que oportuniza a produção de conhecimento a partir das vivências, consultando "os vivos" sobre a sensação de viver a sua história, produzindo um fazer histórico peculiar, o qual lida com a imponderabilidade da presença e a negociação constante com a memória.

Esse campo historiográfico, compreendido por François Dosse (2011) como banalizado, controverso e ainda instável, oferece a possibilidade de constituir como objeto de pesquisa as práticas e os eventos que nos assolam no cotidiano, que estão ainda latentes, ressoando em desdobramentos, ocupando um espaço no presente vivido. Em um movimento repetitivo, são passados que persistem inovados por nomenclaturas e roupagens, alimentados por elementos que os estruturam e por sujeitos que os legitimam. Nessa clave, é a partir desses passados persistentes que se fazem os presentes mobilizados pela História sob a perspectiva do tempo presente. Segundo Henry Rousso (2016, p. 16), "essa parte da disciplina deve levar em conta temporalidades diferenciadas e uma dialética particular entre o passado e o presente. Esse tempo sobre o qual ela se debruça pertence sobretudo ao campo do imaginário". Dessa forma, práticas, concepções, modos e lugares inscrevem-se nos processos de mudança justamente para continuarem a existir, construindo presentes não "sobre", mas, "de" passados, os quais, concomitantemente, asseguram condições ou desmotivam rupturas. Selecionado da desordem de um baú cheio de passados, é sobre um, representado por manuais de etiqueta e boas maneiras, que me debrucei durante a minha pesquisa.

Identificados com maior circulação, provavelmente, desde o século XVI, sob os mesmos princípios, os manuais de etiqueta e boas maneiras eram portadores de conjuntos prescritivos para as diversas circunstâncias da vida, tomando como base a vida na sociedade de corte europeia. Segundo a pesquisadora Maria Cecília Barreto Amorim Pilla (2016, p. 152), acerca das remodelações promovidas pelo rei francês Francisco I, em Paris, "se acreditava que as civilidades, sua aprendizagem e prática, influíam nas relações entre as pessoas e seriam ingredientes eficientes para a construção de um mundo mais agradável". O período tratado pela autora está, predominantemente, circunscrito a um tempo percebido como linear, no qual a evolução era sinônimo de melhoria e era previsto que as sociedades rumassem para condições mais aprazíveis, tanto no âmbito material, quanto espiritual e cultural. O refinamento dos hábitos era um percurso a ser seguido pelos indivíduos no sentido de dar continuidade a um processo civilizador (ELIAS, 1993). Visão esta que se deslocou no tempo de acordo com as conjunturas vigentes, entretanto, prevaleceu a premissa que compreende como necessária a preparação dos indivíduos para uma convivência cordial e polida, bem como, para a penetração em círculos sociais mais restritos. Para tanto, eram produzidos manuais, suportes de escrita que comportavam as narrativas de passados selecionados para serem lembrados, exercitados e internalizados como memória.

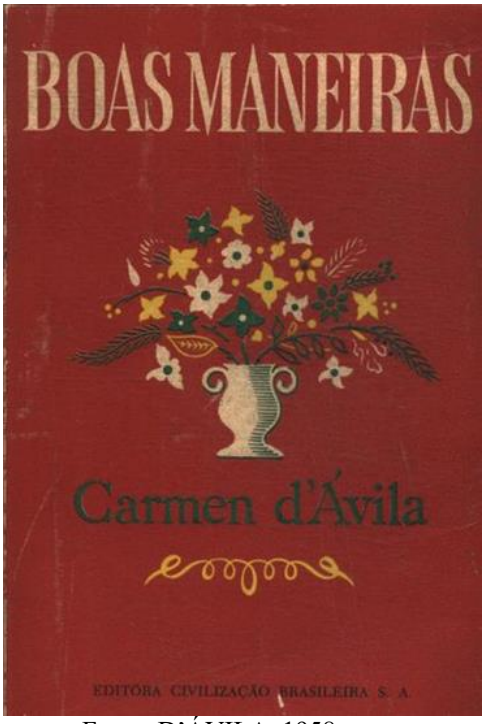
Na sociedade brasileira, os manuais de etiqueta e boas maneiras foram presentes, possivelmente, desde que os primeiros escritos chegaram juntamente com a colonização

portuguesa. No entanto, o meu interesse, nesse momento, é sobre as permanências suscitadas por escritos produzidos no século XX e a sua identificação com as transformações sociais, uma vez que, os costumes são elementos móveis no universo cultural, mesmo quando alinhavados pela perpetuação de práticas consideradas tradicionais[13] para determinados grupos. O número de edições identificadas em parte dos manuais do acervo de pesquisa – apresentados em lista completa na introdução – e a continuidade de sua produção por várias décadas são indiciários da continuidade do interesse pelo assunto. Algumas relações entre conteúdos produzidos em décadas distanciadas possibilitam vislumbrar continuidades acerca de um presente que se apresentava alargado e, por vezes, com vestígios estruturais. Os projetos editoriais, motivados por retorno comercial e financeiro, sinalizam para um possível sucesso de vendagem das publicações que foram reeditadas, entretanto, é sobre os vestígios menos aparentes de continuidade que me concentro nessa parte do capítulo. No sentido de aprofundar essas questões, destaquei os manuais de Carmen D'Ávila (1958), Marcelino de Carvalho (1961; 1967) e Amy Vanderbilt (1962).

A extensão da repercussão do manual *Boas Maneiras*, da autora Carmen D'Ávila, intuída pelo volume da obra de 385 páginas e a quantidade de vezes que foi reeditada, pode ser um indício de tais percepções sobre o tempo e a morosidade das mudanças. A edição utilizada nesta pesquisa é do ano de 1958 (Figura 2) e estava na 11ª edição com uma produção de 89 milheiros e, com indicações explícitas de ter sido revisada e aumentada. A longevidade dessa publicação permite problematizar essa possível identificação das leitoras e leitores com os manuais de etiqueta, a existência de uma constante demanda por formação, a capacidade temporal dos escritos e, principalmente, a historicidade desses materiais. Considerando a premissa de que a mesma editora não investiria recursos em um produto que não lhe proporcionasse pronto retorno e assumindo a limitação de não ter feito a comparação entre as narrativas contidas em outras edições, presumo a densidade das identificações elaboradas, a capacidade de representação e a potencialidade da constituição de lembranças que permaneceram com o passar do tempo, se constituíram em memórias e inspiraram a formação de algumas gerações.

[13] A concepção de tradição, referida em diversas partes da tese, está colocada à luz da problematização de Eric Hobsbawm em sua obra *A invenção das tradições* (1997). Nesta, o autor compreendeu o conceito como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou aceitas abertamente, de natureza ritual ou simbólica, as quais visam a estabelecer valores ou comportamentos por meio da repetição, repercutindo uma continuidade em relação a um passado. A partir de tal concepção, o autor discutiu as diversas construções socioculturais que tem potencial para definir determinadas práticas como tradição ou não.

Figura 2: *Boas Maneiras*



Fonte: D'ÁVILA, 1958, capa.

O escritor das *Palavras preambulares* do manual de D'Ávila, Cesar Netto, estabeleceu, ao longo de seis páginas, uma relação da obra da autora com os trabalhos de algumas personalidades europeias[14], desenvolvidos a partir do século XVI. Nesse sentido, a narrativa sugere que a obra se inscrevia em um movimento formativo compreendido desde passados mais recuados e acompanhando um fluxo de pretenso aprimoramento nas diversas sociedades. Segundo as palavras da autora, na abertura do primeiro capítulo do manual, "são as velhas tradições, as únicas que, dentre esse princípio de respeito mútuo, nos pode inspirar o espírito de renúncias que nos devemos a nós mesmos [sic], para a verdadeira doçura de viver" (D'ÁVILA, 1958, p. 21). A ênfase sobre o vínculo com os modos que foram considerados tradicionais mobilizou o tempo como suporte de um processo que se pretendia progressivo, sinalizando elementos que estruturaram as conjunturas nos mais diversos espaços e contextos. O lastro fornecido pelas experiências que transformaram costumes e atenuaram as pulsões funcionava como garantia de que as narrativas do manual formariam os indivíduos da maneira mais

[14] Em seu texto, o autor chama atenção para "o depoimento de cronistas e historiadores no tocante aos costumes da sociedade francesa em fins do século XVI e nos primeiros lustros do século XVII" (D'ÁVILA, 1958, p. 8). Dentre os eventos que considerou relevantes para exemplificar o processo de transformação dos costumes, o escritor citou como inspirações para o manual de Carmen D'Ávila, o trabalho de Me. De Rambouillet, que inaugurou um "magistério do bom tom, alta escola de costumes, em que tudo se depura, suaviza e aprimora" (D'ÁVILA, 1958, p. 9), as peças de Molière e a obra *Caractères*, de Jean de La Bruyère. Dessa forma, a narrativa de Cesar Netto buscou legitimar o manual de Carmen D'Ávila associando-o ao repertório de trabalhos considerados tradicionais, com objetivo de formar sociedades gentis e pacíficas.

adequada e aceita. A credibilidade atribuída a esse tipo de narrativa pode ser um dos indícios da continuidade do manual no mercado.

Não foi possível encontrar precisão quanto ao ano da primeira edição do manual, entretanto, uma busca virtual[15] no sítio eletrônico da Estante Virtual apresentou à venda manuais de mesmo título e autora com publicações nos anos de 1936, 1942, 1944, 1945, 1946, 1945, 1951, 1956, 1958 e 1964. As motivações de um empreendimento desse tipo podem ter diversas naturezas, no entanto, estão circunscritas pela lógica de um mercado editorial em crescente concorrência ao longo do século XX, o qual se desenvolveu às custas dos sucessos e fracassos de suas publicações. Nos limites da impossibilidade de acessar pormenores acerca dessas edições, apenas permanecem indícios relativos a longevidade da obra, todavia, me permito inferir que houve considerável demanda pelo manual, a julgar-se pelos números apresentados na contracapa do exemplar utilizado na pesquisa. Sem indicações de ser um manual traduzido e com informações praticamente nulas sobre a autora, presumo que era brasileira e, sendo assim, o volume de exemplares que foram produzidos sinalizam representatividade, tanto da configuração social daquele período, quanto das bases formativas adotadas. Se Carmen D'Ávila foi muito lida, não é possível afirmar, mas, a escala de sua produção afirma que foi presente em muitas estantes durante algumas décadas, portanto, uma obra significativa no presente de sua produção.

O manual do autor Marcelino de Carvalho, *Guia de Boas Maneiras* (1961), na mesma esteira das apostas editorias, no ano de 2006, foi contemplado com uma interpretação publicada pela jornalista, *socialite*, consultora e autora Claudia Matarazzo. Intitulado "Marcelino por Claudia - O guia de boas maneiras de Marcelino de Carvalho interpretado por Claudia Matarazzo", o livro foi comentado em reportagem pela *Folha de São Paulo* em 11 de agosto de 2010.

> Nesta obra, Claudia faz uma releitura do clássico "Guia de Boas Maneiras", de Marcelino. Ela compara os costumes abordados há 50 anos com os de hoje.
> "Ao longo do trabalho, percebi que seu texto, além de impecável e divertido, continua atualíssimo. E, algumas vezes, francamente de vanguarda, quase transgressor", diz Claudia.
> Os capítulos abrangem situações diversas, do aperto de mão às cerimônias fúnebres. Aprende-se também como se recusa um convite, como se portar em bailes, danças, reuniões e festas, como convidar, etiqueta à mesa, a escolha de cardápios, bebidas, os cumprimentos em um casamento, batismo, primeira comunhão, visitas, além de um capítulo sobre como lidar com crianças e as relações entre patrões e empregados, entre colegas do trabalho. O livro também fala sobre regras de correspondência, de

[15] Disponível em: https://www.estantevirtual.com.br/b/carmen-davila/boas-maneiras/3461541077&offset=2. Acesso em: 11 abr. 2018.

> vestuário e como resolver conflitos como ciúme e divórcio (FOLHA.COM, 11/08/2010).[16]

Anunciado como uma releitura, o livro em sua descrição dos capítulos, apontou para o repertório de relações e rituais sociais que demandavam etiqueta específica na década de 1960 como ainda válidos depois dos anos 2000. Publicado pela Companhia Editora Nacional – mesma editora de Marcelino de Carvalho – o manual do século XXI fez um tributo ao autor e estabeleceu aproximações com um passado recente, continuando representações acerca de boas maneiras, lembrando aquele passado recente para revalidá-lo. Quando o autor Reinhart Koselleck (2014, p. 209) indagou sobre "o quão nova é a modernidade", suscitou a discussão de que cada tempo caracteriza o "novo" amparado na superação de paradigmas e ponderou que este, mobilizado como categoria histórica, é composto por várias camadas de tempo que se sobrepõem e se alternam impulsionados pelo meio em que se inscrevem. Os manuais de Marcelino de Carvalho e Claudia Matarazzo não eram novos, tampouco iguais, contudo, foram compostos por vários estratos de tempo que ora se mostraram e ora se ocultaram em um movimento de adequação aos objetivos editoriais e as sensibilidades que buscavam suscitar. A permanência no mercado e a identificação com leitoras e leitores são produtos dessa mescla de tempos que misturam passados, presentes e futuros em um sedutor jogo de palavras. Afirmar que as boas maneiras não mudaram seria mero reducionismo em um processo que permanece em constante mudança para permanecer.

A releitura do manual de Carvalho trouxe à lembrança um passado próximo para afirmá-lo como presença. O exemplar utilizado na pesquisa (Figura 3) destaca no verso da contracapa que é o "exemplar nº 7799", indicando a quantidade de exemplares produzidos. Como o manual é de 1961, o ano de seu lançamento, suponho que a numeração do exemplar se refira a uma primeira edição. Se a numeração expressa a quantidade de exemplares produzidos em uma edição, esse manual teve um investimento editorial expressivo, assim como o de Carmen D'Ávila. No verso da contracapa do manual *Só para homens* (1967), também de Marcelino de Carvalho, constava uma listagem de obras do autor e o título *Guia de boas maneiras* constava como sexta edição. Na impossibilidade de verificação de tais dados em outras fontes, considerei a nova investida da mesma editora sobre a obra como uma reapropriação de um texto exitoso em anos anteriores. A autora Claudia Matarazzo afirmou considerar o texto atual e "quase transgressor" à época da entrevista, conferindo-lhe um novo sentido como mobilização de passados ainda funcionais. A possível notoriedade de uma obra produzida cerca de quatro

[16] Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/683468-classico-dos-livros-de-etiqueta-ensina-a-ser-mais-sofisticado-e-elegante.shtml . Acesso em: 15 nov. 2016.

décadas atrás possibilita a construção de um diálogo com a questão do passado selecionado em função do seu êxito e a aposta de que continuará dando certo, portanto, deve permanecer.

Figura 3: *Guia de Boas Maneiras*

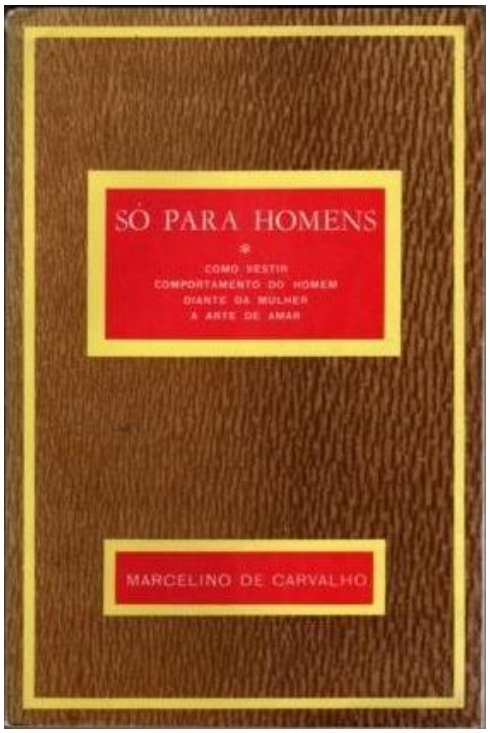
Fonte: CARVALHO, 1961, capa.

A mesma alusão ao passado havia se constituído em estratégia de legitimação no manual de Carvalho. O texto do *Prefácio*, assinado pelo autor, iniciou a introdução da obra referindo-se aos escritos de Erasmo de Roterdã (1526) como principais referenciais na construção das noções de civilidade. Segundo o autor, "nele, estão contidos os ensinamentos e as regras, até então conhecidos, datando alguns de tempos pré-históricos. O valor da obra de Erasmo é que ele toma axiomas antigos, juntando disciplina sua e formando um todo realmente homogêneo" (CARVALHO, 1961, p. XI). O presente da escrita de Carvalho deu a ler concepções de passados remotos e os apresentou como um acúmulo de conhecimentos adquiridos, sugerindo as maneiras do seu tempo como um desdobramento daquelas constituídas nos mais longínquos tempos e espaços. Persiste a ideia do passado como suporte de ensinamentos que se aprimoram ao longo do percurso. Os significados que se configuraram em tradicionais e dignos de perpetuação forneceram o respaldo para novas escritas como a de Carvalho e de Matarazzo, cada um em seu tempo.

Com relação ao manual *Só para homens* (Figura 4), há indicação de ser o "exemplar nº 2611" em 1967, ano de seu lançamento. Há uma peculiaridade que o difere dos outros manuais

que é a restrição dos leitores. De fato, há um recorte explícito no título do livro, o qual direciona ao tipo de interlocutor a quem se direcionava a publicação. Sem distinguir leitoras de leitores, os outros manuais do acervo de pesquisa não apresentaram esse tipo de direcionamento, no entanto, não raro, os conteúdos estabeleceram diálogos com as mulheres leitoras e trataram de situações específicas, sinalizando a quem se reportavam as prescrições. Uma pista para pensar a demanda por essa publicação pode estar justamente na delimitação dos leitores. Na década de 1960 circulavam em diversas partes do mundo ideais feministas em prol da autonomia das mulheres sobre seus corpos, comportamentos e escolhas. No Brasil, a chegada da pílula anticoncepcional em 1962 trouxe também uma série de controvérsias e partidarismos, incentivando debates de cunho científico, social, religioso e moral (SANTANA; WAISSSE, 2016). A questão do controle de natalidade conferiu maior autonomia sobre a sexualidade feminina e um considerável impacto sobre as relações entre homens e mulheres. Esse contexto insidia sobre os comportamentos e anseios femininos e, segundo o autor, “as moças brasileiras têm hoje muito mais possibilidades de decidir sobre suas vidas do que até recentemente” (CARVALHO, 1967, p. 10). Nesse sentido, atribuiu a esses novos entendimentos a necessidade de formação para homens, de forma a despertar-lhes sensibilidades mais refinadas no trato e na convivência.

Figura 4: *Só para homens*



Fonte: CARVALHO, 1967, capa.

A questão das relações entre homens e mulheres foi destacada no *Prefácio* do manual, no qual foi utilizada uma pesquisa realizada por uma psicóloga francesa chamada Odile Baron. Segundo o relato, a pesquisa de Baron foi desenvolvida a partir da vivência de oito meses no Brasil estudando "a juventude brasileira e o comportamento sexual do homem e da mulher no Brasil" (CARVALHO, 1967, p. 9). As conclusões da pesquisa apontaram para um comportamento "grosseiro" dos homens para com as mulheres e o autor usou essa observação como inspiração para a elaboração do seu manual no sentido de atenuar esses traços do comportamento dos homens brasileiros, entendidos como depreciativos pela psicóloga e pelo autor. Um vestígio de que essa leitura tenha encontrado identificação entre os leitores é a questão de estar em sintonia com as demandas circulantes no período, reivindicando novas sensibilidades dos homens em relação às mulheres. Da mesma forma, o manual pode ter despertado o interesse feminino em busca de informações sobre a adequação do comportamento dos homens àqueles tempos de transformação. Sobre sua circulação e a forma como o autor era visto em seu tempo, Gloria Kalil lembrou:

> Meu pai era amigo de Marcelino de Carvalho, um homem de sociedade que escrevia sobre estilo e boas maneiras nos anos 1950. Era um homem encantador, pequeno, de voz rouca, sempre vestido de terno príncipe-de-gales, chapéu e flor na lapela. Um dia ele liga para nossa casa e pede para falar com urgência. "Mario", disse ele aflitíssimo, "fui informado de que vou sair na lista dos homens mais bem vestidos do país. Eles não sabem que só tenho dois ternos!" Deus do céu! Eram outros os tempos em que um homem com apenas dois ternos no armário podia ser considerado um ícone de elegância (KALIL, 2004, p. 18).

A autora caracterizou Marcelino de Carvalho a partir das próprias lembranças, destacando sua apresentação e postura como atributos que lhe garantiam ser escolhido como um destaque nas mídias do período. A referência não foi restrita ao tipo de vestimenta do autor, mas, ao uso que delas fazia, sugerindo que a elegância se associava às atitudes e isso se destacava perante o olhar dos outros. Essa repercussão acerca da representação do autor se tornava um argumento para legitimar sua escrita no sentido de que ler um autor considerado um dos mais elegantes do país significava sintonia com o refinamento social. Dessa forma, não se pode desconsiderar que o autor dispunha de boa circulação no meio social desempenhando atividades como jornalista, professor de etiqueta, apresentador de televisão, personificando um ícone nos assuntos relativos ao tema do livro, portanto, um nome que incentivava a aquisição de suas obras.

A concomitância de passados e presentes relacionados aos projetos futuros – pois, as prescrições intuíam transformar maneiras com vistas a um "aperfeiçoamento" – permitiu o aprofundamento da problemática. A relação entre essas edições, ou, a ausência da mesma,

constitui um eixo simbólico que suscita lembranças e evidencia temporalidades as quais configuram determinadas formas de ser e estar em sociedade. “Trata-se aqui de um eixo temporal móvel, cujo ponto de origem é sempre a geração atual e que, por isso, se desloca constantemente” (KOSELLECK, 2014, p. 269). É nesse sentido que o olhar sobre esses diversos tempos de produção de prescrições se concentrou em aproximar-se sucessivamente daqueles presentes e vislumbrar se há correlações possíveis a partir das representações ali identificadas, mais especificamente, as elaboradas sobre as mulheres. Esse movimento é convergente na direção de identificar vestígios que contribuíram para a construção de memórias acerca de mulheres, seus comportamentos, suas atribuições, suas funções sociais, seus espaços de atuação, etc. As narrativas contidas nos manuais têm o potencial, ainda, de evidenciar como essas memórias se conectam e constituem funcionalidades nos diversos tempos em que foram produzidas.

A continuidade da produção de manuais de etiqueta e boas maneiras remete não somente ao caráter provisório e incompleto da formação social, mas, também à presença de elementos estruturais sob os quais se constituem as relações sociais. A existência de movimentos de contenção já era evidenciada por Norbert Elias (1993, p. 191) ao desenvolver as suas “sugestões para uma teoria de processos civilizadores” nas quais tratou das transformações comportamentais e culturais da sociedade de corte europeia. No entanto, essa distância cronológica verificada entre os manuais que são fontes da minha pesquisa – concentrados a partir da metade do século XX – não é suficiente para compreender a continuidade desse tipo de produto cultural. A estruturação da permanência se faz por outras vias que não somente a do processo contínuo de formação e as narrativas dos manuais têm um potencial elucidativo nesse sentido. Conforme sinalizou Amy Vanderbilt, autora norte-americana do manual traduzido para o português sob o título *O Livro de Etiqueta – um guia para uma vida elegante* (1962), a mobilização de elementos estruturais como, por exemplo, a relação com a ancestralidade colonizadora, acompanhou as transformações conjunturais, revigorando as concepções sobre o tema.

> As transformações físicas e econômicas que sofre o país trazem inevitavelmente transformações sociais. Os pioneiros de uma terra virgem chegam naturalmente como trabalhadores, pois todas as mãos são necessárias, as comodidades de vida equivalem a prêmios, e assim pouco ou nenhum vagar ou dinheiro existe para o imediato desenvolvimento de uma aristocracia. Eis porque todas as velhas famílias americanas, inclusive a minha, possuem aqui fortes e singelas raízes. Algumas poderão ter trazido com elas as maneiras de salão de mais antigas civilizações, mas acharam que muitas das finuras do viver exigiam adaptação – ou melhor, tinham de ser afastadas – nesta vigorosa, atarefada terra nova (VANDERBILT, 1962, p. XX).

As múltiplas temporalidades emergiram nas relações entre a estrutura e a conjuntura sobre as quais se referiu a *Introdução* de Amy Vanderbilt. As referências utilizadas pela autora valorizaram sobremaneira os costumes preservados pelas famílias da aristocracia tradicional norte-americana. A concepção de etiqueta para a década de 1960, segundo essa autora, permanecia inspirada pelos hábitos dos "pioneiros" da terra que, meritocraticamente, construíram suas riquezas e reproduziram as "maneiras de salão de mais antigas civilizações". O presente da produção da obra contemplou um passado que poderia ser acessado pela leitura de formação oferecida. O manual do qual foi retirado o excerto, contém na folha de rosto, um carimbo indicando que foi vendido pela Livraria Americana, na cidade de Passo Fundo, situada no interior do estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. Esse dado não me permitiu estabelecer qualquer fronteira para a difusão dos conceitos de boas maneiras e convivência social, mas, permitiu aproximar as demandas de formação de grupos sociais que poderiam se encontrar tanto na sociedade norte-americana quanto no longínquo interior do extremo sul brasileiro, compartilhando de uma mesma estrutura.

A vontade de compartilhar dos mesmos modos da dita aristocracia era uma estratégia para forjar pertencimento e distinção. Essa característica já era identificada por Pilla (2016, p. 154) em sua pesquisa concentrada na França do século XVII, na qual se verificava "a grande preocupação de adequação dos comportamentos como condição indispensável para 'estar' nas cidades e de frequentar os espaços de sociabilidade aristocrática, bem como alimentar a pretensão de 'estar' na Corte". O desejo de convívio se apresentava associado à legitimação de um grupo e, possivelmente, ao desfrute dos privilégios dispensados em tal ambiente. As formas de inserção facultadas pelo refinamento dos modos, em tese, garantiam um espaço social condizente com as expectativas de ascensão. Portanto, para edificar as "raízes fortes" as quais se referiu Amy Vanderbilt, os indivíduos ou as famílias deveriam aliar seu potencial econômico e de trabalho ao diferencial das "maneiras de salão de mais antigas civilizações", sinalizando continuidade de práticas consideradas tradicionais. Esse tipo de obra revigorava meios de distinção e sugeria o compartilhamento de modos culturais considerados aprovados em passados próximos ou distantes.

Segundo François Dosse (2011, p.6) "a história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração", assim como, a perspectiva sob a qual foram produzidos os manuais da metade do século XX. No sentido de jogar luz sobre formas remanescentes, a análise da temporalidade histórica pela concepção de estratos de tempo me permitiu pensar acerca das estruturas sobre as quais foram elaboradas as narrativas e os pontos de avanço ou

recuo em relação às mudanças. Ainda que os tempos fossem outros, a escrita de Vanderbilt explicitava elos com o passado e sinalizava legitimação na sua validade.

> Como um dicionário, terá poucos leitores de folha a folha, exceto o meu meticuloso editor, Marion Patton, os revisores de originais, e os que leem as provas. Mas, este fato positivo não me perturba, porque uma obra de consulta como esta tem uma longa existência e é muito manuseada. Poderá tornar-se um valioso amigo para aquele que nele busque uma elucidação, ano após ano, e encontre a desejada resposta. Pode criar raízes e tornar-se parte integrante da família, sendo mesmo um conselheiro para os filhos quando estes atingirem os seus vinte anos (VANDERBILT, 1962, p. XXII).

O tempo das boas maneiras emergia na narrativa de Amy Vanderbilt como estável e de lenta mudança. Apoiado nas tradições a serem seguidas poderia ultrapassar os limites de uma geração. A temporalidade aqui pode ser abordada pela estrutura na qual se produziu a narrativa, considerando uma relação desacelerada com o tempo.

A alternância temporal, suas negociações e conflitos aparecia também em outros suportes de narrativa não especificamente direcionados para a formação dos indivíduos, mas, que contribuíam na elaboração de subjetividades e representações. No que tange às representações de mulheres, no Brasil, alguns vestígios na mídia escrita sinalizavam para a presença de mulheres de diversos perfis. As narrativas jornalísticas funcionavam como uma retórica do tempo, oportunizando a interlocução com ideias progressistas e, ao mesmo tempo, destacando algumas práticas sociais como tradições a serem rememoradas ou revividas. Esse movimento foi verificado no jornal *O Globo*[17] que, em sua edição de 01 de junho de 1945 apresentou no caderno denominado *O Globo Feminino*[18], em uma mesma página, duas representações diversas de mulheres daquele período (Anexo 1). A questão é significativa para pensar a pluralidade de mulheres que constituíam as possíveis leitoras do caderno feminino do Jornal, bem como, as possibilidades de lugar social de mulheres apresentadas pelo veículo de comunicação. Esse espaço de interlocução sinalizava a coexistência de projetos de mulher diversos e as tensões que os circundavam. Um caderno destinado às mulheres, como o próprio nome destacava, oferecia às suas leitoras possibilidades de identificação distanciadas da ideia de que havia "um perfil" de leitoras. O jornal ressoava a presença de variados universos femininos e, ao apresentá-los sugeria que todos eram possíveis a partir das escolhas e afinidades das leitoras.

---

[17] O Globo foi fundado em 1925 como um jornal vespertino essencialmente noticioso, voltado para a prestação de serviços. Até a década de 1940 já havia se tornado um matutino com várias tiragens diárias e os anos que se seguiram firmaram sua atuação como um relevante meio de comunicação no país.

[18] Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019450601C&edicao=Vespertina. Acesso em: 10 mai. 2018.

Uma das matérias escrita pela colunista Adelaide Kerr, era intitulada "O papel da mulher no pós-guerra" (O GLOBO, 01/06/1945, p. 9) e apresentava uma entrevista, realizada em Nova Iorque, com uma ex-diretora de uma revista feminina norueguesa que contou detalhes acerca da atuação das mulheres antes, durante e após a II Guerra. Else Margrete Roed – a entrevistada – fazia uma autocrítica sobre a participação política das mulheres norueguesas: "A guerra ensinou-nos que nós, as mulheres da Noruega – estávamos entre as mulheres mais politicamente privilegiadas do mundo – não fizemos uso de nossos direitos de forma satisfatória" (O GLOBO, 01/06/1945, p 9). Não obstante lhes tivesse sido garantido o direito de voto desde 1907, Roed afirmava que as mulheres norueguesas atuaram de forma descomprometida. Adelaide Kerr reproduziu longas declarações da norueguesa, entre as quais afirmava: "mostramos certa indolência acerca da política. Sacudíamos os ombros com indiferença e dizíamos: Deixemos que os homens tratem de política" (O GLOBO, 01/06/1945, p. 9). Else Margrete Roed avaliava as mulheres norueguesas como mais atuantes no período pós-guerra, realizando ações de resistência à ocupação nazista, as quais ela denominou como "movimentos subterrâneos". A colunista d*'O Globo Feminino* destacou o posicionamento e as ações da norueguesa naquele período crítico vivenciado em seus país, enfatizando sua trajetória[19] e a continuidade de suas atividades como exemplaridade para as mulheres.

Na mesma página da reportagem sobre a resistência feminina ao nazismo na Noruega constava a dica intitulada "Para as noivas de junho", assinada pela colunista Dorothy Roe (Anexo 1). Acompanhada de uma imagem do modelo a ser apresentado, a colunista destacou a relevância de sua sugestão.

> Pois se tudo muda, tudo se modifica, também o romântico e tradicional vestido de noiva vai ganhando novas linhas sob a implorável tesoura da inovação... [...] Mas, leitoras, se tudo isso é bonito e moderno, falta o poético encanto do suave e tradicional vestido de noiva. O que vemos na gravura, tão ao velho estilo, é de organdi e filó branco (O GLOBO, 01/06/1945, p. 9).

A leitura da entrevista da ativista norueguesa, mostrando os espaços ocupados na política, um ambiente majoritariamente masculino, sugeria comportamentos possíveis para mulheres da década de 1940 e delineava caminhos a serem percorridos. O destaque – em texto

[19] Segundo a entrevista realizada por Adelaide Kerr, a norueguesa Else Margrete Roed tinha sido diretora da revista feminina *We Our-serselves and Our home*, uma publicação proeminente na Noruega, e havia trabalhado intensamente no "movimento subterrâneo" de resistência à ocupação nazista no país. Durante a guerra foi denunciada à Gestapo, fato que desencadeou sua fuga para a Suécia, com a ajuda do movimento e, logo depois, para Londres, país onde foi convidada a trabalhar para o Serviço de Informações da Noruega, em Nova Iorque. Na América, percorreu diversos estados fazendo conferências em associações e clubes femininos. O teor de suas palestras não foi informado na reportagem.

e imagem – da preparação para um momento supostamente esperado por mulheres da mesma década, mostra outras identificações coabitantes do mesmo tempo e do mesmo espaço de interlocução: *O Globo Feminino*. A edição era pensada para contemplar os diversos desejos circulantes naquela sociedade. No que tange às mulheres, não se identificou um perfil hegemônico, entretanto, foi possível pensar as tensões presentes nessas narrativas que, apesar de serem de autorias diferentes, foram escolhas de mulheres que imprimiram as temporalidades em que se apoiaram e os conceitos sob os quais compreenderam o "ser mulher" naquele momento. As leitoras poderiam se projetar nos ideais político-sociais de Else Margrete Roed e não perder de vista as idealizações da cerimônia do casamento, representadas pela leveza do organdi e a pureza do filó branco.

As leitoras d*'O Globo Feminino* eram informadas sobre as demandas de mulheres pelo mundo da mesma forma que eram lembradas das suas perspectivas sociais. Não se trata somente de contradições ou dicotomias, mas, de perspectivas múltiplas de comportamentos de mulheres inscritas em estratos temporais que permitem vislumbrar elementos de presentes, passados e futuros. Quase duas décadas depois, esse movimento também poderia ser verificado nas narrativas dos manuais de etiqueta. Amy Vanderbilt anunciou em seu prefácio que "percorrendo as páginas deste livro, verá a leitora que a Etiqueta se patenteia na combinação ideal da ortodoxia e evolução" (VANDERBILT, 1962, p. XVII). A ideia de etiqueta, segundo essa autora, era constituída por temporalidades que se interpenetram, dando a impressão que estava a tratar de um processo em continuidade, construído sobre o lastro de modos já, em algum momento do passado, edificados. Assim como *O Globo Feminino*, Amy Vanderbilt disponibilizava às suas leitoras – devidamente especificadas – possibilidades para o presente e o futuro, enfatizando a vinculação a uma anterioridade constitutiva da ortodoxia.

Essa mescla de tempos constitui possibilidades em uma rede de compartilhamentos, na qual se tem as opções de replicar, transformar ou rejeitar as informações oferecidas. A artesania dessa rede possibilita rupturas ou permanências, entretanto, se estabelece sobre alguns elementos que se repetem. Nesse sentido, o autor François Hartog, em sua obra *Regimes de Historicidade*, ressaltou a noção de "estrutura da conjuntura" (HARTOG, 2013, p. 64). A utilização do termo "estrutura" remete aos elementos constantes os quais criam as condições para que os eventos ocorram novamente sob os moldes da conjuntura vigente, sem o peso da preponderância e nem a limitação da hierarquia. A estruturação de Hartog está em diálogo com a circunscrição do evento de Koselleck (2014, p. 307), na qual pondera que "eventos e estruturas estão entrelaçados, mas nunca um pode ser reduzido ao outro". Os pontos de intersecção entre os manuais de cronologias distantes podem indicar uma estrutura sobre a qual se amparam

memórias sobre o tema, no entanto, negam a redução das prescrições contidas nos manuais a meras reproduções passivas de maneiras já circulantes.

A permanência das edições abordadas nesse texto pode estar relacionada ao ponto em que Koselleck (2014) trata de sistemas que subsistem aos eventos individuais, ou seja, formas de conduta consciente ou inconsciente que condicionam os indivíduos e, por sua vez, criam condições de repetibilidade num processo de compartilhamento sugerido, passível de gerar ou não identificação entre leitoras e leitores. A questão da repetibilidade se dá em vários níveis no sentido da grande quantidade de informações que os manuais oferecem. Assim como determinados itens podem ter sua internalização e compartilhamento de forma amplificada, outros podem definitivamente permanecer no *status* das leituras que nunca serão feitas. A alta demanda por um mesmo título permite pensar um grau elevado de identificação àquele tipo de prescrição e, por conseguinte, um intenso compartilhamento com condições de transformar a repetição de lembranças em estruturas de memórias sobre os conteúdos oferecidos pela obra.

A circulação das quatro obras destacadas foi incentivada por estratégias editoriais que atendessem ao objetivo comercial da venda como, por exemplo, os referenciais de autoria reconhecida, culturas estrangeiras "mais civilizadas", a experiência de vida dos autores, porém, esses elementos funcionam como legitimadores das leituras, mas, não definem, unicamente, a sincronia com leitoras e leitores. Não é possível fazer afirmações sobre um suposto sucesso de edição dos manuais de Carmen D'Ávila (1958), Amy Vanderbilt (1962) ou Marcelino de Carvalho (1961; 1967). Considerando o possível valor elevado de venda de uma obra volumosa – como eram as de D'Ávila e Vanderbilt – me permito ponderar sobre um grupo leitor com considerável poder aquisitivo, desejoso de formação como meio de ascensão e circulação, ou mesmo, desejoso de ser portador de certos ícones de distinção – livros de boas maneiras – para ostentar em seus ambientes, como um indicativo de pertencimento aos grupos preservadores de tradições e preocupados com uma organização social que os mantivesse em lugares de destaque e cargos de comando. Nesse sentido, um passado nobre, glorioso, tradicional, lhes caberia como evocação de uma presença externada em seus hábitos e comportamentos refinados. A manutenção desse vínculo, alimentá-lo, mostrá-lo, estende os jogos de encenação que asseguram os espaços e as diferenças. Portanto, contribuem na manutenção de um *status quo* que privilegia e exclui, mantendo uma ordem constituída em memórias que podem transitar da solitária produção de sentidos única de uma leitura individual para um corpo social capaz de subjetivar e compartilhar as sugestões formuladas com o intuito de "cultivar" tradições e estruturar permanências.

2.2 NO LIMIAR DOS MANUAIS: OS PARATEXTOS E AS ESTRATÉGIAS DE LEMBRANÇA

A configuração de uma fonte de pesquisa liga-se, prioritariamente, à análise física, objetiva e simbólica do material. Quando o tipo de material são livros, há uma série de considerações a serem feitas antes de incursionar sobre o conteúdo escrito ou ilustrado no qual reside a mensagem proposta pela obra. Os elementos que margeiam a integridade de um texto, compreendidos como paratextos, podem conter em seus detalhes diversos pontos de elucidação sobre a construção e mensagem do texto propriamente dito. Esse tema foi abordado pelo autor Gérard Genette, teórico de literatura, em sua obra intitulada *Seuils* (1987), publicada em francês ou *Umbralles* (2001), publicada em espanhol. Em seu estudo o autor debateu os elementos de cultura escrita constantes em obras impressas os quais se situam fora da mensagem do texto produzido pelo autor. As informações oferecidas pelos textos editoriais, assim como, dados sobre o autor, prefácios, dedicatórias, posfácios, são entendidas por este autor como partes do construto da obra que têm o potencial de ampliar possibilidades, instituir diálogos e atuar na produção de sentidos. Em seu estudo, Genette infere que um texto, poucas vezes, é apresentado sem elementos externos e que estes "o cercam e o ampliam presumivelmente apresentando-a, no sentido usual da palavra, mas também em seu sentido mais forte: dando-lhe presença, garantindo sua existência no mundo, sua 'recepção' e sua consumação"[20] (GENETTE, 2001, p. 7).

Segundo Chartier (2014, p. 235) em diálogo com a obra de Genette, os paratextos se desdobram em duas classes: "o peritexto, que encontramos dentro do próprio livro (título, epígrafe, prefácio, prólogo do autor, comentários preliminares, notas, ilustrações, etc.), e o epitexto, que se situa fora do livro em si (correspondências, diários e revistas, entrevistas, etc.)". Nesse momento, permaneci restrita a primeira classe de paratextos, a qual se refere ao conteúdo situado nas capas, contracapas, orelhas e páginas iniciais. Em consonância com a ideia, a historiadora Tania Regina de Luca (2016, p. 32), ao tratar de publicações da imprensa periódica enfatiza a importância desses elementos, "uma vez que o trabalho de análise do conteúdo não pode prescindir dos dados provenientes da publicação em si". Consideração esta, feita a partir de outro tipo de publicação, no entanto, pertinente para pensar a abordagem metodológica dos manuais.

---

[20] Tradução livre da autora, do original: "lo rodean y lo prolongan presisamente por presentarlo, en el sentido habitual de la palabra, pero también en su sentido más fuerte: por darle presencia, por asegurar su existencia en el mundo, su 'recepción' y su consumación" (GENETTE, 2001, p. 7).

Alguns dos manuais do acervo de pesquisa foram sucintos quanto a esses elementos, entretanto, a dinâmica editorial de cada obra manteve a autonomia sobre esse tipo de utilização, a qual, muitas vezes, busca atender tendências de mercado, modismos ou mesmo padrões consagrados. A economia editorial não permanece atrelada a apenas uma lógica, uma vez que, os paratextos e preliminares também são protocolos de leitura, portanto, fazem parte do processo de sedução para a leitura. Nesse sentido, a organização gráfica e o investimento sobre uma quantidade maior de informações acerca do conteúdo oferecidas de forma sintética e destacada, funcionam como estimuladores de leitura tanto quanto a apresentação das capas, o tamanho e o material das publicações.

Para além da mensagem material, há também a simbólica. A mobilização de outras personalidades para figurarem entre os paratextos confere legitimidade aos conteúdos produzidos pelos autores e amplia a possibilidade de identificação com o assunto tratado, partindo da premissa que convidar uma pessoa de considerável destaque social mostra o seu interesse sobre o assunto da obra e, por conseguinte, mobiliza o público que a conhece, tecendo redes de identificação entre o produto editorial e seus interlocutores. Conhecer o prefaciador de uma obra, às vezes, funciona como estímulo para sua aquisição, principalmente se a autora ou autor não for tão conhecido. Essas relações convergem no sentido de sensibilizar leitoras e leitores, elaborando desejos e afetividades que atuam na apreensão dos conteúdos oferecidos, tornando-os situações que se aproximem da vivência, ainda que estejam a valer-se de exemplos distantes geográfica e culturalmente. As estratégias editorias, nesse sentido, acentuam a possibilidade da lembrança, oferecendo a leitoras e leitores diversas razões para se identificarem com os conteúdos por meio de seus paratextos.

As páginas iniciais de uma publicação têm o potencial de explicar o sentido do texto. As informações contidas nessa parte do livro, implicitamente, sinalizam as negociações editoriais, as redes de sociabilidades, a função do texto, a produção de sentidos desejada, entre outras relações. Alguns elementos editoriais como orelhas, contracapa, folha de rosto, textos preliminares, compõem o percurso de idealização e organização de uma obra. As escolhas realizadas nessa etapa editorial contemplam os intuitos do autor e da editora em uma relação permeada por poderes. Nem sempre os autores veem suas propostas completamente atendidas, no entanto, as condições de publicação demandam esse tipo de negociação, a qual, de certa forma, garante maior ou menor êxito no empreendimento. A circulação ampliada de editoras firmadas no mercado é um fator importante para um autor consagrar sua obra e obter uma vendagem significativa.

A análise das referidas características remete ao texto antes do texto, o qual contém peculiaridades invisíveis, porém, não menos importantes, que contribuem na elucidação das questões dispersas no campo do subjetivo. Cada dado isolado resume-se ao aspecto informativo, no entanto, o conjunto permite a elaboração de uma perspectiva sincrônica sobre a obra, que a coloca em cena ao lado de produtos e práticas diversas e a aproximam ou distanciam das representações e discursos circulantes em uma época. Como é essa análise "em relação" que guia minha abordagem, destaquei os elementos os quais considerei pertinentes para a verticalização sobre os conteúdos que serão abordados adiante com mais vagar. A organização dos dados foi feita da forma genérica, de modo que todos os manuais foram submetidos aos mesmos critérios, nos diversos períodos em que se inscrevem. A forma adotada mantém o propósito de não negligenciar a individualidade dos paratextos em relação às suas publicações. Dito isso, a partir de informações colhidas no conjunto de obras, apresento no quadro 2 a sistematização um tanto extensa dos dados, mas, que considero importante para o encadeamento dos assuntos e o prosseguimento das discussões.

Quadro 2: Os paratextos dos manuais

Título/autor(a)	Orelha	Editora/Edição	Contracapa	Ilustrações	Prefácio/ Apresentação	Divulgação outros livros	Tradução	Dedicatória manuscrita
Cortesia: novo código social das boas maneiras Margery Wilson	Comentário sobre o livro e apresentação da autora, assinado pela Editora. Resumo de outras duas obras.	Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947. 2ª edição.	----------	Sem autoria	Gilda Marinho	Na orelha da contracapa.	Gilda Marinho-inglês	Sim
O marido perfeito e a mulher ideal Pitigrilli	Uma série de excertos do livro, assinados pelo autor.	Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda., 1956.	Lista de livros do mesmo autor.	----------	Não tem.	Na orelha e na contracapa.	João Henrique	Não
Boas Maneiras Carmen D'Ávila	Artigo de Guilherme de Almeida publicado no Diário de São Paulo em 1949, no qual faz comentários sobre o livro e apresenta a autora, destacando a importância da sua escrita para a área.	Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1958. 11ª edição revisada e aumentada (89 milheiros). Exemplar 6313.	----------	Sem autoria	César Netto	Não	----------	Não
Aprendas as boas maneiras Dora Maria	Não tem.	Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A., 1958. Versão de bolso.	Lista de assuntos disponíveis em obras da editora.	Sem autoria	Autora	Nas duas últimas páginas e na contracapa.	----------	Não
Não se como frango com as mãos Pitigrilli	Obs. Exemplar perdido no envio, estou aguardando posição.	Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda., 1959.	----------	----------	Não tem.	No verso da folha de rosto.	João Henrique	Não
Guia de Boas Maneiras Marcelino de Carvalho	Comentário sobre o livro e apresentação do autor, assinado pela Editora.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. Exemplar 7799.	----------	Dorca	Autor	Não	----------	Sim
Arte Das Boas Maneiras Berthe Bernage	Não tem.	Lisboa/PT: Editora Portugália, 1961.	Lista de livros da mesma Editora.	----------	Autora	Na folha de rosto, lista de livros da autora e na contracapa,	Inês Machado	Não

						lista de livros da mesma Editora.		
O Livro de Etiqueta – um guia para uma vida elegante Amy Vanderbilt	Não tem. É capa dura.	Rio de Janeiro: Récord, 1962.	Resumos de publicações de diversos autores da mesma Editora.	Foto de Rouchon.	Yvone Lopes	Na contracapa.	Abiah Lopes	Não
Snobérrimo	Não tem.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. Exemplar 2387.	----------	Edmar Salles	Autor	Não	---------	Sim
Só para homens Marcelino de Carvalho	Apresentação do autor e do livro, assinado por Leonardo Arroyo.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. Exemplar 2611.	----------	Joel Link	Editores	Na contracapa, lista de livros do mesmo autor.	---------	Sim
Mil Regras Ilustradas De Boas Maneiras Maria do Carmo Nickol	Não tem.	Rio de Janeiro: Ediouro S.A, 1968.	Resumo do livro.	Edmundo Rodrigues	Autora	Nas últimas páginas, lista de publicações da mesma Editora.	----------	Não
Aprenda as Boas Maneiras Dora Maria	Não tem.	Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint Ltda., 1979.	Resumo, assinado pela Editora.	----------	Autora	Nas últimas páginas consta uma lista de publicações da mesma Editora.	----------	Não
Etiqueta na prática Celia Ribeiro	Apresentação da autora e resumo do livro, assinado pela Editora e lista de publicações da mesma editora.	Porto Alegre: L & PM, 1992. 19ª edição.	Comentário sobre o livro.	Biggi Meyer	Autora	Na orelha da contracapa.	----------	Não
Na sala com Danuza Danuza Leão	Mensagem manuscrita da autora e autografada.	São Paulo: Siciliano, 1992. 32ª edição.	Excerto do livro.	----------	Prefácio: Renato Machado e apresentação: Eduardo Logullo.	Não	----------	Não

Etiqueta sem frescura Claudia Matarazzo	Comentário sobre o livro, apresentação da autora e lista de outras publicações da mesma.	São Paulo: Melhoramentos, 1995. 26ª edição.	Apresentação do tema e do livro, assinado por Constanza Pascolato.	Fábio Piscioto	Autora.	Na orelha da contracapa.	----------	Não
Sempre, às vezes, nunca Fabio Arruda	Apresentação do livro e do autor, assinada por Sergio Zobaran.	São Paulo: Arx, 2003. 7ª edição.	Resumo do livro.	----------	Nota avaliativa: Marina de Sabrit e prefácio de Cesar Giobbi.	Não	----------	Não
Chic [érrimo] Glória Kalil	Apresentação da autora e do livro, assinado pela editora.	São Paulo: Códex, 2004. 6ª edição.	----------	Andrés Sandoval	Autora.	Na orelha da contracapa.	----------	Não
Etiqueta Século XXI Celia Ribeiro	Apresentação da autora e comentários sobre o livro, assinado pelos editores e bibliografia da autora.	Porto Alegre: L & PM, 2005.	Apresentação do tema e do livro.	Fernando Gonda	Autora.	Na orelha da contracapa.	----------	Não
Boas maneiras à mesa Celia Ribeiro	Não tem.	Porto Alegre: L & PM, 2006. Versão de bolso.	Apresentação do tema e do livro.	Vitório Gheno	Prólogo dos editores e apresentação da autora.	Nas últimas cinco páginas consta uma lista da "coleção pocket".	----------	Não
Na sala com Danuza Danuza Leão	Não tem.	São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Versão do bolso.	Comentário sobre a edição atualizada do livro.	Adriana Alves	Autora.	Nas duas últimas páginas consta uma lista da "companhia de bolso".	----------	Não
Alô, Chics! Gloria Kalil	Apresentação do livro e da autora, assinada por A. P. Quartim de Moraes.	São Paulo: Ediouro, 2007. 1ª reimpressão.	Comentário sobre o livro.	Marina Oruê a partir de arquivo de Douglas Garcia.	Autora.	No texto de apresentação constante na orelha.	----------	Sim

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do acervo de pesquisa.

A presença de outras pessoas, sejam da mesma área ou não, na produção dos paratextos faz referência as sociabilidades no meio editorial, a relevância da obra no campo literário e a consideração dispensada a determinado autor ou autora. Os autores Carmen D'Ávila, Danuza Leão e Fabio Arruda (Quadro 2) registraram a presença de mais de um escritor na função de comentar, apresentar, ou mesmo, elogiar a obra. Cabe aqui pensar sobre a visibilidade dos autores em questão, bem como, os contatos de que dispunham as editoras para promover suas publicações. A disponibilidade em escrever sobre as obras dos referidos autores foi desde dignificar a qualidade da escrita e a produção intelectual, até constituir laços sociais que vinculassem os nomes e possibilitassem trânsitos em determinados espaços. O espaço dos paratextos sinaliza o prestígio de autoras e autores entre seus pares e, até mesmo, a relação que as editoras estabeleceram com as mídias de massa, as quais podem ser responsáveis pela divulgação ou apagamento da obra. A mobilização de autores já consagrados ou jornalistas conhecidos para apresentar uma obra em primeira edição confere o reconhecimento pela área, fato que tem o potencial de atribuir sentidos à obra, bem como, impulsionar a comercialização. Os prefaciadores e apresentadores também optam por se inserir no contexto da obra de acordo com os benefícios auferidos por essa relação. São tensões silenciosas que orbitam sobre o processo editorial e impactam na forma como as publicações chegam ao público e as primeiras interlocuções.

As articulações promovidas pelas editoras no sentido de incrementar as obras com prefaciadores e apresentadores que agreguem valor conferem às mesmas uma maior ou menor visibilidade e antecipam as expectativas quanto ao sucesso da publicação. No que tange às autoras e autores, ter suas obras apresentadas por outros escritores é uma forma de qualificar a produção e estabelecer elos que podem oportunizar aproximações produtivas e projetos futuros. A aceitação de um profissional para prefaciar uma obra, seja ele de qualquer área, requer uma aprovação elevada sobre a obra, suas questões e sua importância. Escrever sobre a escrita do outro se configura em grande responsabilidade, uma vez que expõe, igualmente, as suas concepções sobre o tema e a seriedade com que foi tratado pela (o) autora (o) da obra. Ao mesmo passo que se considera honrado, um prefaciador detém a possibilidade de estabelecer um primeiro vínculo com o leitor e ser determinante na questão da escolha e da própria produção de sentidos.

Quanto ao espaço privilegiado de escrita proveniente de uma expansão da capa do livro, o qual é conhecido como orelha, se constitui em uma habilidosa informante sobre a obra. Genette (2001, p. 28), ao abordar a materialidade dos livros e a sua relação com os paratextos, afirmou que "as capas podem conter abas" com informações diversas sobre a obra, o autor ou

a editora. O aproveitamento desse espaço se torna uma estratégia produtiva no sentido de despertar, em poucas palavras, interesse pelo conteúdo. O ângulo que favorece a portabilidade para o ato de folhear e a quantidade efetiva de textos fazem da orelha do livro um dos primeiros espaços a serem enfocados pelo leitor. Segundo o jornalista e chargista Yuri Al'Hanati,

> Indicação de amigos, crítica literária, resenha de jornal. São muitas as referências que influenciam o leitor a se decidir na hora de comprar um livro. Ainda assim, poucos se aventuram a iniciar a leitura sem conferir um elemento chave da publicação: a orelha do livro. Um pedaço da capa dobrado para dentro que possui o privilégio de ser mais lido que próprio livro e o poder de interessar leitores ou encalhar edições inteiras[21] (GAZETA DO POVO, 19/08/2009).

O caso de ter, na orelha do livro, uma crítica especializada enfatiza a qualidade da publicação e pode inseri-la no repertório dos mais indicados para leitura pelas mídias de grande circulação, como jornais, revistas, rádio, etc. Essa forma de indicação é de fato considerada por inúmeros leitores que selecionam suas leituras baseados nesse tipo de crítica e categorização, fazendo com que a utilização de tal elemento – a orelha – seja criterioso e bem aproveitado. Os dados extraídos dos manuais (Quadro 2) indicam uma variedade de usos para esse tipo de paratexto nos manuais O espaço foi, em maior parte, utilizado para comentar e elogiar seus conteúdos, entretanto, isso ocorreu por meio de estratégias diferenciadas, como, por exemplo, o manual de Pitigrilli (1956), o qual destacou vários excertos das crônicas de seu conteúdo, enfatizando o caráter humorístico da escrita como um convite à leitura. Como estratégia legitimadora, os manuais de Carmen D'Ávila (1958), Marcelino de Carvalho (1967), Fabio Arruda (2003) e Gloria Kalil (2007) tiveram impressos nas orelhas textos de críticos e jornalistas, valorizando os autores e as obras de modo a colocá-los em um patamar de referência para o tema. O artigo reproduzido na orelha do manual de Carmen D'Ávila foi publicado no jornal Diário de São Paulo, em janeiro de 1949, sendo que a edição em questão é de 1958. Segundo o jornalista Guilherme de Almeida,

> Um inteligente e bem-humorado código de Bom Tom, certamente o mais completo e atual até hoje apresentado em nossa língua. E deve tê-lo compreendido muito bem a nossa gente, pois o precioso livro de Carmen D'Ávila, já na sétima edição, transformou-se espontaneamente num verdadeiro "best-seller" nacional (D'ÁVILA, 1958, orelha).

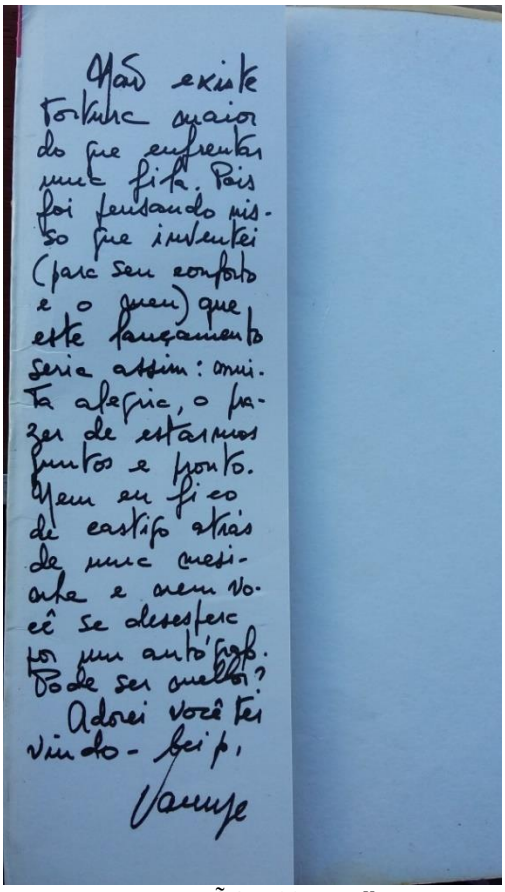
A narrativa produzida quase dez anos antes era considerada ainda válida para certificar a importância da obra e a assertividade da autora na construção da interlocução. O referencial

[21] Caderno G da Gazeta do Povo on-line. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-segredo-das-orelhas-de-livros-bsbluy23eli867ksm36bep8we. Acesso em: 14 mar. 2017.

de um passado, mesmo que próximo, foi mobilizado como argumento de legitimação, sinalizando as leitoras e leitores a aceitação social daquela narrativa e um possível sucesso de vendagem. Nesse sentido, adquirir o manual de Carmen D'Ávila significava a possibilidade de se conectar aos modos bem-conceituados no período e, possivelmente, compartilhados por um número significativo de leitoras e leitores, haja vista o número de edições destacado.

Aproveitada de outra forma, a orelha do manual de Danuza Leão foi utilizada com uma estratégia mais inusitada, manuscrevendo uma dedicatória para cada leitora ou leitor, em tom intimista e no final autografando os livros (Figura 5).

Figura 5: A dedicatória coletiva personalizada de Danuza Leão


Não existe
tortura maior
do que enfrentar
uma fila. Pois
foi pensando nis-
so que inventei
(para seu conforto
e o meu) que
este lançamento
seria assim: omui-
ta alegria, o pra-
zer de estarmos
juntos e pronto.
Nem eu fico
de castigo atrás
de uma cadei-
ra e nem vo-
cê se desespera
por um autógraf.
Pode ser melhor?
Adorei você ter
vindo - beijo,
Danuza

Fonte: LEÃO, 1992, orelha.

O espaço, com tom personalista, buscou aproximar a autora de suas leitoras e leitores de forma amistosa e bem-humorada. Escrevendo com letra cursiva, afirmando preocupação em não cansar a todos em sessões de autógrafos e assinando a dedicatória, a autora buscou estabelecer empatia e apreço por seu manual. Sugerindo intimidade, criou identificação para estimular a leitura de seus conteúdos e, para alguns, proporcionou a sensação de um contato mais próximo. A mesma estratégia não foi utilizada na edição do manual em versão de bolso,

lançada em 2007. Genette (2001) considerou serem as sessões de autógrafos argumentos de venda, nesse sentido Danuza Leão propôs simplificar o processo, oferecendo uma dedicatória coletiva com ares de personalizada. No caso das que são escritas para oferecer um livro para determinada pessoa, são delineados outros elementos. "Este tipo de dedicatória, tal como a conhecemos hoje, constitui a única parte autografada [manuscrita] e de algum modo singular (única) de um livro impresso. Daí seu valor"[22] (GENETTE, 2001, p. 117). Essa característica marca de forma particular um exemplar permitindo identificá-lo, independente de tempo ou espaço. No manual *Snobérrimo* (1966), de Marcelino de Carvalho, a primeira página apresentou a seguinte inscrição: "Ao Carlos Alberto, o popular Juscelini, figura querida e 'snob' em [ilegígel] do Walter no Natal de 1966". Esse tipo de paratexto confere unicidade ao material. Datado e assinado, evoca relações entre aqueles indivíduos, indica que homens faziam uso do manual e que o autor estabelecia um diálogo aproximando-se da linguagem de seus leitores. Essas possibilidades de leitura são possíveis somente por meio da singularidade desse paratexto.

No que tange às possibilidades de aproximar-se de uma obra antes mesmo da leitura integral, outra opção pode ser consultar informações sobre a autoria. Essa consulta, comumente, se converte em critério de escolha, portanto, também se torna alvo da atenção editorial. A presença de textos de apresentação dos autores que destacam a sua formação, a circulação internacional, a quantidade de obras publicadas ou mesmo aspectos de suas vidas pessoais que corroborem a temática e a proposta do livro, favorecem a formação de um pré-conceito. A ênfase nas experiências pessoais concretas no campo das etiquetas torna o assunto palpável e aproxima autoras (es) de leitoras (es) numa mesma frequência de posturas e comportamentos. O artigo do colunista Guilherme de Almeida destacou o comportamento exemplar da autora com uma sutil combinação entre refinamento e humor.

> Carmen D'Ávila não pontifica friamente: sorri finamente. [...] Exercendo o magistério da elegância e da graça, ela se faz escritora elegante e graciosa. Simultaneamente, por melhor lhe gravar o conselho, o discurso lhe esfuzia, a cada passo, no epigrama cortês, no remoque sutil, na facecia airosa e levemente acidulada (D'ÁVILA, 1958, orelha).

Comumente, os autores são descritos como exemplos das prescrições constantes em suas escritas. Em um movimento pedagógico que os torna facilitadores desse aprendizado, no sentido de que compartilhando seus conhecimentos sobre o tema possibilitam que as (os) leitoras (es) os reproduzam, em uma aproximação simbólica da distinção (BOURDIEU, 2007)

[22] Tradução livre da autora, do original: "Este tipo de dedicatorias, tal como las conocemos hoy, constituye la única parte autografa y de alguna manera singular (única) de un libro impresso. De allí su precio" (GENETTE, 2001, p. 117).

que o refinamento dos modos pode proporcionar. Assim ocorreu também na apresentação escrita na orelha do manual *Só para homens,* pelo também autor, Leonardo Arroyo. A referência à Marcelino de Carvalho foi feita como "mestre" atribuindo-lhe lugar de destaque no campo da formação para a convivência social. Segundo Arroyo,

> Há um problema permanente de educação na vida do ser humano. Marcelino de Carvalho propõe-se a colaborar no problema expondo seus pontos de vista e seus ensinamentos na área social das boas maneiras, ensinando aos leitores, graças à sua experiência eméritos que todos nós lhe reconhecemos e proclamamos (CARVALHO, 1967, orelha).

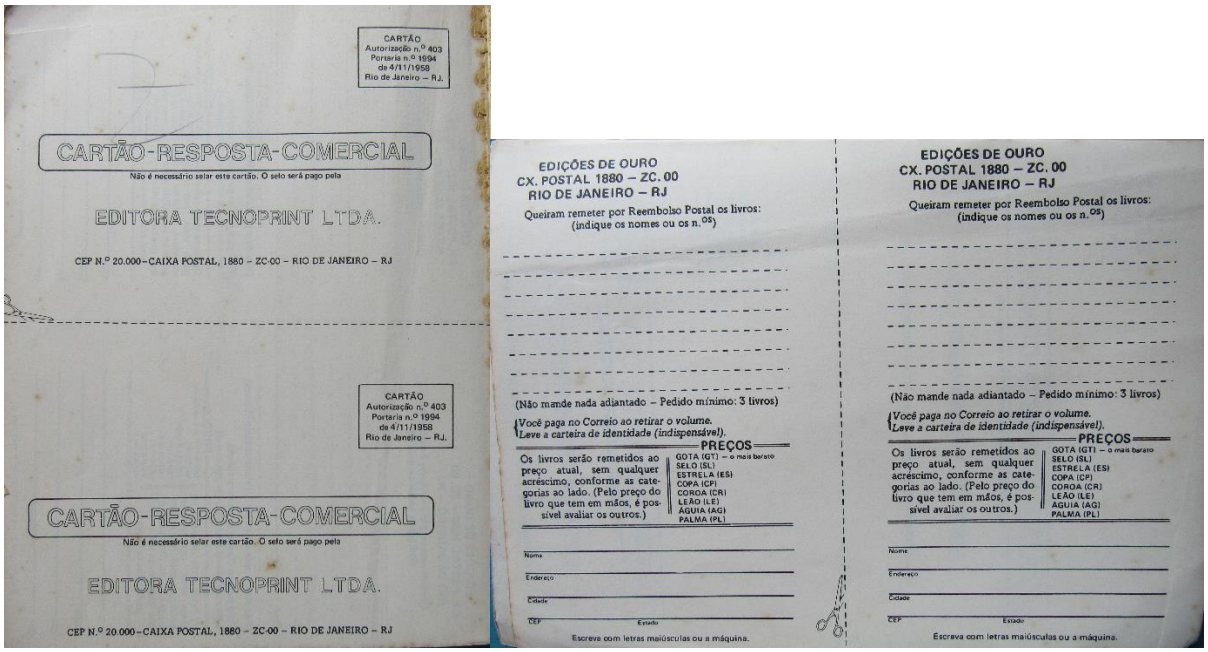
O discurso laudatório acerca das autoras e autores mantém diversos percursos e a autenticação dessas opiniões por outros escritores que compartilhem desses paratextos se torna importante na construção de uma rede de reconhecimento sobre a importância da obra. Sobre a autora americana Amy Vanderbilt, citada pelos editores na contracapa do seu manual como "maior autoridade mundial em boas maneiras", a legitimação dentro da área se construiu por meio da afirmação de que "fontes autorizadas em todos os ramos de atividade contribuíram para o trabalho de Amy Vanderbilt, fazendo do mesmo, um livro realmente completo e exato sobre a etiqueta" (VANDERBILT, 1962, contracapa). Segundo a autora, "depois de dez anos como conselheira de etiqueta, quatro anos escrevendo este [o seu manual] trabalho – quatro anos entrevistando dezenas de autoridades em diversos setores em busca de material a incorporar aqui" (VANDERBILT, 1962, p. XIX), portanto, a publicação foi fruto de intensa pesquisa direcionada para o tema. Explicitando essa experiência da autora, a presença de outras "autoridades", como a mesma se referiu, aumentaria a credibilidade no conteúdo do qual o manual é portador e aproximaria o leitor do repertório internacional de modos e hábitos considerados imprescindíveis para a vida social.

A citação de outros títulos da mesma autoria e coleções sobre diversos assuntos oferecia ao leitor um panorama ampliado sobre os produtos de determinada editora e fazia um trabalho de divulgação visando à comercialização. A editora primeiramente chamada Tecnoprint e, na sequência, conforme a indicação no manual de Maria do Carmo Nickol (1968), transformada na Ediouro, tinha a prática de disponibilizar nas últimas páginas um formulário, no qual o leitor poderia fazer pedidos de publicações de diversos segmentos. O formulário era chamado de "Cartão-resposta-comercial" (Figura 6), deveria ser enviado à Editora pelo sistema de Correios[23] e, inclusive, dispensava o uso de selos, não onerando para o leitor/consumidor. O

[23] A prática utilizada pela indústria editorial desde a segunda década do século XX e depois desmotivada pelas dificuldades impostas pela ausência de um sistema integrado de pagamentos e recebimentos, foi incentivada pela empresa postal brasileira por meio da criação de sistema de reembolso postal, em 1933. As dificuldades

manual de bolso de Dora Maria (1958), da Tecnoprint, indicava na contracapa a possibilidade de solicitar catálogos dos livros comercializados. Essa prática não seria mais utilizada nas publicações dos anos 2000. O manual de Glória Kalil (2007), da Ediouro, não apresentou essas possibilidades, pois, além de ser produzido a partir de práticas editoriais diferentes, está situado após o marco divisor das comunicações chamado *internet*[24], o qual afetou as práticas de consulta e comercialização e incidiu sobre a forma editorial das publicações. As outras editoras não apresentaram nenhuma estratégia semelhante a utilizada pela Tecnoprint/Ediouro, no entanto, da totalidade de vinte e um manuais, cinco não ofereceram indicações de outros títulos para a leitura, enfatizando essa prática como uma estratégia de divulgação por meio de listagens ou pequenos resumos de outras obras da mesma editora.

Figura 6: Cartão-resposta-comercial da Editora Tecnoprint


CARTÃO
Autorização n.º 403
Portaria n.º 1994
de 4/11/1958
Rio de Janeiro – RJ.

CARTÃO-RESPOSTA-COMERCIAL

Não é necessário selar este cartão. O selo será pago pela

EDITORA TECNOPRINT LTDA.

CEP N.º 20.000–CAIXA POSTAL, 1880 – ZC-00 – RIO DE JANEIRO – RJ

CARTÃO
Autorização n.º 403
Portaria n.º 1994
de 4/11/1958
Rio de Janeiro – RJ.

CARTÃO-RESPOSTA-COMERCIAL

Não é necessário selar este cartão. O selo será pago pela

EDITORA TECNOPRINT LTDA.

CEP N.º 20.000–CAIXA POSTAL, 1880 – ZC-00 – RIO DE JANEIRO – RJ

EDIÇÕES DE OURO
CX. POSTAL 1880 – ZC. 00
RIO DE JANEIRO – RJ

Queiram remeter por Reembolso Postal os livros:
(indique os nomes ou os n.os)

(Não mande nada adiantado – Pedido mínimo: 3 livros)

Você paga no Correio ao retirar o volume.
Leve a carteira de identidade (indispensável).

PREÇOS

Os livros serão remetidos ao preço atual, sem qualquer acréscimo, conforme as categorias ao lado. (Pelo preço do livro que tem em mãos, é possível avaliar os outros.)

GOTA (GT) – o mais barato
SELO (SL)
ESTRELA (ES)
COPA (CP)
COROA (CR)
LEÃO (LE)
ÁGUIA (AG)
PALMA (PL)

Nome
Endereço
Cidade
CEP Estado

Escreva com letras maiúsculas ou a máquina.

EDIÇÕES DE OURO
CX. POSTAL 1880 – ZC. 00
RIO DE JANEIRO – RJ

Queiram remeter por Reembolso Postal os livros:
(indique os nomes ou os n.os)

(Não mande nada adiantado – Pedido mínimo: 3 livros)

Você paga no Correio ao retirar o volume.
Leve a carteira de identidade (indispensável).

PREÇOS

Os livros serão remetidos ao preço atual, sem qualquer acréscimo, conforme as categorias ao lado. (Pelo preço do livro que tem em mãos, é possível avaliar os outros.)

GOTA (GT) – o mais barato
SELO (SL)
ESTRELA (ES)
COPA (CP)
COROA (CR)
LEÃO (LE)
ÁGUIA (AG)
PALMA (PL)

Nome
Endereço
Cidade
CEP Estado

Escreva com letras maiúsculas ou a máquina.

Fonte: MARIA, 1979, apêndice.

Quanto ao uso editorial de paratextos, o acréscimo de informações sobre o tema da publicação e a apresentação de outras publicações da mesma editora foi mobilizado pela Tecnoprint. A Editora publicou o manual de Dora Maria (1979) sob a marca "Edições de Ouro", na qual havia categorizações para preços diferenciados. Cada publicação da lista com quarenta

burocráticas e a ineficiência tornaram o sistema alvo de constantes críticas por parte do ramo editorial até a década de 1970, quando passou por uma reformulação do sistema o qual simplificava os procedimentos de despacho e possibilitava as transferências em espécie para efetuar pagamentos.

[24] Entre muitos outros usos, esse veículo de comunicação e conexão em rede, permite que a consulta prévia aos lançamentos editoriais seja feita de forma virtual por meio de aparelhos digitais, bem como, que a compra seja efetuada também nesse ambiente. No entanto, um passado permanece em negociação, pois, os produtos, em parte, ainda continuam a ser entregues pelo sistema de Correios.

títulos, nas últimas três páginas do manual, apresentava-se com um código para identificar a categoria e o preço. Havia uma variedade de temas como esporte, hobby, música, prendas domésticas e técnico profissional. Os preços variavam entre as categorias: Gota, Selo, Estrela, Copa, Coroa, Leão, Águia e Palma, conforme indicava a listagem no Cartão-resposta-comercial (Figura 6). Da mesma forma, as oito últimas páginas do manual de Maria do Carmo Nickol (1968) traziam uma série de ilustrações de capas de outras publicações da Ediouro (Figura 7) com seus códigos e indicações para compra, que também poderia ser feita por meio do Cartão-resposta-comercial e entregue pelo sistema de Correios, tal qual indicava o manual de Dora Maria.

Figura 7: Os anúncios para venda

Fonte: NICKOL, 1968, apêndice.

Além do empenho na área comercial, a Editora construía o seu discurso intelectual e técnico como forma de afirmar às leitoras e leitores a sua conexão com atualidades e a sua

disposição constante para a melhoria. No verso da folha de rosto do manual de Maria, a Editora propôs uma explicação:

> **História ou Estória?**
> As Edições de Ouro e o Coquetel grafam a palavra ***história*** e não ***estória*** por julgar a primeira forma mais correta, conforme dicionários mais categorizados, que julgam a segunda forma imitação do inglês ***story***, sem correspondente com raízes em nossa língua (MARIA, 1979, p. 4, grifos no original).

Essa explicação se encontrava na mesma página que continha uma nota sobre os direitos autorais e o endereço da sede principal da Editora. Sobre o impasse, o professor de Língua Portuguesa Cláudio Moreno[25] afirmou ser "estória" um neologismo, reabilitado de manuscritos medievais portugueses, por João Ribeiro, autor brasileiro, para designar acontecimentos no campo do folclórico ou de contos populares. Entretanto, nos anos 1960, o autor João Guimarães Rosa deu outro uso para o termo e o incorporou no título de uma narrativa literária, segundo a qual, alguns acreditavam, ser uma referência a um personagem verídico da região mineira. Concluiu o professor que o termo é passível de uso no campo literário, uma vez que, as balizas textuais e gramaticais podem superar as convenções. A presença, aparentemente deslocada, da nota explicativa se inscrevia, possivelmente, nos contornos de embate entre narrativas folclóricas e verídicas. Se o termo tinha – ou tem, afinal pode ser usado – o potencial de caracterizar "verdades ou não verdades", isso me permite pensar que era importante que a Editora se posicionasse frente a questão, especificando em qual dimensão se situava a publicação. Contudo, estabelecer lugares e condições de fala era um aspecto presente, inclusive, nas publicações após a transição de Tecnoprint para Ediouro, a qual enfatizou na folha de rosto:

> *Um livro EDIOURO é* ***incomparável!!***
> Fazemos tudo que é possível para oferecer livros da mais alta qualidade. Nosso papel é de primeira. A composição eletrônica e computadorizada garante letras sem defeito e um acabamento perfeito. O sistema de encadernação é o moderno método de "perfect-binding"[26]. Todo este esforço é recompensado: só oferecemos livros de alto padrão por um preço mínimo (NICKOL, 1968, folha de rosto, grifos no original).

A alta tecnologia de produção era exaltada como valor agregado nos produtos aperfeiçoados com a intenção de satisfação do cliente. Essa preocupação se situava em um contexto em que a indústria se aperfeiçoava para atender às demandas de um mercado em

---

[25] Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduado em Letras com habilitação em Português e Grego, mestre e doutor em Letras, autor de diversas publicações na área. Administrador de um site no qual disponibiliza vídeo aulas, textos sobre curiosidades e gramática da língua portuguesa, bem como, canal interativo para perguntas e respostas. Disponível em: http://sualingua.com.br/sobre-o-autor/. Acesso em: 03 abr. 2017.

[26] Sistema automático de acabamento brochado, no qual as folhas avulsas ou cadernos são reunidos e cortados nos quatro lados, a lombada é fresada e preparada com cola para receber a capa, e as bordas (exceto a lombada) são aparadas.

expansão. A década de 1970 se configurou como um período de consolidação do mercado editorial brasileiro. Essa condição foi possibilitada por diversos fatores como o aumento da escolarização nos níveis fundamental e médio, a alta demanda por livros didáticos, o período conhecido como "milagre econômico"[27] e a crescente urbanização do país. A expansão da indústria cultural nos anos 1960 e a maior circulação de produtos favoreceu as editoras que ampliaram suas possibilidades, ofertando importados, traduções, bem como, estimulando os produtos inscritos nesse movimento de globalização da cultura. As condições técnicas da Ediouro estavam conectadas a esse contexto. Destacar essa preocupação com a qualidade dos seus produtos aumentava a credibilidade e se configurava em um critério possível no momento de fazer uma escolha de leitura, por tais motivos, o anúncio era exposto já nas primeiras páginas.

Destacar a bibliografia do autor e a produção da editora também foi estratégia paratextual da Editora Portugália. No manual de Berthe Bernage, foram listados os livros que compunham as coleções "Brigitte" e "O Romance de Isabel".

> NOTA DOS EDITORES
> A tradução portuguesa deste utilíssimo livro de Berthe Bernage foi, em alguns pontos, adaptada ao meio português, de caráter muito especial. Velhas tradições e a nossa própria índole, alternando com a influência modernizadora de altas personalidades estrangeiras que residem entre nós desde a segunda Grande Guerra e para quem a arte das boas maneiras é de aplicação constante, tornaram as regras do bom-viver uma arte amável, exequível e perfeitamente adaptada ao tempo em que vivemos (BERNAGE, 1961, p. 10).

Dar ênfase à habilidade das autoras e autores com o assunto funcionava como um estímulo à leitura, uma vez que, o tema foi discutido sob diversos aspectos em outras obras e coleções, conferindo-lhe relevância. A notoriedade da autoria se construiu sobre uma produção quantitativa como um reflexo de sua competência e domínio sobre os assuntos abordados. A Companhia Editora Nacional, na quarta página do manual *Só para homens* de Marcelino de Carvalho (1967), apresentou uma lista de cinco títulos do mesmo autor, enfatizando a questão da quantidade de edições do *Guia de Boas Maneiras* (6ª edição) e *A arte de beber* (3ª edição). A Casa Editora Vecchi Ltda. também destacou na orelha da contracapa quatro excertos de outros títulos do autor Pitigrilli e, na contracapa, uma lista de vinte e dois livros da mesma

[27] Dentro do período ditatorial brasileiro, os anos de 1969 e 1973, vivenciaram um considerável crescimento da economia. O termo "milagre" está relacionado com o rápido e excepcional crescimento pelo qual passou o Brasil neste período. Este crescimento foi alavancado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo) implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco. Esse foi o cenário no qual ocorreu o crescimento da produção local de celulose, diminuindo os custos com o papel para a impressão de livros, ao mesmo tempo em que foram facilitadas as importações de maquinário para a produção, aumentando assim a capacidade da indústria editorial e introduzindo processos mecânicos de acabamento mais refinados, barateando os custos e incentivando as exportações (HALLEWELL, 2005).

autoria juntamente com o aviso “atendemos pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal, sem aumento algum” (PITIGRILLI, 1956, contracapa). Como o aproveitamento dos valiosos espaços de edição, ofereceu no verso da folha de rosto uma listagem com títulos do mesmo autor, algumas repetições da contracapa, no entanto, sem referenciar se pertenciam a mesma editora ou se teriam sido publicados no Brasil.

No manual de Amy Vanderbilt (1962), no sentido de destacar suas publicações, a Editora Récord apresentou na contracapa sob o título “Edições Récord para a mulher” breves resumos das obras “Meu Filho, meu Tesouro” (Dr. Benjamin Spock), O Livro Da Etiqueta (Amy Vanderbilt), Fadiga, Mal do Século (Marguerite Clark), Guia Prático de Costura (Sylvia K. Mager) e Livro de Cozinha (Malu de Macedo). A escolha das obras remetia a um tipo de repertório entendido como leituras femininas no qual a editora procurou mostrar afinidades oferecendo manuais que abarcavam os universos afetivo, sensorial e doméstico, idealizados como espaços de mulheres. A Editora Livraria do Globo se afastou da perspectiva do universo pré-concebido de um universo feminino e apresentou na orelha da contracapa do manual de Margery Wilson (1947) breves resumos de duas outras obras de sua publicação, com os títulos “O bridge ao alcance de todos” e “Jogos, passatempos e habilidades”. Sugerindo em seus paratextos temas de entretenimento, a editora sinalizou sob quais concepções publicou o manual, sem direcionamentos de leitura ou delimitações de público.

As linhas editoriais desenharam diversas formas e estimularam sentidos valendo-se dos recursos que julgaram serem os mais eficazes. No entanto, há historicidade nas práticas investidas, no sentido de que se utilizavam das possibilidades disponíveis na época, contextualizadas por movimentos econômicos, sociais ou culturais. A disputa pela demarcação de espaço no mercado editorial brasileiro permanecia limitada pelo uso dos mesmos elementos de forma diferenciada. Na construção dos paratextos, em maioria, os manuais mantiveram um padrão de uso dos temas e dos espaços. Diante das estratégias preliminares utilizadas pelos manuais apresentados no quadro 2, o manual de Danuza Leão e sua orelha-dedicatória despontaram como um ponto de maior criatividade. Os diferenciais entre os manuais se definiram por pequenos detalhes com o potencial de prender ou destituir a (o) leitor (a), configurando a presença de nomes de outras áreas como meio de legitimação mobilizado tanto nos manuais da década de 1960, quanto nos posteriores a 2000. A forma de diálogo estabelecida por esse tipo de publicação tendia a valorizar o jogo social que autentica uns aos outros e serve de exemplaridade. O recurso temporal se constituiu em modo de lembrança uma vez que, as narrativas laudatórias acerca das autoras e autores, ainda que produzidas há tempos, reforçavam

a credibilidade das suas prescrições. O reconhecimento da autoria se espraiava pelos conteúdos oferecidos, dessa forma contribuindo na continuidade desse tipo de narrativa.

2.3 ESPAÇOS E TEMPOS DE PRODUÇÃO [DE MEMÓRIAS]

Alguns manuais do acervo de pesquisa, na apresentação dos dados editoriais, informavam o endereço da editora e também as cidades e estados onde haviam filiais da mesma. Os manuais que tiveram um maior número de edições, também podem ter sido produzidos em outras filiais que não só as indicadas nas edições utilizadas para este estudo, porém, de qualquer forma, há possibilidade de que tenham sido comercializados nos diversos estados, ainda que não mantivessem atividades em alguns. Dessa maneira, as leitoras e leitores de etiqueta e boas maneiras não se concentravam, necessariamente, somente em zonas metropolitanas e, todavia, poderiam estar dispersos pelos espaços mais distantes do país. A compreensão das editoras como espaços e tempos de produção de memórias vai ao encontro de debater como as rememorações contidas nos conteúdos dos manuais podem também ser legitimadas pelo processo editorial que as circunscreve. O ato de rememorar não é isento ou aleatório, mas, se vincula aos processos que tornaram uma lembrança legítima, considerando critérios individuais ou coletivos. Segundo Ricoeur (2007, p. 98), “no plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa”. Nesse sentido, a escolha de cada uma das editoras por empreender sobre o tema da etiqueta e as formas como este foi narrado configurou um meio de produção de memórias sobre os conteúdos tratados. Os espaços de atuação podem ser indiciários da divulgação daquelas prescrições. As diversas estratégias editoriais, como, por exemplo, a escolha pela tradução de obras que já haviam circulado em outros países, a ênfase sobre o comprometimento da editora em oferecer leituras de boa qualidade, a preocupação com a relação custo benefício, e outras, poderiam funcionar como elementos que contribuíam para a rememoração. O destaque sobre os espaços em que as editoras disponibilizavam suas produções, ou mesmo, breves informações sobre a história de cada empresa sugeriam uma ideia de tradição, comumente mobilizada em manuais de etiqueta e boas maneiras, que as autorizava serem portadoras das narrativas veiculadas.

A formação de grupos leitores que se identificassem com o tema abordado não se restringia somente ao conteúdo, mas, à ênfase ao investimento feito sobre o produto cultural. Dessa forma, os contextos editoriais de produção dos manuais contribuem para elucidar como se estabelecia aquele tipo de literatura e como ocupavam uma parte do mercado editorial junto

ao público, dessa forma, agregando entendimento a função narrativa desta tese. “A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa” (RICOEUR, 2007, p. 98), o qual se encontra circunscrito pelo projeto editorial que o concebe. Assim como a materialidade do suporte, o contexto de produção é um elemento que atua e se faz presente na constituição narrativa. O entendimento sobre o lugar ocupado pelas editoras, cada uma em seu tempo, tem o intuito de fornecer mais elementos para a continuidade desse diálogo.

No Brasil, o contato com os impressos se deu com maior acessibilidade a partir da criação da Imprensa Régia, em 1808, no entanto, a constituição de um mercado editorial efetivo ganhou contornos mais robustos a partir do século XX. Nas três primeiras décadas foi possível identificar uma produção em progressão, verificada, por exemplo, na exportação de livros para Portugal (HALLEWELL, 2005), a qual se manteve até a deflagração da II Guerra, que, entre inúmeros infortúnios, provocou a dificuldade de importações e exportações e escassez de matérias primas. Como parte do processo de instituição no mercado livreiro, as editoras brasileiras, na primeira metade do século XX, investiram em diversos percursos como forma de conquistar espaço e consolidar-se. Em grande parte, as editoras dos manuais do acervo de pesquisa se alocaram nesse movimento. A produção de livros se instituiu com maior vigor nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Hallewell (2005, p. 607), “o Brasil moderno partilha com a Espanha a peculiaridade de possuir dois centros editoriais principais, de importância praticamente igual”, considerando ainda que São Paulo tinha uma produção prioritariamente de livros didáticos e Rio de Janeiro de literatura.

As pesquisas realizadas por Torresini (1999; 2010), Toledo (2010) e Lima e Mariz (2010) corroboraram a perspectiva destacada por Hallewell, a qual destacou um número reduzido de editoras do Rio Grande do Sul em relação a São Paulo e Rio de Janeiro. As questões conjunturais que oportunizaram a emergência do eixo Rio-São Paulo como principal polo editorial brasileiro não foram determinantes na imposição de certos tipos de leituras a outros espaços culturais no país. É importante ponderar sobre as redes de identificação que se espraiavam pela ampla geografia do país e também atuavam sobre as escolhas editoriais. As duas cidades não ditavam impunemente o que as outras deveriam ler, pois, os grupos leitores se constituíam por todo o país e praticavam sua autodeterminação na configuração das preferências sobre autores, temas e editoras. Essas preferências tinham espaço nos projetos editoriais no sentido de que se buscava um volume maior quanto à aceitação e a comercialização. A localização das editoras nestes três estados não significa que a produção de livros emanava exclusivamente destas regiões, da mesma forma que não sinaliza um menor

investimento sobre a qualidade das publicações fora desse contexto. A concentração da produção editorial dos manuais que fazem parte do acervo de pesquisa nos três estados referidos, apresentada no quadro 3, será discutida em blocos estaduais, observando as peculiaridades da relação entre os tempos e os espaços de produção dos manuais.

Quadro 3: Localização das editoras

São Paulo	**Rio de Janeiro**	**Rio Grande do Sul**
Companhia Editora Nacional	Casa Editora Vecchi Ltda.	Livraria do Globo
Siciliano	Editora Civilização Brasileira S.A.	L & PM
Melhoramentos	Editora Tecnoprint Ltda./Editora Ediouro S.A..	
Arx	Récord	

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do acervo de pesquisa.

O manual *Cortesia* (1947), da autora norte-americana Margery Wilson na folha de rosto especificou os direitos exclusivos de tradução da Barcellos, Bertaso e Cia – Livraria do Globo – sobre o manual, para o Brasil e Portugal. O estudo de Torresini (1999) destacou a emergência da Barcellos, Bertaso e Cia a partir do início do século XX, empresa que utilizaria mais tarde o nome de Editora Livraria do Globo e se consolidaria no mercado livreiro nacional. Situada fora do eixo Rio-São Paulo, estabeleceu um espaço considerável na produção e comercialização de impressos no sul do país. Segundo Torresini (2010, p. 250) "além da sede, na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, existiam filiais em Pelotas, Santa Maria e Rio Grande; depósitos em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza e Belém do Pará", indicativos de que a Livraria do Globo concorria no espaço editorial nacional.

A Editora Livraria do Globo, aparentemente em lugar periférico, no decorrer da década de 1930 se consolidou como referência nacional na produção de traduções. A empresa oportunizou ao jovem escritor Érico Veríssimo o pioneirismo na configuração do cargo de editor profissional – função que se generalizou mais tarde – e investiu na aquisição de direitos autorais no exterior, profissionalizando-se na área. As empreitadas tradutórias da Livraria do Globo se espraiaram por diversas línguas, inclusive o alemão, desde Franz Kafka até a obra do então chanceler Adolf Hitler, "Minha Luta", posteriormente alvo de polêmicas que envolveram até mesmo a sua proscrição. A dedicação da Livraria do Globo, bem como de outras editoras, às traduções "levou Paulo Rónai[28] a designar os anos de 1940 a idade de ouro da tradução no Brasil" (HALLEWELL, 2005, p. 403). É nessa década que se situa a publicação do manual de

[28] Reconhecido ensaísta, professor, tradutor, revisor e crítico, nascido na Hungria, naturalizado no Brasil. Disponível em: http://www.journals.usp.br/tradterm/article/download/49942/54065. Acesso em: 10 mai. 2017.

Margery Wilson (1947), anteriormente citado, uma tradução da obra originalmente publicada em inglês, nos Estados Unidos. Entretanto, a situação de auge declinou logo na década de 1950, por ocasião dos problemas econômicos impostos aos países pelo fim da II Guerra Mundial, e, esse fator pode ter contribuído para a não produção de outras edições do manual, uma vez que, não foram localizados indícios de que tenha sido publicada uma terceira edição.

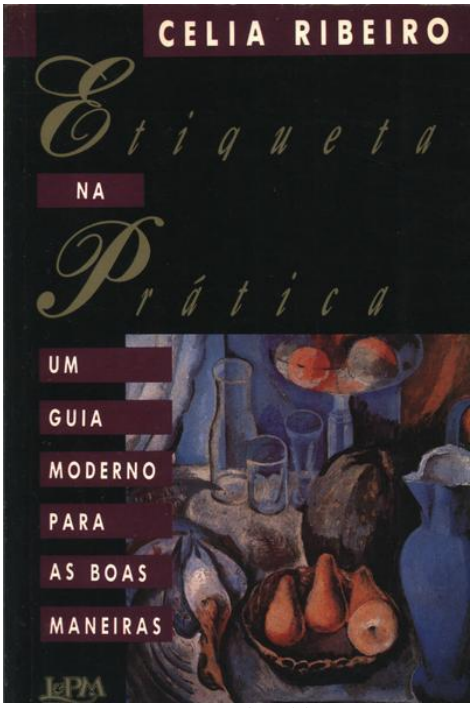
O manual de Margery Wilson (1947) não contém nenhum selo ou carimbo indicativo do lugar onde foi comercializado, mas, na última página da publicação consta que a Editora Livraria do Globo tinha filiais em São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande. As três últimas cidades situam-se no estado do Rio Grande do Sul e estão no patamar de cidades grandes do estado. Essa observação geográfica suscita considerações sobre a extensão da atuação da Editora e seu potencial de competitividade. Ainda que a matriz estivesse situada na capital do estado do extremo sul do país, a Editora expandiu negócios também para São Paulo e Rio de Janeiro. Essas cidades tinham mercados editoriais competitivos pelo grande número de editoras concentradas e com uma tradição construída de metrópoles emissoras culturais pela questão de terem sido as cidades que mais cresceram no período imperial, no entanto, a presença de outro projeto editorial interagia com as práticas já instituídas e diversificava as opções de mercado. Quanto ao estabelecimento da Livraria do Globo nessas cidades, considero que se colocou competitivamente, valendo-se de recursos, tanto econômicos, quanto técnicos, sem depreciação em relação aos utilizados pelas editoras do eixo Rio-São Paulo, portanto, se igualava em padrão e importância.

A Editora LP & M, dos manuais de Célia Ribeiro (1992; 2005; 2006) – também alocada na capital do estado do Rio Grande do Sul –, iniciou suas atividades na década de 1970 com o foco sobre publicações de entretenimento e quadrinhos, escolha que lhes rendeu alguns problemas com a ferrenha censura do período ditatorial por que, segundo El Far (2006, p. 45) "publicou diversos livros que abertamente desafiaram a censura e o governo". Sua notoriedade foi conquistada por meio da edição de relevantes autores brasileiros como, Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Mário Quintana e Luís Fernando Veríssimo. Uma das estratégias encontradas pela editora para promover a circulação de suas publicações, bem como, para superar dificuldades de mercado foi a especialização em versões *pocket* (de bolso) de diversos tipos de publicações, inclusive o manual *Boas maneiras à mesa. Comer e beber segunda as regras da etiqueta moderna* (2006), utilizado nessa pesquisa. Essa modalidade editorial será tratada com mais detalhes em capítulo posterior.

Na orelha da contracapa do exemplar de *Etiqueta na prática* (1992) (Figura 8), a LP & M listou algumas obras de lançamento naquele período, ofertando aos leitores algumas

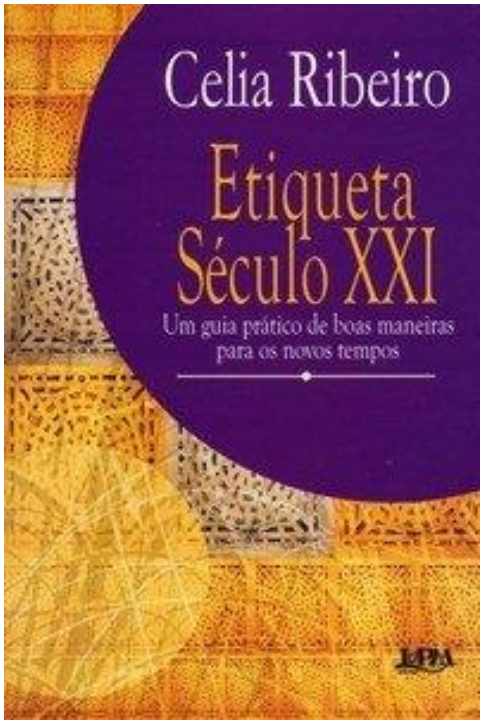
traduções de obras de autores como Anna Akhmátova (russa), Ross Mcdonald (norte-americano), J. B. Livingstone (francês) e Eduardo Galeano (uruguaio). Expressando a conexão com as traduções, a Editora ainda apresentou uma lista de biografias de personalidades internacionais, entre as quais, Fellini e Picasso, e o anúncio da publicação da "Série Clássicos Libertinos", com destaque para uma obra do Marquês de Sade. Esse movimento sinalizava um maior investimento por parte da Editora na literatura estrangeira, possivelmente, como uma estratégia de competitividade e garantia de espaço no mercado livreiro. À época – década de 90 – a Editora oferecia o serviço de pedidos por Reembolso Postal, uma prática já superada posteriormente, por ocasião da publicação de *Etiqueta do século XXI* (2005) (Figura 9), quando a folha de rosto trazia o endereço virtual disponível para as leitoras e leitores fazerem os seus pedidos. Essa mudança na forma de se relacionar com o público leitor sinaliza os processos de adaptação percorridos pela Editora no sentido de manter a competitividade e a preferência por parte dos leitores/consumidores.

Figura 8: *Etiqueta na prática*



Fonte: RIBEIRO, 1992, capa.

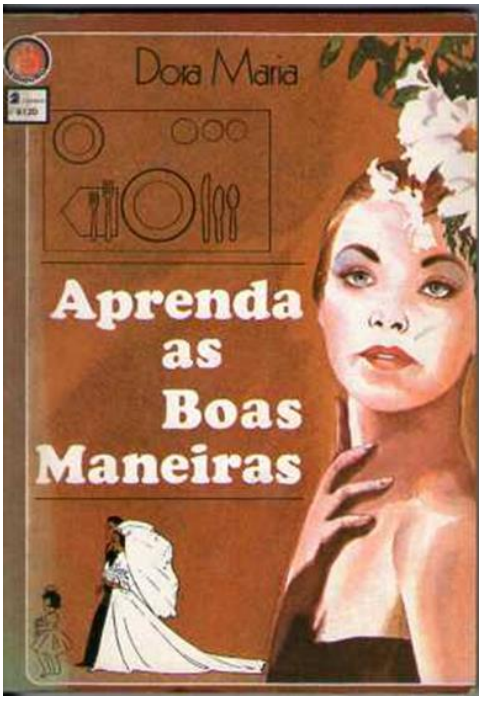
Figura 9: *Etiqueta do século XXI*



Fonte: RIBEIRO, 2005, capa.

Na mesma lógica do aproveitamento dos espaços como estratégia publicitária, no verso da folha de rosto do manual *Aprenda as Boas Maneiras* (1979) (Figura 10), de Dora Maria, havia uma lista de endereços das "Livrarias Edições de Ouro" nas cidades de: Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Niterói, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza, Recife, Salvador e Brasília. Esse tipo de informação não foi divulgada nos manuais *Mil Regras Ilustradas De Boas Maneiras* (1968) (Figura 11), de Maria do Carmo Nickol, publicado na década anterior e nem no *Chic [érrimo]* (2004) (Figura 12), de Glória Kalil, publicado duas décadas depois. As publicações dessa Editora constantes no acervo de pesquisa mostraram as diversas formas de apresentação editorial utilizadas, bem como, destacaram as transições da empresa, tanto nos projetos gráficos, quanto na interlocução com o mercado.

Figura 10: *Aprenda as boas maneiras*

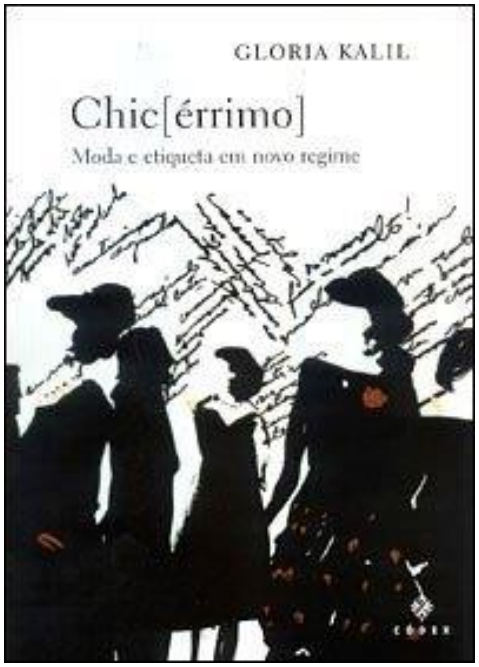


Fonte: MARIA, 1979, capa.

Figura 11: *Mil Regras Ilustradas De Boas Maneiras*

Fonte: NICKOL, 1968, capa.

Figura 12: *Chic [érrimo]*



Fonte: KALIL, 2004, capa.

Fundada na década de 1940, como Editora Gertrum Carneiro, iniciou suas atividades no Rio de Janeiro, local onde permaneceu a sua sede. Logo após a sua fundação, a entrada de novos sócios e o aumento do capital da empresa viabilizou a compra da Gráfica Tecnoprint, a qual configurou-se em Editora Tecnoprint – nomenclatura utilizada no manual de Dora Maria (1979), tornando-se, posteriormente, a Ediouro, uma possível alusão às "Edições de Ouro", selo sob o qual eram nomeadas as livrarias próprias e a publicação de livros técnicos e coleções diversas. A comercialização de suas publicações em livrarias próprias nas diversas capitais do país pode ser uma decorrência da dedicação às publicações de entretenimento, com baixo custo, como os caça-palavras e palavras cruzadas sob a marca "Coquetel".

A afirmação: "Fazemos tudo que é possível para oferecer livros da mais alta qualidade" (NICKOL, 1968, contracapa), sintetizava a atenção da Editora em destacar o custo benefício com vistas a ampliar o público potencial, assegurando preços acessíveis e a qualidade material aliada ao conteúdo. Abria-se espaço para atender um público com diversos tipos de condições econômicas. Nessa esteira, chamo a atenção para as peculiaridades dos manuais de Dora Maria (1979), identificado como o menos volumoso de todo o acervo de pesquisa, com 152 páginas e o de Maria do Carmo Nickol (1968) ser totalmente ilustrado, tornando essas leituras mais leves e atrativas, e menos dispendiosas e cansativas. Essas características específicas concentravam o potencial de ampliar as possibilidades de consumo dessas leituras, abrangendo grupos com diversos interesses, valendo-se da existência de livrarias próprias em maior número e locais

mais diversificados do que as outras editoras, porém, sem indicadores numéricos de que a vendagem também fosse superior.

A pesquisa empreendida sobre os processos editorias esbarra, muitas vezes, nos limites da documentação, a qual apresenta mais lacunas do que elementos para a análise. Os paratextos que registraram informações acerca do histórico de publicações ou parcerias com autores se restringiram aos sucessos que alavancaram financeiramente as editoras ou lhes conferiram alto prestígio no meio editorial. Cruzar fontes sobre a publicação e quem a publicou, nesse caso, foi uma busca insipiente, que deixou mais suposições do que considerações. Nesse sentido todos os dados especificados na materialidade do suporte foram sobremaneira valorizados, com o intuito de problematizar a existência desses produtos culturais.

O manual de Pitigrilli, *O marido perfeito e a mulher ideal* (1956), publicado pela Editora Vecchi, apresentou um carimbo de que foi comercializado pelo Sebo Ivete, localizado em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. A Editora iniciou sua atividade no Rio de Janeiro ainda na primeira década do século XX. Segundo Nascimento (1989, p. 103), "em 1927, a Editora Vecchi, em coedição com a Livraria Freitas Bastos, lançava seu primeiro livro, *A virgem de 18 quilates*, do escritor italiano Pitigrilli (Dino Segre). [...] A editora foi responsável pela introdução de Pitigrilli no Brasil". A autora também indicou que essa primeira publicação de Pitigrilli alcançou vendagem considerável, chegando a oitava edição em 1956, com tiragens de cinco a nove mil exemplares por edição. No caso dos manuais *O marido perfeito e a mulher ideal* (1956) e *Não se come frango com as mãos – moderno código de boas maneiras* (1959), não foi localizada indicação do número de edição ou tiragem, no entanto, houve a divulgação dos outros títulos do autor em todos os espaços possíveis para impressão e, em alguns, com a reprodução de excertos considerados instigantes para despertar o desejo de leitura. Outro produto da Editora Vecchi eram folhetins com histórias que levavam até dois anos para terem seu desfecho, estabelecendo um vínculo periódico com os leitores, oferecendo leituras com preços acessíveis, na mesma lógica dos entretenimentos da Ediouro.

A Editora Civilização Brasileira S.A. buscou desenvolver um projeto plural quanto às suas publicações, entretanto, antes e durante o regime ditatorial era associada à esquerda e até mesmo ao comunismo. Segundo Lima e Mariz (2010, p. 265), "no contexto da radicalização dos discursos ideológicos, a CB tornou-se para o regime vigente uma espécie de 'bastião comunista'", publicando obras dos campos da sociologia, economia e política, e isso lhe rendia o adjetivo de "progressista" a partir da década de 30-40. Até o Golpe Civil Militar de 1964 sua produção editorial seguiu o perfil considerado progressista, inclusive nas publicações direcionadas ao ensino da disciplina de História. Porém, essa postura da Editora, aparentemente,

se distanciava do investimento realizado sobre um manual de boas maneiras, publicado pela primeira vez, possivelmente, na década de 1930. O manual *Boas Maneiras* (1958), de Carmen D'Ávila utilizado nesta pesquisa tem a indicação de ser a 11ª edição, revisada e aumentada, com 89 milheiros produzidos, como já foi mencionado anteriormente. É uma quantidade considerável em relação aos índices de alfabetização, a demografia urbana e o próprio reconhecimento da autora. Em um cenário no qual as elites brasileiras circulavam internacionalmente e tinham acesso a publicações similares, com reconhecimento internacional, Carmen D'Ávila figurava como autora brasileira, a qual, a partir da quase total ausência de fontes para informações biográficas e não identificação de outras publicações, presumo não dispor de tanta notoriedade. Na contramão da invisibilidade de sua autora, o manual foi alvo dos esforços de reedição por uma editora com a matriz no Rio de Janeiro e filiais em São Paulo e Salvador, fato que sugere uma ampliada circulação.

Os selos ou carimbos de livrarias que comercializaram as publicações, muitas vezes negligenciados, também são indicativos dos percursos feitos pelos manuais após sua publicação. Além da possibilidade de terem sido comercializados nas cidades nas quais as editoras mantinham filiais, o selo do estabelecimento comercial permite outras perspectivas. O manual *O Livro de Etiqueta* (1962), de Amy Vanderbilt, publicado pela Record, por exemplo, tem um carimbo na folha de rosto da Livraria Americana da cidade de Passo Fundo, situada no noroeste do Rio Grande do Sul. Essa cidade fica a 289 quilômetros da capital do estado, portanto, considerada uma cidade do interior. O espaço de circulação se amplia ao considerar que lugares nos quais não haviam editoras, outros tipos de estabelecimentos receberam as publicações para comercializá-las. A Editora Record, de São Paulo, ampliou sua atuação no mercado por meio da dedicação às traduções, especialmente as americanas, e às revistas em quadrinhos. Inicialmente escrita com o acento agudo "Récord", essa Editora, ao longo de diversas fusões e incorporações constituiu-se em um dos maiores grupos editoriais atuantes no Brasil. A Editora Civilização Brasileira foi uma das marcas incorporadas ao grupo, contando, no ano de 2017, com cerca de quinze editoras e selos sob os quais publica impressos dos mais diversos gêneros literários.

As anotações, grifos, marginálias e dedicatórias escritas à mão nos livros também podem ser um aspecto potencial indicativo de uso dos manuais. Segundo Cunha (2009, p. 54), "estes pequenos escritos, possuem a marca simbólica da pessoa que os fez, carregam consigo uma memória que demarca a obra com dimensão da relíquia e dão certa permissão para historicizar as marcas do leitor no impresso". As informações produzidas pela mão humana nos impressos denotam a presença de potencial leitor e as relações estabelecidas com esses objetos.

A dedicatória é uma forma de marcar um impresso com as subjetividades que envolvem os indivíduos, mas extrapolam a leitura. “Celebrava-se, por escrito, a amizade, cultuava-se a lembrança, o prazer da partilha, a emoção da dádiva” (CUNHA, 2009, p. 63), nesse sentido, ofertar um livro a alguém sugere a existência de identificações e vínculos, tanto entre as pessoas quanto os assuntos.

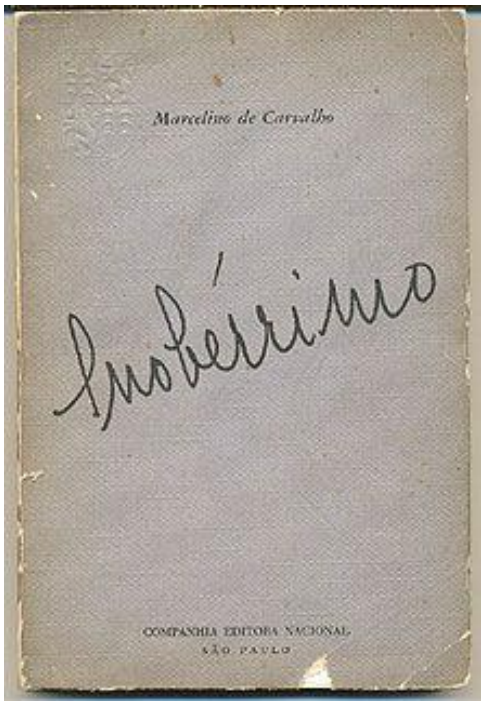
A jugar-se pela escolha do tema, o doador do manual, possivelmente admirador das boas maneiras, tinha o intuito de fornecer subsídios para uma formação de comportamentos refinados, hábitos civilizados que distinguisse o receptor no meio de seu convívio social, assim como ocorreu no manual *Guia de boas maneiras* (1961), de Marcelino de Carvalho, publicado pela Companhia Editora Nacional, o qual continha a seguinte dedicatória: “Para Nefa aumentar a já sua riquíssima ‘Hora do Lar’. Rio, 13/11/61” (CARVALHO, 1961, folha de rosto). O doador sinalizou o gosto do receptor pelo assunto ao se referir ao manual como um complemento de outro material nomeado de “Hora do Lar”[29]. Presentear com esse tipo de literatura sugere identificações quanto às posturas, hábitos que se tinha ou, se desejava ter. As boas maneiras eram compartilhadas como um repertório de significações que qualificavam e ordenavam grupos, espaços e práticas. Dominar as prescrições, ou mesmo, conhecê-las, aproximava indivíduos com vivências e objetivos comuns, ampliando os círculos sociais, bem como, as oportunidades e os acessos. A marginália no manual de Carvalho *Só para homens* (1967) indica apenas que pertenceu a alguém chamada “Dorothy Lemb” e que foi comercializado pela Livraria Atlântica, situada na cidade de Santos, na faixa litorânea do estado de São Paulo. As marcas deixadas nos impressos indicam as intenções e as presenças de leitores, ainda que, não possibilitem afirmações, contribuem para sinalizar os percursos dessas leituras.

A Editora Companhia Nacional foi um dos empreendimentos de Monteiro Lobato na área editorial. Logo na segunda década de suas atividades, em meados de 1930, priorizava majoritariamente as publicações infantis e didáticas, tanto as escolares ou não, como, por exemplo, a “Biblioteca das Moças”, coleção estudada por Maria Teresa Santos Cunha (1999), em sua tese de doutoramento. O investimento sobre os assuntos relativos aos diversos níveis de formação foi entremeado por conflitos e cisões. Inicialmente, indisposições com Octalles

[29] No Rio de Janeiro, um dos pioneiros foi o programa “Hora do Lar”, comandado por Aspázia, na PRC-8, Rádio Guanabara. Compreendia ensinamentos domésticos, aulas de teoria musical e conselhos de beleza. Recebia, em média, 250 cartas por mês. Conforme matéria na Revista Carioca, a locutora pretendia ficar incógnita. “Resolvi ser speaker depois que me convenci que trabalhando paciente conseguiria ampliar as finalidades do meu programa interessando satisfatoriamente aos ouvintes”. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Programas%20dedicados%20as%20mulheres%20e%20as%20criancas%20marcam%20os%20primeiros%20vinte%20anos%20do.pdf . Acesso em 10 mai. 2017.

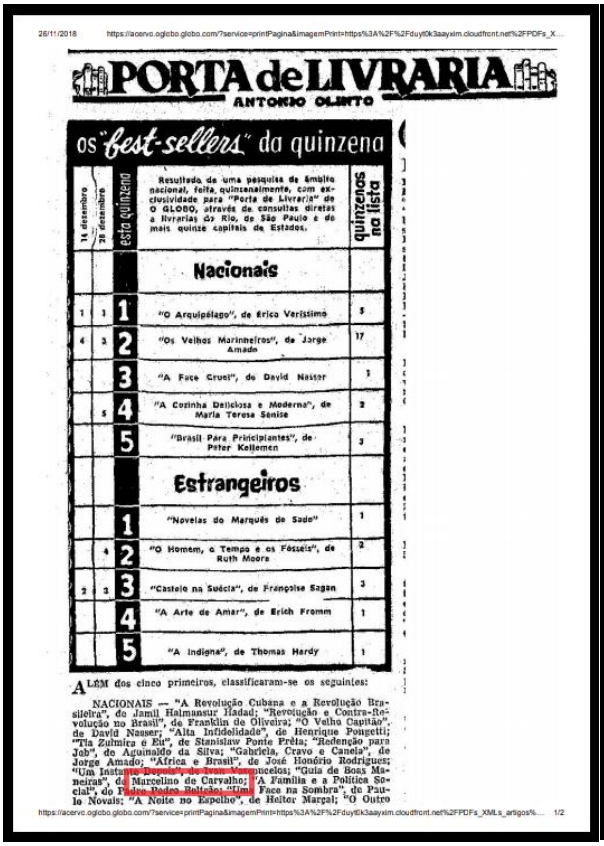
Marcondes Ferreira, levaram ao rompimento com o primeiro sócio de Lobato e, posteriormente, divergências levam a saída de seis professores responsáveis pelas edições didáticas, desfalcando a equipe e prejudicando o desempenho da Editora. Entre seus altos e baixos, ao longo da década de 1960, a Editora Companhia Nacional publicou os três manuais de Marcelino de Carvalho que figuram no acervo de pesquisa: o *Guia de boas maneiras* (1961), *Snobérrimo* (1966) (Figura 13) e *Só para homens* (1967). Publicações estas que, comumente, foram destacadas no Jornal *O Globo*, na coluna "Porta de Livraria", entre as mais comentadas e procuradas nas livrarias do Rio de Janeiro (Figura 14).

Figura 13: *Snobérrimo*



Fonte: CARVALHO, 1966, capa.

Figura 14: Marcelino de Carvalho entre os *bests sellers* da quinzena



26/11/2018 https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_X...

PORTA de LIVRARIA
ANTONIO OLINTO

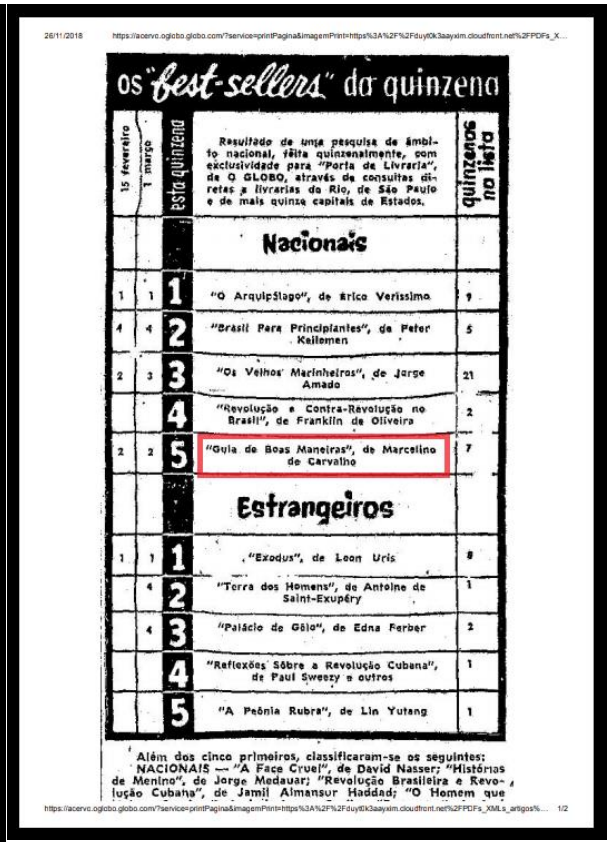
os "best-sellers" da quinzena

14 dezembro	28 dezembro	esta quinzena	Resultado de uma pesquisa de âmbito nacional, feita quinzenalmente, com exclusividade para "Porta de Livraria" de O GLOBO, através de consultas diretas a livrarias do Rio, de São Paulo e de mais quinze capitais de Estados.	quinzenas na lista
			Nacionais	
1	1	1	"O Arquipélago", de Érico Veríssimo	5
4	3	2	"Os Velhos Marinheiros", de Jorge Amado	17
		3	"A Face Cruel", de David Nasser	1
	5	4	"A Cozinha Deliciosa e Moderna", de Maria Teresa Senise	2
		5	"Brasil Para Principiantes", de Peter Kellemen	3
			Estrangeiros	
		1	"Novelas do Marquês de Sade"	1
	4	2	"O Homem, o Tempo e os Fósseis", de Ruth Moore	2
2	2	3	"Castelo na Suécia", de Françoise Sagan	3
		4	"A Arte de Amar", de Erich Fromm	1
		5	"A Indigna", de Thomas Hardy	1

ALÉM dos cinco primeiros, classificaram-se os seguintes:

NACIONAIS — "A Revolução Cubana e a Revolução Brasileira", de Jamil Haimansur Haddad; "Revolução e Contra-Revolução no Brasil", de Franklin de Oliveira; "O Velho Capitão", de David Nasser; "Alta Infidelidade", de Henrique Pongetti; "Tia Zulmira e Eu", de Stanislaw Ponte Preta; "Redenção para Job", de Aguinaldo da Silva; "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado; "África e Brasil", de José Honório Rodrigues; "Um Instante [illegible] incelos; "Guia de Boas Maneiras", de Marcelino de Carvalho; "A Família e a Política Social", de P[illegible] Dados Bulhões; "Um [illegible] Face na Sombra", de Paulo Novais; "A Noite no Espelho", de Heitor Marçal; "O Outro

https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_artigos%... 1/2



26/11/2018 https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_X...

os "best-sellers" da quinzena

15 fevereiro	1 março	esta quinzena	Resultado de uma pesquisa de âmbito nacional, feita quinzenalmente, com exclusividade para "Porta de Livraria", de O GLOBO, através de consultas diretas a livrarias do Rio, de São Paulo e de mais quinze capitais de Estados.	quinzenas na lista
			Nacionais	
1	1	1	"O Arquipélago", de Érico Veríssimo	9
4	4	2	"Brasil Para Principiantes", de Peter Kellemen	5
2	3	3	"Os Velhos Marinheiros", de Jorge Amado	21
		4	"Revolução e Contra-Revolução no Brasil", de Franklin de Oliveira	2
2	2	5	"Guia de Boas Maneiras", de Marcelino de Carvalho	7
			Estrangeiros	
1	1	1	"Exodus", de Leon Uris	8
	4	2	"Terra dos Homens", de Antoine de Saint-Exupéry	1
	4	3	"Palácio de Gelo", de Edna Ferber	2
		4	"Reflexões Sôbre a Revolução Cubana", de Paul Sweezy e outros	1
		5	"A Peônia Rubra", de Lin Yutang	1

Além dos cinco primeiros, classificaram-se os seguintes: NACIONAIS — "A Face Cruel", de David Nasser; "Histórias de Menino", de Jorge Medauar; "Revolução Brasileira e Revolução Cubana", de Jamil Almansur Haddad; "O Homem que

https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_artigos%... 1/2

Fonte: Acervo virtual do Jornal *O Globo*, nos exemplares dos dias 16/01/1962 e 16/03/1962, respectivamente. Disponíveis em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019620116 e https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019620316. Acesso em: 20 abr. 2018.

Por fim, na década de 1970, o controle sobre da totalidade das ações da empresa passou para o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDE) e as publicações concentraram-se na área didática (HALLEWELL, 2005). Em 1980, o Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) adquiriu a Companhia Editora Nacional, formando um dos maiores grupos editoriais do país com capital 100% brasileiro.

A Companhia Editora Melhoramentos, publicadora de *Etiqueta sem frescura* (1995) (Figura 15), de Claudia Matarazzo, iniciou suas atividades ainda no século XIX, como fabricante de papel. Logo em 1915, constituiu a parte editorial e permanece no mercado até o presente ano, de 2018. Presidida por imigrantes alemães, foi colocada, em 1941, "na lista negra elaborada pelo Estado Novo" (SOARES, 2010, p, 167), acarretando na paralização dos negócios. Após enfrentar os percalços ocasionados pela II Guerra, a produção retomou o vigor. Sobre o desempenho financeiro da editora, Hallewell (2005, p. 332), apontou que "em 1967, seu capital mais reservas totalizavam 32,8 milhões de cruzeiros novos e seu lucro líquido foi de 9,6 milhões. A produção naquele ano foi de 7.416.000 exemplares em 391 títulos, dos quais 38 (com 515 mil exemplares) eram primeiras edições". Indicadores que favoreceram atingir a

marca de 4.500 no catálogo do período de conclusão da pesquisa do autor, possivelmente, o ano de 2004. Esse contexto editorial configura o lugar no qual se inscrevem as vinte e seis edições do manual de Claudia Matarazzo. A conjunção dos fatores remete à edição de um livro com temática tradicional, produzido por um espaço considerado tradicional no meio editorial. Ainda sobre o aspecto da legitimação, chamo a atenção para as sociabilidades mobilizadas na editoração, como, por exemplo, a apresentação da obra e da autora por Costanza Maria Teresa Ida Clotilde Giuseppina Pallavicini Pascolato, mais conhecida como Costanza Pascolato, integrante da Academia Brasileira de Moda, considerada um dos nomes mais influentes e respeitados do universo da moda e estilo.

Figura 15: *Etiqueta sem frescura*

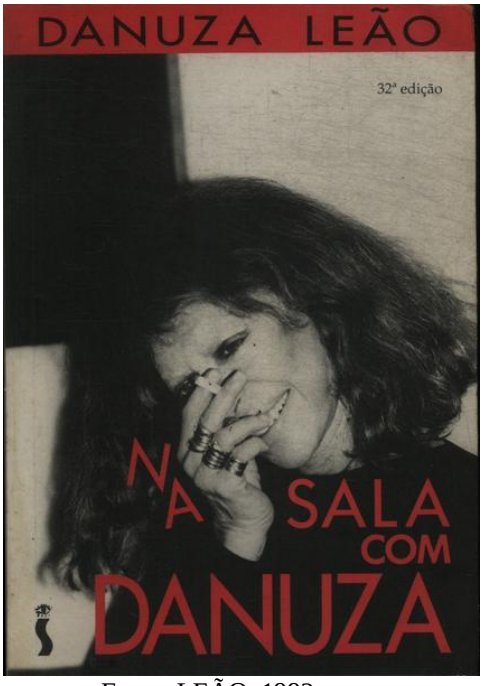
Fonte: MATARAZZO, 1995, capa.

De acordo com a perspectiva de Chartier (2014, p. 257), a qual infere que “o estudo do texto deve seguir o mesmo curso que o das sociedades, que hoje põe mais ênfase nas relações do que em taxonomias, e mais contextualizações dinâmicas do que em tabelas de classificação”, considero que as informações paratextuais são agregadoras no sentido de contextualização do escrito. O sucesso ou o fracasso das obras não se dá puramente pela qualidade do escrito ou pela quantidade de edições. Há um complexo aparato de elementos que atuam sobre as escolhas de leitoras e leitores, bem como, a construção de um referencial no tema ou na área. As relações editoriais, as possibilidades de alcance e circulação das obras são fluxos a serem considerados

na produção de entendimentos sobre a obra ou seu conteúdo. O local de onde se constituem as representações e as estratégias de como dar-lhes a ler também contribui na potência das sensibilidades elaboradas, bem como, das lembranças mobilizadas e das memórias que serão constituídas.

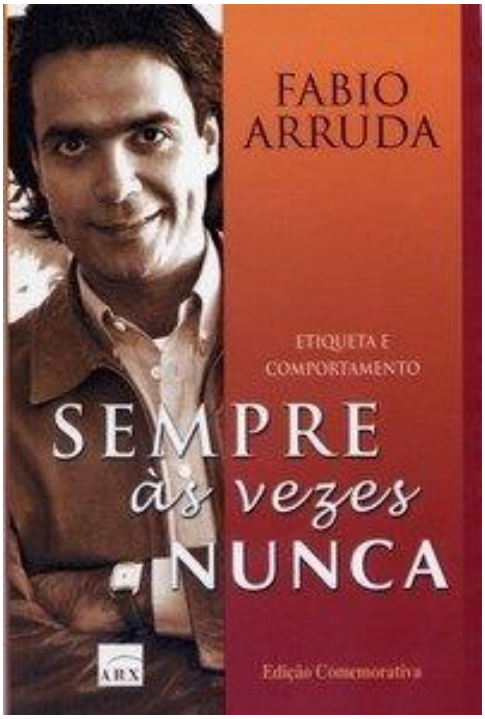
Sobre a Editora Siciliano, adentrou o ramo editorial a partir de 1982, mas dedicou-se a comercialização de impressos desde a década de 1920 como "Livraria Siciliano". A editora que publicou *Na sala com Danuza* (1992) (Figura 16), de Danuza Leão, em poucos anos conquistou um espaço considerável na publicação de literaturas em geral, apropriando-se, inclusive, das tecnologias digitais para empreender na comercialização e editoração. O crescimento do mercado editorial brasileiro criou possibilidades de estratégias de expansão nas quais uma marca se desdobra ou adquire outras, como no caso anteriormente mencionado da Editora Record. A Editora Arx, que publicou *Sempre, às vezes, nunca* (2003) (Figura 17), de Fabio Arruda, foi criada em 1996 como um dos selos editoriais da Siciliano.

Figura 16: *Na sala com Danuza*



Fonte: LEÃO, 1992, capa.

Figura 17: *Sempre, às vezes, nunca*



Fonte: ARRUDA, 2003, capa.

O investimento no ramo editorial foi próspero durante mais de duas décadas, situação que corrobora as trinta e duas vezes que foi editado o manual de Danuza Leão, conforme a indicação da capa. No entanto, a notícia veiculada pela versão *on-line* do Jornal *O Globo* anunciou a venda do Grupo Siciliano ao Grupo Saraiva no ano de 2008, destacando a seguinte relação:

> A Siciliano teve faturamento consolidado bruto (não auditado) de aproximadamente R$ 156 milhões em 2007, dos quais R$ 151 milhões foram provenientes das atividades de varejo e R$ 5 milhões de resultados dos negócios editoriais" (O GLOBO, 06/03/2008).[30]

O demonstrativo numérico da defasagem dos "negócios editoriais" em relação ao varejo sinalizava para os desafios constantes encontrados pelo ramo. Nesse sentido, a exploração das possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais tem se apresentado como relevante alternativa para as editoras, que, cada vez mais, se fazem presentes no ambiente virtual, com a oferta de seus diversos serviços, como editoração, publicação, divulgação e comercialização. Essas estratégias empresariais possibilitam a sobrevivência de alguns textos, como no caso dos manuais *Chic[érrimo]* (2004) e *Etiqueta sem frescura* (1995), oferecidos para venda em formato digital. Ao pensar sobre os desafios impostos pela textualidade digital, Chartier (2014,

[30] Disponível em: https://oglobo.globo.com/economia/saraiva-fecha-compra-da-siciliano-por-60-milhoes-3624750. Acesso em: 21 mai. 2017.

p. 22) infere que “a revolução digital introduziu uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos com a palavra escrita”. As boas maneiras comercializadas em formato digital adquirem outros sentidos e formas, entretanto, viabilizam a longevidade dos conteúdos, alterando os limites da acessibilidade e portabilidade. Um passado que se permite emergir no presente sob formas mais sedutoras e atraentes.

A transformação das estratégias editoriais está circunscrita por conjunturas sociais, culturais e tecnológicas que alteram as relações entre leituras e leitores, da mesma forma que permitem a continuidade de ideias e perspectivas. A produção de sentidos percorre sempre novos caminhos e apresenta outras possibilidades, porém, está circunscrita a uma construção cultural que lhe antecede. A prática de frequentar livrarias, investir na compra de livros, ostentá-los em casa, cedeu espaço às facilidades oferecidas por telas que cabem na palma da mão, na sedutora figura do *smartphone*. Dessa forma, alinhar-se com esse movimento possibilita a presença de temas como as etiquetas e instiga equipes editoriais e empreenderem no campo da interação, construindo diálogos a partir das novas demandas de leitoras e leitores. Entretanto, essa adequação ao contexto tecnológico não é por si explicativa sobre a continuidade do interesse por formação, mas, corrobora os processos editoriais como espaços e tempos de configurações de memórias. Na medida em que se transformam os suportes e as relações estabelecidas com estes se alimentam das identificações que contemplam o passado como um lugar de segurança, no qual se configura o que é considerado legítimo, tradicional e, portanto, o mais adequado de continuar a ser lembrado.

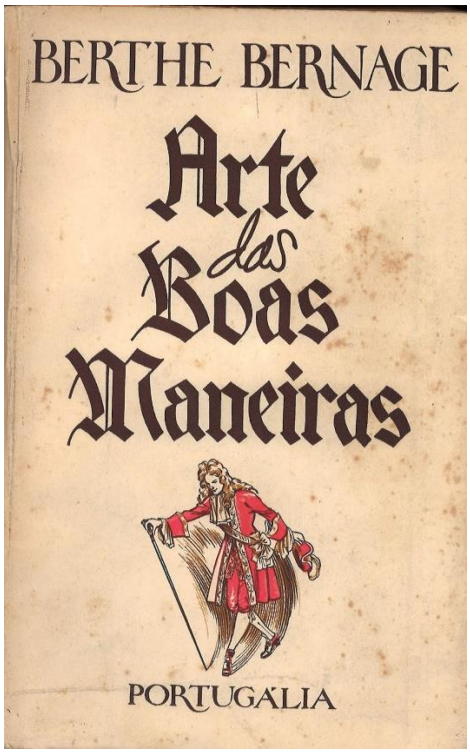
2.4 BOAS MANEIRAS UNIVERSALIZANTES: OS MANUAIS TRADUZIDOS

> A cortesia, uma vez que é sempre atual, deve guardar a sua força de adaptação. [...] Há usos e costumes sociais que variam segundo as latitudes, pois a cortesia não é privilégio exclusivo de nenhum meio restrito. Entretanto, alguns aspectos da polidez, por isso mesmo que se originam na lei natural da ética humana, são mais ou menos universais (WILSON, 1947, p. 13).

A narrativa de Margery Wilson sobre a cortesia remete à ideia de modos intrínsecos ao processo de desenvolvimento dos diversos tipos de sociedades e lhes atribui um caráter universalizante. A autora considerou a existência de uma “lei natural da ética humana” propulsora da transformação dos modos sociais. Essa premissa foi identificada também em outros manuais de etiqueta e boas maneiras do acervo de pesquisa, entretanto, esse aspecto foi destacado no sentido de discutir como modos e comportamentos constituídos a partir de determinadas culturas se tornam válidos em contextos e espaços diversos com a legitimidade

de serem os mais adequados. Portanto, no texto que se segue, a discussão foi delimitada por textos que foram originalmente escritos em outras línguas[31] e, mediante a sua tradução para o português, foram considerados manuais de etiqueta e boas maneiras, com exceção do manual de Berthe Bernage (1961) (Figura 18), o qual, apesar de ser de uma autora francesa, não fez parte dessa análise pelo motivo de total ausência de informações sobre o texto original.

Figura 18: *Arte das Boas Maneiras*



Fonte: BERNAGE, 1961, capa.

Muitos manuais de etiqueta comercializados no Brasil, desde o início do século XX, eram obras primeiramente publicadas em outros países e, posteriormente, traduzidas para serem editadas no país. Havia certa proeminência da representação de civilização europeia sobre os modos de viver e se organizar na América Latina. O fato de ter ocorrido uma colonização portuguesa, bem como, o constante contato com viajantes que passavam ou se instalavam na costa brasileira contribuiu com a ideia de que as coisas, os costumes, a moda, as palavras, a gastronomia, enfim, todo um modo cultural trazido pelos europeus que circulavam pelo país

[31] Essa fase da pesquisa permaneceu limitada a análise dos exemplares traduzidos, sobre os quais foi possível localizar fontes que disponibilizassem informações acerca da produção de suas edições originais. A inacessibilidade de exemplares editados nas línguas em que foram originalmente escritos não permite fazer qualquer inferência acerca da fidelidade dos textos ou das adequações culturais, eventualmente, procedidas por seus tradutores, portanto, a problematização foi limitada aos textos em sua apresentação final, na Língua Portuguesa.

deveria ser adotado, ou, pelo menos, nortear a construção cultural brasileira. Séculos depois do período colonial essa representação permanecia, tendo em conta que, comumente, circulavam aqui traduções de obras estrangeiras, as quais eram consideradas úteis à construção de hábitos civilizados. Na orelha do manual de etiqueta de Wilson essa relação foi evidenciada.

> Nos Estados Unidos este tratado de boas maneiras constitui um código quase oficial. A autora, Margery Wilson, uma das maiores autoridades no assunto, colecionou as regras de bom-tom para todas as ocasiões: na vida, no lar, em público, na sociedade, ou no mundo dos negócios. [...] Escrito originalmente para o público norte-americano, cujos usos e costumes sociais variam, em pequenos detalhes, dos nossos – foi objeto de uma cuidadosa revisão e adaptação aos usos e costumes brasileiros (WILSON, 1947, orelha).

O manual de Wilson foi apresentado pela editora como um conjunto de prescrições legitimadas por leitoras e leitores norte-americanos. Foi referenciado como um "código quase oficial", condição que sugeria um esforço pela padronização dos modos apresentados na publicação. A narrativa elaborada tendia a valorizar o produto cultural em face a outras ofertas, bem como, apresentá-lo como uma referência dos costumes sociais norte-americanos. Em um período imediato posterior a II Guerra Mundial, ocorrida majoritariamente em território europeu, é possível que houvesse a necessidade de afirmar os modos considerados civilizados, colocando-se em patamar de exemplaridade para outros países. Esse aspecto se expressou na preocupação em afirmar a proximidade entre os usos e costumes norte-americanos e brasileiros, sem desconsiderar as possíveis, porém pequenas – segundo a editora – diversidades culturais entre os dois países. O protocolo de leitura escrito nesse manual se propôs a minimizar as inadequações ou disparidades que poderiam vir a ser encontradas pelas (os) leitoras (es) ao longo dos conteúdos oferecidos.

A questão da tradução de obras escritas em outra língua é um processo extremamente complexo sujeito a intercorrência de variados fatores que permanecem inscritos no produto final. As condições e o contexto de produção da escrita, a formação do autor, o período de produção e outros fatores se tornam relevantes no estudo do texto, bem como, no processo tradutório. A discussão empreendida por Chartier (2014) acerca da obra de Miguel de Cervantes, no ponto em trata das traduções como propulsores de circulação da obra, utilizou-se de uma reflexão do próprio personagem Dom Quixote:

> Parece-me que traduzir de uma língua para outra, a menos que seja das rainhas das línguas – grego e latim –, é como ver tapeçarias flamengas por trás. Embora seja possível ver as figuras, os fios confundem as imagens, e não se pode ver com a clareza e as cores da frente. E traduzir de línguas fáceis não mostra nenhuma engenhosidade e bom estilo a mais que copiar de um pedaço de papel para outro (CERVANTES, 1998, op. cit. CHARTIER, 2014).

Sobre o comentário de Dom Quixote contido no capítulo 62 da parte II, no qual o personagem visita uma gráfica em Barcelona e dialoga com um tradutor, Chartier ponderou que a afirmação parte do próprio significado das palavras em cada língua e exemplificou com a palavra "transladar", explicando que pode significar interpretar um trecho escrito ou, simplesmente, copiar. Segundo a perspectiva de Dom Quixote, ler um texto que foi traduzido demanda um maior esforço no sentido de decifrar o emaranhado de palavras que turvam sentidos e ocultam intenções difíceis de serem percebidas e, em muitos casos, definitivamente distorcidas. Toda a beleza das "tapeçarias", como se refere o personagem, é capaz de ofuscar a visão e transformar significados que se configuram no tempo e no espaço e, nesse sentido, tem historicidade.

O autor discutiu as traduções como um lugar no qual se realizam "transferências culturais" (CHARTIER, 2014, p. 187), entendidas como processos de apropriação que contam com a interferência da formação, da condição e da personalidade do tradutor. O efetivo êxito da tradução de uma obra, no que tange a preservação da proposta do conteúdo, se verifica consideravelmente tributário ao meio de interpretação imposto pela tradução. A sensibilidade despertada é proporcional ao potencial de representação ou, pelo menos, desejo de representação, depositado nas obras pelo consumidor final desse percurso, no caso, a (o) leitora (o). O entendimento do tradutor sobre o texto dá o tom da linguagem e as formas a serem adotadas, nesse sentido, a primeira apropriação é um elemento de aglutinação entre as culturas que produziram e consumiram o texto em sua forma acabada.

A capa como protocolo de leitura, direciona o primeiro contato que se tem com a obra e aproxima ou distancia o leitor, elaborando uma sensibilidade inicial sobre o conteúdo. A edição da capa dos livros traduzidos, a mudança das imagens, das cores e das letras pode ser determinante para transformar consideravelmente a concepção da leitura. Sobre o assunto, o livro *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal* (1956), publicado originalmente na Itália, com o título *Come quando fuori piove* (1954), portanto, sua tradução literal seria "Como quando está chovendo lá fora". A expressão sugere uma leitura de fruição, entretenimento para os dias chuvosos que pouco se tem a fazer senão aproveitar o tempo lendo ou, beirando excesso de interpretação, pode remeter a coisas comuns, contínuas como a chuva, representações de um cotidiano qualquer. A adaptação do título para o português, de certa forma, comprometeu o entendimento sobre o conteúdo da obra, uma vez que o sumário lista uma série de crônicas sobre diversas situações, inusitadas e comuns, que não somente as relativas à convivência de um casal. Nessa esteira, considerando o uso da linguagem como mediadora das diversas formas

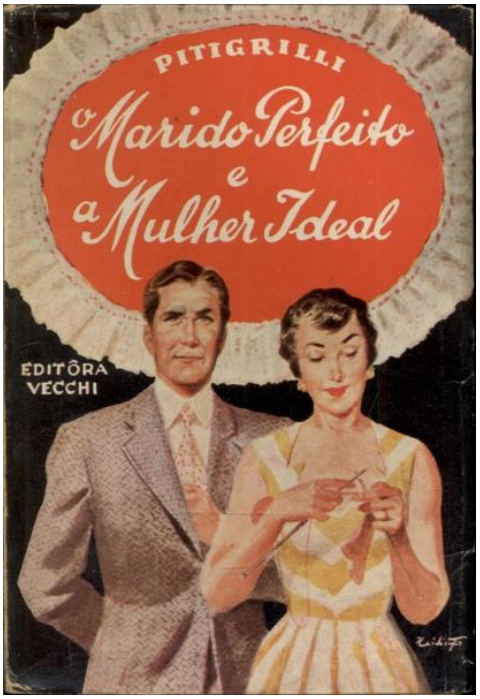
de pensar e ver o mundo, as traduções são passíveis de perdas, modificações de sentido ou recriações. A produção de sentidos do tradutor desse livro, identificado como João Henrique, possivelmente associou os conteúdos a formas de idealização e prescrição de comportamentos, e isso implicou em atribuir um outro título à edição brasileira.

Pensando com Chartier (1990) a respeito dos protocolos de leitura, dos quais fazem parte o título, a capa, o tamanho, as cores, entre outros caracteres, a capa da obra produzida na Itália pouco se relacionava com a capa brasileira. Na Itália, editado pela Casa Editrice Sonzogno, de Milão, o manual tinha uma capa de cor preta (Figura 19) na qual estavam impressos o nome do autor e da editora em letras brancas e o título do livro em letras maiores na cor vermelha. Sem qualquer imagem, não explicitava maiores sugestões sobre o seu conteúdo. Ao passo que, a capa brasileira (Figura 20) apresentou uma personificação de casais. Ambos, homem e mulher, bem vestidos, ele de terno e gravata, ela de vestido, com posturas que desejam representar as peculiaridades dos universos do masculino e do feminino. A imagem sugeriu um homem vestido para o trabalho e uma mulher afeita aos trabalhos manuais, um conjunto idealizado para os potenciais leitoras e leitores do manual sob a perspectiva de manual de boa convivência e harmonia conjugal.

Figura 19: *Come quando fuori piove*

Fonte: Disponível: http://www.ebay.it/itm/COME-QUANDO-FUORI-PIOVE-PITIGRILLI-SONZOGNO-1954-/232126684422?hash=item360bd41d06. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 20: *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal*



Fonte: PITIGRILLI, 1959, capa.

A recriação operada na capa deste livro evidenciou um processo de reelaboração pelo qual as obras traduzidas podem passar. Em maior ou menor grau de interferência, os profissionais que se dedicam ao processo de traduzir atuam intensamente na produção de uma obra nova e isso afeta sobremaneira a relação que será estabelecida com os leitores e a produção de sentidos. Da mesma forma, a apropriação da língua, necessariamente deve realizar uma decodificação que dê condições de inteligibilidade ao leitor. A forma de elaborar as expressões nem sempre tem o mesmo sentido nas diferentes línguas e o significado atribuído pode alterar consideravelmente a mensagem inicial. A tradução e a nova editoração concentram o potencial de redirecionar o sentido de uma obra, produzindo interlocuções distanciadas se publicadas em diferentes contextos culturais. Nesse sentido, a intervenção, por menor que seja, modifica a obra e constitui novas possibilidades. As negociações ocorridas ao longo do processo determinam formas e sentidos atribuídos à nova obra traduzida.

Quanto à capa, o mesmo não ocorreu com o manual *Não se come frango com as mãos* (1959) (Figura 21), também de Pitigrilli e do mesmo tradutor. O título original *Il pollo non se mangia con le mani* (1957) (Figura 22) foi preservado, a configuração da capa foi conservada sob as mesmas linhas, apenas com uma alteração da cor de fundo. A proposta inicial destacada na capa do livro – de ser um manual de etiqueta e boas maneiras – foi preservada integralmente, sem acrescentar outros elementos gráficos que pudessem modificar as leituras ou sugerir possibilidades. A tradução também permaneceu sujeita aos intuitos editorias, às tendências de mercado e ao tempo em que estava imersa, no entanto, as intervenções promovidas nessa capa

foram de menor impacto. O assunto permaneceu delimitado pelo título, selecionando leitoras e leitores que demandavam tais informações. Foram destacados os caracteres que mais se aproximaram desses objetivos, bem como, os que tornassem o produto atrativo e vendável.

Figura 21: *Não se come frango com as mãos*

Fonte: PITIGRILLI, 1959, capa.

Figura 22: *Il pollo non se mangia con le mani*

Fonte: https://www.iberlibro.com/servlet/BookDetailsPL?bi=30263030176&cm_sp=collections-_-2MXGYBhD62uKVCUQLHu4Ml_item_1_7-_-bdp. Acesso em: 10 dez. 2018.

O autor italiano chamado Dino Segre, conhecido pelo pseudônimo Pitigrilli foi um jornalista e escritor que, na fase inicial de sua carreira, ficou conhecido por escrever comentários humorísticos beirando o sarcasmo acerca da sociedade da época e seus costumes. Problemas na Itália, decorrentes da II Guerra Mundial conduziram o autor e seus escritos à marginalidade, levando-o a mudar para Argentina no ano de 1948, onde permaneceu até 1957. Período este que coincide, em parte, com a produção de crônicas para o Jornal *O Estado*, de Santa Catarina/BR. Entre os anos de 1956 e 1959 foram localizadas onze crônicas de Pitigrilli, publicadas pelo *O Estado*[32], das quais nenhum título consta no manual *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal*. Nesse mesmo manual foram listados 22 (vinte e dois) títulos do mesmo autor como sugestões de leitura e uma busca virtual em sítios eletrônicos que oferecem comércio de livros usados foram encontrados registros de mais de 50 (cinquenta) livros publicados em português. Esses dados e a sua presença em um jornal que circulou na região sul do país são indiciários da circulação de suas publicações, do interesse por suas narrativas formativas, bem como, da contribuição destas no entendimento sobre as boas maneiras.

O *Livro de Etiqueta* da autora norte-americana Amy Vanderbilt foi traduzido por Abiah Lopes[33] e publicado no Brasil em 1962, dez anos após a sua primeira publicação sob o título *Amy Vanderbilt's Complete Book of Etiquette* (1952), segundo a introdução constante na edição brasileira. Assim como Pitigrilli, a autora também publicou em outros suportes no Brasil. No entanto, as quatro publicações localizadas no Jornal *O Globo*[34], no ano de 1958, estavam alocadas no caderno *O Globo Femino*, na coluna *Boas maneiras na vida diária*. As publicações eram direcionadas ao público feminino, com o intuito formativo anunciado, tratando de questões como as etiquetas à mesa ou em reuniões sociais. Os textos da coluna apareciam com a ênfase de serem excluvivos para o Jornal, indicando a conexão do Jornal com autoras estrangeiras com reconhecimento acerca do assunto. A presença de Amy Vanderbilt n*'O Globo*

[32] As crônicas do autor Pitigrilli, no Jornal *O Estado*, com os seguintes títulos: "De gustibus (sobre gostos)", "A traição dos intelectuais", "Defendo um livro", "Descafeinizar", "A medalha", "Leituras sadias", "Quarta-feira, psiquiatra", "Solidariedade humana", "A pena e o arco-íris", "Amor meu..." e "Envelhecer" abordaram temas diversos sobre o cotidiano e a condição humana, entretanto, não figuraram entre os documentos estudados na tese pelo fato de não terem sido publicados, de forma explícita, sob a óticas das boas maneiras, portanto, nesse momento, não foi realizada a análise.

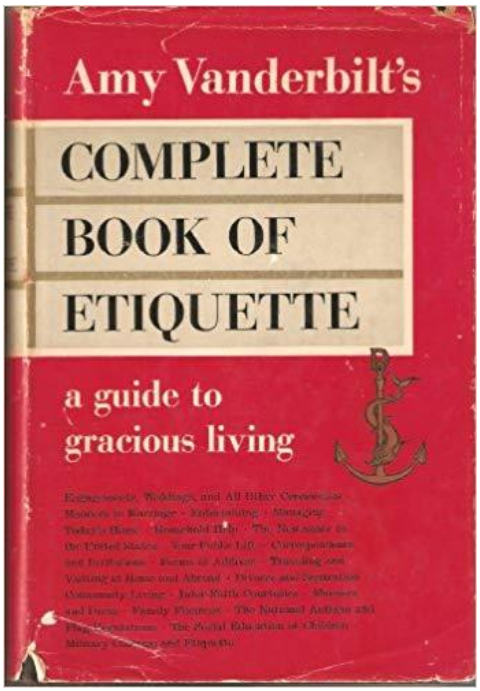
[33] Escrevia sob o pseudônimo Sylvia Patricia, era jornalista e colunista social carioca. Faleceu em 1974.

[34] Em 1958, Amy Vanderbilt publicou na coluna "Boas maneiras na vida diárias" as seguintes prescrições: "Não se indica preferência por presentes" (22 fev. 1958), "Duração de visitas informais" (05 abr. 1958), "Comportamento à mesa" (10 mai. 1958) e "Reuniões de família" (23 ago. 1958).

enfatizou a circulação de suas prescrições no Brasil, uma vez que, este Jornal era um importande meio de informação na década de 1950.

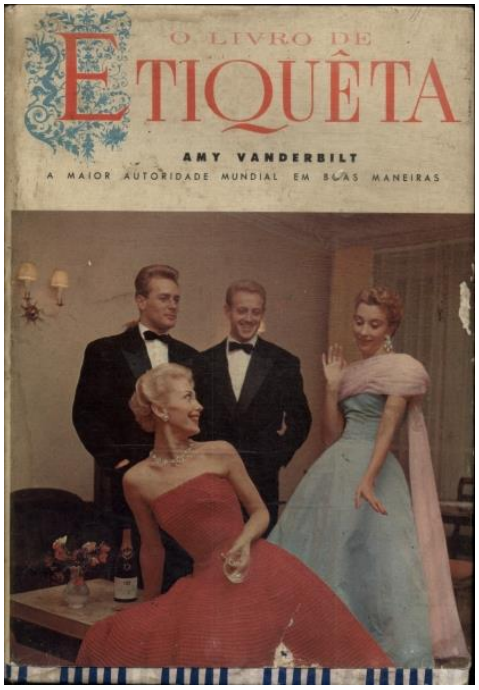
As imagens de capas das diversas edições americanas da década de 1950, encontradas em pesquisas virtuais, mostraram que as alterações foram nos elementos cor, tipo de letra, posição dos caracteres, não destoando por completo da proposta inicial (Figura 23), a qual permaneceu, possivelmente, até a edição de 1956. A capa da edição brasileira (Figura 24), contou com o incremento de imagens selecionadas para ilustrar o conteúdo interior, segundo a concepção dos editores.

Figura 23: *Amy Vanderbilt's Complete Book of Etiquette*



Fonte: Disponível em: https://www.amazon.com/Amy-Vanderbilts-Complete-Book-Etiquette/dp/B0007I885Y. Acesso em: 12 mar. 2017.

Figura 24: *O Livro de Etiqueta*



Fonte: VANDERBILT, 1962, capa.

A capa da edição brasileira, segundo as informações na folha de rosto do livro, apresentava as ilustrações de uma modelo de Chistian Dior no primeiro plano e à direita, de Jacques Fath, ambos renomados estilistas franceses que produziam alta costura. Quanto aos modelos masculinos, não há nenhuma referência sobre suas vestimentas. No que tange às representações de etiqueta e boas maneiras que circulavam no Brasil, é possível vislumbrar a ênfase sobre as tendências europeias, mesmo se tratando de um livro produzido no Estados Unidos. A elaboração editorial buscou manter um referencial proveniente do Velho Mundo como idealização para os padrões de comportamento que o livro trazia em seu interior, mesmo que fosse por meio da imagem da capa. Para os leitores e, principalmente, leitoras não era possível ignorar tão relevantes ícones de elegência e distinção anunciados em forma de protocolos de leitura.

O processo de editoração da capa de Vanderbilt (1962) também sofreu uma intervenção que impactou em reelaboração de sentidos. A capa de 1954 se concentrou na ênfase sobre a autoria e o título, sem a utlização de imagens representativas. Os demais elementos contidos na capa delimitaram o assunto por meio da escrita, explicitando às leitoras e leitores quais os temas tratados na obra antes mesmo de folheá-la. A cor vermelha garantia o destaque das letras escritas em fonte padronizada, sem detalhes ou grafia diferenciada. A forma de chamar atenção distanciou-se sobremaneira da composição realizada na capa brasileira. A presença de duas mulheres e dois homens, aparentemente vestidos para um evento importante, deram um tom de luxo e distinção para a capa da edição que faz parte do acervo de pesquisa. Com homens trajados

de *smoking*, mulheres ostentando joias, o uso de modelos de alta costura e a presença de bebida que se assemelha a uma garrafa de champanhe, a capa sugeria prescrições direcionadas ao requinte próprio de grupos seletos da sociedade, boas maneiras permeadas por poder aquisitivo. A leitura, iniciada pela capa, ganha contornos diversos a partir da forma como a editoração intervém. Conteúdos, ainda que muito aproximados, recebem olhares múltiplos despertados pelo contato com a capa. Mesmo sem acessar uma única página, os sentidos se produzem de forma completamente diversa.

Quanto ao conteúdo, na contra capa, em um breve comentário sobre o livro encontravam-se indicativos de como foi pensado o processo de tradução desta obra: "Escrito pela maior autoridade mundial em boas maneiras, esse livro trata de toda a tradicional etiqueta tal como é hoje praticada e foi adaptado aos costumes brasileiros no que eles têm de característico por autoridade no assunto" (VANDERBILT, 1962, contracapa). A tradução sinalizou a necessidade de uma adaptação das informações contidas no original com vistas à atender demandas do público ao qual se destinava a publicação. Não é possível inferir sobre alterações nos conteúdos, pelo fato de a edição original não fazer parte dos documentos dessa pesquisa, mas, pensar em adequações que consideraram os diferentes contextos espaciais, culturais e sociais sem se distanciar dos ideais universalizantes que inspiravam a escrita sobre as boas maneiras. No Prefácio da obra, escrito por Yvone Lopes, essa questão das adaptações ficou evidente.

> No entanto, quando determinados usos e costumes são estranhos aos que, em idênticas condições ou circunstâncias, adotamos em nossa terra, fomos compelidos a proceder a uma necessária adaptação, em obediência ao velho adágio que reza: "... e cada roca tem seu fuso..." [...] Queremos ainda apontar a supressão de alguns poucos capítulos que se referem a habitos e coisas sem correspondência em nosso meio: esportes de inverno, caçadas, divórcio, "baby-sitting", por exemplo (VANDERBILT, 1962, p. XVIII).

O reconhecimento da necessidade de adaptações corrobora as premissas acerca das transferências culturais abordadas por Chartier. O lugar de produção da obra, as diferenças culturais, as conjunturas, os meandros da língua, demandam uma sensibilidade dos tradutores e editores para efetivar o êxito de circulação e leitura a que se propõe esse tipo de trabalho. Essa preocupação também foi o foco do manual *Cortesia: novo código social das boas maneiras* (1947) (Figura 25), da autora Margery Wilson. Publicado, originalmente em 1937, sob o título *The new etiquete* (Figura 26), foi traduzido e adaptado do inglês por Gilda Marinho[35], pela

[35] Nascida em Pelotas, no ano de 1900, era porto-alegrense de coração, fez história na cidade, sobretudo na área cultural. Foi jornalista, uma das primeiras mulheres a trabalhar na imprensa gaúcha, tradutora, professora de Artes da UFRGS, e atuou como colunista social durante muitos anos. Foi uma mulher controversa, extravagante na

primeira vez em 1945. Na orelha a tradutora anunciou sob quais premissas realizou o seu trabalho: “Escrito originalmente para o público norte-americano, cujos usos e costumes sociais variam, em pequenos detalhes, dos nossos – foi objeto de uma cuidadosa revisão e adaptação aos usos e costumes brasileiros” (WILSON, 1947, orelha). Na apresentação a tradutora fez questão de justificar a importância do manual por meio das supostas aproximações culturais.

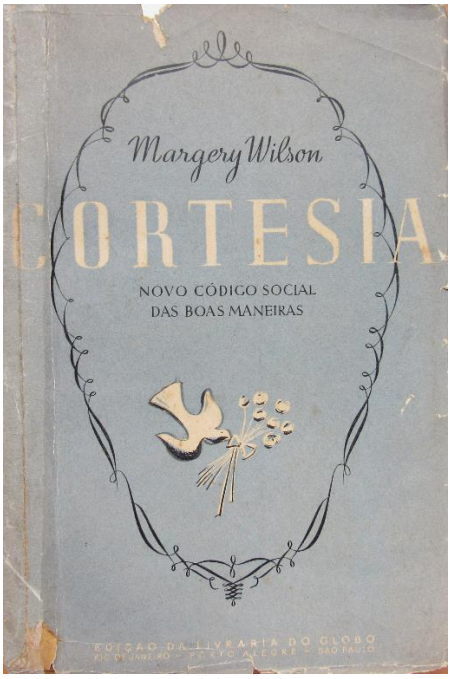
> Compreende-se, pois, que a adaptação de “A Nova Etiqueta” de Margery Wilson, aos estudos e costumes brasileiros, não é, como poderia parecer à primeira vista, contra-senso ou absurdo.
> Nesses dias de Pan-americanismo[36], em que todos os povos deste hemisfério se congregam, unidos num mesmo ideal, e em que vemos uma angústia mesclada de temor, vacilarem as sociedades de outros continentes, por instinto de conservação somos levados a preocupar-nos com a cortesia, que é um dos baluartes da ética social. Somos vizinhos e amigos e, por conseguinte, com pequenas alterações inevitáveis, a mesma etiqueta que impera nos Estados Unidos, rege também os nossos hábitos (WILSON, 1947, p. 14).

A apresentação Gilda Marinho fez referência ao tempo da guerra e do pós-guerra e enfatizou a importância da afirmação dos padrões ditos civilizados como meio de coesão social e diferenciação do caos gerado pela guerra e suas consequências. Segundo sua perspectiva, os “outros continentes” enfrentavam problemas sociais que não deveriam atingir as sociedades americanas e a forma de combater os desacertos seria a preservação da cortesia, considerada “um dos baluartes da ética social”. Sob as trágicas consequências da II Guerra Mundial, o manual se constituiu em um produto cultural com intuito de realocar os indivíduos em atitudes que normalizassem a sociedade e conservassem patamares civilizatórios, em tese, anteriormente alcançados. Sem a vivência direta do conflito em terras continentais, a tradutora inferiu sobre a construção de um ideal único que estabelecesse elos de ligação entre americanos do norte e do sul.

Figura 25: *Cortesia*

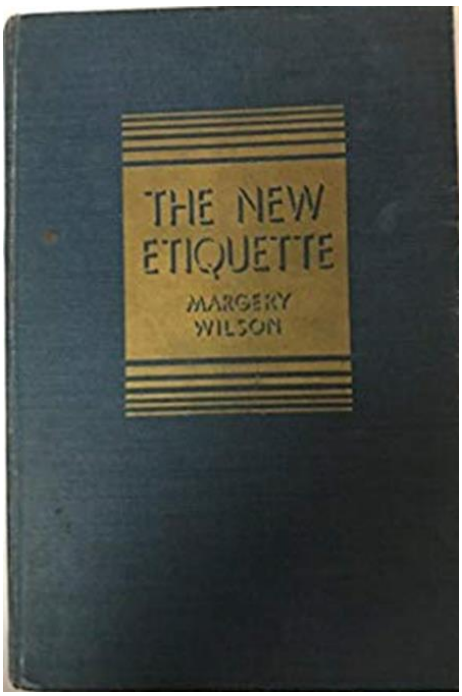
aparência e nas atitudes. Dizia-se comunista, gostava de frequentar os jogos de cartas no Clube do Comércio, espaço ocupado majoritariamente por homens da alta sociedade da cidade. Disponível em: http://portoalegre-rs.blogspot.com.br/2010/10/gilda-marinho.html. Acesso em: 10 fev. 2017.

[36] Doutrina ou movimento que defendia a aliança política entre todos os países das Américas do Norte, Central e do Sul e a cooperação econômica, cultural e militar entre os países das Américas.



Fonte: WILSON, 1947, capa.

Figura 26: *The new etiquette*



Fonte: Disponível: https://www.amazon.com/New-Etiquette-Modern-Social-Behavior/dp/B000NZ9ZNU. Acesso em: 10 dez. 2018.

A capa do manual de Margery Wilson recebeu um tom de delicadeza na tradução brasileira. A incorporação de imagens sugeriu às leitoras e leitores um conteúdo direcionado às sensibilidades e ao refinamento. A adaptação do título evidenciou a atuação de sua tradutora e sinalizou o tipo de perspectiva atribuída ao manual. Sob os aupícios de ser um “novo” código

de boas maneiras, afirmava a construção das diferenças de forma pretensamente harmônica. A importação de padrões disseminados pela leitura se relacionava à construção de um modo cultural sistemático abrangente que sugeria o compartilhamento de atitudes como subsídio para viver em sociedade. As (re) criações empreendidas sobre manuais de etiqueta e boas maneiras superavam as obviedades de oferecerem fontes de boa educação e distinção social. Por meio da produção de identificações, essas leituras estabeleciam redes de compartilhamento inserindo grupos da sociedade brasileira em um modo cultural global que se propagava nos meados do século XX. A apropriação inventiva de vivências alheias ao meio brasileiro contribuiu na forja de homens e mulheres que perpetuaram saberes, modos e fazeres no transcorrer do tempo. O referencial estrangeiro dava o tom e o ritmo das adequações. Estar conectado com essas narrativas era significado de saber como as coisas aconteciam "no mundo".

O recrutamento de passados contemplados pelo âmbito prático promovia a reelaboração de identificações assentadas sobre o entendimento de adequação à novas circunstâncias. Os modos vivenciados em sociedades de outros países, sem referencialidade na constituição da sociedade brasileira, eram apresentados por narrativas que os concebiam como resultados de um processo que vinha se aperfeiçoando e, nesse sentido, eram a versão mais atualizada do que se entendia por civilizado. As editoras por meio de seus tradutores e editores estabeleciam os elos que inscreviam os manuais na rede de maneiras a serem compartilhadas além dos limites espaciais e, inclusive, temporais. As prescrições contidas nas traduções brasileiras incentivavam uma aproximação cultural e introduziam suas leitoras e leitores em um patamar diferenciado de comportamentos verificado entre os círculos sociais seletos de países como os EUA ou a Itália. Compartilhar de tais modos distinguia seus leitores e os fazia portadores de saberes conectados com culturas supostamente exemplares. Ser conhecedor das boas maneiras "universais", como foram qualificadas em algumas narrativas, ampliava as possibilidades de circulação e reconhecimento.

No sentido de construir continuidade, o tema etiqueta e boas maneiras buscava, comumente, recrutar lembranças a partir de referenciais de experiências selecionadas e compreendidas como positivas e autênticas. A dinâmica sob a qual se constituíram as publicações sobre esse tema endossava a perspectiva de que estabelecer referências à nobreza e a grupos sociais seletos sinalizava vincular-se aos modos "mais civilizados" e que se desenvolviam em estágios nos quais todos os indivíduos deverim chegar. As formas de distinção eram apresentadas como atributos a serem conquistados ou desenvolvidos e, na defesa do intuito de promover certa hegemonia e padronização, alguns autores proclamavam em suas apresentações que as boas maneiras deveriam ser para todos, ainda que seus manuais

delimitassem o público por meio da materialidade, da linguagem, ou mesmo, do próprio tema. Cada elemento material que compõe um manual está circunscrito a um universo simbólico que contempla as subjetividades motivadoras da escrita e os desejos de limitar os entendimentos. Carregados de representações do seu tempo, cada um dos manuais promoveu reificações e deslocamentos na memória produzida pela leitura, mobilizando as lembranças que considerou pertinentes. As temporalidades que assolaram essas escritas mesclaram permanências e rupturas que negociaram com as demandas sociais, econômicas e culturais. No campo do subjetivo, aspectos dessa forma "civilizada" se travestiam de inovações para conservar ordens já estabelecidas. É sobre essa construção de subjetividades, nas prescrições que se referiram especificamente às mulheres que empreenderei no capítulo que se segue.

3 SEMPRE, ÀS VEZES, NUNCA: OS PERCURSOS DA SELEÇÃO DE MANEIRAS

Os manuais utilizados na pesquisa, com exceção de *Só para homens* (1967), de Marcelino de Carvalho, não apresentavam indicação específica para homens ou mulheres. Inclusive, a autora Maria do Carmo Nickol, em seu texto de apresentação, enfatizou a necessidade de instruir toda a sociedade para as diversas situações vividas. Nas palavras da autora,

> Este livro despretensioso, inspirado e orientado nas obras dos melhores autores do gênero, tem como único objetivo colocar ao alcance de todos os que desejam conduzir-se com correção e elegância na Sociedade, no Lar, na Igreja, na Rua, ou em qualquer outro lugar, aonde os nossos prazeres ou deveres nos conduzam (NICKOL, 1968, p. 5).

As referências ao comportamento feminino foram destacadas de diversas formas. A escolha e organização dos conteúdos evidenciou indícios de hierarquizações e desigualdades[37], sinalizando assim, os estatutos daqueles presentes e a forma como foram representadas e narradas as condições e os espaços das mulheres de cada período. Na intertextualidade das escritas emergem relações temporais que entrecruzam passados, presentes e futuros, em uma dialética que é apaziguada pela ideia de homogenidade e adequação, na qual cada sexo tem suas atribuções e contribui para a configuração de uma sociedade pacífica, com disputas e tensões minimizadas. No sentido de elucidar a duração das prescrições formativas direcionadas às mulheres, nesse tipo de literatura, busquei evidenciar os diversos estratos do tempo (KOSELLECK, 2014) e perceber as relações entre presentes e passados que incidem sobre a seleção de lembranças que têm potencial para configurar memórias funcionais para um futuro. Dentre os muitos aspectos contemplados nas prescrições de comportamento para mulheres constantes nos manuais, há alguns que idealizaram perfis no sentido de atribuir-lhes uma determinada função social. Essa construção delimitou padrões que se tornaram critérios de qualificação ou desqualificação das mulheres. Dessa forma, se distinguiam as que tinham modos das que não os tinham.

---

[37] A direção seguida para sistematizar essa discussão foi construir um percurso ancorado na História das mulheres. Distante do intuito de hierarquizar perspectivas, a opção teórica se deu em função de compreender que a diversidade de abordagens inscritas sob a categoria "mulheres" seria produtiva no entendimento de uma construção de memórias sobre as formas de ocupar espaço e de vivenciar as relações em sociedade. As leituras do campo das relações de gênero foram de extrema valia na produção desse modo de operar a pesquisa e por esse motivo, também circunscrevem a minha narrativa, ainda que de forma não explícita. Não se tratou de confrontar categorias de análise, mas, de agregar os conceitos que melhor amparassem o desenvolvimento da pesquisa na medida em que as fontes foram escrutinadas, portanto, a opção teórica que guiou o olhar foi a História das mulheres e esta será a categoria em maior destaque no que tange ao processo de construção de memórias sobre mulheres.

O potencial mobilizador da escrita pode ser evidenciado em diversas relações que organizam, qualificam e estratificam os meios sociais. A escrita como instituição de poder delimita formas e sentidos valendo-se da sua característica de perenidade. Se foi escrito, pode ser guardado, reproduzido, difundido ou reapropriado. Os manuais de etiqueta e boas maneiras, nesse sentido, estabelecem identificação entre o representado e a representação que se alternam em negociação constante em torno de outros objetivos finais, como, por exemplo, na elaboração de memórias sobre seus conteúdos. Em meio as disputas, algumas características têm emergência no processo de mediação entre leitura e apropriação, possível no universo do leitor que, com o passar do tempo, se naturalizam. Dessa forma, a escrita dos manuais se faz um elemento constitutivo da construção de memórias sobre os comportamentos de mulheres em sociedade e a construção narrativa efetiva a seleção de modos realizada em cada uma das publicações.

Os livros produzidos na perspectiva de formar comportamentos tem conotação prescritiva e remetem a um intuito homogeinizador presente nos processos de escolarização, nacionalização ou construção de identidades. Nesse caso, essas escritas contemplam os discursos, as práticas e as representações, três conceitos chaves no entendimento sobre a escrita e o seu lugar na sociedade (CASTILLO GÓMEZ, 2000). Este capítulo permanecerá centrado no terceiro conceito, o qual considero eficaz para operar com o tipo de documento selecionado e iluminador no sentido de pensar sobre as elaborações sociais acerca das funções e dos espaços idealizados para as mulheres. Além disso, as representações que emergem das narrativas construídas nos manuais, possibilitam distiguir os elementos selecionados para para serem lembrados e, por conseguinte, configurarem as memórias.

3.1 MULHERES DE BOAS MANEIRAS: IDEALIZAÇÕES SELECIONADAS

> Uma senhora nunca deve ir a parte nenhuma só e em toda a parte onde for deve fazer todos os esforços possíveis para ser amável, de boa índole e agradecida a todos que a tratarem bem; quando houver pouca gente na sala, pode conversar um pouco mais, mas evitar a companhia daquelas pessoas que fazem roda à parte para falarem pela boca pequena e para rirem às gargalhadas, sem que se saiba qual o motivo de suas risadas; e este procedimento é sempre indiscreto e, por vezes, atrevido, e dá má ideia das moças que não querem que se saiba o que elas dizem; deve evitar os frequentes abraços, ósculos e apertos de mão prolongados, ainda com as suas maiores amigas (CARVALHO, 1961, p. XXII).

O autor Marcelino de Carvalho, na apresentação do manual *Guia de boas maneiras* (1961) fez referência ao comportamento esperado das mulheres no convívio social. O excerto está alocado no último parágrafo do *Prefácio*, após dez páginas de relatos sobre as práticas da

nobreza e burguesia europeias. Esse modelo de "senhora", segundo o autor, constava em um trecho do *Manual de Civilidade Brasileira*, editado em 1848, pela Livraria de Agostinho de Freitas Guimarães e Cia, no Rio de Janeiro, possivelmente, um dos primeiros manuais publicados no Brasil sobre o tema. De forma geral, as primeiras publicações sobre etiqueta e boas maneiras que circularam no Brasil seguiram esse mesmo escopo, até mesmo porque, foram escritos por autores estrangeiros ou, pelo menos, que compartilharam de cultura estrangeira por algum tempo.

Segundo Schwarcz (1997, p. 29), "diante de uma realeza isolada, em meio às demais repúblicas americanas [...] tais guias foram recebidos com o entusiasmo daqueles que tentam apagar as pistas de seu cráter recente e bastante improvisado". Como símbolo de diferenciação, os hábitos visavam a lapidar e refinar homens e mulheres para uma sociedade que se assemelhasse às europeias. Em um período no qual as informações circulavam de forma morosa, a publicação de livros potencializava a oportunidade de leitura em um campo mais abrangente, disponibilizados às classes detentoras de recursos para adquiri-los e alfabetizadas. Tais condições práticas para a apreensão dos conhecimentos realizaram um primeiro recorte no público consumidor desse tipo de leitura e incidiram sobre as escolhas editoriais, as formas e os sentidos adotados para selecionar e organizar os conteúdos. Outro manual notabilizado em terras brasileiras foi o *Código do Bom Tom*, do autor cônego português José Ignácio Roquette, publicado originalmente em Portugal, em 1845. Em 1875 foi revisado e ampliado à luz das transformações vivenciadas nas cortes europeias, especialmente, na francesa. Segundo Cunha (2005, p. 122), "procurava normatizar os rituais do Brasil Imperial e se tornou leitura obrigatória para aqueles que almejavam ser bem sucedidos na sociedade". Dessa forma introduzia na jovem sociedade dos trópicos as maneiras que circulavam entre as cortes do Velho Mundo.

A consideração sobre a obra reafirmou a presença das tendências culturais provenientes de outros países e o intuito de sincronizar os grupos abastados do país com os modos que lhes instrumentalizassem o caráter ainda improvisado, o qual se referiu Schwarcz, na introdução da edição de 1997, organizada pela autora. Apresentando a obra de J.I. Roquette – como sua identificação ficou conhecida –, a autora destacou as ideias do cônego português acerca das características atribuídas a cada sexo: "logo no princípio já ficamos sabendo que cabe aos homens polidez e urbanidade e às mulheres um falar suave e um ar reservado. O homem se distingue por sua fala inteligente e correta; a mulher, por sua atitude modesta e silenciosa" (SCHWARCZ, 1997, p. 26). Segundo as concepções de meados do século XIX, homens tinham reconhecimento por suas capacidades técnicas de domínio da linguagem, suas qualidades

cognitivas e as mulheres por sua capacidade de resignação, suas qualidades “do espírito”. Schwarcz evidenciou que a perspectiva de universalização das boas maneiras como ícones civilizatórios tinha um contorno nítido sobre o que significava isso para homens e para mulheres. Inspirado nas experiências vivenciadas em Paris, Londres e em seu próprio país junto da alta nobreza, o cônego J.I. Roquette reafirmou valores patriarcais, prescrevendo uma postura social que era esperada de mulheres.

A leitura de manuais no Brasil espraiou-se logo nas primeiras décadas do século XX também pela educação escolarizada, por meio da utilização do “Pequeno Manual de Civilidade para o uso da Mocidade”, em Escolas Normais de todo o país (CUNHA, 2005). Instruir as normalistas, futuras professoras de ensino básico, com manuais portadores de padrões sociais considerados adequados, era uma possibilidade de atingir um grupo maior e formá-los desde a tenra infância. Dessa forma, facilitava a internalização de hábitos cordiais de convivência, os quais poderiam ser apenas refinados com novas leituras na fase adulta. A sensibilidade natural atribuída às mulheres para a educação – uma alusão à maternidade – facilitava a construção de hábitos disseminados entre os pequenos estudantes, circunscritos a um conjunto de atitudes e signos socialmente aceitos. Efetivar esses conhecimentos como práticas sociais conferia ao grupo o adjetivo substantivo masculino denominado civilizado, considerado fundamental para as transformações culturais emergentes por todo o país.

A crescente urbanização do Brasil, a formação de uma classe média, a transformação nos perfis familiares, a inserção das mulheres no campo de trabalho, demandou uma reelaboração social, na qual os grupos se aglutinavam em torno de objetivos e interesses próprios. Nessa esteira, as leituras de formação ilustravam os grupos emergentes, num esforço de aproximação dos modos circulantes em grupos seletos para mostrarem-se aptos à acessá-los. Segundo Pereira (2009, p. 7), era uma forma de “proteger-se de ‘dissabores’ no terreno das ‘disputas’ simbólicas”, o qual evidenciava os mais aptos a determinadas posições. Os manuais de etiqueta e boas maneiras sugeriam hábitos diferenciados, em tese, ampliando oportunidades aos seus portadores de uma ascensão econômica e social. O investimento das editoras brasileiras em traduções de obras já consagradas e a publicação de autoras e autores nacionais com notório saber sobre o assunto, alargou a oferta e estimulou a leitura desse gênero literário, visto como instrutivo e funcional.

Em alguns casos, com diálogos direcionados às mulheres, os manuais apresentavam conteúdos específicos para o seu comportamento, bem como, sobre as formas “aceitáveis” para mulheres de bom tom. No entanto, as leitoras de manuais de etiqueta poderiam ser, igualmente, leitoras de outros suportes de representações e, nesse sentido, havia perspectivas múltiplas sobre

espaço social ocupado por mulheres. A esse respeito, a seção *O Globo Feminino*, do Jornal *O Globo*, apresentou um texto com a seguinte consideração:

> Felizmente, já vai bem longe o tempo em que modernismo e feminismo eram quase a mesma coisa e consistia no completo abandono das atitudes tradicionalmente cultivadas pelas mulheres. Quando as mulheres começaram a bater-se pelo direito do voto e pela liberdade feminina surgiram as famosas sufragistas americanas, que, mal orientadas, timbravam em se apresentar em público o mais masculinamente vestidas que fosse possível, ostentando então gestos audaciosos, naturais nos homens, mas incompatíveis com a gentileza própria ao seu sexo. O mal exemplo, como sempre, frutificou e centenas de mulheres por todo o mundo lançaram longe tudo aquilo que fazia seu encanto e glória, passando a adotar gesticulação, maneiras e ideias tipicamente masculinas (O Globo, 27/04/1945, p. 9).[38]

O texto assinado por "Paul", sem maiores detalhes de sua procedência, deu a ler um posicionamento visivelmente condenatório aos movimentos feministas e suas reverberações. A presença de uma narrativa que explicitava uma opinião negativa sobre eventos protagonizados por mulheres em uma seção dedicada às mulheres é indiciário de representatividade, ainda que, parcial, sobre as leitoras do referido Jornal. De forma alguma, atribuo homogeneidade de pensamento às leitoras de determinadas leituras, no entanto, se faz necessário pensar sobre a escolha editorial de alocar esse tipo de narrativa em tal seção. Sem o acesso aos sentidos produzidos por tal leitura, pondero que havia algum respaldo para que o texto fosse alocado n'*O Globo Feminino*, portanto, estabeleceria interlocução positiva com parte das leitoras. Em certa medida, a narrativa do Jornal se aproximava das contidas em manuais das décadas de 1940 e 1950. A expectativa social acerca das mulheres criava idealizações sobre seus modos cordatos e sua apresentação suave e delicada. Em uma prescrição de um período próximo, o manual de Margery Wilson (1947, p. 51) fez o alerta: " a mulher fisicamente brusca e desajeitada, tem quase sempre uma maneira desajeitada e brusca de pensar. Pode, por vezes, distrair e animar, chegará porém sem dúvida um momento da vida, em que lhe serão necessárias a graça e a suavidade". Dessa forma, mulheres de "gestos audaciosos" eram desqualificadas em sua feminilidade.

Na mesma seção do Jornal, alguns meses mais tarde, uma reportagem intitulada "Fala uma feminista", apresentou as considerações de uma delegada australiana, participante da Conferência de São Francisco (EUA), acerca da condição das mulheres no período final da II Guerra Mundial. Entrevistada por Adelaide Kerr, Mrs. Jessie Street, ponderou,

---

[38] Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019450427C&edicao=Vespertina. Acesso em: 25 abr. 2018.

> A despeito do progresso obtido do movimento feminista, não há um país onde a mulher goze de completa igualdade com o homem, e em alguns elas ainda são consrvadas em haréns e vendidas para o casamento.
> As organizações feministas devem considerar estas questões e se baterem por um "status" feminino, o que foi, aliás, recomendado na Conferência de São Francisco (O Globo, 16/11/1945, p. 9).[39]

Complementando a fala da delegada australiana, a colunista destacou a sua participação na fundação e presidência da "A União das Associações Feministas da Austrália", seu intenso ativismo em causas sociais, a sua circulação por diversos países, realizando conferências e até a sua participação em um pleito eleitoral como candidata. A ênfase sobre a carreira da australiana indicou uma afinidade com as ideias libertárias e o tom quase comemorativo sobre os feitos da mulher. O posicionamento contraditório em relação ao texto publicado no mês de abril é perceptível. Se, primeiramente, a postura de feministas era severamente criticada, em outro momento, Mrs. Jessie Street foi elogiada por seu empenho internacional nas pautas feministas. A presença das duas publicações em uma mesma seção de jornal, em datas diferentes, porém, em uma mesma conjuntura, é indiciária das tensões sociais presentes no entendimento sobre o espaço social das mulheres. As tendências liberais e igualitárias permaneciam em constante negociação com as concepções conservadoras que entendiam os modos como "próprios" de um sexo ou "tipicamente" de outro. Esse movimento era representativo de um presente específico e se espraiava por diversos outros suportes de escrita.

O comportamento feminino era matéria de intensa circulação em suportes de escrita. Sob tal perspectiva, havia atitudes e posturas esperadas das mulheres tanto no espaço privado quanto no público. A partir de pesquisa realizada nas revistas *O Cruzeiro* e *Jornal das Moças*, do período conhecido como "Anos Dourados" (década de 1950), sobre as representações de mulheres solteiras e casadas e as prescrições para suas condutas, Bassanezi (2007, p. 163)[40] considerou que, "o código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os

---

[39] Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019451116C&edicao=Vespertina. Acesso em: 10 mai. 2018.

[40] Nessa pesquisa Carla Bassanezi utilizou exemplares da Revista *O Cruzeiro* a qual tinha uma considerável vendagem e circulação. Não era uma publicação direcionada para mulheres, no entanto, algumas seções e reportagens abordavam questões relativas ao universo feminino e suas particularidades. Em meio a isso circulavam inúmeras prescrições de comportamento para mulheres, refletindo algumas das representações sobre o espaço social, sua atuação e as formas de tornar-se legítima perante uma sociedade que primava pela moral diferenciada para mulheres e homens. O *Jornal das Moças*, como o nome anunciava, tinha um público especificado, portanto, seus assuntos eram previstos para a leitura de mulheres e, assim como *O Cruzeiro*, tinha em suas páginas dicas de comportamento que configuravam as atitudes esperadas de/para mulheres solteiras ou casadas, na mesma esteira da perspectiva de uma conduta ilibada.

educadores, os jornalistas... A moralidade defendia a boa família, ou melhor, o modelo de família".

O fato de determinados conceitos constituirem parte do repertório de atributos das mulheres talhadas para a sociedade[41] fazia com que questões localizadas fora dessas balizas se tornassem motivos de preconceito e marginalidade. Nessa esteira, as etiquetas e boas maneiras pensadas para as mulheres do período seguem o desenho de uma mulher estereotipada que reafirmava padrões culturais ditos tradicionais e permanecia na ordem de uma sociedade patriarcal, delimitando a margem de mudanças e da auto leitura das mulheres sobre a sua atuação e vivência em sociedade. As prescrições eram enfáticas em destacar as qualidades que diferenciavam as mulheres. Segundo Margery Wilson (1947, p. 211) "a mulher bem nascida sabe que uma dona de casa nunca deve aparentar fadiga! Se está no limite da sua resistência, nunca deve confessá-lo". A seleção das maneiras atribuídas às mulheres convergia no sentido de nutrir permanências que contribuíssem na construção de uma mulher ideal naquele presente, alguém predisposta às "atitudes tradicionalmente cultivadas pelas mulheres" (O Globo, 27/04/1945, p. 9) e imune aos "maus exemplos", como os provenientes dos movimentos feministas.

Não obstante construírem, por meio da narrativa, uma seleção de leitoras e leitores, os manuais, de forma geral, continham prescrições para toda a sociedade. Como já foi mencionado anteriormente, essa totalidade era delimitada por recortes de condições financeiras, instrumentalização para a leitura e, subjetivamente, de gênero. Em sua nota introdutória, Carmen D'Ávila (1958) declarou: "este livro é um secretário particular, confidente discreto dos pequenos embaraços da nossa vida em sociedade" e, portanto, não seletivo do público para o qual escreveu, inclusive, incluindo-se, quando se referiu à "nossa vida". Todavia, as formas como a autora apresentou o comportamento considerado de boas maneiras para as mulheres, edificavam um perfil com características selecionadas naquele período. Seriam aquelas que dispunham de um considerável poder aquisitivo, o qual lhes permitiria compartilhar de determinados espaços e práticas reservados aos estratos mais altos da sociedade. Às mulheres casadas era sugerido que nunca se apresentassem a um estranho com seu primeiro nome, segundo a recomendação da autora, deveria apresentar-se fazendo referência ao nome do marido: "Eu sou a Sra. Gustavo Sodré" (D'ÁVILA, 1958, p. 63), exemplificou. O modelo de família mencionado por Bassanezi (2007), circunscreve essa perspectiva, vinculando a mulher ao marido perante o grupo social de sua circulação de forma a omitir sua identificação pessoal

[41] Expressão indicativa da preparação das mulheres dentro de terminados padrões para a convivência social e a conquista da admiração pela boa formação e adequação ao acordo tácito delimitador da função feminina.

e constituir-se como um anexo familiar. Corroboravam essa visão as precrições para os cartões de visitas femininos, nos quais as mulheres deveriam escrever o nome do marido, precedido do pronome de tratamento "senhora", tanto no caso de serem casadas ou viúvas. "*Viúxa X* é permitido somente nas inscrições de firmas comerciais" (D'ÁVILA, 1958, p. 247), portanto, mesmo após a morte do cônjuge, a representação da tutela permanecia. Marcelino de Carvalho (1961, p. 92) ainda inferiu que "o casal pode ter o mesmo cartão, colocando o nome do marido acima do da mulher. Também é usual a fórmula: Sr. e Srª Sousa Mendes", exemplificando uma forma de como deveria ser feita a referência à mulher nesse artefato de cultura escrita destinado a circulação no meio social ao qual o casal se inscreve.

A condição secundária das mulheres foi narrada nos manuais como uma característica conhecida e aceita. A forma como eram apresentadas as iniciativas femininas contêm em si o elemento da contenção que, supostamente, faz parte de uma "personalidade feminina". Sobre as ousadias, ponderou-se que eram possíveis, porém, não constituíam um lugar comum. Sobre o assunto, Margery Wilson (1947, p. 26) afirmou que "se uma mulher de personalidade mais forte se arrisca a ir na frente, as outras admiram-se e raras vezes suspeitam a luta que travou, intimamente, depois de dar o passo decisivo". Segundo a autora, a passividade internalizada nas mulheres fazia com que se desafiassem para tomar uma iniciativa, ainda que fosse o simples fato de adentrar primeiramente em um recinto qualquer. A condição de estar, em muitas ocasiões, "acompanhada" constituía-se em um tipo de adestramento para depender da iniciativa do outro, comumente, um homem. Mais adiante, a autora corroborou a perspectiva do seu entendimento acerca da passividade.

> Toda mulher que dispensa estas atenções [esperar pelo homem para abrir a porta], por parte de um cavalheiro, deixará aos poucos de receber as pequeninas delicadezas que deveria merecer. Não é possível saborear ao mesmo tempo a bolo da cortesia cavalheiresca e o pudim da independência (WILSON, 1947, p. 29).

A não espera pela iniciativa de um homem para abrir-lhe uma porta foi colocada pela autora como um gesto de indenpendência, entretanto, a mesma alertou para o fato de que tal gesto poderia dispensar o cavalheirismo e desconstruir o hábito nos homens, e isso foi descrito como uma perda para o convívio. A prescrição acenava para a manutenção de um modo já construído e atribuía a responsabilidade dessa continuidade à forma como as mulheres reagiriam a ação. Os vestígios estruturais foram narrados de forma a se sobrepor aos movimentos conjunturais que teriam a possibilidade de conceder autonomia às mulheres imersas naqueles convívios. As iniciativas masculinas se associavam aos modos culturalmente

construídos nos quais lhes competia a proteção sobre as mulheres com quem conviviam de forma que lhes assegurasse a permanência de certo controle sobre as mais diversas situações.

Outras questões de protagonismo dos homens também foram abordadas nos manuais. O autor Pitigrilli promoveu aparente censura sobre os maridos que desqualificavam as qualidades de suas esposas na crônica *A senhora tem razão*, do manual *Não se come frango com as mãos*, a qual discorreu sobre um pedido de divórcio movido no Tribunal de Buenos Aires. A questão partiu da esposa, com a seguinte base:

> 1º -Perdi na roleta de Mar Del Plata uma quantia considerável porque toda vez que eu apostava em um número ou numa combinação de números, meu marido me censurava: "Você perde porque não sabe jogar" [...].
> 2º - Por meio de humilhações, burlas, vexames que me leveram a um absurdo complexo de inferioridade, conseguiu fazer-me acreditar que não era bonita, nem atraente, nem elegante (PITIGRILLI, 1959, p. 115).

O autor narrou os detalhes desse processo enfatizando as críticas do marido sobre sua mulher, problematizando a superioridade intelectual natural atribuída aos homens e a forma como insidia sobre as relações maritais em diferentes sociedades do período. Com explícito investimento humorístico, Pitigrilli estimulou o debate sobre as bases do casamento, a autonomia das mulheres nessa relação e a concepção acerca da inteligência das mulheres. Sua crônica não apontou o desfecho do caso, mas, declarou o seu apoio à reivindicação da mulher, no entanto, considerou que os tribunais eram formados por homens, sendo assim, imperava o descrédito sobre os méritos da questão. Ainda que a defesa de Pitigrilli estivesse voltada para as razões da mulher, sua recomendação final foi de que os casais que compartilhassem do gosto por jogos deveriam ocupar mesas separadas para evitar a desconcentração na excecução da tarefa, sem cogitar, por exemplo, que a mulher fosse sozinha a esse tipo de recinto. A construção da necessidade de vincular as mulheres a figuras masculinas, primeiramente ao pai e, na sequência, a um marido, era recorrentemente justificada pela caracterização das mulheres como seres entregues aos sentimentalismos excessivos. Segundo a narrativa de Carmen D'Ávila,

> O fato é que a mulher sentiu sempre a necessidade de exibir os seus direitos de esposa; tanto que na Inglaterra, houve um tempo em que algumas damas, a fim de protestar contra a união livre e outras decadências, fizeram tatuar na base do dedo anular a aliança de casamento, com a data do noivado e as iniciais do esposo (D'ÁVILA, 1958, p. 323).

A construção da dependência feminina era afirmada por uma ótica, supostamente homogênea e também feminina, a qual legitimava como um desejo que partia das mulheres, afinal a autora deixou de ponderar a respeito das mulheres que estavam de acordo com a "união livre", uma vez que, no período eram consideradas apenas as uniões heterossexuais. Nesse

sentido, foi evidenciado um recorte de leitoras e leitores, o qual não incluía as classes desafeitas aos padrões social e moralmente instituídos quanto ao casamento. Ainda sobre o caráter passional das mulheres representadas nos manuais, Margery Wilson (1947) inferiu sobre a forma como se relacionavam com as dificuldades cotidianas, impostas pela mudança de condição de solteira para dona de casa.

> Mais de uma jovem esposa se viu reduzida a uma sombra de si mesma, a um feixe de nervos, à anemia e ao desquite, unicamente porque o fardo da vida lhe tornou insustentável, adicionado ao peso dos problemas diários do ajustamento social. Motivos estes dificilmente conhecidos, por serem demasiado simples para se levar em conta (WILSON, 1947, p. 18).

As problemáticas cotidianas vividas pelas mulheres que se dedicavam às tarefas do lar da família foram reduzidas a insignificantes ao ponto de a autora afirmar que não eram reconhecidas por pessoas alheias a situação. A reação relatada pela autora apontou para mulheres instáveis emocionalmente que não conseguiam lidar com sua vida de dona de casa. A caracterização das mulheres como seres prioritariamente emocionais buscava legitimidade em relatos apropriados de outros contextos, como forma de ilustrar por que as mulheres "são assim". Carmen D'Ávila (1958) mencionou eventualidades da cultura inglesa e Pitigrilli (1956) ampliou ainda mais o recuo temporal, remontando à mitologia grega.

> Talia é a mais absurda, caprichosa, volúvel, imprevisível de todas as Musas. A mais mulher, numa palavra. E a mulher, disse-o Michelet, é um animal metereológico. [...] De todas as Musas é aquela sobre a qual se deve fazer menos prognósticos. As suas mudanças de disposição de ânimo são imprevisíveis. O bom ou mau êxito de uma comédia depende de uma corrente de ar (PITIGRILLI, 1956, p. 57).

A suposta instabilidade emocional das mulheres, segundo as autoras e autores, encontrava respaldo nas mais remotas civilizações. As formas como foram concebidas e estigmatizadas reforçavam a ideia de que "sempre foram assim" e justificavam que os comportamentos deveriam ser balizados e adequados às formas sociais em cada tempo. As autoras e autores evidenciaram uma estratificação temporal que mobilizou as lembranças pertinentes para serem selecionadas. Num exercício anacrônico de leitura desses manuais, seria possível visualizar situações do século XXI, como, por exemplo, a depreciação sofrida pela mulher argentina na década de 1950 e os discursos feministas acerca do assédio moral e suas consequências, sobremaneira veiculados no século XXI. Nessa esteira, compreendo que as representações constantes nos conteúdos desses manuais constituem elementos estruturantes que possibilitaram a repetição de eventos e a elaboração de memórias. Em consonância com as discussões Koselleck acerca das verdades religiosas instituídas, os conteúdos dos manuais são

como “enunciados básicos que só muito lentamente se modificam ao longo dos séculos e permanecem disponíveis, mesmo que nem todos os compartilhem” (KOSELLECK, 2014, p. 25). As representações construídas por essas narrativas evidenciaram permanências que insidem sobre problemáticas sociais discutidas na atualidade, ainda sem perspectiva de desfecho. Os indícios de um tempo recuado se presentificam nas relações que persistem em busca de justificativas e respaldos. Aparentemente obsoletas, as narrativas dos manuais jogam luz sobre passados ainda presentes, que continuam a negociar os espaços ocupados por mulheres, bem como, suas diversas condições na sociedade.

A vinculação das mulheres a uma figura masculina condicionava, em parte, a sua atuação ao ambiente doméstico. Entretanto, a condição socioeconômica das mulheres leitoras de manuais de etiqueta lhes possibilitava o trânsito em espaços públicos para cumprir as suas atribuições junto aos grupos sociais de seu convívio. Não obstante, em alguns casos, permanecerem em segundo plano, a circulação em reuniões festivas, restaurantes, teatros, ou mesmo, na rua, era também norteada por prescrições de bom tom. Sobre os lugares públicos Carmen D’Ávila (1958, p. 118) sugeria a discrição: “num restaurante, como em toda a parte, uma senhora deve ser comedida nas suas atitudes, sem maneiras desenvoltas para se dar ares de pessoa habituada a frequentar os lugares de reuniões elegantes”. De acordo com Maria do Carmo Nickol (1968, p. 178): “uma senhora acompanhada não se dirige ao garçon. [...] Uma senhora entre dois cavalheiros, num restaurante, deve prestar atenção igualmente a ambos. [...] As senhoras não devem retocar a pintura do rosto à mesa”. As mulheres não deveriam despertar atenções, pois, em geral, estavam acompanhando seus cônjuges e, por conseguinte, sem maiores protagonismos no encontro social.

Para participar das conversas em reuniões sociais, as mulheres deveriam limitar-se aos assuntos que lhes pareciam pertinentes e manterem o respeito para com os homens de maior ilustração. A crônica de Pitigrilli no manual *Marido Perfeito, Mulher Ideal* (1956), sob o título *Joias*, atribuiu às palavras a mesma beleza e raridade de joias, as quais seriam feitas de diversos materiais com diversos valores, mas, recorrentemente, usadas com bom senso e de forma adequada, causariam apreciação. Os casos relatados na crônica trataram de perguntas e comentários feitos com “o mau costume de falar daquilo que não se sabe, de acreditar que a hipótese que relampeja em nosso pensamento sem preparo ainda não foi objeto das meditações e de tormento na vida dos pesquisadores” (PITIGRILLI, 1956, p.185). Curiosamente, o autor se incluiu quando explicou por que se deveria ter critério para adentrar a uma conversa, porém, nos quatro casos narrados, mulheres fizeram parte dos exemplos de palavras mal colocadas em momentos impertinentes. Nesses casos, foi ressaltada a displicência das mulheres ao participar

das conversas e a pouca complexidade de seus pensamentos, os quais limitavam o entendimento e dificultavam o diálogo com os homens.

Nas conversas ocorridas entre mulheres era naturalizada a ideia de que predominavam os assuntos domésticos, considerados intrínsecos ao universo feminino. Ao sugerir formas de conduzir uma conversa agradável em uma reunião social, o manual *Mil regras ilustradas de boas maneiras* orientou: "um comentário qualquer sobre moda, costura, bordado, pintura, é suficiente para começar uma animada conversação numa roda feminina" (NICKOL, 1968, p. 35). Mais uma vez, o diálogo com leitoras e leitores foi demarcado pela sugestão que supõe mulheres donas de casa, não trabalhadoras, afeitas e com disposição de tempo para os trabalhos manuais. A respeito da amenidade dos assuntos sobre os quais empreendiam as mulheres, Maria do Carmo Nickol destacou uma recomendação um tanto deslocada no item que intitulou *A palavra como arma na luta pela vida.* Neste item, a autora tratou, majoritariamente, da necessidade do aperfeiçoamento das técnicas discursivas no âmbito da retórica e da corporeidade, como forma de tornar-se uma pessoa confiável e persuasiva. No entanto, no primeiro item na lista de recomendações, constava que "não é tão raro ouvir-se: 'ela é bonita, mas, quando fala, é uma tristeza'. Não deixe que isso lhe aconteça" (NICKOL, 1968, p. 38), fazendo uma inferência acerca de uma performance discursiva prioritariamente direcionada para mulheres. Com pouca relação com os itens genéricos que se seguem, foi enfatizado o caráter descomprometido e pouco culto dos pronunciamentos de mulheres, construindo um julgamento de valor sobre a capacidade de elaborar argumentos e defender pontos de vista.

Ainda sobre as relações em espaços públicos, Nickol ofereceu recomendações objetivas para as senhoras que desejassem manter sua imagem de distinção e comedimento. Para frequentar espetáculos teatrais, recomendou: " as senhoras devem permanecer em seus lugares, embora um cavalheiro possa visitar uma dama numa frisa, durante um intervalo" (NICKOL, 1968, p. 82) e, em lugares onde houvesse dança, "as senhoras devem dançar apenas com os companheiros de mesa" (NICKOL, 1968, p. 120). Evitar a exposição considerada excessiva era uma atribuição das mulheres como forma de preservar sua família e a si mesma de ser alvo de comentários pejorativos. Essas atitudes permitiriam o seu trânsito em lugares públicos, nos quais se articulavam as cadeias de interdependência social e a possibilidade de compartilhar de espaços seletivos. Nesse sentido, o controle das emoções e a formação de hábitos refinados abria portas para novos horizontes sociais.

A postura das mulheres de boas maneiras previa a educação das mentes e dos corpos numa perspectiva de complacência. A invisibilidade não despertava o olhar do outro e isso era associado à elegância.

> Uma senhora correta não sai à rua sem mangas, nem tampouco vestida de cores vistosas; mesmo em Paris, a verdadeira elegante desaparece mas multidões, confunde-se na massa. Não se caminha balançando o corpo como um velho piloto, nem com passa saltitante como o Pisa-flores do século XVI. Não se balançam os braços ao andar. Basta firmar o polegar sobre a palma da mão para consevá-los em perfeita imobilidade (D'ÁVILA, 1958, p. 24).

O ato de circular em uma via pública suscitava técnica e destreza. O corpo era educado para ser suave e contido. Os modos chamativos eram condenados e não deveriam fazer parte do repertório das leitoras dos manuais. Sobre a circulação das mulheres nas ruas, o manual de Maria do Carmo Nickol também alertou que "é muito deselegante andar balançando os quadris. Procure ter os ombros direitos e andar com a cabeça ereta. Evite o vaivém dos braços. A graça feminina repousa no andar. Procure andar com elegância e dembaraço" (NICKOL, 1968, p. 56). A discrição das mulheres era valorizada nos manuais como elemento de qualificação das mais aptas ao convívio social. O engajamento com questões sociais e feministas e a visibilidade pública não constituía um lugar comum nas narrativas dos manuais. É possível considerar que as leitoras d'*O Globo Feminino* fossem também leitoras de manuais de etiqueta e boas maneiras e essa diversidade na representação de um tempo constitui os vestígios de seus estratos. A expectativa sobre as conquistas auferidas por algumas – as contestadoras – poderia alcançar o horizonte de todas, contudo, isso não inviabilizava a preocupação com a distinção apreendida pelas maneiras. Ainda que os discursos sobre a liberdade de escolha feminina e autodeterminação sobre seus corpos constituíssem os parâmetros para as reinvindicações das mulheres de diversas partes do mundo, nas décadas de 1940,1950 e 1960, as boas maneiras, pela ótica dos manuais analisados, permaneciam muito próximas da idealização de uma mulher que atendesse aos requisitos construídos como adequados para um modelo social patriarcal e conservador, o qual, todavia, se pretendia continuar. A figuração feminina no meio social era construída em relação ao outro. Nas palavras de Margery Wilson,

> Saber dominar o próprio temperamento em qualquer circunstância é, na sociedade, a mais preciosa das qualidades adquiridas. Lady Mendl contava, que, quando criança, a mãe lhe costumava dizer: "Sê bonita se puderes; espirituosa, quando for conveniente; mas agradável sempre, mesmo que te custe a vida! (WILSON, 1947, p. 21)

A performatização das mulheres leitoras de manuais de boas maneiras em sociedade, direcionava-se a constituir a mediação entre os percalços da vida profissional de um marido, a obviedade da incorporação das tarefas domésticas e a leveza teatralizada nos encontros sociais. Os conteúdos oferecidos nessas literaturas de formação dão a ver as formas como as mulheres de um tempo foram representadas, mas, para além disso, dão indícios das estruturas temporais

sob as quais se constituíram as memórias funcionais para instituir o comportamento das mulheres das classes mais abastadas, suas limitações e possibilidades. Os múltiplos passados selecionados na construção dos argumentos sinalizou para escritas mescladas de intenções que buscavam conservar e revolucionar, caracterizadas pela presença de várias camadas de tempo, as quais entrecruzaram as muitas experiências acumuladas até aquele momento. Da mesma forma, dão a ler os passados que pesam sobre o presente das autoras e autores, os quais, ao mesmo passo que falam do seu tempo, dialogam com um possível futuro que se pretendia edificar por meio daquelas prescrições.

3.2 LUGARES DE MULHERES: DESLOCAMENTOS ENTRE DONAS DE CASA E SECRETÁRIAS

> Há muita coisa, além da proclamada arte da elegância, que as mulheres, – em geral – podem aprender com as suas irmãs francesas. É bem possível que este assunto se relacione, remotamente, com a reconhecida habilidade das francesas para cativar o homem. Uma francesa, de qualquer condição social, não só sabe dirigir a sua casa como também sabe o modo por que ela está sendo dirigida. Seria difícil encontrar uma senhora distinta, francesa, que num caso de emergência, não fosse capaz de preparar pessoalmente uma comida excelente (WILSON, 1947, p. 198).

No âmbito privado, no trato com a casa – uma área compartilhada com a família – recaía sobre as mulheres o dever de organização, manutenção, recepção de convidados, enfim, os afazeres relacionados a esse ambiente, os quais, segundo a autora Margery Wilson, eram de inteira responsabilidade das mulheres. Empenhar-se em desenvolver tais habilidades era uma garantia de que seriam bem sucedidas na administração de seus lares e, por conseguinte, na manutenção de seus casamentos. A idealização de um perfil de mulher suscita uma seleção de aspectos, virtudes ou qualidades que devem ser constantes nesse perfil. A expectativa gerada pelo casamento selecionava características convergentes à atuação competente na administração da casa. A condição delimitada pelo espaço doméstico dava ênfase aos afazeres circunscritos por esse ambiente e ocultava outras possibilidades. A elaboração de prescrições que “ajudavam” na desenvoltura das donas de casa dá a ler os aspectos que as caracterizavam, bem como, as práticas a serem evitadas, selecionando assim, o que deveria ou não ser por elas lembrado.

Essa perspectiva se fazia possível a partir de uma construção cultural presente nas décadas de 1940 e 1950, a qual delineava o percurso de vida dos homens para uma formação profissional, empreendimento na carreira, formação e provimento de uma família, e, para as mulheres, a preservação de uma reputação considerada respeitável, a aprendizagem de afazeres

domésticos e o casamento. A casa se tornou um território, comumente, destinado às mulheres (PEREIRA, 2009), nesse sentido, os eventos ocorridos no ambiente da família eram orquestrados por mulheres e estas deveriam munir-se de informações e práticas que tornassem o momento agradável para os presentes e expressassem a harmonia da casa. Essas concepções reverberaram nas prescrições circulantes nas décadas seguintes.

> Toda a responsabilidade sobre o brilho de um jantar, recai na dona da casa, por isso cabe-lhe um grande esforço, no sentido de que tudo corra admiravelmente, quer conte com grande número de criados, quer disponha de apenas uma ajudante (MARIA, 1979, p. 60).

A ênfase sobre os atributos da dona de casa embasava os julgamentos que conferiam sucesso ou fracasso às reuniões sociais realizadas no ambiente familiar. Essas situações eram o cenário dos convívios mais amistosos e descomprometidos, bem como, de oportunidades mais íntimas para se constituir novos laços sociais com objetivos específicos. Portanto, o desempenho da dona de casa na recepção era um fator importante para garantir o êxito do evento, fosse este de qualquer natureza. De meados para o final do século XX foi possível perceber algumas mudanças de perspectiva nos manuais da autora Célia Ribeiro. O bom funcionamento do evento não permaneceu restrito à responsabilidade somente da anfitriã e a colaboração das pessoas no serviço era vista como uma possibilidade de interação entre o grupo. Mais de uma década depois outra possibilidade emergiu à cena. Na abordagem sobre o mesmo tema os homens foram sugeridos como participantes efetivos no evento, com iniciativas próprias de colaborar com a recepção dos convidados, inclusive, permanecendo na cozinha, enquanto a mulher distrairia os presentes.

> Quem recebe sem empregados não age como se os estivesse substituindo, andando em volta da mesa para servir. Todos colaboram gerando uma confraternização maior. À hora de trocar de pratos , eles serão alcançados à anfitriã que os disporá bobre o móvel auxiliar, sem empilhar. Daí para a cozinha. Na volta, trará a sobremesa (RIBEIRO, 1992, p. 64).

> Os anfitriões não devem parecer que estão substituindo os empregados, e descontraidamente exercem sua função, da forma mais gentil, com a colaboração de todos. [...] Enquanto a dona da casa ultima o jantar, o companheiro atende os convivas. Na vida moderna, os papéis podem se inverter. Ele que fica na cozinha (RIBEIRO, 2005, p. 146).

Os trechos citados pertencem aos itens *Serviço* (RIBEIRO, 1992) e *Jantar em casa* (RIBEIRO, 2005), de cada um dos manuais. As narrativas sinalizaram que as responsabilidades por um evento no âmbito doméstico foram ampliadas, com a possibilidade da participação masculina nas funções. Porém, é necessário atentar para a afirmação do segundo excerto, no

qual o “papel” das mulheres foi apenas “invertido” e, subjetivamente, sugeriu ser isso eventual, como, por exemplo, quando se recebe visitas em casa para o jantar. Ainda que Celia Ribeiro não explicitasse a seleção de qualidades que caracterizavam uma dona de casa, as suas atribuições permaneceriam implícitas. Assim como inferiu Castillo Gómez (2002) sobre a escrita ser, durante muito tempo, acessível a segmentos específicos de classe e gênero, contribuindo assim para desigualdades e discriminações, mesmo com a ampliação de acessibilidade e uso, nos séculos XX e XXI, engendraram-se outras estratégias para naturalizar desigualdades e discriminações com relação ao espaço social das mulheres, também por meio da escrita. A configuração de limites e o estabelecimento de lugares foi dado a ler em formas mais sutis, sem tanto impacto, de certa forma, amenizado. A leitura comparativa entre Dora Maria (1979) e Celia Ribeiro (1992; 2005) apontou mudanças consideráveis, entretanto, a leitura problematizada forneceu indícios de permanências estruturantes, evidenciando a presença de um passado. Nos manuais de Ribeiro (1992; 2005), a autora procedeu uma revisão sobre suas concepções, acrescentado formas supostamente atualizadas e condizentes com as práticas nos períodos vigentes, num movimento de transformação de representações coletivas operada, nesse caso, por meio de adendos de escrita.

A divisão das tarefas na dinâmica conjugal depreendida da narrativa de Margery Wilson (1947) consistia, possivelmente, em conceder as atividades públicas e de sustento, ao marido e, as domésticas e de cuidado, à mulher. Essa configuração foi sobremaneira internalizada, de modo a constituir uma estrutura de repetição (KOSELLECK, 2014) sobre a qual se sustentaram as práticas das mulheres que adentraram o mercado de trabalho, gradual e irreversívelmentemente a partir de década de 1950, incidindo na acumulação de funções domésticas e profissionais. Essa situação ocorria tanto nos espaços urbanos[42], nos quais os processos de industralização do país e o crescimento populacional das cidades mobilizavam as mulheres para ocuparem um espaço produtivo e rentável, quanto nos espaços rurais, igualmente alterados pelos processos de modernização da agricultura, os quais, segundo a pesquisadora Maria Aparecida Moraes Silva (2004, p. 562), transformaram o “pai-marido-patrão” em um “provedor defeituoso da família”, assolado pelo desgaste físico em função das jornadas longas e pesadas e os baixos salários. A presença das mulheres como trabalhadoras individuais se instensificou nos anos 50 e se espraiou pelas mais diversas funções e ambientes, configurando assim, a duplicação da jornada já instituída no ambiente da família.

[42] Sobre assunto, foram realizadas pesquisas por Rago (2004), Matos e Borelli (2013), entre outras.

> A mulher casada, trabalhando dentro ou fora de casa, está sempre sob pressão, digamos assim, mesmo que seja eficiente e saiba dividir as tarefas. Há sempre pequenas complicações – uma doença do garoto, a empregada que se vai, a transferência do marido para outra cidade. A mulher deve ter muita capacidade de trabalho, para realizar sua tarefa ao mesmo tempo que resolver os problemas da família. Seus problemas pessoais não podem ser levados em conta, e ela tem necessariamente que trabalhar com mais eficiência em seus labores diversos, do que o homem que trabalha ao seu lado e que está, por tradição, isento dos mil problemas pequenos ou grandes, que competem às mulheres. [...] O problema é duro e nenhuma mulher pode encontrar felicidade preterindo a família e a casa em favor do trabalho. Uma vez que assumiu as naturais responsabilidades de mulher, se o trabalho que tiver de exercer deve sacrificar seus deveres domésticos, o benefício material não compensará essa falta (VANDERBILT, 1962, p. 113).

A naturalização das condições das mulheres em relação aos âmbitos familiar e profissional foi enfatizada nos conteúdos do manual de Amy Vanderbilt. A obrigação de dividir-se entre as tarefas do trabalho e da casa era colocada como um dos nobres desafios impostos às mulheres que optavam pelo trânsito entre os dois espaços e a opção única pela carreira profissional era desqualificada por meio do apelo emotivo baseado nas "naturais responsabilidades" das mulheres, afastadas das questões relativas à autodeterminação sobre o corpo e a sexualidade. A reafirmação dessa perspectiva sobre o desenvolvimento profissional das mulheres insidiu sobre memórias coletivas que reverberaram no século XXI. A condição chamada de "dupla jornada" é, hoje, relevante aspecto de discussões acadêmicas e não acadêmicas nos organismos internacionais que debatem as questões de igualdade de gênero[43]. Sob uma aparente inocência, envolvida por afetividade, era ratificada a ideia de que se, em princípio, o privado era o espaço das mulheres e estas se espraiaram pelo público, deveriam arcar com o ônus de duplicar suas atividades, uma vez que, era uma opção própria.

O Jornal *O Globo*, de 30 de novembro de 1945, publicou no caderno *O Globo Feminino*, doze dicas práticas intituladas *Para as donas de casa* (Anexo 2). O texto se constitui em conselhos direcionados às donas de casa, atribuindo-lhes a responsabilidade tanto sobre o funcionamento prático da casa, quanto da condição harmônica desejada em um lar "bem administrado". Dentre a lista (completa no anexo 2), destaquei quatro itens referentes ao exercício da administração do lar.

---

[43] Entre as décadas de 1960 e 2000 foram inúmeros os eventos que se reportaram a criação, garantia, preservação e manutenção dos espaços e direitos das mulheres. Sem o intuito de realizar uma revisão bibliográfica sobre o assunto destaco aqui alguns estudos da área da História (SOHIET, 1989; 2015) (PINSKY; PEDRO, 2012), da Antropologia (SARTI, 2001) (MACHADO, 2010), das Ciências Sociais (ALVAREZ, 1990,2000), os quais vêm contribuindo para a construção de reflexões acerca das representações sobre mulheres e seus lugares sociais. Sobre a questão no âmbito institucional, a parceria entre a Organização das Nações Unidas (ONU) e o governo brasileiro, por meio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (MMIRDH), resultou na elaboração do Caderno de Formação Gênero e Autonomia Econômica para as Mulheres. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/caderno_genero_autonomia.pdf. Acesso em: 10 nov. 2016.

> 1 - Não fique na cama além das 8 horas, qualquer que seja a hora de sua dormida na véspera.
>
> 3 - Durante o resto da manhã examine o que vai pela sua casa, cuide das coisas que a guarnecem, notadamente das roupas e de tudo quanto seu marido estima, sem se esquecer de conferir as contas dos fornecedores.
>
> 4 - Se sair à tarde, procure voltar antes do regresso do seu marido para verificar se tudo está em ordem para o jantar.
>
> 6 - Nunca o aborreça com a narrativa das suas pequenas contrariedades domésticas, pois estas você deverá solucioná-las inteligentemente (O Globo, 30/11/1945, p. 12).[44]

As recomendações veiculadas no caderno feminino d'*O Globo* reverberavam a concepção do doméstico como espaço naturalizado da mulher. O funcionamento da casa, a sua manutenção e organização, segundo a publicação, eram tarefas exclusivamente desempenhadas por mulheres, bem como, o comprometimento de fazê-las com afinco para não aborrecer o marido com eventuais problemas. O diálogo entre perspectivas alocadas em diferentes suportes indicou uma seleção de maneiras que compunham um determinado perfil de boas donas de casa circulante à época[45]. A oferta de tal leitura tanto em um caderno feminino de jornal diário, quanto em um manual de etiqueta e boas maneiras incentivava o processo de sensibilização das mulheres leitoras quanto à internalização desse perfil. Não obstante o Jornal ser produzido para atender os diversos gostos das leitoras, a presença de um texto com teor prescritivo para as mulheres sinalizava uma representação possível acerca de maneiras e comportamentos existentes na sociedade do período, assim como, a possível identificação com, pelo menos, uma parcela das leitoras.

A abertura do mercado de trabalho para mulheres se deu a partir década de 1950 permeada por tensões, preconceitos, julgamentos e discriminações. A presença de mulheres no mercado de trabalho não desmotivou a formulação de normas de comportamento específicas que delimitassem as diferenças. A ocupação de espaços profissionais ocorreu de forma desigual com a utilização da mão de obra feminina, em geral, em condições de desvalorização e subalternidade, por que, segundo Bila Sorj (2004, p. 108) "as obrigações domésticas impõem limites às oportunidades de trabalho oferecidas às mulheres no mercado de trabalho, cujas atividades se caracterizam por carreiras descontínuas, salários mais baixos e jornadas em tempo parcial". Ainda que, os manuais de etiqueta e boas maneiras versassem sobre os modos de mulheres de uma determinada parte da sociedade, no sentido de mostrar sintonia com as

---

[44] Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019451130C&edicao=Vespertina. Acesso em: 20 jul. 2018.

[45] O assunto foi abordado de forma específica em artigo publicado por Salerno e Cunha (2011).

transformações sociais e culturais, abordavam também os contextos profissionais como espaços possíveis para algumas mulheres e, portanto, passíveis de prescrições.

As relações delineadas entre empregados e empregadores, comumente, citavam as mulheres nos cargos auxiliares, constituindo na figura da secretária um ícone da presença feminina no campo de trabalho. A única alusão à ocupação de uma mulher em um cargo de chefia, foi tangenciada no manual de Carmen D'Ávila (1958), situada no capítulo chamado *A correspondência*, no qual a autora utilizou como exemplo de endereçamento a referência: "À Sra. D. Marina Silveira da Gama – Presidenta da [sic] Hospital 'Santa Cruz'" (D'ÁVILA, 1958, p. 203). Entre diversos nomes de mulheres e homens e, algumas formas de endereçamento de correspondência, a autora utilizou um nome de mulher e o seu cargo de presidência. Não me permito fazer afirmações sobre a existência de mulheres nesse tipo de cargo, mas, posso aludir sobre a perspectiva da escrita conter as representações do presente de sua produção e sobre o padrão de referencialidade usado pela autora como uma situação possível. De toda forma, as hierarquias perceptíveis na maioria das escritas sobre as mulheres no meio profissional, evidenciavam cargos subordinados.

> Pode perguntar-se: Quem tem direito ao respeito? A mulher empregada ou os seus chefes? Estes, como chefes, têm direito à deferência e à docilidade no trabalho. Aquela, como mulher, tem direito a que a tratem com cortesia. O chefe pode esperar que ela o cumprimente; mas tomará ele a iniciativa se se tratar de uma empregada que pela sua idade, situação ou valor lhe mereça atenções especiais (BERNAGE, 1961, p. 19).

A concepção da escrita de Berthe Bernage desconsiderou a relação de dupla orientação, na qual os indivíduos tanto são respeitadores quanto respeitados. O respeito foi colocado como valor mediado pela conjunção "ou" em detrimento de "e", sob a perspectiva em que se respeita "ou" se é respeitado. A construção gramatical é indiciária da elaboração subjetiva acerca dos limites da relação, considerando que um chefe não teria obrigações, apenas faria concessões nos casos em que a "idade", a "situação" ou o "valor" da funcionária sustentassem o merecimento das iniciativas de cordialidade por parte do mesmo. Condições estas, passíveis de múltiplas interpretações. Mais adiante no texto, a autora inferiu que "entre rapazes e raparigas convém usar um tom de camaradagem simples. Os homens devem abter-se de alusões equívocas e as meninas necessitam de ser discretas ao pintarem-se ou pentearem-se junto dos seus camaradas" (BERNAGE, 1961, p. 19). Os modos como as mulheres eram tratadas em seus ambientes de trabalho estavam, constantemente, vinculados às formas como se apresentavam e comportavam, depositando sobre elas a responsabilidade das atitudes de outrem.

Com estratégias diversas de construir a prescrição, os manuais compartilharam de uma visão convergente sobre a profissão de secretária e a utilizaram como referência de ambiente de trabalho onde havia a presença de mulheres.

> As moças apresentam-se no escritório, usando saia e blusa, sem artifícios exagerados de maquilagem e não penteadas como se fossem a uma festa. Atendem aos chefes e patrões naturalmente, sem a intenção preconcebida – que, infelizmente impera entre nós – de agradá-lo, para merecer atenções particulares, lidando com as demais colegas com atitudes de prevenção que teriam para com rivais... (MARIA, 1961, p. 35)

Da mesma forma que a discrição era primordial para a circulação das mulheres nos lugares públicos, em reuniões e festividades, era também um princípio a ser seguido num ambiente de trabalho. A aparência com que as mulheres deveriam trabalhar visava a preservar as distâncias – entre e chefes e colegas, recorrentemente, homens – e afirmar uma seriedade profissional, comumente, condicionada pelos trajes vestidos.

O manual de Celia Ribeiro (1992), no item *Relações profissionais,* fez referência a presença de mulheres em altos cargos quando tratou dos figurinos adequados às "executivas". Entretanto, a figura da secretária povoava sobremaneira a memória sobre o trabalho profissional de mulheres. A assertiva tomou porte ao comparar a prescrição às executivas, composta por três frases – uma sobre a roupa, outra sobre a maquiagem e a última sobre o cabelo – ao passo que, as prescrições às secretárias compuseram um item inteiro do capítulo, com quatro páginas – subdividido em: *Discrição, Ética, Recebendo, Visual, Viajando* e *Telefone.* O perfil era minuciosamente traçado, em seus aspectos físicos e comportamentais, construindo um padrão esperado para esse tipo de profissional. O manual de Danuza Leão (1992) corroborou essa perspectiva dispensando um capítulo inteiro ao traçado, o qual, utilizando de seu humor habitual na escrita, nomeou *Trabalho: cha-cha-chá de las secretárias.* A autora iniciou o capítulo com a seguinte citação:

> Os ambientes de trabalho são estranhos. Sempre há uma tensão pairando no ar e um perfume da secretária, na recepção. A partir desse ninho de relações quase perigosas, saiba como se aprumar em escritórios, repartições grandes ou microempresas. Saiba que uma secretária de futuro é aquela que tem a frieza de um robô e a discrição de um gnomo invisível. Assim como os chefes e os patrões devem parecer eunuco de gravata. E.L.[46] (LEÃO, 1992, p. 134)

[46] Atribuo a citação ao jornalista e escritor Eduardo Logullo, autor da apresentação do manual de Danuza Leão. A afirmação se ampara sobre a presença de excertos em todas as páginas iniciais dos capítulos do livro, bem como, sobre a entrevista concedida por Logullo ao colunista Jacques de Beauvoir, localizada em ambiente virtual, na qual, ao ser indagado sobre a produção do livro, o jornalista relatou: "Danuza: apenas organizei o primeiro livro, num momento heavy da sua vida. Consegui editora, levantei a coluna vertebral/emocional dela, arrumei os textos, dei título pro livro e saltei de banda. 'Na Sala com Danuza' vendeu mais de 400 mil exemplares e ficou 38 semanas em primeiro lugar de vendagens no Brasil. Nas sequências seguintes, fui removido por sinhá Danuza. E andei para

A citação de abertura do capítulo destacou que a secretária é aquela profissional que, ao mesmo tempo que chama a atenção, exalando seu perfume na recepção, deve ser um "gnomo invísivel", atuando de forma imperceptível. O excerto se referiu aos escritórios como lugares de "relações quase perigosas", ainda que não afirme a existência do perigo em função da convivência quase íntima entre as secretárias e seus chefes, destacou que a atenção às prescrições do capítulo poderia ajudar uma profissional a se "aprumar" no ambiente. A composição do perfil profissional era representada com base na contenção visual e comportamental. Ao longo do capítulo a autora abordou, de forma descontraída, como deveria ser a relação entre uma secretária e seu chefe, utilizando, igualmente, os princípios da discrição, empatia, sobriedade na vestimenta. As diversas situações possíveis em um ambiente de trabalho, segundo Danuza Leão, seriam mediadas pela perspicácia da profissional. No início do capítulo, a autora destacou:

> No ambiente de trabalho deve-se evitar:
> - salto muito alto, tênis
> - cores berrantes, elétricas
> - saia muito justa, muito curta
> - batom, esmalte vermelhão (e biquíni cavadão)
> - decotes, pulseiras barulhentas, brincos enormes
> - qualquer perfume
> - cabelos compridos e soltos (LEÃO, 1992, p. 136).

Enfática na questão da aparência, vinculou a competência na ocupação do cargo à sensibilidade demandada pelo posto considerado de alta confiança, portanto, não adequado à mulheres que desejasem "chamar a atenção" de alguma forma. Sobre a possibilidade de a proximidade profissional extrapolar os limites permitidos, a autora alertou:

> Secretária: ao ser paquerada pelo patrão, defenda-se, você já deve ter idade para saber como, já não passou dos 15? Afinal, no trabalho ou na rua, toda mulher deve saber como dizer não. Agora, se a coisa ficou mesmo muito feia, seja realista. Você não vai conseguir despedir seu chefe e conservar seu emprego. Então, se for o caso, troque de trabalho antes de ter de chamar a polícia (LEÃO, 1992, p. 137).

Apoiando a imposição da vontade das secretárias sobre o assédio dos patrões, a autora estimulava as mulheres, em geral, a se manifestarem contra as investidas masculinas indesejadas. No entanto, a condição subalterna das secretárias, as condicionava a resolverem a questão com a sua própria demissão, uma vez que, segundo a autora, uma eventual reclamação não surtiria efeito punitivo sobre o superior. Nesse sentido, o respeito profissional e a

---

outros lados. Ainda bem". Disponível em: http://www.bahiavitrine.com.br/entrevistas/eduardo-logullo/103. Acesso em: 20 jun. 2017.

autodeterminação sobre o corpo foram referenciados como ações de mão única, na qual o ônus da divergência recairia sobre a mulher, nesse caso, em cargo inferior. O presente da escrita de Danuza Leão se increvia em um período de intensos debates e movimentos em torno de pautas que reivindicavam especificidade no tratamento dos direitos concernentes aos diversos grupos de mulheres: a Terceira Onda Feminista[47]. Nesse contexto, a rigidez da autora quanto à aparência das secretárias e a conformidade diante de possíveis divergências com chefes, permitiu entrever vestígios das perspectivas de Berthe Bernage (1961) e Dora Maria (1979), nas quais as prescrições recomendavam deferência aos chefes, discrição na forma de se apresentar e cuidado no trato para com superiores e colegas, evitando assim, más interpretações. A continuidade desse modo de pensar emergiu em escritas sobre o assunto, produzidas no século XXI.

> As mulheres, no ambiente profissional, devem evitar saias curtas, decotes, maquiagens ou penteados espalhafatosos, joias ou acessórios muito chamativos e saltos muito altos. Nada deve tirar a atenção destinada à profissional que você é (ARRUDA, 2003, p. 165).

> Inadequado num escritório: trabalhar com vestido muito decotado e transparências; barriga de fora e brincos pingentes exagerados; minissaia indiscreta; perfume forte, excesso de maquiagem e penteado chamativo, roupas com estamparia espalhafatos, unhas muito longas e pintadas em cor forte (RIBEIRO, 2005, p. 69).

A roupa das mulheres no ambiente de trabalho adquiria uma conotação qualitativa quanto a sua postura para a execução de uma tarefa profissional. A adequação ao ambiente se definia pelo não chamar a atenção do sexo oposto que, segundo o excerto de Dora Maria (1961), geralmente estaria em cargos superiores de chefia, portanto, não poderia incorrer nos riscos do assédio. Não se deveria despertar os ímpetos masculinos, os quais eram e, por alguns grupos, são, considerados íntrinsecos – guardada uma dose exagerada de naturalização e preconceito. A vestimenta feminina para o trabalho circunscrevia a concepção de masculinidade que atribuía aos homens as funções de proteção, sustento e superioridade na relação. Fabio Arruda (2003) destacou que a atenção deveria ser preservada para os atributos profissionais e, portanto, não deveria ser despertada, prematuramente, pela aparência. Uma trama de subjetividades se intercalaram, naturalizando a prática, comumente masculina, de inebriar-se pela imagem e, ao mesmo passo, impondo um estereótipo de contenção de feminilidade às que ousassem adentrar

[47] O movimento desenvolveu-se como uma fase de refinamento dos debates empreendidos na fase anterior, na década de 1960. As novas perspectivas das Ciências Humanas, especialmente, a da micro-história, permitiu o deslocamento das concepções de feminilidade configuradas, principalmente, a partir das experiências de mulheres brancas, de uma classe média alta da sociedade para um olhar mais específico sobre a diversidade cultural, social e étnica das mulheres. As pautas de grupos anteriormente invisibilizados ganharam espaço e fortaleceram o movimento que continua a se desdobrar (ALVES; PITANGUY, 1991; FARIA; NOBRE, 1997).

e permanecer no universo profissional, colocando essas situações, ainda hoje, em embate para desconstruir imaginários misóginos e desiguais.

Da mesma forma que se impõem à elas normas ao convívio, se constroem estatutos de percepção e sensibilidade. A roupa nas mulheres, assim como para todas as pessoas, configura mensagens e identidades nas quais se instalam desejos de pertencimento e de definições sobre si mesma. As escritas de boas maneiras apresentadas pelas autoras e autores inferiram sobre categorias de mulheres que poderiam ou não buscar legitimidade em seu convívio social. Desconsiderando as sensibilidades sobre o corpo e o espírito, foram prescritos modos de apresentar-se como meios de pertencer e estar. Em uma escrita que engendrou a disciplinarização das mentes e dos corpos, emergiam as representações de um modo de ser mulher delimitado pelo tempo. A primeira vista se poderia afirmar que é de um tempo passado, no entanto, a construção de argumentos e o intento disciplinador desafiam o movimento temporal e evidenciam passados que ainda atuam, que não passaram. Trata-se de um jogo retórico mediado pela escrita que dá a ver um presente que não é mais e, ao mesmo tempo, permanece, sem ares de passado. Nesse movimento dialético que confunde o que não é mais com que o está sendo e o que será, se constituem memórias sobre mulheres de muitas temporalidades.

Sobre a importância e a permanência das discussões sobre as "roupas adequadas para o trabalho" em literaturas, o lançamento do livro *Chic Profissional*, da autora Glória Kalil, em 2017, prometeu tratar dos nós que ainda persistem acerca da matéria. Estabelecendo um diálogo com as questões que lhe foram propostas por meio de seus canais de comunicação com os interlocures, a autora, afeita aos assuntos sobre moda e estilo, idealizou uma obra que contemplasse prioritariamente os embates de gênero ocorridos no campo profissional no que tange à aparência. Segundo a autora,

> Tanto para mulher quanto para o homem, cada empresa tem o seu código. O Direito é uma área formal para todos os gêneros, por exemplo. Dei uma palestra outro dia para advogados e as mulheres se queixaram muito do machismo, não do conservadorismo. Elas precisam estar vestidas como homem no local. Não é apenas uma roupa formal. Cabe a elas brigar por isso. Os homens não querem mais usar gravata, respondi que eles podem mudar isso, ainda mais hoje que temos novos milionários usando roupas despojadas.[48]

[48] Entrevista com Gloria Kalil, realizada pela jornalista Isabela Serafim, veiculada no O Estadão, versão on-line do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gloria-kalil-lanca-o-livro-chic-profissional,70001849646. Acesso em: 20 jun. 2017.

Com a abordagem centrada nos novos perfis profissionais, emergentes das novas configurações de trabalho, a obra prometeu informar como os profissionais poderiam se sentir seguros quanto à sua apresentação pessoal e colaborar com o êxito de suas relações profissionais. Tudo isso, com o foco ajustado pelas desigualdades e conflitos de gênero vivenciadas no âmbito profissional. A escolha desse tema específico para produzir uma manual de comportamento sinaliza a presença da questão. A vestimenta para o trabalho mantém protocolos para homens e mulheres, no entanto, a abordagem do assunto quando se trata de mulheres carrega concepções pejorativas que ocasionam julgamentos. As mulheres do século XXI continuam a ser qualificadas por seus trajes e, no ambiente profissional, esse aspecto permanece vinculado ao julgamento da competência. As prescrições produzidas desde meados do século XX até o ano de 2017, contemporâneo da minha escrita, não se definiram apenas pelos movimentos culturais que ditaram a moda do período, mas, pela configuração de identificações entre grupos que representaram elaborações coletivas acerca de padrões que negociaram e tensionaram o presente de cada tempo. A forma como cada manual apresentou suas prescrições sobre os espaços doméstico e profissional ocupado por mulheres delineou vivências possíveis em cada período, portanto, destacou continuidades e mudanças na construção narrativa acerca destas vivências.

3.3 ALGORITMOS SOCIAIS: SOBRE A PRODUÇÃO DE ESPAÇOS PARA MULHERES

No campo da História, o conceito de algoritmo permaneceu restrito a pesquisa sobre a etimologia da palavra, a qual possibilitaria atribuir a proveniência do conhecimento, inicialmente, sobre o sistema de numeração decimal indiano e, posteriormente, sobre o campo da Ciência da Computação. Mohamed ben Musa Al-Khwarizmi, um matemático persa do século IX, cujas obras foram traduzidas no ocidente no século XII, sendo uma delas nomeada de *Algorithmi*, possivelmente, emprestou o nome ao conceito, o qual refere-se à descrição sistemática da maneira de se realizar alguma tarefa. Na década de 1930, os estudos da Ciência da Computação adotaram o termo para designar parte do processo de desenvolvimento de ações exequíveis relativas ao campo de estudo[49]. As aplicações do conceito embasaram a analogia

[49] Na Ciência da computação, o conceito foi formalizado em 1936 por Alan Turing e Alonzo Church, descrito como: “um conjunto não ambíguo e ordenado de passos executáveis que definem um processo finito”. Em sua definição o algoritmo requer um conjunto de passos ordenados para delimitar uma ação, entretanto, há a possibilidade de serem desenvolvidos “algoritmos paralelos”, nos quais a sequência de passos consiste em um processo distinto, dependendo do ambiente (digital) em que é executado. Disponível em: http://producao.virtual.ufpb.br/books/camyle/introducao-a-computacao-livro/livro/livro.chunked/ch05s01.html. Acesso em: 20 nov. 2017.

desenvolvida neste capítulo, possibilitando problematizar as prescrições contidas nos manuais como uma sequência de passos que tinham por objetivo o estabelecimento de um espaço legítimo para mulheres, os quais poderiam ser executados em um tempo delimitado – as fases de uma vida – por meio de três ações: a atenção para com a aparência, a inserção no trabalho ou o casamento.

Os conjuntos prescritivos veiculados nos manuais de etiqueta e boas maneiras eram organizados para instrumentalizar leitoras e leitores na ritualização do cotidiano. A internalização em maior ou menor grau de tais prescrições conferia, em tese, elementos que distinguiriam os indivíduos uns dos outros. Segundo Bourdieu (2007), essa distinção é explicitada pelo gosto desenvolvido sobre determinadas coisas e maneiras. A apreciação de modos cordatos e gestos suaves é uma sensibilidade construída por meio da aquisição de conhecimentos, bem como, pela convivência. Ler sobre como se comportar seria uma forma de estimular a observação e também o julgamento que as pessoas fazem sobre si e sobre o outro e isso, consequentemente, classifica, aproxima ou distancia indivíduos que circulam em um contexto social mais genérico. Esse movimento, além de configurar formas identitárias, constrói idealizações que se sobrepõem e têm potencial de atuar sobre as memórias acerca de determinados comportamentos sociais. Os exemplos contidos nessas literaturas se tornavam inspiradores no sentido de que facilitavam a participação na extensão de uma rede de compartilhamento engendrada pela continuidade de determinados discursos e práticas. A aspiração de distinguir-se pelos modos sugeria o uso dessas ferramentas sociais para acessar espaços anteriormente não disponíveis. De forma geral, o conjunto de manuais utilizados nessa pesquisa se inscreve nessa perspectiva de distinção para "abrir portas", entretanto, minha leitura das fontes sugeriu que a construção de um espaço possível para as mulheres foi expressa por algumas prescrições específicas constantes nas narrativas dos manuais.

O aumento da população nas áreas urbanas brasileiras, a partir da década de 1940, e a emergência de uma classe média brasileira gerou um perfil de mulheres oscilantes entre a questão da profissionalização para o trabalho e o percurso que conduzia exclusivamente ao casamento. Em artigo publicado no sítio virtual História Hoje, a historiadora Mary Del Priore destacou o importante papel das revistas femininas, como, *Querida*, *Vida Doméstica*, *Você*, *Jornal das Moças* ou sessões femininas d'*O Cruzeiro*, na elaboração dos projetos de mulher constantes nesses novos grupos urbanos. Segundo a autora, as diversas matérias oferecidas nesses periódicos contribuíam na construção de modelos de comportamentos femininos aceitos e não aceitos na sociedade de meados do século XX. A aparência, os modos, a vivência da sexualidade, os lugares nos quais circulavam, eram alguns demarcadores das mulheres que

realizariam um casamento considerado auspicioso, pois, "aquelas que permitissem liberdades 'que jamais deveriam ser concedidas por alguém que se preze em sua dignidade', acabavam sendo dispensadas e esquecidas, pois 'o rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas'"[50]. Se o comportamento de uma jovem não estivesse dentro de tais balizas morais, a chance de se casar e cumprir o percurso socialmente esperado era sobremaneira diminuída. Nessa esteira, as revistas femininas colaboravam na construção de tais limites e diferenciações.

Segundo a também historiadora Tania Regina de Luca (2013, p. 448), a imprensa dedicada ao público feminino "orbita em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento". Essa consideração remete à escolha de assuntos que são retomados, quase que ciclicamente, oferecendo às leitoras idealizações e tendências marcadas pela temporalidade que as circunscreve, como se a repetição acerca de algumas maneiras selecionadas assegurasse a sua internalização. As dicas e conselhos eram aparentemente renovados a cada conjuntura social, política e cultural que se apresentava, instigando a identificação com a "última palavra" em diversos assuntos, inclusive, as maneiras. Com a peculiaridade de apresentar uma materialidade atraente, utilizando imagens, de fácil portabilidade e com abordagem objetiva dos temas tratados, as revistas femininas ressoavam as representações que classificavam as mulheres e construíam perfis visuais e comportamentais supostamente adequados às transformações sociais vivenciadas, especialmente, a partir da década de 1950. A opção por temas perenes fazia com que fossem novamente debatidos de tempos em tempos e legitimava a ideia de sintonia com o novo naquele presente da produção do impresso. Conhecer as "novas" dicas de comportamento feminino conectava as leitoras com o padrão válido, ainda que este, representasse continuidades e permanências.

As perspectivas presentes na imprensa periódica ecoavam também nos manuais produzidos até a década de 1970, os quais vislumbravam o estabelecimento de um lugar social de mulheres vinculado ao "bom casamento" que, por sua vez, estaria proporcionalmente condicionado a capacidade de adequação das mulheres às expectativas geradas em torno de ser uma boa esposa, cuidadora da prole e administradora do lar. Nesse sentido, as prescrições discorriam sobre os comportamentos convergentes à consecução de tais objetivos.

> E uma verdadeira dama não tem maneiras formalísticas ou cerimoniosas. Se uma moça convidada a um jantar de cerimônia se vê na contingência de modificar qualquer coisa nas suas atitudes habituais, é que, em outras circunstâncias carece de educação.

[50] Artigo escrito por Mary Del Priore, publicado no *site* históriahoje.com, no dia 31 de janeiro de 2015. Disponível em: http://historiahoje.com/a-imprensa-e-os-conselhos-para-as-boas-mocas/. Acesso em: 10 abr. 2017.

> Se respira aliviada ao receber convite para um jantar íntimo, é que em outras ocasiões se vê forçada a agir com afetação (WILSON, 1947, p. 19).

As moças preparadas para a convivência nos grupos onde circulariam deveriam manifestar modos considerados naturais em seu cotidiano, a ritualização dos modos deveria ser algo intrínseco a sua existência. O comportamento em um evento de menor porte seria exatamente o mesmo que em qualquer recepção com maior número de pessoas, sugerindo a apreensão de posturas adequadas às moças que frequentavam lugares, ainda que fosse sem um acompanhante masculino. Assim como, igualmente, deveria saber se resguardar nas ocasiões em que estava em companhia de um homem com o qual não teria um compromisso oficial. A transformação de uma postura, inicialmente, cerimoniosa, em prática cotidiana era considerada uma importante habilidade a ser desenvolvida na teatralização das relações sociais.

> Quando uma moça moderna para à porta da casa, acompanhada de um homem, ao voltar de qualquer divertimento, não lhe oferece em seguida a mão, em sinal de adeus. [...] Os costumes evoluíram. Porém a própria liberdade moderna é um cadinho onde se põe à prova o bom gosto e a educação de cada um (WILSON, 1947, p. 32).

O comportamento das moças solteiras lhes atribuía, de certa forma, um grau de reputação e isso seria um critério importante na "aquisição" de um relacionamento que fosse bem visto pelo grupo social ao qual pertencia e condizente às expectativas familiares a respeito do futuro da jovem. As moças com comportamentos destoantes dos padrões sociais e morais esperados se aproximavam dos estereótipos que as classificavam como "as levianas" ou "desclassificadas", as quais, segundo Bassanezi (2013, p. 481), estavam "a meio caminho entre a 'moça de família' e a 'prostituta'". Os projetos de mulher construídos pelas narrativas dos manuais de etiqueta e boas maneiras se inscreviam em uma sociedade patriarcal, na qual o principal destino de mulheres ainda estava vinculado ao casamento e a formação de um novo núcleo familiar. As ocorrências que fugiam ao padrão consistiam em uma preocupação sobre tais comportamentos e, portanto, também foram destacadas nos manuais.

> - Minha filha é muito moça... – não concordo em casar uma filha com um rapaz que não trabalha, etc... Ao pai do rapaz o pai da moça pede um prazo para consultar a família, e dentro de três ou quatro dias no máximo procura, pessoalmente, o pai do rapaz e apresenta as evasivas que lhes possam atenuar o golpe.
> A moça delibera casar-se contra a vontade dos pais (D'ÁVILA, 1958, p. 307).

A narrativa de Carmen D'Ávila ocupou-se também dos casos situados fora do padrão esperado. Indiferente ao percurso delineado, a jovem do exemplo narrado pela autora subverteu a ordem e ignorou os projetos familiares que contemplavam um marido que tivesse um trabalho e condições de sustento para uma família. Ainda que não adequados, esses eventos foram

abordados pela autora, sinalizando que não havia homogeneidade. Não é possível afirmar em qual proporção esses eventos ocorriam, entretanto, desejo enfatizar a perspectiva familiar que condicionava o espaço daquelas jovens a um casamento e, de preferência, autossustentável. Essa narrativa impactava a idealização das próprias mulheres ao pensar a sua existência social. Uma história narrada no manual de Dora Maria contribuiu para pensar a elaboração dessas representações.

> A senhorita Marlene, filha de pais pobres, tinha incrível mania de grandeza. Recusava pretendentes bem-intencionados, por serem modestos e os afastava, dando largas à imaginação, alegando que "estava quase noiva de um grande industrial", "iria casar no próximo ano com o diretor de uma companhia americana", etc, etc.
> Um dia, apresentou-se determinado cavalheiro não muito dado à franqueza e, de mentira em mentira, foi abreviando o casamento de tal modo, que, quando a família da moça descobriu tratar-se de uma pessoa pouco recomendável, já não havia mais remédio senão sustentar marido e mulher, já que nem um emprego o rapaz possuía!... (MARIA, 1979, p. 93)

A narrativa da autora sugeriu a forma como eram internalizadas as concepções sobre o sucesso de um casamento. A jovem em questão compreendia que as relações afetivas deveriam considerar o padrão social e financeiro de seus pretendentes, contudo, essas questões eram tensionadas frente à convivência oportunizada em seu círculo social, fato esse, que acabou por induzir-lhe ao que a família considerava um erro: envolver-se com alguém sem condições financeiras de sustentar um casamento. O princípio da exemplaridade era mobilizado como uma forma de expor às leitoras e leitores os casos considerados bem-sucedidos e os nem tanto. A construção narrativa presente no manual escrito por Dora Maria (1979) intencionava levar jovens envolvidas em relacionamentos amorosos a refletirem sobre suas vivências para evitar que a história narrada se repetisse. A idealização do casamento como um projeto a ser almejado emergia como uma possibilidade de estabelecer um espaço social, segundo esse exemplo, circunscrito por uma boa condição financeira do futuro cônjuge.

A cada década, os manuais consideraram também a circulação de mulheres em ambientes profissionais e em alguns casos foram referidos como modernidades do período. No entanto, com respeito à ocupação desse espaço profissional, as narrativas sinalizavam algumas ressalvas especificando as formas como ocorreria essa ocupação, qualificando o comportamento de mulheres nos ambientes profissionais como um delimitador da representação produzida pelas mesmas. Ainda que o protagonismo fosse conferido às mulheres, expresso pela presença em cargos de liderança, eram construídos contornos para sua atuação, desencadeados a partir dos homens que estavam em sua condição naturalizada de profissionais

aceitos em todas as áreas. O manual de Amy Vanderbilt, exemplificou essa situação no capítulo nomeado: *Quando a mulher paga a nota*.

> Ocasionalmente, nos negócios, compete à mulher ter de pagar ordenados a homens, ou notas e despesas. Em todos os casos (por atenção ao cavalheiro), ela evitará exibir-se em tais ocasiões. Quando num lugar público, paga a sua nota deve fazê-lo o mais discretamente possível. Há muitas maneiras de não ferir a vaidade masculina (VANDERBILT, 1962, p. 114).

Descrevendo a presença de mulheres em cargos de chefia como "ocasionais", a autora enfatizou a discrição que a mulher deveria ter ao valer-se de prerrogativa que lhe fora conferida pelo cargo. A preocupação em não atingir o protagonismo masculino naturalizado nos ambientes profissionais permitia que a autora prescrevesse às suas interlocutoras uma postura que invisibilizasse a referida condição de superioridade profissional no momento de arcar com despesas produzidas em um encontro de negócios. Havia uma admissão da existência de tais situações da mesma forma que havia uma conveniência em lembrar as mulheres que eram casos pontuais, nos quais não se justificaria um maior destaque, ou, "exibição", como escreveu a autora, por parte das mulheres envolvidas. Prevalecia um passado que conferia aos homens o protagonismo nas relações profissionais e alocava as mulheres em uma situação de coadjuvante.

O manual de Dora Maria dedicou o subcapítulo *A mulher que trabalha* para tratar sobre o assunto. Não obstante a autora ter enfatizado o irreversível movimento cultural que possibilitou a presença de mulheres nos mais diversos setores profissionais, afirmando que "hoje, a mulher ocupa no mundo o seu lugar conveniente, porque já não lhe intercepta o progresso a mentalidade antiga que considerava 'o verdadeiro lugar da mulher é dentro de casa'" (MARIA, 1979, p. 32), suas concepções continuaram a associar o desempenho profissional de mulheres como um desdobramento de outras relações. Ainda, segundo a autora,

> Em contato com o público, atendendo muitas vezes clientes nervosos e coléricos, ela porá em prática toda a diplomacia e doçura feminina e este será o seu preparo para o dia de amanhã, quando, com uma palavra apenas, acalmará o mau humor do marido, evitando, assim, aborrecimentos de maiores proporções. A disciplina de um estabelecimento comercial, de uma fábrica, de um escritório, será levada pela mulher para o futuro lar e não se ressentirão a marido e os filhos com o atraso das refeições e a desordem de outros serviços inerentes à esposa e mãe (MARIA, 1979, p. 32).

A condição de desenvolvimento de uma atividade profissional foi narrada no manual de Dora Maria como uma preparação para a gerência de um lar, sinalizando a atividade profissional, comumente, como uma prática de mulheres solteiras, em uma condição transitória. A profissão da mulher se apresentou como um espaço para a transposição de caracteres que lhe são atribuídos, como a paciência e a doçura, e, ao mesmo passo, uma experiência

instrumentalizadora para o exercício das atividades no espaço doméstico. Não lhes era negado o espaço profissional, mas, era estabelecido um vínculo entre as habilidades adquiridas na prática do trabalho e as consideradas necessárias para a administração do espaço constituído como um horizonte de expectativas. A relação com o futuro vislumbrava, em última instância, a consecução de um casamento e o exercício do trabalho doméstico, como uma esperada função social.

As narrativas que evidenciaram o espaço de atuação profissional das mulheres nos manuais de etiqueta e boas maneiras, representaram uma incursão repleta de tensões que dimensionavam as profissões exercidas por mulheres como práticas específicas circunscritas pela condição de ser mulher. Não me refiro a questão de uma classificação sexual do trabalho, mas, aos aspectos selecionados em passados de uma condição majoritariamente privada – a doméstica – que eram ressignificados na configuração de um espaço público. Os manuais evidenciaram práticas possíveis às mulheres de cada período em que foram produzidos, contanto que a representação que lhes foi atribuída, de mãe e esposa esmerada, não se diluísse por completo diante de outras demandas. O manual de Gloria Kalil, do ano de 2007, deu a ler a sua narrativa acerca de um encontro que teve com mulheres trabalhadoras, executivas de diversos setores.

> Fiquei pasma com o que elas me contaram.
> Por exemplo: elas nunca atendem aos telefonemas de casa na frente de algum colega homem, pois imediatamente a cara dele se fecha como se elas estivessem perdendo tempo com bobagens (tais como: a escola que liga pra avisar que o filho quebrou a perna!). Sem falar que o grau de tolerância com uma reles dor de cabeça que elas possam ter é zero; no entanto, qualquer um deles que chegar reclamando de estar péssimo por conta de um porre da véspera é tratado com toda solidariedade e imediatamente uma delas é chamada para trazer um chazinho. Até mesmo se ela for hierarquicamente superior ao infeliz! Pode? (KALIL, 2007, p. 46)

A conversa da autora com mulheres do século XXI expos aspectos da constituição delas como trabalhadoras que continham resquícios da preocupação apontada por Amy Vanderbilt, na década de 1960. Se, naquele período, a autora prescreveu que alguns cuidados poderiam ser tomados para não “ferir a vaidade masculina”, a conversa de Gloria Kalil com mulheres contemporâneas à produção desta pesquisa indicou o cuidado daquelas mulheres para, em seus cotidianos profissionais, não afrontarem as concepções masculinas que desqualificam questões familiares ou domésticas e, até mesmo, lhes atribuem a incumbência do cuidado, mesmo em um ambiente profissional no qual elas eram hierarquicamente superiores. Permaneceu a preocupação em não desagradar o outro, nesse caso, os homens. Permaneceu o doméstico como

atributo intrínseco à mulher. Permaneceu uma memória editada de que “o verdadeiro lugar da mulher é dentro de casa”, ideia contestada por Dora Maria em seu manual da década de 1970.

As atribuições de mãe e esposa foram circunscritas por uma narrativa que associou a desenvoltura das atividades referentes a tais condições ao modo como as mulheres se apresentavam. Segundo alguns manuais, as mulheres que melhor tratavam de sua aparência, melhor desempenhavam suas atividades diárias domésticas.

> Se saímos cedo, para a primeira missa ou para compras, não devemos deixar de cuidar de nós. Muitas senhoras, encantadoras à tarde, parecem avelhantadas a essa hora por não terem se preparado convenientemente. Todavia, para o marido e para os filhos, é muito agradável ver a dona de casa bem arranjada (BERNAGE, 1961, p. 11-12).

A atenção para com a própria aparência emergiu dos escritos de Berthe Bernage como um qualificativo de mulheres consideradas exitosas em suas funções. A autora destacou que “hoje já se não estranha que uma senhora elegante trate de sua casa e faça suas compras. O que é necessário é que tome precauções para não passar por criada e conservar o seu encanto” (BERNAGE, 1961, p. 17-18). A suavidade atribuída a aparência funcionava como uma característica para distingui-las apenas pela visualização. A maior habilidade em manter-se com a aparência de limpa e arrumada se constituía em um relevante atributo da boa dona de casa ou profissional.

> Cuidados de beleza, estão ligados aos de ordem e disciplina pessoal, pois da reunião dos mesmos resulta a mulher elegante.
> E uma elegante não deverá esquecer que:
> Os cabelos devem estar sempre escovados e penteados.
> Os sapatos, sempre limpos, com os saltos direitos.
> A bolsa, arrumada em seu interior e bem limpa no exterior.
> Os vestidos, bem passados e a roupa branca, realmente branca. [...]
> Em nosso convívio social, deixamos o traço marcado do que constitui a nossa personalidade e, se ela se constituir de maior número de virtudes do que defeitos, deixaremos, à nossa passagem, um belo exemplo para ser seguido (MARIA, 1979, p. 149).

A exemplaridade mencionada por Dora Maria sugeria um desejo de perpetuar-se, de ser lembrada pelo modo como se apresentava. Ser alguém admirável se relacionava a apresentar-se com harmonia e aprazibilidade e, a incorporação dessa preocupação ao cotidiano selecionava os modos passíveis de continuidade sob o auspício de construir uma memória positiva, nesse caso, refiro-me à memória sobre a pessoa, mas, também à memória sobre as práticas executadas pela mesma. Esse tipo de julgamento foi destacado por uma mulher em um processo judicial de divórcio, narrado por Pitigrilli como exemplo.

> Cheguei a acreditar que não sabia vestir-me, e tenho a impressão de que os mais belos modelos, desenhados pelos mestres da moda, quando pousam em meus ombros se transformam, por malefício, numa barbaridade, uma porcaria. Tudo quanto ponho sobre mim, do chapéu aos sapatos, das luvas ao lenço do pescoço, parece detestável a meu marido, que faz disso desrespeitosas críticas públicas e particulares, o que, Sr. Juiz, é terrível e desanimador (PITIGRLLI, 1959, p. 115-116).

As exigências feitas sobre a forma como as mulheres deveriam se apresentar, tanto em ambiente público, quanto privado atuavam como condicionantes da construção de um espaço. A questão da aprovação e da admiração por parte do outro se traduzia em uma gradação das possibilidades abertas às mulheres. Era necessário inscrever-se nessa rede de modos aceitos para forjar aceitação e pertencimento. Esse processo se dava a partir da seleção de atributos condizentes com essa perspectiva de mulheres, e estas, eram categorizadas a partir da presença ou ausência de tais atributos. O tratamento dispensado às mulheres, em seu meio social, era elaborado a partir de sua inscrição nas expectativas geradas acerca de sua aparência. Segundo a narrativa de Claudia Matarazzo (1992, p. 35),

> Eu tenho uma teoria: se a gente vai ao cabeleireiro toda desarrumada, o profissional que nos atende vai ter uma péssima imagem a nosso respeito a achar que qualquer coisa que ele fizer já vai estar bom.
> Por isso, nada de ir de moletom manchado e chinelinho de dedo ao cabeleireiro. Mesmo que seja de bairro, tipo fundo de quintal. Quem entre horrorosa, sai, no máximo, bonitinha. Quem já entre bonita, sai deslumbrante.

Nesse caso, a autora enfatizou as considerações já observadas até aqui. As exigências destacadas pelos outros autores, desde a década de 1940, tiveram continuidade na narrativa de Matarazzo, na medida em que a autora expos a sua teoria e indicou aplicabilidade nos diversos grupos sociais, referindo-se a mulheres frequentadoras de salões de beleza de todos os espaços. A associação entre a elegância e a discrição também foi mobilizada por Celia Ribeiro ao tratar do tema das aparências em seu manual.

> Marcel Proust, nos sete volumes de sua obra mestra *Em busca do tempo perdido*, traça o perfil psicológico dos personagens ao descrever minuciosamente sua aparência. Detém-se na sensualidade de um corpo feminino velado por uma musselina plissada ou no colarinho impecável de um dândi do início do século XX. Ao se referir à elegância, Proust chama atenção para "o maravilhoso silêncio do traje", quando tudo é parte da pessoa e nada se sobressai a ela. "Elegância é o total esquecimento daquilo que se está vestindo", definiu o escritor parisiense (RIBEIRO, 2005, p. 58).

A autora corroborou a ideia de necessidade de atenção das mulheres para a forma como se apresentam. O exemplo utilizado por Ribeiro sugeriu uma mulher que não deseja destacar-se em meio ao grupo, entretanto, essa invisibilidade não diminuiria a sua sensualidade traduzida pela harmonia da composição. A autora reverberou a concepção de que a vestimenta delimita a

qualificação de uma mulher e explicou a etimologia da palavra elegância – o termo *eligere*, no latim pode ser relacionado à "escolha" – no sentido que seria uma possibilidade ofertada, ou seja, as pessoas podem ser ou não elegantes, conforme a sua escolha.

Os vestígios dispersos em manuais publicados desde 1947 me estimularam a pensar sobre o estabelecimento dos desdobramentos que dão continuidade a uma rede de compartilhamento das maneiras. A seleção de determinados pontos narrativos sugeriu a presença de passados fragmentados que foram adaptados ao tensionamento da temporalidade e sobreviveram, e continuaram, e atuaram. Os três elementos escolhidos para discutir a construção de um espaço especificamente de mulheres – a atenção para com a aparência, a autonomia financeira pela inserção no mundo do trabalho e o casamento – se desdobraram em novas formas e emergiram como vetores de um "existir" das mulheres em seus grupos sociais. A apresentação pessoal das mulheres, não obstante todas as liberdades auferidas, permaneceu como um elemento que as (des) qualifica em diversos contextos, inclusive, em um atendimento comercial, como, por exemplo, em um cabeleireiro. No que diz respeito ao alcance da autonomia feminina, a ocupação dos espaços profissionais foi progressivamente alargado, contudo, o relato de Gloria Kalil revigorou uma edição de memória que continuou a associar, inevitavelmente, a presença da mulher ao cuidado. Os aspectos culturalmente atribuídos às mulheres se sobrepõem as conjunturas vigentes e presentificam ideias, revalidando-as.

A via nomeada como a do casamento configurou-se em memória potente acerca da existência social das mulheres. Essa consideração se ampara sobre a afirmação de tal ritual como constitutivo da vida de mulheres, explicitado na existência de capítulos específicos dedicados ao tema em grande parte dos manuais do meu acervo de pesquisa, os quais serão tratados com mais vagar no próximo capítulo. Os espaços pessoais e relacionais – o do corpo e do trabalho – ainda que tenham sido ampliados e modificados, tornaram-se depositários de resquícios de seleções de passados, disputando espaço entre as práticas que oportunizaram uma maior autonomia de escolha e gestão pessoal. A sequência de ações – a aparência, o trabalho e o casamento – quando executadas, asseguravam um espaço social para essas mulheres, caracterizando tipologias possíveis. Essas ações impunham modelos de existência para mulheres, colocando à margem outros modelos não contemplados nessas perspectivas e, nesse sentido, contribuindo para a ideia de padrão homogeneizante.

A continuidade em associar mulheres aos espaços que as circunscreviam em passados distantes ou próximos caracteriza a dimensão da memória que visa a selecionar um passado que é funcional para delimitar as maneiras como elas convivem e se relacionam em uma estrutura social que as reafirma como esposas, mães ou cuidadoras. A esse respeito, considero que a

seleção está internalizada de forma a constituir uma autoimagem ainda sobremaneira naturalizada e pouco debatida ou problematizada. As diversas formas do “ser mulher” identificadas no século XXI se construíram sobre os múltiplos passados vividos, no entanto, convivem com a eventual emergência dos mesmos em estratos temporais que admitem ser funções de mulheres assumir o cuidado sobre o outro ou desejar um casamento como desfecho para a realização pessoal. Não há intenção de hierarquizar valores ou qualificar práticas como melhores ou piores do que as já superadas, há apenas o desejo de iluminar as seleções e os ocultamentos dispersos no tempo, os quais sinalizam a presença de elementos estruturais nas maneiras que continuam a servir como uma determinada base social e perceber como se relacionam as narrativas distanciadas no tempo com esse processo de estabelecer permanências e descontinuidades.

3.4 SOBRE AUTORAS E TEMPORALIDADES

Assim como a escrita tem uma dimensão seletiva, a qual direciona o texto a determinados tipos de leitoras e leitores tem, igualmente, uma dimensão de lugar que legitima a emissão de certas ideias, e ambos os fatores incidem sobre a sua textualidade. Buscar compreensão sobre um texto requer atenção acerca das intencionalidades e direcionamentos que circunscrevem o mesmo e ter conhecimento sobre o lugar de fala do autor possibilita aproximar-se do repertório de ideias que constituiu o todo da escrita. Desenvolver uma pesquisa bibliográfica utilizando majoritariamente a autoria de mulheres foi uma escolha proposital, no sentido de buscar aproximação sucessiva das diversas representações que constituem memórias sobre mulheres a partir do seu próprio entendimento acerca das condições sociais de cada período de edição dos manuais. As autoras que fazem parte do acervo estudado na tese elaboraram suas escritas em espaços e lugares próprios e isso contribui para elucidar formas e usos narrativos presentes em cada um dos manuais. A escolha dos temas, a forma como foram elaborados e apresentados produziram, de certa maneira, uma autorrepresentação de cada uma das autoras. As estratégias editoriais não traduzem unicamente as escolhas das autoras, entretanto, contemplam alguma afinidade com as suas perspectivas e dessa forma, se constituem em representações sobre as autoras.

Dentre as autoras dos manuais estudados, sete são brasileiras, duas norte-americanas e uma francesa. Quanto às sete autoras brasileiras, três desse grupo publicaram seus manuais pela primeira vez nas décadas de 1930, 1950 e 1960 e há algumas peculiaridades que lhes são comuns. O argumento que me leva a classificá-las como brasileiras é a ausência de qualquer

referência em seus manuais sobre serem publicações trazidas de outros países, no entanto, a respeito de Carmen D'Ávila, Dora Maria e Maria do Carmo Nickol não foram encontradas informações precisas de que sejam autoras brasileiras, uma vez que, a produção de pesquisas que também utilizaram manuais dessas autoras como fontes (PILLA, 2005; POSSAS, 2009; STRANG; SANTOS, 2017) não ofereceu pormenores sobre as biografias. A falta de informações ou mesmo o apagamento dessas autoras pode estar relacionado a questão de não serem mencionados outros livros de suas autorias, nem nas contracapas e orelhas de seus manuais, nem nas pesquisas que lhes utilizaram como fontes, sinalizando os manuais como produções icônicas em suas carreiras. Segundo uma pesquisa feita em diversos sítios eletrônicos de sebos virtuais foi identificada uma possível datação para os períodos em que foram editados os manuais de Carmen D'Ávila e Dora Maria. As informações indicam a extensão dos períodos em que as publicações continuaram a circular: D'Ávila, por seis décadas e Maria, por duas décadas. Esses são indicativos de um relativo sucesso de vendagem que justificou a permanência no mercado, haja vista ser a edição de D'Ávila utilizada nesta pesquisa a de 1958, na 11ª edição e, a de Maria é a de 1979, na qual é reproduzida a apresentação da autora datada de 1958. Sendo assim, a possibilidade para compreender o apagamento dessas autoras permanece restrita à ausência de outras publicações de impacto significativo como os seus manuais de etiqueta.

Se há pontos de convergência para compreender a elaboração das narrativas das autoras Carmen D'Ávila e Dora Maria, há também peculiaridades. D'Ávila ofereceu às suas leitoras e leitores uma manual extenso, com 385 páginas, possivelmente de custo elevado, elaborado com base nas minúcias do cotidiano de classes abastadas. Sobre o público potencial, a autora anunciou,

> A edição que hoje vem a público é a décima primeira, e, como das outras vezes, não me ocorre a quem possa eu oferecer um só dos seus exemplares... Por que foi precisamente na convivência fidalga de todos quantos me cercam, que aprendi as lições que aqui deixo (D'ÁVILA, 1958, p. 5).

A interlocução foi estabelecida a partir da convivência da autora com o grupo que chamou de fidalguia. Esse aspecto ilumina o percurso narrativo da autora e sinaliza uma autorrepresentação de caráter elitista. Os modos prescritos no manual de Carmen D'Ávila se referiram às culturas de grupos específicos da sociedade, com usos qualitativos que diferenciam pessoas polidas em meio a convivência entre classes sociais. A autora ainda inferiu que não percebia uma necessidade de formação entre seus pares – supunha-se que já estavam devidamente instruídos – e as palavras preambulares do manual, assinadas por Cesar Netto,

possivelmente uma personalidade do meio editorial, afirmavam que "polir os costumes é exercer uma função de alta benemerência" (D'ÁVILA, 1958, p. 7), autenticando o caráter generoso da publicação que oferecia formação aos que dela necessitavam. Essa percepção sugeriu que o tipo de leitura era oferecido por alguém apto a ensinar, nesse caso, alguém proveniente dos estratos sociais associados aos fidalgos. Sem referências sobre a formação da autora, a apresentação do manual sinalizou a demarcação do seu lugar social, a forma como presumia ser reconhecida e os pares aos quais desejava ser associada. A autorrepresentação da autora dialogava com as formas como iria constituir suas representações de mulheres e as perspectivas que balizariam essas representações.

Esses indícios se afastaram das possibilidades acerca do manual de Dora Maria. Essa publicação tem características que sinalizaram para um produto de menor preço por que é menos volumoso – tem 152 páginas, o menor do acervo – e por ser publicado pela Editora Tecnoprint, caracterizada por empreender em produtos acessíveis[51], como manuais práticos para aprender alguma atividade ou revistas de palavras cruzadas. Constava o aviso no texto na penúltima página do manual:

> Procure conhecer também os "Clubes de Leitura das Edições de Ouro", nos quais todos os livros da editora se acham classificados pelo nível escolar, desde o primeiro grau até o vestibular, e podem ser adquiridos através dos professores. São livros de preço acessível, destinados tanto ao estudo como à formação do "hábito de leitura", de acordo com a orientação do MEC (MARIA, 1979, p. 157).

O perfil das publicações da Tecnoprint mantinha o foco sobre a circulação ampliada, inseridos em diversos nichos de mercado. Eram suportes destinados desde o ensino ao entretenimento para serem comercializados em bancas de jornais ou por meio da venda por correspondência[52], com objetivo de circular de forma rápida e ampla. Além da materialidade econômica, os conteúdos organizados por Dora Maria não tomaram a vida da nobreza ou da fidalguia como referências constantes. Havia, da mesma forma que nos outros manuais, uma construção de diferenças pelos modos, entretanto, a autora não estabeleceu vinculação com uma

[51] A editora mantinha uma vasta gama de publicações em temas do tipo "faça você mesmo", autoajuda, entretenimento, dicas práticas para várias coisas, além de vários sob o título "técnico profissional", os quais ensinavam desde direção de automóveis até o Código de Processo Civil. As chamadas "Livrarias Edições de Ouro" eram espalhadas pelo país, uma vez, que nas primeiras páginas do livro se encontravam os endereços em, pelo menos, 10 estados brasileiros: Rio de janeiro, Nova Iguaçu, Niterói, São Gonçalo, Duque de Caxias, Belo Horizonte, Brasília, São Paulo, Belém, Curitiba, Fortaleza, Recife, Porto Alegre e Salvador.

[52] Era comum a prática dessa editora de disponibilizar nas últimas páginas dos livros listagens com os títulos sobre outros assuntos, oferecendo sua variedade aos leitores, bem como, um formulário para a aquisição dos livros por meio de pedido enviado pelo sistema de correios e posterior entrega pela mesma via.

ancestralidade nobre, nem nos conteúdos, nem quanto à sua pessoa. Em sua apresentação do manual, a autora indicou suas interlocuções com leitoras e leitores.

> Este livro não se destina à alta sociedade. É um livrinho genuinamente popular, que você deverá ter em casa, guardar em sua gaveta de trabalho ou levá-lo consigo no bolso ou na bolsa, para consultá-lo uma, duas, três ou dez vezes por dia, conforme se tornar necessário, durante suas atribuições no lar ou fora dele.
> A vida atual se mecaniza de maneira tão atordoante, confundindo de tal modo homens e coisas, que se ressente a personalidade da deficiência de uma orientação social – base de toda beleza exterior do ser humano.
> Pais e professores também se veem arrastados nessa carência de tempo e a geração que se forma vê-se na contingência de sofrer os resultados daquela deficiência, a não ser que busque, pela sua própria vontade, encontrar um guia especializado.
> Este será o seu guia, leitor amigo, e, nesta apresentação, formulamos os nossos sinceros votos de um grande, um imenso êxito em sua vida social (MARIA, 1979, p. 7).

A autora associou a sua perspectiva sobre as boas maneiras às virtudes da gentileza e amabilidade, enfatizando isso como fundamental no convívio em sociedade. Sem alusão a outros grupos sociais, a elaboração da distinção se daria pela transformação das sensibilidades. Nessa mesma clave, o manual de Maria do Carmo Nickol (1968) empenhou o diálogo pelo imagético. Com a apresentação de forma ilustrada, as boas maneiras foram ensinadas com o auxílio de imagens representativas das situações abordadas, constituindo-se em exemplos práticos de modos a serem seguidos ou desqualificados. Dispensados os protocolos de leitura como prefácios ou orelhas, o manual se apresentou de forma simplificada e, segundo a autora, "inspirado e orientado nas obras dos melhores autores do gênero, tem como único objetivo colocar ao alcance de todos os que desejam conduzir-se com correção e elegância na Sociedade, no Lar, na Igreja, na Rua" (NICKOL, 1968, p. 5). O excerto da autora pode ser pensado como uma intenção de mediar os conhecimentos produzidos pelos "melhores autores do gênero" e oferecê-los de forma didática e facilitada para as leitoras e leitores. A concepção se aproximou das publicações da Editora Tecnoprint – do manual de Dora Maria –, uma vez que, foi editado pela Editora Ediouro, sua sucessora. Dessa forma, a ausência de informações sobre a autora, permitiu apenas avaliar a construção da relação com o público leitor por meio das escolhas editoriais.

Quanto às autoras estrangeiras, Berthe Bernage, Margery Wilson e Amy Vanderbilt, a primeira era francesa e as seguintes norte-americanas. Berthe Bernage nasceu em Paris no final do século XIX e era proveniente de uma família de acadêmicos, tanto paterna quanto materna, portanto tinham situação financeira confortável e compartilhavam dos modos burgueses nos quais a ordem, a disciplina e o amor pelo país norteavam sua organização e vivência. A autora teve uma vasta produção literária, proporcionando-lhe várias distinções e honrarias oferecidas

pela Academia Francesa e outras instituições[53] (Anexo 3). Sua produção literária tratou majoritariamente de histórias protagonizadas por mulheres, nos mais diversos períodos de vida, estratos sociais, cotidianos e conflitos. Entre novelas e romances, ficou conhecida como a autora da série *Brigitte*, composta por cerca de 50 livros, iniciada em 1925 e publicada, inclusive, até data posterior a sua morte, em 1972. Os livros apresentavam histórias sobre a vida de Brigitte Hauteville, desde os 18 anos até a sua velhice, portanto, a extensão da vida de uma mulher[54].

A norte-americana Margery Wilson teve um considerável percurso intelectual, no sentido de que passou pelas carreiras de atriz, editora e produtora de cinema e escritora. Mulher de iniciativas precoces, fundou sua própria companhia de teatro aos 16 anos e saiu em turnê. Não obstante a breve passagem, foi proeminente em Hollywood, protagonizando alguns filmes e mais tarde consagrando-se como uma das pioneiras nas funções de editora e diretora de filmes, espaço ocupado em maioria por homens na época – e até hoje também. Após se afastar das telas, manteve o vínculo com a indústria cinematográfica, produzindo roteiros e panfletos de divulgação, dos quais, alguns foram ampliados e publicados como livros. Sua contribuição para a história de Hollywood lhe conferiu destaque no *Women Film Pioneers Project*, sítio eletrônico construído em parceria com a Biblioteca da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque-EUA, o qual disponibiliza sua biografia (Anexo 4). Sua produção escrita[55] teve o diálogo com as mulheres como tema constante, ao ponto de ser considerada por alguns interlocutores de suas obras como uma escritora feminista. O manual de sua autoria, traduzido e adaptado por Gilda Marinho[56], não se propôs a ser uma transgressão aos costumes com relação às mulheres. A

---

[53] Disponível em: https://www.babelio.com/auteur/Berthe-Bernage/76169. Acesso em: 25 mai. 2017.

[54] Disponível em: http://catalogue.bnf.fr/changerPage.do?motRecherche=Berthe+Bernage&index=&numNotice=&listeAffinages=&nbResultParPage=100&afficheRegroup=false&affinageActif=false&pageEnCours=2&nbPage=3&trouveDansFiltre=NoticePUB&triResultParPage=5&typeNotice=&critereRecherche=0. Acesso em: 25 mai. 2017.

[55] Uma de suas primeiras publicações foi fruto de projeto de programa de rádio, chamado *Charm*, o qual expandiu-se para um livro, inicialmente publicado em 1928 e depois revisado e reproduzido muitas vezes como *The Woman You Want to Be: Book of Charm de Margery Wilson*. Na sequência continuou a produção, entre os quais foram publicados: ***The New Etiquette*** (1937), *Your Personality and God* (1938), *Make Up Your Mind* (1940), *The Pocket Book of Etiquette* (1940), *How to Live Beyond Your Means* (1945), *Believe in Yourself* (1949), *You're as Young as You Act* (1951), *Double Your Energy and Live Without Fatigue* (1961) e *God-Here and Now* (1978). Em 1956 publicou sua autobiografia, chamada *I Found My Way*. Em entrevista, mais tarde publicada no livro *The Silent Feminists: First Women Directors da América* (GOODMAN, Jeffrey; SLIDE, Anthony, 1993), e na imprensa, Wilson falava com animação sobre suas lutas e sucessos, observando com evidente satisfação o respeito que conquistou em sua carreira cinematográfica. Nutrindo o desejo de perenizar sua vida, Margery Wilson doou seus documentos à Universidade de Wyoming, em 1980, seis anos antes de morrer aos 89 anos de idade. Disponível em: https://wfpp.cdrs.columbia.edu/pioneer/ccp-margery-wilson/. Acesso em: 25 mai. 2017.

[56] Nascida em Pelotas (RS), no ano de 1900, foi uma jornalista atuante na área cultural. Foi uma das primeiras mulheres a trabalhar na imprensa do seu estado, na qual demarcou um espaço como colunista social. Atuou como tradutora e professora de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Conforme declaração de seu amigo pessoal Roberto Gigante, " Gilda foi a primeira em tudo, a pintar o cabelo, a dirigir carros e até a fumar". Considerada agitadora, se dizia comunista, se vestia de modo extravagante, grandes óculos, sapatos coloridos, com

escrita da obra se inscreve num contexto de guerra, o qual os Estados Unidos não vivenciaram territorialmente, mas, participaram efetivamente com pessoas e recursos materiais, portanto, é possível que nesse momento houvesse um esforço no sentido de manter a sociedade americana coesa para a manutenção de ideais nacionalistas, em uma fase de reafirmação cultural. Entretanto, a autora é referendada pela editora como "uma das maiores autoridades no assunto, colecionou as regras de bom-tom passa todas as ocasiões: na vida, no lar, em público, na sociedade, ou no mundo dos negócios" (WILSON, 1947, orelha), autenticando sua experiência nos diversos meios sociais e, portanto, legitimidade para abordar as boas maneiras que lhe garantiram êxito social.

A autora também norte-americana Amy Vanderbilt, nascida na primeira década do século XX, teve uma carreira majoritariamente construída sobre a sua produção escrita, a qual foi detalhada em notícia veiculada pelo *The New York Times* por ocasião de sua morte[57] (Anexo 5). Com a sua formação na Suíça e posterior formação em jornalismo pela Universidade de Nova Iorque, se inseriu nos diversos estratos sociais como instrutora de costumes e formadora de hábitos. Foi anfitriã de programas de televisão e rádio onde eram discutidas as questões atinentes ao bom convívio e empatia, elaborou inúmeros manuais e códigos de cortesia, e, inclusive, ministrou aulas para motoristas de táxi sobre o assunto. Escrevia artigos da mesma demanda para revistas, jornais, folhetos, sugerindo um processo de compartilhamento de boas maneiras entre os muitos grupos sociais americanos, inclusive, publicando quatro artigos na coluna *Boas maneiras na vida diária*, do Jornal *O Globo*, no ano de 1958. No início da década de 1950 publicou o *Amy Vanderbilt's Complete Book of Etiquette* (1952) como resultado da proposta de escrever uma grande obra sobre etiquetas, a qual contemplasse a variedade das relações interpessoais nos múltiplos ambientes, situações, usos e recursos, como um grande compilado cumulativo do processo civilizador. Segundo *The New York Times*, "uma fonte de 700 páginas, um livro de costumes, costumes e maneiras que os revisores do dia chamavam de

---

sua postura irreverente, transitava com naturalidade nos vários setores da sociedade. Disponível em: http://portoalegre-rs.blogspot.com.br/2010/10/gilda-marinho.html. Acesso em: 25 mai. 2017.

[57] A notícia de sua morte após a queda do prédio onde morava em Nova York - não identificada se acidental ou proposital - veio acompanhada de uma breve biografia indicando que Amy Vanderbilt iniciou sua carreira de jornalista cedo, com 16 anos, e trabalhou em muitas funções como agente de publicidade e executiva de negócios do ramo literário, entretanto suas atividades profissionais foram maiores na função de escritora. Segundo a reportagem, escreveu para *The New Yorker*, *Mc Call*, *Collier's*, *This Week*, *Better Homes & Gardens*, *American Home*, entre outras revistas, bem como, escreveu para jornais por mais de 30 anos. Foi colunista do *International News Service* nos anos 1930 e, de 1954 a 1968, sua coluna para *United Features Syndicate* foi publicada em mais de 100 jornais nos Estados Unidos e no exterior e teve uma audiência de mais de 40 milhões de leitores. Disponível em: https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1974/12/28/79373054.html?action=click&contentCollection=Archives&module=LedeAsset&region=ArchiveBody&pgtype=article. Acesso em: 25 mai. 2017.

trato monumental para os historiadores sociais do futuro" (THE NEW YORK TIMES ARCHIVES, 28/12/1974, p. 1)[58], tornando-se um sucesso com milhões de cópias vendidas e inúmeras reedições, traduções e revisões.

As três autoras estrangeiras foram contemporâneas, nascidas dentro de um período de vinte e dois anos alocado na virada do século XIX para o XX. Os contextos mundiais das duas grandes guerras foram o pano de fundo de suas vivências e incidem sobre as concepções de suas escritas. Necessito, no entanto, ressaltar que as três mulheres constituíram significativas carreiras vinculadas ao campo artístico e literário. Além de mulheres do início do século XX, permeado pelas (des) construções nacionalistas e a tensa convivência de sistemas monárquicos e republicanos, foram parte de um movimento de ocupação, ainda que tímida, de espaço no mercado de trabalho e, principalmente, no processo criativo e expressivo por meio da atuação nos diversos tipos de mídias disponíveis à época. A vivência como escritoras profissionais e a circulação em grupos sociais variados é um elemento constitutivo das negociações presentes na escrita dos manuais. Para além de circunscrever os manuais a produtos pensados por elites para elites, cada um dos casos evidencia as peculiaridades de produção e autoria e, "para aqueles que desejam informações sobre o uso, contribuíram amplamente para o futuro historiador social" (THE NEW YORK TIMES ARCHIVES, 28/12/1974, p. 1)[59], como afirmou Robert D. McFadden sobre a obra de Amy Vanderbilt. Ainda que sejam tradução adaptadas, os manuais das autoras estrangeiras são indiciários da circularidade das prescrições e do intuito de compartilhamento de hábitos ocidentais em um tom universalista. Sem isenção de conflitos e contradições, inferem sobre a visão de etiqueta e boas maneiras em tempos conflituosos, em tempos em que sequer era possível pensar em um futuro, mas, ainda assim era preciso, de alguma forma, prepará-lo.

Assim como as autoras estrangeiras, o grupo de autoras brasileiras que publicou seus manuais a partir da década de 1990, também marcou presença significativa no campo da escrita, afinal as quatro produziram para o mercado jornalístico. Célia Krieger Pinto Ribeiro nasceu em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, cidade na qual teve sua formação e carreira profissional, trabalhando na mídia escrita e televisionada[60]. Os conhecimentos adquiridos pela participação no Clube de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

[58] Disponível em: http://www.nytimes.com/1974/12/28/archives/amy-vanderbilt66-falls-to-death-here-amy-vanderbilt-is-dead-at-66-a.html. Acesso em: 25 mai. 2017.

[59] Disponível em: http://www.nytimes.com/1974/12/28/archives/amy-vanderbilt66-falls-to-death-here-amy-vanderbilt-is-dead-at-66-a.html. Acesso em: 25 mai. 2017.

[60] Disponível em: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=27. Acesso em: 25 mai. 2017.

(UFRGS) lhe oportunizaram iniciar a carreira escrevendo críticas de teatro para jornais locais. Ainda na década de 1960 participou de programas de televisão como convidada eventual, como apresentadora de variedades e também atuou como editora de moda do Jornal Zero Hora (ZH)[61]. Após escrever como colunista em jornais e revistas, em 1991, iniciou uma série com dez publicações, todas dedicadas ao tema de etiqueta e as boas maneiras. Os livros procuraram abarcar os diversos contextos de aplicação das boas maneiras, oferecendo inclusive, uma publicação específica para crianças.

O período profissional vinculado à Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), tanto na televisão, como no jornal, garantiu a visibilidade de sua produção. Segundo a pesquisadora Ângela Cristina Trevisan Felippi (2006), a RBS era considerada a maior indústria cultural do estado e atuava sobremaneira na construção identitária da população pelo fato de manter sob seu controle os veículos de comunicação mais acessíveis no período (rádio, jornal e televisão), garantindo assim a circulação de discursos hegemônicos. A atuação de Celia Ribeiro na televisão, a partir da década de 1960, em um período no qual esse veículo de comunicação ainda não era democratizado e não fazia parte do cotidiano da maioria da população, e escrever para um jornal constituído como referência, não somente na veiculação de notícias, mas, na configuração de determinada identidade do estado, conferiu à autora um espaço privilegiado e lhe vinculou aos meios de produção cultural. Da mesma forma que a inscreveu em um contexto mais abrangente, o qual se caracterizou pela veiculação de discursos atrelados à questão das tradições do estado, apropriadas pela RBS para estabelecer elos de pertencimento entre a empresa, a cultura e a população. Segundo Felippi (2006, p. 23),

> A aproximação com o público a que se dirige pode ser uma estratégia dos veículos da RBS desde sua fundação. Porém o fortalecimento deste vínculo, especialmente por meio da visibilidade aos aspectos de uma cultura local, coincide com a emergência dos movimentos culturais tradicionalista e nativista, ocorridos no estado nos anos 80.

A permanência de Celia Ribeiro nesses meios de comunicação é indiciária de uma afinidade de ideias e discursos, os quais podem justificar a longevidade da relação. A autora

[61] Um dos veículos de comunicação da Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), o Jornal Zero Hora (ZH) foi fundado em 1964, em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Na década de 1970, passou por investimentos tecnológico que resultaram na transição da produção artesanal para um padrão único, projetando o Jornal a níveis nacionais. Em 1996, a edição e produção do jornal passa a ser totalmente digital e, em 2007, entrou no ar o website ZeroHora.com, que apresenta notícias atualizadas 24 horas por dia e sete dias por semana. Ao completar 50 anos, em maio de 2014, ZH fez uma profunda reformulação editorial, gráfica e de marca. Tanto no papel quanto no online, em *tablets* e nos celulares as mudanças deram início a um ciclo de reposicionamento e transformação. Novos colunistas, cadernos reformulados, mudança de paleta de cores, tipografia, maior espaço para arte, ilustração e infografia, além de foco em vídeos complementam as mudanças do jornal. Disponível em: http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/. Acesso em: 25 mai. 2017.

acompanhou os movimentos de transformação das mídias, participando das edições do ZH veiculadas em formato digital até o ano de 2011, quando encerrou sua carreira e passou a viver de forma mais reservada. O perfil da empresa na qual ocorreu parte da carreira de escritora de Celia Ribeiro, considerado tradicional pela pesquisadora Felippi (2006), sinaliza o tom de sua escrita. Os manuais escritos a partir dos anos 90, concomitantes ao trabalho no ZH, corroboraram a concepção de aproximar grupos afinados pelos modos tradicionais, instruir para a diferenciação, tanto que esta sirva para o fortalecimento de tais grupos e a continuidade das formas.

Danuza Lofego Leão nasceu na cidade de Itaguaçu, no interior estado do Espírito Santo, mas, viveu desde a infância na cidade do Rio de Janeiro, local onde construiu sua carreira de jornalista e colunista de revistas de circulação nacional. Na década de 1950 trabalhou como modelo, ocupação que lhe rendeu viagens ao exterior e o convívio com altos estratos da sociedade carioca em inúmeros episódios contados em seu livro autobiográfico intitulado "Quase tudo", publicado em 2005. Irmã da cantora Nara Leão, a autora acompanhou o nascimento do movimento da Bossa Nova em seu apartamento em Copacabana, um dos locais de reunião dos grandes cantores da época para trocar experiências e produzir músicas (LEÃO, 2005). As diversas funções exercidas pela autora, como, promotora de eventos para a alta sociedade, produtora de arte, empresária do ramo da moda, entrevistadora de programa de televisão, instrumentalizaram-na para, na década de 1990, escrever sobre o tema de etiqueta e boas maneiras.

A circulação entre as classes mais abastadas do país e também no exterior, lhe constituiu como uma observadora dos comportamentos, os quais abordava constantemente na produção de suas colunas na Folha de São Paulo e no Jornal do Brasil. As vivências da autora subsidiaram exemplos mobilizados na escrita do seu manual e apresentaram uma versão um tanto transgressora acerca das boas maneiras, privilegiando a garantia de bem-estar e diversão nas variadas situações cotidianas constantes no texto. Ao ser entrevistada pela Revista Época, Leão explicou como via os usos de sua escrita anos mais tarde.

> Época — Na Sala com Danuza foi pioneiro em algo muito comum hoje no Brasil, os guias e os livros de boas maneiras. Agora não há gente demais fazendo isso?
> Danuza — Um dia desses um amigo me culpou por isso. Eu concordo. Mas as pessoas exageram ao seguir roteiros. Vão ao restaurante da moda, fazem a viagem da moda. É gente que não tem ideia própria, inteligência própria, lê no jornal que fulano foi a tal lugar e vai também. Para ter uma ideia, no Rio de Janeiro só se compreende morar em Ipanema, Leblon, Jardim Botânico e Gávea. É incrível o que tenho de explicar porque troquei Copacabana pelo Flamengo. Morar em Copacabana já era uma extravagância. Ficou combinado que ninguém morava mais lá. Eu queria justamente ficar longe daquela gente que não tem vida própria, leva uma vida inventada. Ninguém tem coragem de ousar. Tenho pavor, por exemplo, dessa nouvelle cuisine que serve

> um camarão fatiado com uma gota de pitanga e um pingo de gengibre em cima, você sai sem saber o que comeu, morrendo de fome (ÉPOCA, 26/03/2010).[62]

A experiência vinculada ao convívio em festas de todos os tipos, da mais modesta reunião íntima às extravagantes comemorações organizadas em casas noturnas, possibilitou a autora uma visão sob vários aspectos acerca da civilidade. A elaboração da sua escrita é permeada pela construção individual das formas de ser em sociedade. A forma de prescrever possibilita a fuga dos condicionamentos e apresenta comportamentos desiguais como exemplos de atitude e postura. Na entrevista feita oito anos após o lançamento de seu manual, a autora fez críticas severas aos reprodutores fiéis de comportamentos e defendeu a liberdade de escolha. A convivência com as classes altas nas quais se encontram procedências de diversos outros estratos, oportunizadas pela mobilidade social ocorrida no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, contribuiu para uma escrita menos rígida e mais abrangente, com o intuito de promover a boa convivência entre os diversos grupos, sem imobilizá-los dentro de um único padrão.

Claudia Matarazzo Mieli nasceu em São Paulo e faz parte da família de imigrantes italianos Matarazzo, a qual teve notória atuação no ramo industrial no estado. O lastro da família considerada poderosa e tradicional na sociedade paulista impulsionou a autora para atividades vinculadas ao tema da formação social. Exercendo trabalhos como jornalista, editora de revistas femininas e colunista social, Claudia Matarazzo construiu uma carreira voltada para ilustração de suas leitoras e leitores por meio de crônicas sociais de cunho formador. A autora produziu até o ano desta pesquisa, dezesseis títulos vinculados ao tema das boas maneiras. Sua produção buscou abranger as diversas situações da vida de uma pessoa, desde as possíveis gafes a serem cometidas até a etiqueta no ambiente virtual. Sua carreira foi constituída pela versatilidade de conectar-se aos novos suportes e transitar entre os vários tipos de mídias.

O capital cultural familiar aliado às suas experiências profissionais edificaram base para a continuidade de suas concepções e a demanda por sua escrita. Na mesma esteira, percorrem os projetos no ambiente virtual que incluem, até o momento, um ambiente virtual de aprendizagem, *site* oficial, e cinco redes sociais nas quais a autora, possivelmente, por meio de assessoria, interage com os mais diversos grupos sociais, uma vez que, cada uma das suas redes tem características específicas que selecionam o tipo de usuário a ser conectado. No século marcado pela hiperconexão experimentada em níveis nunca antes identificados, os ecos de narrativas e construções recebem quantificação contornada por estatísticas publicizadas pelas

---

[62] Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI131634-15228,00-DANUZA+LEAO+DEFESA+DA+BAIXARIA.html. Acesso em: 10 jun. 2017.

próprias redes utilizadas para veicular modos e formas de estar no mundo[63]. Faz-se necessário aqui alertar que o percurso temporal da carreira não está, necessariamente, caracterizado por um movimento evolutivo de aprimoramento das suas concepções acerca das boas maneiras. Assim como François Hartog, ao discutir a construção da sensibilidade historiadora para a observação "de todos esses tempos folheados, imbricados, desencontrados, cada um com seu ritmo próprio" (2013, p. 37), não desejo perceber a carreira da autora sob um ponto de vista predominante ou cronológico e, tampouco, evolutivo. A temporalidade das experiências de escrita de Claudia Matarazzo foi marcada pelas idas e vindas de passados e presentes que negociaram, se remodelaram e se potencializaram na hipótese que Hartog chamou de "presentismo", nesse caso, expresso pela relação virtual constituída com um sem número de interlocutores mais afeitos aos resultados estatísticos do sucesso e menos conhecedores do processo que resultou nessa prática. Os manuais escritos e publicados por Matarazzo continuaram a circular, talvez até com maior intensidade, por meio de suas publicações tratando assuntos do agora, ao qual se circunscreve à temporalidade do virtual, marcado pelo imediatismo.

Gloria Rodrigues Meyer Kalil, nascida em São Paulo, atuou no ramo empresarial, dedicando-se, posteriormente, ao ramo de consultoria voltada para os campos do estilo, moda e comportamento. Produziu cinco títulos nos quais priorizou os temas de moda e relações sociais, intensificando o debate sobre os comportamentos socialmente valorizados. Formada em Ciências Sociais, atuou em diversos projetos ligados ao varejo, indústria e organizações institucionais por meio de consultoria, construindo um espaço profissional no qual foi notabilizada pela perspicácia no trato às imagens individuais e coletivas. Assim como Claudia Matarazzo, marcou presença em diversos tipos de mídias, estendendo-se ao ambiente virtual onde mantém um sítio eletrônico exclusivo, nomeado chic.com.br. A presença significativa na televisão ampliou o escopo profissional e popularizou a imagem da autora vinculada à questão da etiqueta. Participante de programas em diversos horários, direcionados a variados grupos de telespectadores, Gloria Kalil tornou-se algo semelhante a um senso comum sobre a etiqueta e as boas maneiras na sociedade brasileira.

A circulação da autora em espaços públicos e privados contribuiu para a elaboração de uma performance adaptável, garantindo-lhe acessos e ilustrando a sua perspectiva sobre o tema

[63] No sentido de exemplificar essas proporções, no dia 31/07/2017, às 16:00, o perfil mantido em nome da autora na rede social *facebook* destacou a marca de 24.179 usuários da mesma rede que recebem as atualizações do perfil da autora por meio da opção "seguir", a qual os caracteriza como usuários que tem algum tipo de interesse ou afinidade com as publicações no perfil da autora. Ressalto que esta é apenas uma das redes utilizadas pela autora e compreende um público que tem afinidade com as peculiaridades desta interface.

da etiqueta e boas maneiras. Os manuais de Gloria Kalil utilizados nesta pesquisa foram marcados pela sintonia com o atual e a pluralidade cada vez mais visibilizada na sociedade. Ainda que a estruturação dos conteúdos tratados seja próxima às identificadas em manuais de décadas anteriores, a apresentação dos assuntos a novas gerações é imbuída de um caráter de "novo" o qual revigora o tema. Sobre ser ou não uma novidade, a discussão empreendida por Koselleck (2014, p. 210-211), na qual remonta a eventos de destaque – como, por exemplo, o Iluminismo – para discutir a configuração do "tempo novo" proveniente de determinados eventos, posteriormente pondera que o "novo" de cada tempo é dotado de historicidade, portanto relativo. Da mesma forma, quando o tema é apresentado discutindo práticas notadamente novas como, por exemplo, o uso de celulares em público e recebe uma conotação de etiqueta "nova", é reafirmada a demanda por formação para as circunstâncias atuais que se apresentam e as pessoas desejam saber como proceder.

As diversas experiências das autoras evidenciam as peculiaridades das trajetórias que têm em comum a produção de escritas formadoras visando a homogeneizar comportamentos e cultivar a cortesia. A questão da homogeneidade não se reporta a um todo, mas, aos grupos que criam identificação e, portanto, se distinguem de outros pelo modo e pela forma. Cada autora delineou o grupo com o qual dialogava, configurado a partir das suas vivências, formações, relações profissionais. Os manuais não foram, propriamente, escritas de si, contudo, foram escritas sobre si no tempo e no espaço. Um tempo compreendido pela percepção de Koselleck (2006), o qual se produz na tensão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, portanto um tempo histórico. Desse modo, cada autora operou a seleção de passados que lhe foi conveniente para legitimar um lugar de fala, bem como, delimitou a forma como foram construídas as suas boas maneiras, procedendo as continuidades e apagamentos que consideraram adequados, marcando com um toque autoral a generalidade do tema. A peculiaridade de cada percurso evidenciou a quantidade de dobras sob as quais se constroem as memórias e o quanto é necessário aproximar-se ao máximo para perceber as sensíveis condições que estruturam determinados pensamentos. Essas autoras escreveram sobre mulheres e para mulheres de seu tempo, no entanto, suas vivências e trajetórias construíram, igualmente, importantes protocolos de identificação com suas potenciais interlocutoras, haja vista a apresentação laudatória das autoras ter sido uma estratégia comumente utilizada pelas editoras para seduzir as leitoras e leitores. Suas formas de ser e estar no mundo foram, também, constitutivas de suas abordagens, construindo um repertório ancorado na mescla de tradições e novidades, se fizeram exemplo com lastro na própria vivência. Escreveram a partir da própria

vivência configurada no tempo, sobre a etiqueta e as boas maneiras que povoou suas próprias memórias e lhes assegurou a conquista de um espaço legítimo de mulheres escritoras.

3.5 ETIQUETAS EM NOVAS INTERFACES: A PERFORMANCE DIGITAL DE TRÊS AUTORAS

> 5 resoluções para um feliz 2016.
>
> 1. ECONOMIZAR: água, dinheiro, ostentação, palavras impensadas, faladas ou blogadas.
> 2. FOCAR nas coisas essenciais para cada uma de nós: família, trabalho, amigos, ginástica, aulas de inglês.
> 3. NÃO RECLAMAR o tempo todo de tudo: do calor, do governo, do trânsito; pode notar que quanto mais você reclama do calor, mais quente fica.
> 4. IR ATRÁS de pelo menos uma coisa que divirta, instrua, faça bem para a saúde; uma aula, um curso, uma atividade, um grupo.
> 5. PEGAR LEVE na internet e nos smartphones com menos opiniões, menos fotos, menos selfies, menos face, menos mimimi.[64]

Ao aproximar-se o início do ano de 2016, mais precisamente, no dia 4 de janeiro, a autora, consultora, jornalista e formadora de tendências Gloria Kalil, publicou em seu perfil[65] da rede social *facebook*[66] os cinco princípios básicos que, segundo sua concepção, tornariam o ano que se iniciava mais feliz. As dicas publicadas no ambiente virtual não se configuram em regras de convívio, entretanto, possivelmente, foram lidas e apropriadas por um número incalculável de pessoas, uma vez que, foram compartilhadas 5.326 vezes[67]. Pensando a partir da premissa de que as sociedades do século XXI utilizam progressivamente os meios digitais para entreter-se, informar-se e configurar pertencimento, como é possível pensar o impacto de publicações como essa sobre os usuários de redes sociais? Não há uma resposta precisa e nem simples. As informações circulantes no ambiente digital, especialmente em redes sociais como o *facebook*, impactam diariamente milhares de pessoas e a constituição de um acervo pessoal

---

[64] Disponível em: https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/. Acesso em: 16 abr. 2018.

[65] No sentido de mobilizar os termos que definem os padrões de uso no âmbito da *internet*, as nomenclaturas aqui utilizadas serão iguais as veiculadas nas redes sociais, até mesmo por que, no século XXI, têm se configurado em linguagem comum aos participantes de ambientes virtuais, de forma geral. Assim sendo, "perfis" são as páginas nas quais são veiculados dados e informações pessoais, as "visualizações" contabilizam as vezes em que o conteúdo foi acessado, as "postagens" ou "publicações" se referem aos conteúdos publicizados nos perfis e o público definido como "usuários" compreende todas as pessoas que têm acesso as informações veiculadas na *internet*.

[66] Segundo reportagem da Folha de São Paulo de 4 de outubro de 2012, o *facebook* atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo. O ambiente virtual permite a exposição intencional de seus usuários por meio de escritas e imagens e estimula interação com outros usuários a partir das funcionalidades do sistema de poder "curtir", "reagir", "comentar" ou "compartilhar" postagens.

[67] A funcionalidade da interface da página virtual identificada como "compartilhamento" permite que leitores do conteúdo publicado possam replicar o mesmo em suas páginas da mesma rede social, o *facebook*, ou em outros ambientes virtuais.

de informações – sob diversos pretextos – pode assumir dimensões que, dependendo da popularidade do usuário, se configuram em um exercício público de formar comportamentos, opiniões, ou mesmo, civilidades.

O ambiente virtual tem proporcionado a produção e circulação de prescrições de civilidade como uma prática formativa remodelada nas formas – narrativas e suportes –, movimento este configurado como uma questão do tempo presente por que "trata-se aqui de um eixo temporal móvel, cujo ponto de origem é sempre a geração atual e que, por isso, se desloca constantemente" (KOSELLECK, 2014, p. 269). As autoras Gloria Kalil, Claudia Matarazzo e Danuza Leão se consagraram como escritoras que se debruçaram sobre o tema das civilidades, debateram a remodelação dos costumes e atentaram para as novas demandas da convivência em sociedade. Na condição de autoras adaptadas ao meio digital, uma vez que, esse processo não fez parte da formação das gerações as quais pertencem, suas redes sociais[68] se constituem em arquivos pessoais alternativos, pelo caráter não material. São ego-documentos[69] publicizados para forjar determinada imagem sobre si e, nesses casos, uma exemplaridade de como ser e permanecer em sociedade.

A criação de perfis integrados às redes sociais digitais permite a constituição de acervos pessoais ou institucionais com os mais variados intuitos. É possível guardar no ambiente virtual desde documentos de caráter biográfico como fotos de si, da família, de momentos selecionados para fazerem parte de uma memória, até conteúdos de cunho profissional ou comercial. Para além disso, autoras e autores das páginas tem como escolher as formas como vão tornar as informações públicas e, no caso das três autoras, elas ou as suas assessorias que administram

---

[68] As fontes utilizadas nessa parte da tese estão alocadas nas páginas do *facebook* das referidas autoras. Para efeito de estabilização das fontes de pesquisa, os dados foram colhidos no limite do dia 23/10/2018 às 16:00. Esse fator tem relevância na medida em que a dinâmica digital modifica esses dados constantemente. As terminologias utilizadas para referenciar os dados dizem respeito às funcionalidades oferecidas pela interface da rede social *facebook*. O termo "curtida" se refere aos usuários que tiveram contato visual com a publicação e tiveram reação favorável à mesma, o termo "seguidores" se refere aos usuários que optam por serem notificados todas as vezes que o perfil for acrescido de algum conteúdo de qualquer tipo e o termo "compartilhamento" se refere à possibilidade de replicar conteúdos vistos em outros ambientes digitais.

[69] Compreendidos aqui a partir da perspectiva de que dizem respeito às experiências pessoais e se constituem no intuito de guardar a si mesmo. O conceito de ego-documento foi elaborado pelo historiador holandês Jacob Presser, em 1958, e, posteriormente debatido e aprofundado sob diversas óticas e para pensar diversos suportes. O autor James Amelang, destaca na apresentação do dossiê *De la autobiografia a los ego-documentos: un fórum abierto*, da revista *Cultura Escrita & Sociedad* (2005) que os ego-documentos se referem a "la diversidad de las formas de expresión escrita de los sentimientos y experiencias personales. Desde su punto de vista, un ego-documento es un texto, de cualquier forma o tamaño, 'en el que se esconde o descubre deliberada o accidentalmente un ego'" (AMELANG, 2005, p. 17). Nessa esteira, como documentos alocados em páginas pessoais de redes sociais, se inscrevem na perspectiva acerca da constituição de arquivos pessoais pensada por Phillipe Artières, na qual "arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo" (ARTIÈRES, 1998, p. 31). Ainda que, as páginas pessoais das três autoras sejam constituídas sob o *status* de perfil pessoal, atendem, igualmente, ao intuito de divulgar suas atividades profissionais, bem como, alongar a vida de suas produções bibliográficas sobre o tema da etiqueta e boas maneiras.

os perfis – prática comum quando as redes são utilizadas com intuito profissional –, permitem que os conteúdos estejam acessíveis a todos os usuários da *internet*. A circulação de informações no ambiente virtual tem como característica importante a velocidade e dinamicidade com que transitam as publicações nos inúmeros sistemas de dados que compõem os algoritmos da rede. Essa peculiaridade tornou-se aliada na continuidade das atividades profissionais dedicadas às etiquetas e boas maneiras, principalmente das autoras Gloria Kalil e Claudia Matarazzo.

As três autoras entremearam suas carreiras profissionais pela produção de manuais de etiqueta e boas maneiras. Para além de outras atividades escritas, como a participação de colunas em revistas e jornais, elas acompanharam o movimento tecnológico e investiram na produção de materiais para o ambiente virtual, assim como, imagens, artigos e vídeos, os quais transformaram a concepção de etiqueta em produtos ou bens de consumo disponibilizados de forma ampliada nos diversos tipos de mídias (PEREIRA, 2003). Dessa forma, em meio as diversas informações publicizadas, também se encontram publicações especificamente produzidas com fins profissionais, expressando as representações desejadas e selecionadas pelas autoras. A ocupação de espaço nesse suporte de divulgação privilegiado pelo alcance, facilidade de acesso e portabilidade na sociedade do século XXI possibilitou pensar sobre a tensão de temporalidades confluentes nesse espaço de interação. A fugacidade do instante é prolongada pela manifestação da presença no ambiente virtual e estabelece diálogo com os passados registrados nesse mesmo contexto. A cada visualização, o instante se restabelece e se constitui em uma nova representação que alcançou outros espaços referentes às interlocuções com outros usuários. O movimento de interlocução é dialético e constante.

A dimensão seletiva da construção de memórias se dá a partir da forma como as lembranças foram arquivadas e o momento em que serão relembradas – entre a postagem e a visualização. Os arquivos virtuais proporcionam uma sensação de controle sobre os arquivamentos, as relembranças e os esquecimentos. É possível ponderar que a constituição virtual de um arquivo permanece sob a administração da memória que se quer guardar, entretanto, o processo de seleção das coisas que devem ou não serem arquivadas contém em sua constituição os desejos do arquivador na mesma proporção que os desejos de esquecimento. Segundo Ricouer (2007), a memória é portadora do esquecimento, portanto, todos os eventos arquivados pelas autoras em seus perfis de *facebook* permanecem vinculados a todos os outros que não foram passíveis dessa seleção, bem como, atendem as autoidealizações edificadas pelas mesmas para serem publicizadas. Nesse espaço, como em tantos outros ambientes virtuais, é

possível perceber os mecanismos de seleção e os diversos critérios adotados na tentativa de administrar uma memória pública sobre si.

Como caraterística da interface desse ambiente virtual, os seus usuários podem, a qualquer tempo e quantidade, fazer publicações escritas, imagens em foto ou vídeo, e compartilhar postagens de outros usuários, com ou sem legendas próprias. Essa economia das possibilidades investe o usuário de liberdades e limitações no que tange a produção de sentidos sobre o perfil constituído em suas páginas. Isso ocorre por que, além de tecer uma rede entre as postagens, compartilhamentos e comentários com perfis de autores desconhecidos, as autoras das páginas permanecem expostas às opiniões alheias acerca das informações publicadas e à reprodução de suas publicações de forma alterada ou distorcida. Esta talvez seja a característica mais atraente de participar de uma rede social virtual: compartilhar o perfil edificado e colocá-lo à prova de forma pública, dessa forma, seria uma construção de si em interação com os outros. É possível que essa peculiaridade tenha atraído Kalil, Matarazzo e Leão, afinal, dessa maneira, suas vidas e obras poderiam reverberar no tempo e no espaço com maior intensidade e, inclusive, dar-se a ver para leitoras e leitores que jamais as conheceriam se dependessem de adquirir seus livros ou ler suas colunas em revistas ou jornais. É uma estratégia de serem vistas para serem lembradas por meio desses espaços acessíveis, uma vez que, "a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significante, visível pela profusão de escritos biográficos e autobiográficos" (CUNHA, 2007, p. 46). Os registros virtuais aproximam-se dos diários pessoais no sentido de que são escritas de si que pretendem deixar uma marca de existência e se distanciam dos mesmos ao passo que são produzidos prioritariamente para serem publicizados.

No intuito de vislumbrar as estratégias mobilizadas pelas autoras para estabelecer diálogo com seus interlocutores virtuais, perceber como relacionam suas imagens com a exemplaridade de convívio social e constituem vínculos pertinentes com passados os quais consagraram as três mulheres como ícones de civilidade e boas maneiras, bem como, oferecer melhor visualização de alguns dados quantitativos das redes sociais, elaborei o quadro 4.

Quadro 4: O *facebook* das autoras em números

Dados retirados dos perfis do *facebook*	**Gloria Kalil**	**Claudia Matarazzo**	**Danuza Leão**
Número de usuários que curtiram a página.	257.521	25.695	10.619
Número de usuários seguidores das publicações na página.	283.973	25.478	10.600
Total de imagens publicadas pelas autoras.	113	476	309
Imagens publicadas por outros usuários no perfil das autoras.	419	324	0
Total de vídeos publicados pelas autoras.	65	138	0

Total de visualizações dos vídeos.	7.464.200	50.651	0

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de informações disponíveis em: https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/; https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/ e https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/. Acesso em: 23 out. 2018.

A circulação de Gloria Kalil em espaços públicos e privados de diversos tipos contribuiu na elaboração de uma performance adaptável, garantindo-lhe êxito no empreendimento nos meios digitais. A sua página no *facebook*, criada em 2014, lhe serve como depositária de ego-documentos tanto quanto divulgadora de suas atividades profissionais voltadas para formação. Os números inferiram sobre uma interação crescente de Gloria Kalil com outros usuários da rede, uma vez que, na estabilização dos dados por ocasião da produção de uma fase anterior da pesquisa, a autora tinha em 12/09/2017, às 18:30, 142.093 curtidas e 141.702 seguidores. Nessa última coleta, um dado que sugeriu a interlocução com seus seguidores foi o registro de que houve 419 imagens publicadas por outros usuários no seu perfil. Dessa forma, foi possível perceber um grau considerável de interlocução, destacando que ao fazer publicações no perfil da autora, outros usuários manifestaram afinidades com as suas narrativas e desejaram inscrever-se nas mesmas, fazendo-se presentes na fugacidade de uma publicação de redes sociais.

Em ritmo desacelerado, Claudia Matarazzo, também registrou crescimento em relação ao ano de 2017, quando, em 12/09/2017, às 18:30, seus dados indicavam um total de 24.944 curtidas e 24.636 seguidores. Não obstante o crescimento ter sido menor, não houve registro de qualquer decréscimo na questão dos usuários que seguiam o perfil, pois, a interface das páginas dessa rede social permite que um usuário deixe de ser seguidor de algum perfil de forma rápida e fácil. Os leitores e leitoras que se aproximaram da imagem e da escrita – não necessariamente nessa exata ordem – destas autoras manifestaram o desejo de continuar a acompanhar suas narrativas sobre de si e sobre as performances sociais. O crescimento, em maior ou menor ritmo, da quantidade de seguidores permite entrever como se movimentou a interação dos usuários da rede com os conteúdos publicadas e, até mesmo, com a representação edificada sobre as autoras em diversos grupos sociais.

A página no *facebook* de Danuza Leão, criada em 2012, nomeada de "No chat com Danuza Leão", registrava no dia 12/09/2017, às 18:30 10.116 curtidas e 10.027 seguidores. Assim como as equipes editoriais responsáveis pela elaboração de um livro, as páginas de pessoas públicas em redes sociais podem contar com assessores que se ocupem da função de selecionar postagens e atualizar as páginas. No entanto, algumas vezes são emitidas opiniões sobre determinados assuntos e ainda que sejam elaboradas por assessores, em tese, devem ser condizentes com os pensamentos das autoras, ou, pelo menos, com a construção de si que

querem tornar pública, pois, a produção de um perfil em rede social virtual se reporta a uma representação de quem seria o seu proprietário. A declaração de autoria da página dessa autora diz ser uma página "não oficial", de "humor danuzeano"[70], entretanto, as imagens publicadas, majoritariamente, são acompanhadas de legendas ou comentários escritos na primeira pessoa do singular, não raro, contando episódios da vida da autora.

A publicação na qual Danuza Leão relatou: "Eu já fui garota propaganda do cigarro *Charm*, que contava com garotas-propaganda do quilate de Adalgisa Colombo e Ilka Soares, todas mulheres de personalidade, reconhecidas por sua beleza e sofisticação. Mesmo quem não fumava tinha vontade"[71], apresentou um exemplo desse tipo de narrativa, na qual a referência é a uma campanha publicitária feita pela autora enfatizando o período em que as tendências de moda estimulavam o consumo dos cigarros. Na sequência da mesma publicação a autora relatou um evento ocorrido, no qual observou no trânsito uma mulher que julgou estar bem vestida e penteada, mas, imediatamente, decepcionou-se ao perceber que estava fumando na rua. A autora ressaltou que ficou evidenciada a mudança comportamental da sociedade que, aos poucos desconstruiu o *glamour* de fumar e passou a desqualificar essa atitude. Assim como esse texto, havia outros relatos na sua página de perfil que apresentaram a narrativa em termos semelhantes, nesse sentido, foram atribuídos a autora.

As narrativas com perspectiva formadora foram presença no perfil de Danuza Leão. Explicitando diversas ressalvas e críticas ao uso excessivo das tecnologias digitais, especialmente o *smartphone*, a autora se questionou:

> O que significa o botão curtir?
> Não significa nada. É equivalente a uma palma protocolar, um tapinha nas costas, um sorriso. E é tão efêmero quanto. Se você dissesse pra mim: 'Nesta semana recebi 180 sorrisos', eu diria que você precisa de um psiquiatra urgente. Porque não se acumula esse tipo de coisa. É uma coisa bacana, espirituosa e bem colocada que você falou. As pessoas sorriram e pronto. Todo mundo move adiante. O problema é, na verdade, que isso se acumula, paralisa no tempo. E daí o indivíduo valoriza isso. E começa a falar: 'Contei uma piada e ninguém riu. Meu Deus! Então vou contar uma piada mais incorreta para achar alguém para rir'.[72]

A aceleração do tempo percebida no que se refere aos meios de comunicação e informação, segundo a autora, também foi responsável pela suspensão do mesmo frente à

---

[70] Disponível em: https://www.facebook.com/pg/NoChatComDanuza/about/?ref=page_internal. Acesso em: 10 jun. 2017.

[71] Publicação feita na rede social de Danuza Leão em 19 de dezembro de 2012. Disponível em: https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/244089579054826/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

[72] Publicação feita na rede social de Danuza Leão em 26 de dezembro de 2012. Disponível em: https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/246984395432011/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

disputa por pertencimento construída nas redes sociais virtuais. O instante, que deveria ser fugaz, se acumula e pode ser contabilizado com o acúmulo de símbolos que manifestam aceitação ou repúdio aos posicionamentos externados. Danuza Leão sinalizou inconformidade com as novas práticas de sociabilidade, entretanto, evidenciou a sua busca por pertencimento no ambiente virtual a partir da edificação da sua presença. Não obstante seu estranhamento quanto as novas práticas, seu humor ácido foi uma marca indelével também nas redes sociais.

Figura 27: Dúvida da contemporaneidade

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/519722854824829/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

A figura 27 foi publicada com a legenda de que essa era uma dúvida que lhe havia chegado por e-mail. No sentido de mostrar conexão com as problemáticas emergentes da cultura digital, a autora admitiu que as maneiras se alteram e tem a necessidade de engendrar novas práticas que, consequentemente, continuam a gerar dúvidas sobre o comportamento social. A temporalidade em tensão em que Danuza Leão se inscreveu constituiu a forma como reelaborou conceitos acerca das relações e dos comportamentos, bem como, atuou sobre a narrativa acerca das suas reelaborações. Em olhares, possivelmente, voltados para passados, a autora se questionou e questionou suas interlocutoras sobre a continuidade de algumas concepções a respeito do amor romântico.

> Há quanto tempo você não vê um homem e perde a noção de quem é, do que está fazendo, de onde está, com quem está, o que é? Nada mexe mais com uma mulher do que encontrar um homem assim; é a melhor coisa que pode acontecer e também a

> pior, pois você não é mais dona de si mesma. E, pensando bem, quem quer ser dona de si mesma? E para quê?[73]
>
> Homem é para realçar a vida das mulheres. Mas como saber se ele está cumprindo sua função? Simples. É quando você começa a se enfeitar; troca de penteado, capricha na depilação, compra um sapato de salto alto, faz ginástica e passa fome só para agradar. Se você faz tudo isso – e com a maior alegria – é porque ele merece.[74]

A autora apresentou às mulheres uma reflexão sobre a sua condição no que se refere aos relacionamentos com os homens. A sua narrativa enfatizou o poder de decisão conferido às mulheres sob a perspectiva de construção de um amor romântico e, em contraponto, vinculou as decisões a uma preponderância do homem na relação em questão. As ponderações da autora permaneceram em consonância com a narrativa elaborada no seu manual *Na sala com Danuza* (1992), na qual foi evidenciada a representação de mulheres que tinham autonomia sobre suas vivências na mesma medida em que era lembrada a importância da sua adequação na construção de um relacionamento. Ao se perguntar "quem quer ser dona de si?", a autora destacou a suposta necessidade de vinculação a um amor – nesse caso, um amor heterossexual – que proporcionaria a completude desejada por uma mulher. E, ao destacar que a percepção sobre o homem que "realça a vida" de uma mulher se dá pela transformação do comportamento de uma mulher em função de "agradá-lo", a autora reafirmou um protagonismo atribuído ao homem na regulação dos relacionamentos.

O perfil de escrita que a autora empreendeu em sua rede social acompanhou o movimento feito pela mesma em outros veículos de comunicação, como jornais ou revistas, da mesma forma que promoveu uma continuidade dos comportamentos esperados das mulheres, ou seja, que se apaixonem e se esforcem para a manutenção do relacionamento. A lembrança mobilizada por meio da afetividade, afinal, segundo a autora, as mulheres são beneficiadas nesse processo, contribui para a estabilização de uma memória na qual os relacionamentos são regulados pelos homens e equilibrados pelas mulheres, entretanto, isso lhes proporciona satisfação. Lembrar o lugar das mulheres nesse movimento legitima formas de manter um determinado perfil de comportamento e edifica uma memória sobre como são (ou devem ser) os relacionamentos. Destacar os benefícios que as mulheres podem ter nesse tipo de relação

---

[73] Publicação feita na rede social de Danuza Leão em 17 de julho de 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/514923881971393/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

[74] Publicação feita na rede social de Danuza Leão em 26 de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/432661336864315/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

contribui na seleção de modos que minimizam reivindicações e constroem estabilidades, ainda que aparentes.

Claudia Matarazzo concentrou as publicações em seu *facebook* nas atividades formativas por ela oferecidas. Em grande parte, a autora fez publicidade de eventos promovidos para instruir as pessoas em diversos tipos de circunstâncias. A questão enfatizada por Matarazzo foram as recepções, quer sejam para um grande número de convidados ou, as íntimas, para poucas pessoas. A autora considerou que há padrões a serem seguidos e elogiou as pessoas que se propõem a continuar tais padrões como uma forma de preservação das práticas bem-sucedidas. Sobre um de seus eventos, conta, "No Finess Buffet Festas em Teresina, Piauí, uma conversa incrível com as mulheres empreendedoras do Piauí. Um público maravilhoso, antenado, bem informado e aceitando as regras do que é ser simples e chique"[75]. O fato de a autora colocar a interação como uma "aceitação" por parte da outra pessoa é indiciário de uma posição hierárquica na qual a autora tem a autoridade de ensinar e suas interlocutoras, o dever de aprender. É como se o trabalho de ministrar cursos, *workshops* e mediar debates fosse um ato civilizatório perante àquelas mulheres desprovidas de tais conhecimentos.

Em certa medida, a perspectiva de que mulheres são, comumente, as responsáveis pela administração de eventos sociais e que a sensibilidade necessária para lidar com esse tipo de circunstância deve ser desenvolvida por elas, é uma permanência na rede social dessa autora. Suas ofertas de formação são, majoritariamente, destinadas a esse aspecto do universo social – as relações permeadas pelos rituais – e encontram eco nas memórias que associam mulheres a afazeres domésticos. A expressão desse lugar legítimo que a autora construiu em suas narrativas digitais permite que outras concepções apareçam como formas de inspirar outras mulheres. A autora não se dispôs a limitar a atuação das mulheres a organizadoras de eventos e, nesse sentido, se apresenta determinada em estimular a autonomia feminina e formas de empoderamento. Segundo uma postagem compartilhada pela autora, "queriam que ela fosse do lar, mas ela era do ler, com essa liberdade, ela era de onde quisesse ser"[76]. A frase inferiu sobre as concepções de movimentos feministas que reivindicam a total autonomia das mulheres em seus diversos contextos sociais e sua presença na página de Claudia Matarazzo, indicou afinidade com esse tipo de pensamento, corroborando seu percurso de mulher que transitou por

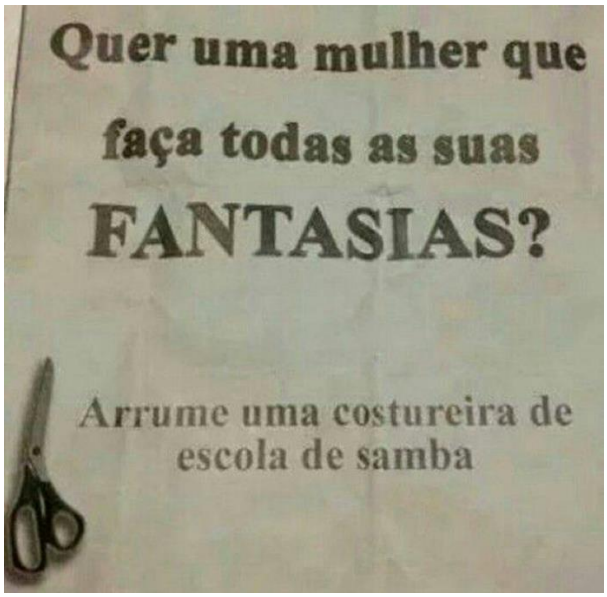
---

[75] Publicação feita na rede social de Claudia Matarazzo, no dia 04 de junho de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1074740195945984/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

[76] Publicação feita na rede social de Claudia Matarazzo, no dia 05 de maio de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1055471124539558/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

diversos ambientes profissional, ainda que sua condição financeira confortável não exigisse tais incursões. A figura 28 postada no perfil da autora no dia 16 de fevereiro de 2015, dialogou com os homens sobre a condição das mulheres nos relacionamentos.

Figura 28: Recado aos homens



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/805350632884943/?type=3&theater. Acesso em: 10 jun. 2017.

A abordagem de Claudia Matarazzo à questão dos relacionamentos pareceu buscar conexão com os discursos de empoderamento feminino que conferem a elas equidade também nos relacionamentos afetivos. O exercício profissional voltado para a continuidade de modos construídos em tempos sobremaneira recuados – e aqui refiro-me aos rituais de recepção inspirados em modelos aristocráticos e considerados tradicionais – se mostrou compatível com as demandas de um tempo presente no qual a autora se inscreveu com habilidade e mostrou pertencimento. Essa conexão com as discussões latentes na sociedade do século XXI também foi perceptível na rede social de Gloria Kalil.

> Estive há poucos dias com Monalysa Alcântara, a piauiense que venceu o concurso de Miss Brasil 2017 – uma beleza de garota, a terceira negra a ganhar essa coroa. Fico muito orgulhosa de tê-la como representante da mulher brasileira nessa passarela. Monalysa conta que está feliz com o título e com o fato de, do alto do seu reinado, ter a oportunidade de enfrentar e combater os comentários racistas que vieram com sua eleição. Isso aí, Monalysa! Os cães ladram e a caravana passa! #mulheresquecontam[77]

[77] Publicação feita na rede social de Gloria Kalil, no dia 20 de setembro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806/783711668420064/?type=3&theater. Acesso em: 20 out. 2017.

A autora mostrou atenção aos embates sociais presentes, se posicionando de forma crítica frente à questão do racismo estrutural existente no país e estimulando o fortalecimento das lutas diárias enfrentadas pela população negra por meio da ocupação de espaços como, por exemplo, os concursos de misses. Em outra postagem, utilizando também a *hashtag* (#)[78] "mulheres que contam", a autora destacou a mudança de perspectiva quanto à mulher trabalhadora, relatando um caso específico no qual a trabalhadora ocupava um cargo de liderança, em uma empresa privada e, receosa sobre a reação do chefe sobre a notícia de sua gravidez, demorou alguns dias para fazer o comunicado. Segundo Gloria Kalil, a mulher,

> Tinha poucos meses de emprego e ocupava um cargo alto e de bastante responsabilidade. "Que alívio", disse o chefe ao ouvir a notícia, "pensei que você estivesse pedindo demissão"! Até pouco tempo, muitas empresas não contratavam mulheres casadas na faixa dos trinta anos pois "corriam o risco" e que elas engravidassem. Hoje as mais modernas acham que a licença maternidade de seis meses é um verdadeiro MBA profissional pois traz de volta ao trabalho mulheres mais atentas, mais eficientes, mais pluri-tarefais, mais compreensivas e mais atuantes.[79]

Na composição de uma "série" de postagens – como a autora mesmo nomeou – publicizou em sua página do *facebook* diversas discussões acerca da condição social de mulheres no país. A opção por explicitar questões que figuram no repertório de representações que demandam desconstrução no sentido de acompanharem as novas conjunturas socioculturais no que tange às mulheres, Gloria Kalil se colocou contribuinte para novas narrativas condizentes com os processos de transformação em curso. A partir de um método mobilizado pela formação de civilidades – a exemplaridade – sinalizou disposição para estimular outros comportamentos e posturas na direção de considerar algumas práticas como não admissíveis e colocá-las no esquecimento e constituir outras que construam memórias sob a dinamicidade do olhar que parte do presente.

Uma outra forma de interlocução que as redes sociais como o *facebook* proporcionaram foi o contato visual por meio da gravação e postagem de vídeos ou *lives*, como ficaram conhecidos. Danuza Leão não fez uso da produção de vídeos como uma forma de estabelecer interação, entretanto, um dado relevante nos perfis de Gloria Kalil e Claudia Matarazzo é o

---

[78] O uso do símbolo "#", no âmbito da *internet*, é um modo de indexar informações com base em palavras, tornando a busca mais efetiva quanto à questão de dados que circulam na rede. Por outro lado, é uma forma de expressar experiências e sentimentos, sintetizados em uma ou duas palavras, e situá-los entre os conteúdos dos usuários que compartilharam da mesma identificação.

[79] Publicação feita na rede social de Gloria Kalil, no dia 06 de setembro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806/776250485832849/?type=3&theater. Acesso em: 20 out. 2017.

elevado número em que as autoras protagonizaram os vídeos publicados[80]. Como foi possível observar no quadro 4, houve uma diferença relevante do total de vídeos publicados pelas duas autoras, no entanto, mais relevante é a proporção majoritária em que as autoras decidiram estabelecer um contato aproximado com seus seguidores, oferecendo suas próprias imagens e vozes como elementos narrativos. A exposição direta da imagem e da voz aproximou-se, sobremaneira, da concepção evidenciada por Amelang (2005) na qual aloca os ego-documentos no repertório das expressões de sentimentos e experiências pessoais. A forma como sensibilizam o outro se molda a partir da forma como exprimem a significação para si, seria difícil persuadir o interlocutor acerca de uma imagem de qualquer tipo, se o emissor da mesma não exprimisse acolhimento e identificação. Na dinâmica do mundo virtual, tanto Kalil como Matarazzo, escolheram serem as próprias narrativas, por meio da utilização, com maior ou menor grau de profissionalismo técnico, de diálogos mais pessoais possíveis, produzindo sensibilidade e identificação.

O espaço na rede mundial de computadores privilegiou as atividades profissionais das autoras, enfatizando a remodelação das civilidades e suas conexões com esse movimento. A adaptação das autoras ao suporte virtual destacou como encontraram formas de continuidade para suas narrativas sobre etiqueta e boas maneiras. Sob roupagem moderna das tecnologias de comunicação e informação, Gloria Kalil e Claudia Matarazzo continuaram a veicular suas prescrições sobre comportamentos e convivência profissionalmente, como nos manuais da década de 1990. A quantidade de visualizações (Quadro 4) dos vídeos de cada uma das autoras é indício da amplificação da circulação de suas discussões sobre etiqueta e as boas maneiras. Adaptada ao suporte e ao tempo que a circunscreve, Gloria Kalil ascendeu a uma popularidade virtual considerável, considerando que, na forma física sua produção bibliográfica seria acessada de forma mais lenta, mesmo os títulos considerados *best sellers*. Com a marca de 7.464.200 visualizações em apenas 65 vídeos, a autora se destacou como ícone no tratamento de temas relativos a civilidade.

Um tempo compreendido pela percepção de Koselleck (2006), o qual se produz na tensão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa é o espaço possível para a constituição das relações sem materialidade, sem contato físico e com muitas incertezas. Alocadas nesse tempo, cada autora se legitimou em seu espaço de atuação, bem como, delimitou a forma como quiseram se mostrar e estabelecer diálogos, porém, ainda no âmbito

[80] É necessário elucidar que se trata de filmagens que alcançam o tempo médio de, no máximo, três minutos, nas quais os autores dos enquadramentos e das narrações abordam algum assunto que julgam ser relevante compartilhar com outros usuários.

das experimentações. A peculiaridade de cada percurso evidenciou a quantidade de dobras sob as quais se constroem memórias e o quanto é necessário aproximar-se ao máximo para perceber as sensíveis condições que estruturam as relações estabelecidas por meio de espaços virtuais. Danuza Leão, Claudia Matarazzo e Gloria Kalil registraram na rede as formas como querem ser reconhecidas e lembradas no futuro, arriscando-se no limiar entre o publicado e o compartilhado, o qual experimenta toda sorte de possibilidades de interlocução. Editaram os passados segundo a conveniência de seus presentes, projetando assim, as representações sobre si. Ocupando irremediavelmente esses espaços, perpetuaram suas perspectivas e deram nova cor aos temas em um contexto no qual o importante é fazer-se presença para tornar-se representação. A demanda formativa estimulada por um processo civilizador em curso dá fôlego aos produtores de narrativas, e a integração das práticas válidas e vigentes mostra vitalidade perante as constantes transformações. Ser seguidor de uma autora proeminente em números não é garantia de internalizar os melhores preceitos de civilidade, entretanto, dá lastro de pertencimento a um grupo que se quer definir como informado e conectado.

As diversas publicações das autoras evidenciaram as peculiaridades das trajetórias que têm em comum a produção de escritas formadoras e a socialização de suas vivências como forma de legitimar suas obras e continuar subsidiando formação por meio de outros suportes. A construção de um grupo de seguidores não foi, necessariamente, guiada por uma estratégia específica, contudo, se submeteu as novas sensibilidades produzidas pelas relações virtuais. O contato com as autoras por meio de suas redes sociais permitiu um retorno impossível em qualquer outro suporte, nesse sentido, é possível entrever o interesse por suas narrativas. A contabilização das “curtidas”, dos “seguidores” e das “visualizações” foi indiciária da forma como cada autora construiu sua identificação junto aos interlocutores ativos no meio virtual. Sobre essa relação, as estratégias de construção de si de cada uma das autoras determinaram essa contabilidade, inscrita em uma lógica própria de desenvolvimento. Cada autora delineou o grupo com o qual dialogou, configurado a partir das suas vivências, formações, posicionamentos e relações profissionais. Suas páginas não foram criadas para serem, propriamente, escritas de si, entretanto, foram escritas sobre si que permitiram ampliar as narrativas de formação.

4. EXERCÍCIOS DE MEMÓRIA: VESTÍGIOS DE REPETIÇÃO

> *Nada*, mas nada mesmo deixa uma pessoa tão segura como quando entra num lugar sabendo que está preparada para o que a espera. Falem a verdade! Etiqueta tem tudo a ver com civilidade. A falta de educação, de cortesia, o egoísmo e a excessiva individualidade tornam a vida nas grandes cidades infernal. E a etiqueta surge como uma espécie de ética do cotidiano, capaz de regular as relações entre as pessoas, deixando a vida mais leve (KALIL, 2007, p. 15).

A reflexão de Gloria Kalil, em seu manual *Alô Chics!*, foi construída a partir da premissa de que as pessoas devem passar por um período preparatório para viverem as diversas situações cotidianas. Com relação ao processo educativo dos indivíduos, a civilidade foi apresentada como aliada nas relações sociais e facilitadora do bom convívio. A questão aqui é pensar sobre o percurso constituído até o ponto em que foi possível fazer essa constatação, o qual teve o seu desenvolvimento inscrito em uma economia própria das relações, compreendida como elemento constitutivo de memória. Segundo Elias (1993, p. 38) "quando pesquisamos processos sociais, temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares". Nesse sentido, o entendimento de que a civilidade é um componente para deixar "a vida mais leve" é atualizado pela aproximação de uma economia das virtudes, afinal, se pode ser uma "ética do cotidiano", deve ser internalizada.

A retórica sobre a virtude do tema sensibiliza para movimentos que, em tese, preconizam o aperfeiçoamento das relações e o desenvolvimento de refinamento, concebidos como facilitadores de pertencimento e ascensão. A máxima metafórica de que a humanidade caminha permite idealizar que há um rumo a ser tomado e que este não deverá ser retrógrado. O suposto rumo percorrido possibilita agregar experiências consideradas úteis e válidas ou, descartar as consideradas fracassadas, selecionando assim, as passíveis de serem exercitadas por meio da repetição. O compartilhamento das experiências válidas configura os indivíduos em grupos de afinidade motivados por diversos anseios, produzindo um movimento constante, porém, múltiplo e desigual, no qual há camadas de transformações, evidenciando um processo diverso e repleto de desconexões. Ainda que se identifique um processo das relações sociais, este não é uniforme e nem homogêneo, da mesma forma é a memória sobre civilidade, a qual se efetiva como presença nos mais diversos ritos eventuais ou cotidianos. Nesse sentido, os modos repetidos se tornam parte do presente que qualifica os indivíduos melhor preparados para um futuro.

Os conteúdos selecionados para construir as narrativas acerca das boas maneiras evidenciam a repetição como característica para uma aprendizagem produtiva. Quanto mais

aproximada a forma, mais fiel ao padrão. Dessa maneira, seria assegurada a continuidade da etiqueta lastreada em passados compreendidos como constitutivos de tradição. A atualização dos contextos foi percebida pela linguagem na escrita e pela materialidade indicada na execução de determinados rituais. A introdução de elementos diferentes dos "originais" não significou abandonar a forma e o sentido da ação. A atribuição de um caráter universal sobre os modos tradicionais viabilizou uma sensibilidade para a repetição sem o ônus do anacronismo. Fazer "como sempre foi feito", nas narrativas dos manuais, era atributo positivo, que vinculava o presente de cada manual e uma ancestralidade civilizada. O considerável intervalo de tempo entre a produção das obras da minha pesquisa sinaliza uma continuidade nos exercícios de repetição, os quais trazem à tona determinadas lembranças, consideradas funcionais para a demanda de cada grupo ou momento. Não é o intuito aqui, construir comparativos ou arriscar similitudes, entretanto esse olhar, focado em perceber os vestígios de repetição, contribuirá no desenvolvimento da discussão articulada no capítulo que se segue.

4.1 MULHERES SUBENTENDIDAS: ELAS PERMANECEM COADJUVANTES

> Acontece-me por vezes ser convidado, com um elegante cartão impresso, para banquetes, inaugurações, recepções e cerimônias. Quem convida, na ocasião de receber-me, pergunta surpreso:
> - E sua senhora?
> - Não foi convidada. O cartão era endereçado em meu nome.
> O outro me fita como se eu, desembarcado de disco voador, ignorasse usos e costumes da Terra.
> - Sua senhora está subentendida.
> Isso de considerar a mulher como um "subentendido" constitui uma grave injúria para a esposa e o marido. É mais grave do que excluí-la. É considerá-la um acessório, como o lenço ou os cordões do sapato (PITIGRILLI, 1956, p. 21).

O autor italiano Pitigrilli, afirmando sua fama de escritor com humor ácido, tratou a questão da invisibilidade das mulheres de seu tempo de uma forma provocativa. Na crônica chamada *A subentendida*, do manual *Marido Perfeito e Mulher Ideal*, o autor apresentou dupla performance ao descrever práticas sociais utilizadas na referência às mulheres e ao evocar uma reflexão sobre as mesmas. A referência utilizada por Pitigrilli acerca das mulheres consideradas subentendidas trouxe à discussão o caráter não apenas figurativo das inscrições em cartões ou convites, mas, a própria presença das mulheres como algo acessório. Contudo, o fato de não ser formalmente referida no papel, a figura da esposa apresentava-se como perfumaria social, com atributos de tornar os ambientes mais agradáveis com suas imagens aprazíveis. A presença feminina em determinados espaços era vinculada a figura masculina, como uma forma de autorizar essa circulação. O autor manifestou sua discordância quanto à prática relatada,

entretanto, evidenciou modos sociais representativos das relações constituídas entre homens e mulheres e as narrou como vigentes e recorrentes no presente de sua escrita, a década de 1950.

Literaturas de formação, em geral, utilizavam o recurso da exemplaridade como estímulo para promover determinados modos e projetar algum tipo de identificação com leitoras e leitores acerca do tema abordado. Pitigrilli aproveitou o assunto para lançar mais uma de suas críticas aos comportamentos da época, no entanto, selecionar o tema e escrever sobre o mesmo, ainda que, para criticá-lo, permitiu torná-lo conhecido e discutível. Assim como várias pessoas poderiam concordar plenamente com sua crítica e mudar a forma de elaborar os convites, outras tantas poderiam optar pela continuidade de manter as mulheres no subentendimento. Essas escolhas ampliariam o espaço de possibilidades para as práticas socialmente aceitas e projetariam na rede de disseminação novas formas, com aspectos adaptados e características únicas. Não obstante existirem tensões que estimulavam o debate sobre o que era ou não válido, o passado permanecia como prática configurante, utilizada como alternativa, bem como, promotora de continuidades, nesse caso, a condição figurativa de mulheres em determinados espaços.

As novas possibilidades da rede de compartilhamentos em que se pode vislumbrar as formas e modos sob as quais a sociedade se constitui são delineadas a partir da transformação ocorrida nos indivíduos. Cas Wouters (2004, p. 193) inferiu que o processo de informalização de maneiras se dá "juntamente com um relaxamento disciplinado da consciência pessoal e da autorregulação". Após um longo período – desde o século XII, pelo menos – no qual o uso da força, a coerção e as punições foram os meios balizadores de outras atitudes diante das novas formas de viver e fazer, impostas, principalmente, pela urbanização e intensificação comercial, Wouters afirmou que no século XX houve uma sensível transformação na continuidade de um processo civilizador.

> Um tipo de autorregulação marcado pelo funcionamento automático das contraemoções e contraimpulsos da consciência cedeu lugar para uma regulação marcada pela "sensibilidade", A medida que as fronteiras sociais e mentais foram diluídas, tanto os grupos sociais, como as funções psíquicas, se tornaram mais integrados – isto é, a comunicação e conexão entre grupos sociais e entre funções psíquicas se tornaram mais fluidas e flexíveis. Eis a sociogênese a e psicogênese da terceira natureza (WOUTERS, 2012, p. 563).

O uso de elementos educativos externos foi cedendo lugar às reflexões individuais sobre as formas de reagir e interagir nas mais inusitadas circunstâncias cotidianas, como resposta a uma censura social implícita. A "terceira natureza" da qual tratou Cas Wouters representa um desdobramento do processo civilizador que está em curso, portanto, entre o fluxo de tensões

que disputam o que é adequado, o que deve ser descartado e, o que é de bom tom. A forma naturalizada de referir-se às mulheres, destacada por Pitigrilli na década de 1950, já estava sob olhares críticos, como o do autor, os quais discutiam se aquilo era ou não aceitável. Esses movimentos de pensar e fazer pensar sobre as formas que são habituais contribuem para a formação de novas maneiras, com olhares mais sensíveis às demandas que, igualmente, são transitórias pelo fato de sua historicidade.

O ânimo para a transformação se tornava possível por meio do recrutamento de elementos memoriais que propiciavam legitimidade à lógica que organizava a economia das relações no processo inscrito em diversas camadas temporais. Acompanhando o pensamento de Elias (1993, p. 70), "se queremos realmente compreender o processo civilizador, temos que permanecer conscientes dessa polifonia da história, de um ritmo de mudanças que é lento numa classe, mais rápido em outra, e da proporção entre estes". Em meio aos movimentos possíveis, no que tange a construções de memórias, havia pontos de interconexão que possibilitaram vislumbrar uma rede de práticas que se alteraram e se adaptaram, mas, continuaram a existir e a alicerçar outras mudanças. Entendo que nesses alicerces se aloca uma memória de civilidades dedicada a emoldurar grupos sociais e no interior destes, os diversos projetos de mulher, entre os quais, as representadas nos manuais de etiqueta e boas maneiras.

O autor Paul Ricoeur (2007, p. 40), ao elaborar, segundo suas próprias palavras, um "esboço fenomenológico da memória", inferiu que o ato de lembrar remete, diretamente, a lembrar de alguma coisa. Nesse caso, a reflexão está circunscrita pela ideia de que é possível lembrar um evento passado, de forma única, identificado fora do presente e que não se repetirá. Entretanto, nos desdobramentos do plano fenomenológico, o autor indicou possibilidades de onde emergem outros entendimentos acerca da "alguma coisa" a ser mobilizada pela memória. A singularidade dos eventos passados não impede a sua repetição ou reaparecimento, ainda que, em circunstâncias diversas. Nesse sentido, o autor destacou a questão da memória sobre as "'coisas' aprendidas e, consequentemente, adquiridas" (RICOEUR, 2007, p. 42) e abriu um flanco para pensar sobre os manuais aqui estudados como portadores de "coisas aprendidas". No intuito de verticalizar o entendimento, utilizei aqui a mesma linha de explicação de Ricoeur quando exemplifica a quantidade de informações que conseguimos guardar não apenas pelo significado do momento em que se processaram as coisas, mas, também, pelas sucessivas repetições que possibilitam recrutar a mesma informação, ainda que, em eventos ou circunstâncias completamente diversas. Constitui-se assim, a memória sobre algo aprendido e que pode ser acessado conforme a necessidade, como arquivos de um *hardware* (disco rígido), encontrados no interior de um computador.

No sentido de aprofundar a questão, Ricoeur tomou de empréstimo as discussões empreendidas pelo filósofo Henri Bergson, em sua obra *Matière et Mémoire (1896)*, e indicou a distinção entre uma memória-lembrança e uma memória-hábito. No que tange aos manuais de etiqueta e boas maneiras, os mesmos podem ser identificados como elementos de memória-lembrança, subsidiários de uma memória-hábito, pressuposta por uma experiência anteriormente adquirida e incorporada à vivência do presente. Movimento esse, mediado pelo tempo, o qual define a anterioridade sem romper com a mesmidade e permite a repetição das coisas adquiridas. Ricoeur classificou como pertencentes a esse movimento todos os eventos abarcados pela decisão humana, ou seja, tudo que o indivíduo decidir fazer, poderá fazê-lo. Dessa forma, ouso incluir a mudança de comportamento por meio da apreensão de novos modos (ou não!) no repertório constituído sob "a característica comum de estar disponíveis, sem exigir o esforço de aprender novamente, de reaprender; assim sendo, todas estão aptas a serem mobilizadas em múltiplas oportunidades, abertas por sua vez a certa variabilidade" (RICOEUR, 2007, p. 44) e, a partir dessa inclusão, considerar como parte da dimensão cognitiva da memória.

A presença de uma figura masculina, principalmente em espaços públicos, era lembrança constante nas representações de mulheres contidas nos manuais. O autor Marcelino de Carvalho (1961, p. XXII) avisava: "Uma senhora nunca deve ir a parte nenhuma só", mas, se isso ocorresse, Margery Wilson (1947, p. 85) lembrava que "uma senhora nunca se decota exageradamente para ir jantar sozinha, sem chapéus, num grande hotel. A não ser que tenha razões muito especiais para isto, é uma atitude imperdoável". As posturas prescritas elaboraram delimitações na conduta de mulheres em relação aos homens e a sua condição de coadjuvante nas situações foi lembrada a partir da utilização de diversas justificativas que, inclusive, foram construídas para favorecer a sua convivência e circulação. O protagonismo das iniciativas masculinas e a relevância do seu olhar sobre a conduta das mulheres funcionava como justa medida para as práticas femininas, mesmo em situações nas quais lhes era conferida a autonomia da decisão.

> O bom senso e não a opinião alheia deve decidir se convém ou não convidar um rapaz para entrar em casa, depois de um baile. Os vizinhos não têm o direito de se preocuparem com a hora que o Romeu saiu da nossa casa. Mas uma moça não pode exigir que prezem muito a sua reputação, se estas visitas tardias se repetirem muito. O mundo é dos homens, e a moça que pensar de outro modo, empenha-se num jogo perigoso e arriscado, embora galante (WILSON, 1947, p 33).

As constantes mudanças nos costumes permitiam uma margem de ousadia, ainda que, submetida ao julgamento social, afinal, era preciso atentar para o fato de que o mundo era "dos

homens". A narrativa de Margery Wilson, em seus detalhes, deu a ver a fluidez dos limites, a transitoriedade dos modos, deixou a mostra um horizonte de possibilidades presente para a atuação social das mulheres. A autora expos os aspectos negativos e positivos dos comportamentos a serem adotados e preocupou-se em alertar acerca dos riscos sem desqualificar o prazer que eles poderiam despertar. A prescrição não era rígida, entretanto, indicava tendências que legitimavam pertencimentos, a falta de fixidez não extinguia a relevância da sugestão. Nessa mesma clave, era possível identificar essa característica nas narrativas de outros autores. Pitigrilli, o mesmo autor que empreendeu no campo das críticas aos costumes vigentes, citado no início do capítulo, valendo-se do mesmo humor, escreveu etiquetas para quem gostaria de agradecer por escrito um livro recém lançado, ofertado pelo próprio autor, mais especificamente, um livro de poemas escrito por uma mulher.

> Na hipótese de ser um livro de mulher, procure-se um verso que contenha uma estrela; não será difícil achá-lo: as mulheres, na realidade, não erguem nunca os olhos acima de um metro e cinquenta, a altura das vitrines (se não fossem os cartões postais, mulher nenhuma jamais daria a existência da Torre Eiffel, do Coliseu, do Empire State Building e das pirâmides), mas na sua lírica as estrelas abundam, a ponto de amesquinhar a Via Láctea e os outros sessenta milhões de galáxias até hoje conhecidas. A cada três versos ascende uma estrela. Escrevam então: "Ah! Essa sua imaginação – *Eu sou uma estrela...*" (PITIGRILLI, 1959, p. 64)

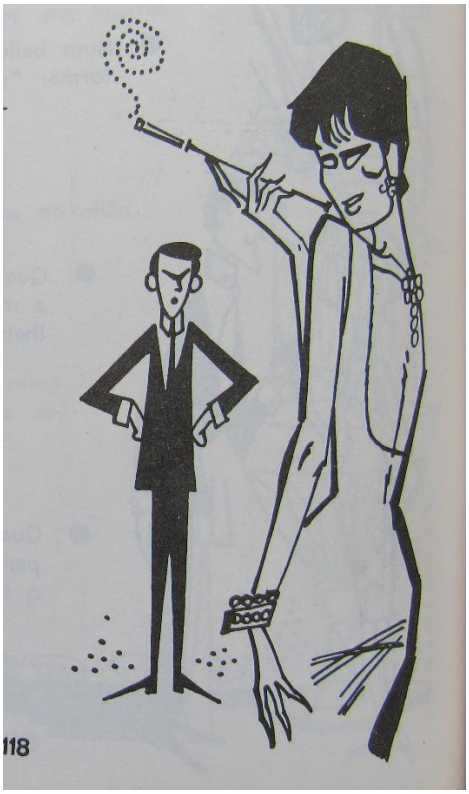
A etiqueta referente aos agradecimentos trouxe em sua construção narrativa um olhar sobre mulheres particularmente pejorativo, porém, com determinado recorte social. A partir dos espaços de circulação do autor, apresentados no capítulo XV de *Não se come frango com as mãos*, entendo que as mulheres as quais o autor se referiu se inscrevem em classes mais abastadas, condição que lhes possibilitava viagens, apreciar vitrines e, mesmo, serem autoras de livros de poemas. Dessa forma, suas considerações eram direcionadas, mas isso não as isenta do exacerbamento na caracterização para enfatizar uma faceta de futilidade e descolamento com o contexto de sua época. Se, na crônica do manual *Marido perfeito, mulher ideal*, o autor criticou o caráter acessório da presença das mulheres em eventos sociais, na narrativa de sua outra obra, o autor utilizou as metáforas exageradas como argumentos para descrever o quanto as mulheres eram preocupadas com as questões que, segundo o autor, povoavam seu universo de subjetividades, como, por exemplo, as compras e "ser uma estrela". As características atribuídas às mulheres ganharam contornos generalizantes quando o autor escreveu "as mulheres" e "mulher nenhuma" e isso pode ser um indício do pensar daquele período e do olhar social sobre as mulheres narradas no manual desse autor.

Produzidas na mesma década, com relação aos vestígios estruturais das relações entre homens e mulheres, têm destaque as recomendações de Carmen D'Ávila (1958, p. 25): "durante

os passeios, os homens pagam tudo: cadeiras dos jardins e de cinema, comestíveis, bebidas, conduções, flores, etc. Às senhoras compete apenas aceitar, agradecer sempre, e não abusar nunca nem dar ordens, deixando ao companheiro o papel de anfitrião". Essa autora deu ênfase à postura subalterna que deveria ser assumida por mulheres na condição de convidadas para algum tipo de evento. Os estudos da autora Carla Bassanezi indicaram que a sociedade brasileira da década de 1950 vivenciava limites na atuação das mulheres, atribuindo-lhes responsabilidades sobre o bom andamento do casamento, sobre a fidelidade dos maridos e, inclusive, sobre a importância de relevar muitas situações para não ter que enfrentar uma separação. Segundo a autora, "à mulher exigente e dominadora, o oposto da boa esposa, eram atribuídos os maiores obstáculos à felicidade conjugal prometida apenas às mulheres essencialmente femininas que soubessem colocar o marido em primeiro lugar" (BASSANEZI, 2007, p. 631). Sendo assim, as mulheres "exigentes e dominadoras" deveriam adequar-se ao modelo da "boa esposa" como um meio de auferir a própria felicidade e, para tanto, seria fundamental uma postura de submissão desde os primeiros contatos.

A expectativa gerada em torno de um casamento que completasse uma trajetória bem-sucedida para uma mulher, se aproxima dos processos de configuração de um "cego aparelho automático de autocontrole" (ELIAS, 1993, p. 196) no qual os comportamentos prescritos são arquivados junto ao repertório de lembranças passíveis de recrutamento em situações posteriores. Os manuais, nesse sentido, eram elementos subsidiários das práticas de arquivamento que passaram a ser deliberadas com base em critérios socialmente estabelecidos e informalizados. O manual de Maria do Carmo Nickol (1968, p. 118) apresentou no capítulo *Conselhos úteis às moças* o seguinte alerta: "Quando sentir a tentação de imitar o olhar lânguido de uma 'estrela', pergunte a si própria se ficaria bem numa mocinha" (Figura 29), inferindo sobre a questão do autocontrole diante das situações suscetíveis a algum excesso, segundo a visão da autora. A construção de estratégias narrativas direcionadas à repetição e ao condicionamento representaram e foram representativos de memórias edificadas a passos lentos, como lembranças que vão reverberar, um dia, em hábitos. O olhar do outro era fundamental para legitimar a moral feminina, portanto, o julgamento social e, principalmente, o dos homens era constantemente lembrado.

Figura 29: Conselhos úteis



Fonte: NICKOL, 1968, p. 118.

O manual da autora Dora Maria (1979, p. 23) instruiu as mulheres: “cumpre aos cavalheiros ajudar e orientar senhoras e senhoritas desacompanhadas, mas isto desinteressadamente, seja qual for a idade das mesmas e a estas compete aceitar os referidos serviços com naturalidade”. Nessa obra, igualmente, o caráter tutelar da relação entre homens e mulheres foi salientado no sentido de instruir mulheres sobre como reagir aos atos de forma não ofensiva ou grosseira. Nessa prescrição a autora não fez evocações de um passado nobre ou aristocrático, no entanto, apresentou indícios de uma formação feminina voltada para a dissimulação dos sentimentos e a contenção dos impulsos, que, em certa medida, qualificavam ou não a moral sobre as mulheres, “senhoras ou senhoritas”. Os julgamentos sociais sobre o comportamento de mulheres permaneceram implícitos nas prescrições que mantinham um olhar harmonizador sobre as relações, no qual se promovia a estabilidade a partir das atitudes femininas, como se o protagonismo fosse reafirmado ao homem e o empoderamento à mulher.

As obras, autoras e autores tratados até aqui estão temporalmente situadas em um período de transição cultural[81] no qual houve avanços e recuos nas questões do espaço social

[81] A segunda metade do século XX foi um período no qual a sociedade brasileira compartilhou as experiências de mudanças ocorridas em diversos outros países. A circulação de ideias libertárias, os movimentos de contracultura, os conflitos armados ocorridos após a II Guerra Mundial, os regimes ditatoriais deflagrados na América Latina e, inclusive, no Brasil, foram alguns dos eventos que motivaram uma efervescência de novas perspectivas sobre a organização e a convivência nas sociedades. As mulheres, especialmente, engajaram-se em movimentos por condições igualitárias nos diversos setores sociais, bem como, de autonomia sobre seus corpos e suas ideias.

ocupado pelas mulheres, entretanto, em manuais produzidos em décadas posteriores há indícios de continuidades, possivelmente, adaptadas a outros contextos. É o caso da autora Danuza Leão (1992, p. 120), que ao dar dicas sobre como receber em casa sugeriu, "se você mora sozinha, encarregue a um amigo o capítulo bar (reposição de gelo, refrigerantes, coquetéis, etc.). Para isso os homens são muito prestativos". E o autor Fabio Arruda (2003, p. 88), sobre levar presentes para a dona ou dono da casa, alertou, "se você é mulher, evite chegar com uma garrafa de bebida alcoólica". Em ambos os lugares ocupados pelas mulheres, tanto como anfitriã, quanto como convidada, se pondera que o assunto referente a bebidas permaneceu na esfera do masculino, ou, pelo menos, desejava-se que permanecesse. Assim como as prescrições de manuais mais recuados situaram as posturas esperadas diante do contato com os homens, os mais recentes reafirmaram domínios por meio do ajuste das posturas, descrevendo o que ficava bem ou não para mulheres. Sem explicitar na escrita a mobilização de qualquer passado, a construção narrativa sugeria tênues limites para as sociabilidades femininas de forma implícita, sem verbos no imperativo, sem hierarquização dos sexos, mas, com delimitações de formas e condicionamentos de condutas.

A variabilidade de memórias dentro de um repertório apreendido pensada por Paul Ricoeur desfaz a linearidade aparente que pode sugerir a continuidade da abordagem dos temas específicos ao comportamento das mulheres nos manuais. As narrativas temporalmente distanciadas não foram, de forma alguma, reproduções estáticas. Ainda que os manuais continuassem a ser escritos e produzidos com os mesmos intuitos de formar e instruir para as imponderabilidades do futuro, estabeleceram diálogo com o tempo e o contexto de sua produção, aspectos capazes de delinear estratégias de narrativa e configurar formas de elaboração narrativa. À formação das mulheres se destinaram as prescrições mediadas pelas transformações culturais circunscritas pelos feminismos circulantes, principalmente, as que se referiram à resistência ou internalização de tais transformações. A autora Claudia Matarazzo (1995, p. 40) marcou essa posição ao instruir sobre como adentrar a um restaurante: "o homem deve entrar sempre na frente da mulher (como a etiqueta tradicional é machista, não?) para desbravar a fila e conversar com o *maître*". Mesmo concluindo que a forma nomeada de etiqueta tradicional parecia ser descontextualizada, a prescrição foi mantida, como um esboço de continuidade. Sobre o mesmo tema, o autor Fabio Arruda (2003, p. 22-23) continuou: "a mulher diz ao homem o que escolheu, e ele faz o pedido ao *maître*. [...] O homem sempre anda na rua próximo ao meio fio, e a mulher fica próxima às vitrines ou fachadas, é um sinal de proteção". As frases que trataram do comportamento em restaurantes foram praticamente reproduzidas, em um movimento de repetição que caracteriza um exercício de memória.

Fabio Arruda também utilizou um recurso recorrente em seu manual – o hipertexto – para elucidar a longevidade da prescrição sobre o lugar a ser ocupado com transeunte.

> Os homens desenvolveram esse hábito para evitar que, ao acompanhar as mulheres, cavalos e carruagens, que trafegavam naquelas vias sem calçamento e em meio à lama e poças d'água, respingassem seus vestidos. Ao colocar o casaco no chão em dia de chuva para que a mulher atravessasse sobre ele, o homem demonstrava o auge da gentileza. Os tempos mudaram bastante. Esse elegante gesto é totalmente dispensável, mas se ocorresse seria inesquecível... e muito (ARRUDA, 2003, p. 23).

É possível perceber que a forma de prescrever o comportamento das mulheres buscou referências distanciadas, em tempo, espaço e contexto. A narrativa foi organizada no sentido de que perdurassem as concepções de proteção associadas ao cavalheirismo e que as mulheres reagissem perante essas práticas da mesma forma que reagiam no passado distante, aceitando e admirando os modos masculinos. As mudanças infligidas pelas conjunturas sociais e culturais comportam espaços para permanências, configurando uma "estrutura da conjuntura" (HARTOG, 2013, p. 64), a qual se situa no âmbito das ideias, possivelmente, o mais lento na questão de mudanças. As formas de compreender e estabelecer relações foram reafirmadas sob a lógica de representarem coisas aprendidas, consideradas boas e, portanto, deveriam permanecer. O interesse aqui não reside sobre o julgamento do mérito, mas, sobre o escrutínio dos mecanismos de continuidade motivados pela dimensão cognitiva da memória. Se eram memórias funcionais às demandas sociais estabelecidas, deveriam ser preservadas e constituir-se em hábito.

No âmbito dos detalhes, algumas lembranças eram acionadas e os hábitos iam ganhando maior entonação. No manual de Danuza Leão, a autora discorreu sobre como organizar a lista de convidados ideal para uma reunião social em casa. Segundo a autora, entre outras personalidades, se recomendava convidar "algumas mulheres muito bonitas – desnecessário serem inteligentes" (LEÃO, 1992, p. 122). A prática era prescrita atribuindo às mulheres "bonitas" a função de harmonizar os ambientes, bem como, integrar convidados desacompanhados. Narradas como perfumarias nos ambientes mais informais de eventos de menor porte, elas foram pensadas sob a perspectiva de atender aos objetivos de uma anfitriã ou anfitrião preocupado em promover interação entre os convidados, conforme será tratado mais adiante, no próximo subcapítulo. A classificação entre bonitas e inteligentes foi apresentada como excludente, considerando não ser possível dispor das duas características. É possível que o manual de Danuza Leão representasse as vivências da autora e, nesse caso, penso que, em alguns grupos esse entendimento sobre mulheres era presente.

A questão do subentendimento se apresentava também de outras formas. O manual de Gloria Kalil (2007), autora considerada um ícone dos comportamentos sociais, contemporânea da minha escrita, investiu sobremaneira na atualização dos comportamentos e na adaptação às novas conjunturas impostas pelo mercado de trabalho, pelas tecnologias de informação e comunicação e, por conseguinte, outros projetos de mulher emergiram dessa renovação. A escrita de *Alô, Chics!* se empenhou em abarcar as diversas situações e as mais adequadas formas de as mulheres desfrutarem das liberdades conquistadas. Essa atenção ao tema foi relevante como marcador da emergência de novas posturas diante de contextos sociais mais dinâmicos. Mesmo que seja perceptível essa virada social na construção narrativa, os detalhes da escrita deram a ver subjetividades internalizadas operando como elementos estruturais no entendimento e na produção de representações. No capítulo chamado *No restaurante*, o item *Mulheres desacompanhadas*, no qual a autora apresentou a questão de mulheres que frequentam espaços públicos em companhia de amigos. A autora iniciou o item perguntando: "Todo casal tem uma ou algumas amigas avulsas que ele leva para baixo e para cima, não é mesmo?" (KALIL, 2007, p. 35), e continuou discutindo que a presença de mulheres desacompanhadas seria uma constante possível, pois,

> Mulheres avulsas, inclusive, pagam a sua parte numa boa. Trabalham e são independentes para isso mesmo. Mas, se por alguma razão, não podem entrar na contabilidade, não se deve obrigar outros casais a pagar a parte delas! Senão, em vez de serem bem recebidas e até acabarem fazendo parte do grupo, as coitadas vão ser olhadas de viés e boicotadas por todos (KALIL, 2007, p. 35).

Como anteriormente mencionado, as dicas de etiqueta de Gloria Kalil foram constituídas sobre situações recorrentes que fazem parte do cotidiano de mulheres do século XXI e não são atos de subversão e nem razão de espanto. Dessa forma, a partir desse excerto é possível ampliar a luz sobre os detalhes e considerar seus significados possíveis. Uma busca em, pelo menos, quatro dicionários virtuais[82] sobre o significado da palavra "avulso" apresentou definições como: separado; que não pertence ao todo, ao conjunto ou à coleção; destacado do grupo do qual faz parte; arrancado; extraído ou retirado à força; isolado, solto, desconexo, desirmanado; que carece de consistência, coesão; inconsistente, insubsistente, vago. Etimologia latim: "avūlsus" = arrancado, separado; particípio passado do verbo latino "avellĕre" = arrancar, tirar à força. Buscar essa definição decorreu do meu incômodo com o uso do termo para delimitar a que tipo de mulheres a autora se referiu. Essa qualificação aponta para a

[82] Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=avulso; https://www.dicio.com.br/avulso/; https://www.priberam.pt/dlpo/avulso; http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/avulso/. Acesso em: 29 mai. 2018.

subjetividade constitutiva da situação de mulheres que não contam com a presença de um par. Deliberadamente se aponta para um contexto social onde a convivência encontra sentido em pares e, principalmente a da mulher, permanece imbuída desse fim como critério de uma sociabilidade aceita sem maiores sobressaltos. A utilização do termo “avulsa” condiciona a presença das mulheres terem que ser “aceitas” em um grupo e indica um comportamento específico caracterizado pela responsabilização sobre a sua condição. Uma mulher pode ser ou estar avulsa, mas, deve ser responsável pelo ônus da condição – nesse caso, pagar a sua parte na conta do restaurante.

As narrativas que foram construídas por toda a segunda metade do século XX e avançaram pela primeira década do século XXI, possibilitaram vislumbrar a transformação das práticas e das concepções sobre os espaços de circulação e os comportamentos de mulheres, entretanto, também evidenciaram que novas configurações em uma rede – nesse caso, de modos – são possíveis, somente se conservarem uma base na anterioridade. As sensibilidades atuantes sobre os impulsos e as emoções constitutivas, segundo Wouters (2012), pela “terceira natureza”, ainda preservam elos com passados exercitados por meio da memória. Assim como outros elementos presentes na formação social – convivência familiar, educação formal, leis, etc. –, as memórias contribuem para esse desdobramento do processo civilizador e, arrisco ainda, que são uma dimensão indispensável à continuidade do movimento.

As inúmeras narrativas atribuíram o protagonismo aos homens e a anterioridade evocada por Fabio Arruda em sua explanação sobre os intuitos de proteção e gentileza de homens para com mulheres emergiu em cada situação onde foi possível identificar vestígios de como era antes do presente da escrita. A baliza que conserva – no sentido de manter e de ser conservadora – a vivência das mulheres em diversos espaços se movimenta lentamente sem perder de vista as práticas apreendidas no passado e suas justificativas positivadoras, evocando uma memória-hábito. Dentre à multiplicidade de movimentos que mesclam passados e presentes, há vestígios que permitem intersecção e apontam para continuidades que vão de encontro aos anseios de equidade, intensamente discutidos no século XXI. A edificação memorial que constrói representações vinculadas à incompletude incide sobre as construções sociais que modelam a convivência das mulheres e lhes atribuem condições de conviver. O presente da escrita de cada um dos manuais aqui estudados destacou as diversas temporalidades em constante movimento, indicando a superfície prolongada sobre a qual se mantém o passado e o quanto ainda imergimos nela para suprir demandas presentes.

4.2 TRAJANDO BELEZA E ELEGÂNCIA: A CONTINUIDADE DOS DITAMES

> "Nunca fique descabelada na frente da pessoa de que você gosta. Nem sem escovar os dentes, pelo amor de Deus", ensina a cantora de axé. "Não acredite naquela coisa de filme que o cara acorda de manhã, faz bom dia e já começa a beijar. Não! Vá correndo ao banheiro, escove os dentes, volte correndo para a cama, finja que está dormindo e ó, o hálito fica incrível de manhã cedo. Essa é uma dica muito legal", orgulha-se. [...]"Se você está cansada, chegou do trabalho exausta, mas faz uma semana que não acontece nada e a pessoa está lá, louca… Bota sua melhor lingerie e vai! Ou vai sem nada mesmo, mas vai! E se você achar que está um pouco fora do peso é só colocar uma meia luz que isso resolve toda a situação", diz.[83]

As dicas de beleza e comportamento dadas por uma mulher, cantora da cena nacional brasileira, foram direcionadas, especialmente, para mulheres que desejassem estimular e manter seus relacionamentos. A autora das declarações, dadas no ano de 2015, destacou questões acerca do corpo feminino como relevantes para o sucesso dos relacionamentos e a manutenção da atenção dos companheiros ou companheiras. A idealização do corpo/comportamento de mulheres nos relacionamentos é um tema recorrente nos manuais de etiqueta e boas maneiras que compõem o acervo de pesquisa dessa tese. Nessa esteira, o conteúdo das declarações serviu como ponto de partida para a identificação de intersecções entre as narrativas do século XXI e as de meados do século XX, assim como, foram relevantes na produção de entendimento sobre o processo de construção de memória acerca dos comportamentos socialmente construídos para mulheres.

Sobre a produção de sentidos explicitada na reportagem, vestígios desse modo de pensar podem ser encontrados em tempos muito recuados. Em busca de elementos que sinalizassem vínculos dessa rede de memória em algum passado, optei pela *História das mulheres no Ocidente* (1990) e alguns estudos delinearam os sentidos da minha narrativa. O estudo de Chiara Frugoni, alocado no volume 2 da obra, realizado a partir da iconografia e literatura da Idade Média, mostrou que a presença de mulheres nesse tipo de fonte, comumente, era associada à imagem de um homem. As diversas formas como as mulheres apareceram em literaturas, pinturas ou esculturas foram circunscritas pelas necessidades e vontades de homens que tutelavam seu comportamento, bem como, sua representação. Segundo a autora, "na literatura religiosa masculina, sobretudo a monástica, a mulher é despojada de qualquer humanidade ou riqueza psicológica: ela não é mais do que a projeção do desejo (culpado) do homem" (FRUGONI, 1990, p. 473). As mulheres eram narradas pelo olhar masculino que lhes atribuía naturezas e comportamentos pensados a partir de um universo pré-concebido, no qual

---

[83] Trecho de declarações dadas em um programa da TV aberta, por uma conhecida cantora brasileira, veiculadas na Revista Veja versão *on-line* do dia 3 de novembro de 2015, às 13:19. Disponível em: https://veja.abril.com.br/entretenimento/claudia-leitte-a-decotada-do-the-voice-da-dicas-para-manter-casamento-meia-luz-para-as-cheinhas/. Acesso em: 20 mai. 2017.

mulheres eram seres “decorrentes” de homens – sob uma lógica bíblica – e portadoras de uma fragilidade – física, mental e moral – que lhes impunha dependência e proteção. Essa ausência de protagonismo contribuiu para entendimentos que naturalizaram as mulheres como seres secundários, com uma existência em função do masculino, controlador das representações e das narrativas.

A autora destacou que os registros iconográficos mobilizados como fontes foram, em grande parte, frutos de escolhas de homens que pagaram e definiram a forma como as mulheres deveriam ser representadas, entretanto, há dissonâncias no que tange aos registros sobre as mulheres que não seguiram somente o perfil de esposas ou serviçais. Algumas mulheres da nobreza se valiam de seu lugar de poder e administravam suas representações, dando a ver outras existências. Além disso, a literatura e a iconografia denominadas como profanas apresentaram, igualmente, outras mulheres em condições de maior autonomia. No entanto, o juízo de valor da época apontava para essas representações como as de mulheres ligadas a exercícios de poder condenáveis como, por exemplo, as rainhas rebeldes, as bruxas ou as mulheres sozinhas (sem um homem). A autora infere que “na Idade Média, a mulher não tem uma fisionomia própria, a não ser que recuse o casamento e se vote ao esposo celeste, ou então se for viúva ou, em qualquer caso, mulher só” (FRUGONI, 1990, p. 486).

A autora Carla Casagrande, participante da mesma obra que Frugoni, debruçou-se sobre textos religiosos e leigos que se auto definiam como textos que falavam às mulheres, sobre mulheres. Seus objetos de análise, de autoria de homens, abarcaram diversos pontos do comportamento das mulheres, classificavam as mulheres em relação a tais comportamentos, prescreviam condutas e situavam as mulheres em relação aos homens. Gil de Roma – um de seus autores analisados – abordou o tema dos ornamentos e dos cosméticos condenando o seu excesso, mas, assegurando o uso moderado como um sinal de requinte e distinção, pois, segundo a autora, “de outro modo aquele corpo tão amado e idolatrado pode corromper-se, não só perdendo a castidade que o torna precioso, mas também comprometendo a saúde que o torna eficiente” (CASAGRANDE, 1990, p. 128-129). Outro de seus autores analisados, Gilberto de Tournai, também apontou a problemática do abuso dos cosméticos como uma prática que poderia afetar a saúde das mulheres, as quais não eram mais donas de seus corpos. Quanto ao assunto, a autora explicou que “este [o corpo] pertence à família que o exibe como símbolo de seu *status* e pertence sobretudo ao marido para o qual se deve manter íntegro, desejável e eficiente” (CASAGRANDE, 1990, p. 129).

Os temas abordados na digressão guiada por Frugoni e Casagrande, de forma alguma, classificam a cantora que fez as declarações que abriram esse texto como “de pensamento

medieval", no entanto, ajudam a vislumbrar a longevidade de um pensamento em que a mulher tem sua existência voltada para o outro, seja como mãe, esposa, serviçal doméstica, enfim, elementos de continuidade e permanência que alimentam memórias e as tornam coletivas. A vivência das mulheres medievais era, comumente, custodiada por homens e seus comportamentos e condutas eram moldados de acordo com as premissas de uma cultura patriarcal. Sem o intuito de fazer genealogias, tampouco, buscar "origens" para o pensamento relacional em que se inscrevem os comportamentos femininos, os dois estudos foram trazidos para iluminar esse percurso de construção de memória, haja vista, as narrativas em manuais de etiqueta terem recuado ainda mais no tempo.

> O que vale dizer que "a mulher que pretender ser tida como bela deve estar dentro das trinta qualidades que a fama atribui à Helena". E eis o quadro:
> Três coisas brancas: a pele, os dentes e as mãos;
> Três pretas: os olhos, as sobrancelhas e as pestanas;
> Três vermelhas: os lábios, as faces e as unhas;
> Três longas: o busto, os cabelos e as pestanas;
> Três amplas: o peito, a fronte e as cadeiras;
> Três estreitas: a boca, a cintura e o calcanhar;
> Três grossas: os braços, a barriga da perna e o sexo;
> Três arqueadas: a silhueta, o nariz e as sobrancelhas;
> Três redondas: os seios, o pescoço e o queixo;
> Três pequenas: os pés, as mãos e as orelhas (CARVALHO, 1967, p. 156).

Marcelino de Carvalho produziu uma lista de características atribuídas à Helena de Tróia, as quais lhe conferiam a condição de uma das mulheres mais belas da Mitologia Grega. É fato que o autor ponderou ser a sua listagem fruto da "fama" auferida por Helena e, até mesmo, afirmou na sequência do texto que "muitos [atributos] caíram por terra e hoje até pareceriam esdrúxulos" (CARVALHO, 1967, p. 156), entretanto, tais afirmações não foram empecilho para que a lista fosse produzida e constasse no capítulo nomeado *A beleza feminina*, do manual *Só para homens*. Sem especificar quais características permaneciam válidas no presente de sua escrita, o autor reconheceu que cada período produziu os seus próprios padrões de beleza, mas, reforçou a narrativa de que as mulheres foram complacentes com a questão e se esforçavam para "entrar" nos padrões. Sua lista de características não deveria funcionar como uma baliza de beleza, entretanto, contribuiu na narrativa com foco sobre a concepção de beleza feminina. Ainda que, o "padrão Helena" permanecesse no passado, a reticência de que os "muitos" atributos não configuravam "todos" existia, portanto, algo continuava ainda válido. O recuo no tempo e no espaço deixa à mostra o movimento temporal que confere autenticidade a ideia de que as mulheres buscavam atender as expectativas e que os parâmetros nem sempre eram por elas estabelecidos. A construção de um desejo de parecer bela impelia para a

concretização da expectativa e, por conseguinte, se adequava às relações como parte de jogos sociais regulamentados por conveniências e interesses.

Séculos mais tarde, distantes da mitologia grega e do período medieval, sob outras concepções culturais, a preocupação com a aparência das mulheres encontrou eco nos manuais do acervo de pesquisa. Amy Vanderbilt, em seu manual de 1962, escreveu sobre a mesma preocupação da cantora que iniciou esse texto, inclusive, com os cabelos.

> Toda mulher bem cuidada se apresenta com aspecto de frescura, limpa, cuidada, bem arranjada. Isto representa um ou dois banhos ou duchas por dia, roupas íntimas e meias impecáveis, cabelos sempre bem penteados, mãos manicuradas, enfim, uma correta aparência em todas as horas, mesmo durante os trabalhos caseiros. [...] A mulher de trato sabe o quanto a aparência de seus cabelos reflete toda a sua personalidade e, assim, estará sempre bem penteada. Nunca se penteia nem limpa as unhas em público (VANDERBILT, 1962, p. 109).

O aspecto como as mulheres se apresentavam, com "uma correta aparência", era um elemento constitutivo da forma como seriam vistas e qualificadas no grupo social ao qual pertenciam e, portanto, um aspecto relevante no estabelecimento das relações e na ocupação dos espaços. Segundo os sociólogos Silvio Cesar Benevides e Vanessa Ionara Rodrigues (2017, p. 82), "os hábitos, costumes, crenças, regas, valores e tradições que integram uma cultura também se aplicam ao corpo, de modo que existem construções socioculturais de corpo", nesse sentido, as idealizações e normatizações acerca dos corpos foram representadas pela hierarquização e qualificação no âmbito da forma como se apresentavam. No caso das mulheres, as cobranças recaíam sobre manter aparências que fossem aprazíveis ao outro e, a partir desse modo de pensar, se estabeleceram formas aceitas que foram legitimadas, não apenas por manuais de consumo restrito a uma parcela da sociedade, mas, por vários segmentos midiáticos que reafirmaram e, inclusive, produziram padrões e estimularam a sua adesão. As concepções de beleza humana, especialmente a feminina, circularam por diversas redes de disseminação – revistas, jornais, televisão –, nesse sentido, os manuais não eram exclusivamente os portadores de tais perspectivas, entretanto, corroboraram essas sensibilidades (ou sua falta!) de qualificação quanto a aparência de mulheres.

As cobranças sobre a aparência feminina – questionadas e debatidas nos mais diversos segmentos sociais no século XXI – constituíram parte do repertório de atributos considerados no que se refere à presença e aos acessos de mulheres, tanto no âmbito social, quanto profissional. A adequação aos padrões de beleza esperados e divulgados, baseados em características específicas, foi tratada de forma naturalizada, sinalizando aceitação. A construção da ideia de uma aparência ideal abriu flancos para uma série de delimitações,

restrições e imposições quanto ao uso de vestuário, apresentação do corpo e, inclusive, postura e gestual das mulheres nos mais diversos ambientes. A criação de normas, sob a égide de "dicas de moda" elaborou um arcabouço de informações disseminadas em múltiplas mídias – revistas, jornais, programas de TV, rádio, etc. – que se constituíram em modelos, aos quais as mulheres tinham optação de pertencer ou permanecer à margem. Atenciosamente aos detalhes, a autora instruiu sobre o vestuário.

> Uma mulher um pouco gorda evitará grandes estampados e saias muito amplas. Uma saia de listras ao comprido afinará sua silhueta. As mulheres de baixa estatura devem usar estampados discretos, evitando ainda as bolsas muito grandes e os acessórios muito vistosos. [...] Os vestidos de noite para as mulheres pequenas ou de média estatura devem seguir a linha do corpo, devendo-se preferir os tecidos mais leves. [...] As mulheres altas podem permitir-se tecidos mais pesados, a não ser que sejam gordas. Neste caso, as cores escuras devem ser preferidas, pois que afinam a silhueta (VANDERBILT, 1962, p. 107).

As recomendações sobre o tipo de roupa se vinculavam ao biotipo considerado ideal de mulheres magras e de estatura média. Os corpos diferentes do pré-conceito configurado permaneciam tutelados pelas restrições quanto ao uso de determinados elementos, cores ou modelos. O aspecto considerado harmônico atendia a um perfil hegemoneizante de mulheres, teoricamente, portadoras da beleza idealizada e socialmente construída. A ênfase sobre um determinado perfil impactava sob diversos aspectos a construção social da concepção de ser mulher. Os corpos femininos que se distanciavam das formas idealizadas permaneciam expostos a situações excludentes e aos apelos de tratamentos que prometiam toda sorte de transformações – nesse caso, entendidas como melhorias. Nas décadas de 1950 e 1960 havia uma intensa circulação de publicidade de tratamentos cosméticos voltados para o público feminino, com intuito de valorizar a delicadeza e a graciosidade consideradas próprias das mulheres (OLIVEIRA, 2007). Os estímulos empenhados na melhoria do aspecto físico das mulheres convergiam à "correta aparência" pensada por Amy Vanderbilt e à estereotipia de mulheres belas e elegantes.

A classificação do corpo e a normatização do vestuário continuaram a figurar entre os manuais produzidos depois dos anos 2000. A autora Celia Ribeiro dedicou trechos de seu manual para expor tais classificações e normas. Segundo a autora, "a primeira providência é ficar diante do espelho, com olhos críticos, até detectar os pontos fracos do seu corpo" (RIBEIRO, 2005, p. 61), compreendendo que aspectos peculiares que se distanciassem dos padrões poderiam ser considerados "pontos fracos". Diante da impossibilidade de extinguir tais aspectos, havia a possibilidade de lançar mão de alguns artifícios de caráter paliativo. Na

sequência do texto foi organizada uma série de orientações como a combinação perfeita para a resolução do problema, ou, como a autora inferiu, causar uma “ilusão de ótica”.

> - As cores escuras emagrecem; bege, branco e tonalidades de rosa e azul esmaecidos dão impressão de uma silhueta mais larga. [...]
> - Mulheres e homens de cintura curta ficam favorecidos por uma calça ou saia mais escura [...]
> - Quanto aos sapatos, cuidado também. Quem tem pernas grossas evita os modelos com presilha [...]
> - Os colares compridos favorecem a todas as mulheres., enquanto as gargantilhas exigem pescoço fino e alongado. Blusas ao estilo camisa, com o primeiro botão da gola fechado, são para mulheres magras (RIBEIRO, 2005, p. 62).

A composição entendida como aprazível, ditava categoricamente a qual biotipo se admitia determinado vestuário e, da mesma forma que a outra autora, fazia restrições aos corpos considerados fora do padrão de beleza socialmente aceito. A escrita de Celia Ribeiro foi mais abrangente na medida em que previu prescrições também para homens, entretanto, priorizou as preocupações com a composição da aparência do corpo feminino.

A busca incessante pelo atendimento aos padrões motivou o desenvolvimento de artifícios e procedimentos capazes de produzir essas adequações em diversos níveis. A oferta de um crescente aparato cosmetológico possibilitou investir sobre a aparência do corpo para além do vestuário. Em sua pesquisa sobre anúncios publicitários de produtos de beleza, Nucia Alexandra Silva de Oliveira (2007, p. 295) inferiu que a partir da década de 1950 houve um “redirecionamento dos discursos” e passou-se a considerar a ideia de que a beleza poderia ser algo adquirido por meio de tratamentos e intervenções. A autora destacou ainda que a publicidade sobre os artifícios recomendados para “embelezar” se construía sobre a dicotomia das “naturezas” feminina e masculina, nas quais os últimos eram associados à força e robustez e as primeiras à meiguice e delicadeza. O uso dos cosméticos era generificado, no sentido de que aos homens era indicado ter uma aparência marcada pela distinção, ao passo que às mulheres, estimulava-se evidenciar os seus atributos – supostamente intrínsecos a condição de ser mulher. O uso de cosméticos e as mais diversas metodologias também foram matéria dos manuais. Sob o título de *O irreparável ultraje*, o autor Pitigrilli construiu a sua abordagem sobre o assunto.

> A técnica ensina a fazer massagem da extremidade da boca em direção às orelhas, com ligeiro desvio para o alto, a fim de evitar a formação daqueles parênteses típicos das mulheres feias, que transformam a boca e as duas rugas laterais descendentes num “m” maiúsculo. A massagem, minhas senhoras, não é feita com as mãos, porém com a alma e a vontade, não com as pomadas mas com o contínuo autocontrole (PITIGRILLI, 1956, p. 190).

Os efeitos do envelhecimento do corpo feminino foram apresentados como elementos passíveis de intervenções que impactariam sobre a sociabilidade das mulheres. A transformação da aparência das mulheres era associada a feiura e ao desleixo, portanto, passível de tratamentos e correções. O prolongamento da juventude – tempo que oferecia rostos e corpos sem marcas do tempo – se colocava como uma cobrança social. Amy Vanderbilt avançou pelas questões da aparência e mencionou as intervenções estéticas como alternativas possíveis.

> Moças e mulheres mais velhas podem corrigir seus defeitos dos dentes por meio de tratamentos especiais. [...] A cirurgia plástica fez progressos fantásticos nas duas guerras mundiais. Suas realizações são maravilhosas. Corrige os seios caídos, as espécies de corcundas que surgem às vezes, nas costas, retira gorduras supérfluas, etc. (VANDERBILT, 1962, p. 111).

As "intervenções" em prol da manutenção de um determinado tipo de beleza feminina eram descritas como formas de adequar a aparência a expectativa social que classificava mulheres e lhes conferia alguns benefícios em função disso. Os corpos mais admiráveis figuravam entre os mais admitidos profissionalmente, os mais requisitados em ambientes festivos, bem como, os mais ostentados por relacionamentos nos quais o homem portasse algum cargo ou função de poder. A presença feminina em eventos ou lugares públicos era matéria de preocupação da boa etiqueta e as formas de qualificação, comumente, estavam ligadas a aparência. O autor Marcelino de Carvalho foi específico ao escrever sobre essa preocupação em seu manual *Só para homens*.

> Ao colocar damas à sua mesa, siga sempre um princípio, que a lógica e o bom gosto indicam: à sua frente (ou à frente do convidado de honra que se quer obsequiar), colocam-se as mulheres bonitas, as que agradam a vista, e, de cada lado, as mais inteligentes, que fazem um bem enorme ao ouvido e ao espírito. Assim divididas, as mulheres são os convidados mais preciosos e úteis em qualquer ambiente. E que Deus as conserve como são! (CARVALHO, 1966, p. 47)

O aspecto "utilitário" das mulheres em um ambiente festivo ou público estava circunscrito pela concepção baseada em uma feminilidade que "agrada a vista" e, segundo o autor, trazia benefícios a qualquer ambiente. Era comum pensar em mulheres consideradas belas para compor a lista de convidados para recepções e reuniões sociais com o sentido de tornar o ambiente mais alegre e bonito. Percebi, inclusive, que a prática permaneceu no tempo, ao constatar que a autora Danuza Leão (1992), em suas recomendações sobre como organizar uma lista de convidados também se referiu à questão, corroborando o caráter objetal e utilitarista da presença de mulheres com tal perfil. Ainda que os manuais não apresentassem características específicas sobre as mulheres consideradas bonitas, as narrativas foram produzidas a partir de um tempo no qual "o embelezamento se transformou em gênero de

primeira necessidade, uma mega indústria que reúne alimentação, cosmética, saúde e atividades esportivas" (SANT'ANNA, 2014, p. 10), portanto, eram ideais circunscritos pelas peles alvas, os corpos magros e as feições jovens, dissimulando qualquer tipo de característica entendida como imperfeição.

A aparência, segundo as concepções de Danuza Leão, era algo fundamental na construção e manutenção das relações e a aparência das mulheres recebeu especial atenção para pensar esse equilíbrio. No capítulo em que tratou de etiquetas para casais que já estariam morando juntos, havia recomendações sobre como proceder após a realização de uma intervenção estética.

> Se você vai fazer uma plástica, é aconselhável que, na volta do hospital, um dos dois vá passar uma temporada em casa de amigos, ou num hotel. Só apareça quando a derradeira mancha roxa já tiver desaparecido. Quando estiver uma deusa. Nada do marido participar da sessão-curativos, sabendo pormenores tipo onde puxou, etc. Enquanto espera, namore pelo telefone, é uma total delícia (LEÃO, 1992, p. 167).

A realização da cirurgia plástica, sob essa perspectiva, se inscreve no repertório de práticas pensadas para agradar o olhar do outro, dessa maneira, os resultados deveriam ser apresentados somente após serem plenamente auferidos, uma vez que, o período pós-cirúrgico demandaria cuidados específicos e talvez, alguns transtornos. Para além da satisfação e da autoestima, as intervenções desse patamar eram e continuam a ser práticas voltadas para uma expectativa social que impacta sobre questões de pertencimento e aceitação e, apresentar-se agradável ao outro, era e é uma forma de ser aceita. A identificação de uma memória-lembrança que se transformou em memória-hábito ecoa sobre as estatísticas, produzidas no século XXI, pela Sociedade Brasileira Cirurgia Plástica[84], as quais colocaram, no ano de 2014, o país em segundo lugar no mundo em número de cirurgias plásticas, ficando atrás apenas, dos EUA. Essas estatísticas não consideram apenas a população feminina, no entanto, são informações indiciárias das idealizações de beleza reverberadas nos diversos suportes escritos, inclusive, nos manuais. As pressões exercidas no sentido de agradar ao olhar do outro desencadearam processos de radicalização, agravados pelo desenvolvimento, inclusive, de transtornos e patologias causadas pela busca de atendimento aos padrões de beleza socialmente impostos.

Em suas prescrições sobre a manutenção das expectativas sobre a beleza das mulheres, Danuza Leão alertou para que não fosse causado nenhum desconforto ao companheiro por meio da exibição de uma aparência ainda em definição ou transformada pelo procedimento. A

[84] Disponível em: http://www2.cirurgiaplastica.org.br/2014/07/29/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo. Acesso em: 20 mai. 2018.

sacralização de uma estética construída, arbitrária e artificializada se constituiu em uma narrativa aceita e circulante entre os diversos grupos de leitoras e leitores de manuais de etiqueta. Compartilhar comportamentos, nesse caso, incluía compartilhar aparência física e a prática não se restringia, mas, se direcionava, comumente, às mulheres. Os itens compreendidos como beleza e elegância tinham um tom prioritariamente feminino, uma vez que, os modos se destinavam ao conjunto de idealizações da vivência de mulheres, consideradas pela boa convivência nos relacionamentos amorosos.

> Um rapaz recordará de hábitos maternos dos quais discordava e que também, embora bem-intencionados, desagradavam ao pai. Não suportava – por exemplo – ver a mamãe ir para a mesa com a cabeça cheia de papelotes, ou passear pela casa com o rosto reluzente de creme de beleza. Não há marido que goste de testemunhar esses segredos de feminina vaidade. Tendo a mulher seu próprio quarto, poderá entregar-se a esses cuidados quando se encontre sozinha. Mas, num mesmo dormitório deve mostrar-se, à noite, tão atraente quanto durante o dia. Seus trajes íntimos serão elegantes e impecáveis, assim como a roupa de cama (VANDERBILT, 1962, p. 242).

O cuidado em preservar o companheiro acerca dos tratamentos estéticos também foi uma preocupação de Amy Vanderbilt, inferindo, inclusive, sobre o impacto que isso poderia ter sobre o imaginário produzido nos filhos homens acerca de como seria uma esposa ideal. A autora evidenciou a desaprovação por parte dos homens, de serem obrigados a compartilhar dos momentos pessoais de tratamentos de beleza. Objetificadas, as mulheres deveriam apresentar-se produzidas de acordo com o evento, ainda que fosse um habitual jantar em família, pois, segundo a autora, “roupas limpas e maquilagem, mesmo que você esteja só com as crianças, para uma simples refeição, representam um fator psicológico na rotina diária” (VANDERBILT, 1962, p. 110). As diversas cenas em que as mulheres atuavam em seus cotidianos recebiam contornos prescritos para a satisfação do outro, assim como no conselho proferido no excerto inicial desse texto, mulheres deveriam estar prontas para as mais diversas demandas cotidianas, com ou sem motivação. Para além dos julgamentos, nesse momento, optei por destacar esse caráter subserviente com vistas a evidenciar que tal perspectiva sobre o comportamento feminino figurou entre as prescrições para aperfeiçoamento de convivência, ou seja, foram consideradas prescrições de etiqueta e boas maneiras, mesmo abordando questões físicas e biológicas.

Com relação à formação da elegância nas mulheres, retomo o capítulo já citado de Pitigrilli (1956, p. 188), no qual foi peculiarmente objetivo ao apontar que “também a fim de se preparar para ser uma velha agradável, deve encetar o adestramento quando ainda é uma jovem senhora e uma juvenilíssima senhorita”. Nesse sentido, o autor desenvolveu sua narrativa dando uma série de conselhos, entre outras coisas, sobre os hábitos de provar o alimento que se

está cozinhando e devolver a mesma colher ao recipiente do cozimento e caminhar pela casa durante uma noite de insônia e reclamar no dia seguinte (sendo que não deixou as outras pessoas dormirem também). Contudo, destaco o empenho do autor em explicar às possíveis leitoras os sentimentos que, segundo ele, eram nelas despertados em relação a mulheres mais jovens.

> Frequento as apresentações dos modelos das grandes costureiras para observar os vestidos e os manequins. [...] Mas o que mais me diverte são o ódio e a crueldade que as senhoras não conseguem esconder à passagem triunfante daquelas esplêndidas juventudes que sabem caminhar [...], ao passo que a maior parte das senhoras, quando não mantém um autocontrole ou não foram educadas, lembra o mamífero antepassado que se atirava ao alimento, trepava nas árvores e fugia para a floresta. [...] É uma cruel ginástica mental, essa que lhes proponho, senhoras. Mas se se acostumarem desde moças a tolerar que outra mulher seja mais ágil que vocês, que a sua anatomia se sustente, como nas estátuas, sem se agarrar às fitas e sem ser espremida em borracha, que a barriga de uma perna não precise esborrachar-se de encontro à tíbia da outra para dissimular anormalidades, que um pescoço possa mostrar-se livremente, como o dos cisnes, sem a intromissão de um colar, de uma corrente e de um véu, que trinta e dois dentes possam rir livremente, sem a camuflagem de um leque ou de um lenço [...] sua formação mental a impedirá uma senhora madura, implacável para com a graça, o pecado, o erro, a fragilidade, para com a juventude alheia. [...] É o mesmo que engolir um sapo vivo cada dia, bem sei (PITIGRILLI, 1956, p. 190-191).

O extenso excerto foi necessário para salientar a representação narrada pelo autor e o seu caráter sarcástico. A diversidade de detalhes para caracterizar a intolerância de senhoras para com a juventude – como nomeou o autor – propôs uma autoanálise das leitoras sobre o seu olhar diante de mulheres mais jovens, que estariam, supostamente, no auge de sua beleza e elegância. As comparações depreciativas integraram o que o autor chamou de “cruel ginástica mental”, com o intuito de estimular uma mudança de pensamento em relação a forma como pensavam, segundo o julgamento do autor. A construção narrativa pressupôs uma divisão das mulheres segundo um critério cronológico, o qual incide sobre a sua percepção de si e do outro – ou, da outra. A linha de entendimento do autor foi construída sob a perspectiva de que, na medida em que ocorresse, o envelhecimento das mulheres elas desenvolveriam uma rejeição extrema acerca de sua condição e se colocariam em oposição às mulheres mais jovens, como se as mudanças físicas condicionassem, exclusivamente, a sua forma de pensar e determinassem suas relações sociais. O habitual humor ácido do autor era indicativo das cobranças sociais relativas ao prolongamento da juventude de mulheres, ainda que de forma artificializada, em um movimento que corrobora os excertos mobilizados anteriormente, diferenciando-se apenas, quanto à questão de ser um homem que escreveu.

O movimento que circunscreveu os manuais estudados distanciou cronologicamente e aproximou narrativamente, possibilitando elementos de diálogo que não obedeceram a progressões ou hierarquias em relação as diversas temporalidades de produção. Todavia, deram

a ver o recrutamento de informações apreendidas e exercitadas por meio da manutenção da perspectiva adotada sobre a questão da aparência feminina. As mulheres as quais se referiu Celia Ribeiro não eram as mesmas vislumbradas por Pitigrilli, no entanto, foram interlocutoras de perspectivas que mantiveram elementos comuns de idealização. A aparência cobrada na década de 1950, elaborada para gerar modelos, a partir de pré-conceitos de beleza, se fez presente depois dos anos 2000, prescrevendo o que pode e o que não pode quando o assunto é a apresentação das mulheres para o outro, inclusive, em situações mais íntimas. Sobre a intimidade, Danuza Leão alertou:

> Nunca perto do outro:
> - Corte as unhas (principalmente a dos pés);
> - Tire as sobrancelhas; passe creme no rosto;
> - Raspe as pernas (com o barbeador dele jamais);
> - Limpe o ouvido com cotonete;
> - Faça uma massagem de óleo no cabelo, ou uma 'touca';
> - Pinte os cabelos;
> - Esprema qualquer espinha ou afins;
> - Escove os dentes;
> - Fique horas pendurada ao telefone [...]
>
> Tire um dia da semana para os cuidados relacionados acima (estou evitando a palavra certa: faxina) (LEÃO, 1992, p. 166).

A idealização de uma beleza feminina ultrapassou as questões estéticas e reverberou sobre o lugar das práticas de mulheres em relação a seus corpos. O desejável não seria somente apresentar-se aprazível, mas, também, ocultar os processos de "embelezamento", sugerindo naturalidade. Os métodos explicados pelos autores, nesse subcapítulo, foram imperativos em recomendar que os procedimentos não deveriam ser expostos, nem sequer, dado o conhecimento. No conjunto, as questões abordadas, se referiram a mulheres que estariam produzidas em qualquer período do dia, oferecendo uma visão harmoniosa (com vestuário e acessórios "adequados") e organizando o aparato sem que outras pessoas tomassem conhecimento. As prescrições, nesse sentido, impactavam sobre as práticas e as representações esperadas. Ainda sobre pontos de intersecção entre as diversas narrativas, Danuza Leão exemplificou,

> Tenho uma amiga que põe o alarme do seu micro despertador para soar 15 minutos antes do namorado acordar. Esse despertador toca tão baixo que só o coração de uma mulher apaixonada consegue ouvir. Aí, ela penteia os cabelos, dá um jeito no rosto, escova os dentes (só com água, para não dar bandeira), volta para a cama e finge lindamente que ainda está dormindo. Super gracinha, ela fazer tudo isso pelo namorado. Mas também esse homem deve merecer, não é mesmo? (LEÃO, 1992, p. 167-168)

O relato de Danuza Leão foi semelhante à prática sugerida no relato que abriu esse texto. O intervalo de tempo entre as narrativas é de vinte e três anos e não é possível afirmar o contato da cantora com a escrita dessa autora, mas, os indícios para pensar essa relação se insinuaram. A escrita produzida em 1992 encontrar eco nas falas emitidas na segunda década dos anos 2000 sinalizou a identificação com a narrativa e a validade de seu conteúdo, dentro de um determinado grupo social que consome esse tipo de literatura com intuito de formação. Não é o caso de pensar a validade quanto ao julgamento de pensamentos ultrapassados ou inovadores, todavia, a validade diante de um sistema de significação apreendido, mobilizado e exercitado a partir da evocação de uma memória que se identifica e compartilha por meio de uma atualização narrativa. O contexto e a situação que produziu a ideia não mais existe, no entanto, eventos diversos que compartilham da mesma perspectiva – nesse caso, um projeto específico de mulher que quer agradar o outro – tem o potencial de evocar lembranças já alocadas em algum lugar da memória. Sem a necessidade de ter vivido a mesma situação, passados apreendidos por meio da leitura são revigorados, figuram entre os conhecimentos constitutivos do presente e são projetados em um horizonte de expectativas por meio da reconfiguração dos conhecimentos.

4.3 ETIQUETAS DE BOLSO

A materialidade do suporte de leitura possibilita um diálogo peculiar entre leitora (or) e leitura. Características como capa, cores, ilustrações, tamanho ou portabilidade atuam prioritariamente quando a busca por uma leitura é aleatória ou descomprometida com um tema específico. Segundo Chartier (1990, p. 127), “não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. Essas formas comportam elementos que o autor designou como protocolos de leitura, ponderando que os mesmos, além de causarem impressões, são mediadores dos primeiros contatos com a leitura a ser feita. Nesse sentido, tudo que se apreende do livro antes da leitura, está incluso no repertório de condições que tem o potencial de aproximar ou descartar o material. Por esse motivo, a editoração ocupa um espaço considerável quando se pensa a circulação e o consumo de suportes de escrita.

O historiador infere ainda, sobre a presença do editor na obra como produto final de um processo. As etapas percorridas até o momento de propiciar o contato de um livro com as (os) leitoras (es) são incrementadas com os sentidos atribuídos pelo editor ao escrito a ser publicado. O autor afirma que as formas como as leituras são apresentadas, ainda que, circunscritas pela época ou o gênero do texto, os sistemas em que as obras são concebidas e entendidas persistem

em buscar a “existência de uma obra idêntica a si mesma” (CHARTIER, 2014, p. 294). Esse sentido é perseguido no processo editorial, buscando não alterar sentidos, situação sobremaneira complexa e imprevisível. Os manuais que foram transcritos em sua íntegra para o formato de bolso não deixaram de ser novos manuais que suscitaram outros sentidos e, por conseguinte, animaram outros diálogos.

Os manuais de etiqueta e boas maneiras, comumente, são associados aos grupos de leitoras e leitores mais abastados da sociedade pelo fato de abordarem algumas questões distanciadas do cotidiano de classes com menos condições financeiras, assim como, recepções para autoridades ou cerimônias de casamento com traços de realeza. Entretanto, questões como buscar melhores colocações de trabalho, participar de determinados circuitos sociais, ou mesmo, ter e usar bens de consumo, contribuem para uma memória do que é melhor ou torna as pessoas felizes, e, esses anseios não se restringem a classes ou grupos sociais. Nesse sentido, não é possível afirmar que leitoras e leitores de manuais de etiqueta e boas maneiras se encontravam exclusivamente em classes altas ou em ascensão. A demanda pelos conhecimentos contidos nessas leituras poderia ser suscitada em qualquer pessoa que desejasse refinar seus modos e distinguir-se em seu meio. A maximização do público ecoava na variedade de materialidades em que esses escritos foram produzidos. Entre o acervo de manuais constituído para o desenvolvimento da minha pesquisa é possível perceber a diferenciação de investimentos sobre os produtos de cada autor e editora, aspectos tratados com mais vagar em capítulo anterior. Essa variedade sugeriu uma preocupação em alcançar os mais diversos públicos e classes por meio da oferta de preços e formas variados e, nesse sentido, destacarei os manuais de bolso.

É pensando a partir do impacto da materialidade sobre o uso e os processos de informalização dos conteúdos, que me debrucei sobre os manuais que foram produzidos sob o formato livros de bolso. Em seu estudo, sobre os livros de bolso de Corin Tellado, autora espanhola que produzia romances para mulheres sob tal formato, a historiadora Maria Teresa Santos Cunha destacou a circulação que podem auferir publicações desse tipo. A mencionada autora de romances, no período do pós-guerra, teve seus livros circulando intensamente no mercado espanhol, bem como, foi traduzida para diversas línguas. Na década de 1960, Brasil recebeu um escritório comercial da Editorial Bruguera, responsável pela edição dos romances e divulgou os livros de bolso de Corin Tellado também aqui no país. A Editora empreendeu na produção de livros de bolso, tornando o modelo um de seus principais produtos. Segundo Cunha (2006, p. 54), eram “vendidos por preços módicos, utilizando-se de papel tipo jornal, sem grandes preocupações estéticas”. Concebidos como publicações populares, eram

comercializados “em farmácias, postos de gasolina, quiosques, aeroportos, supermercados, enfim, pontos de vendas outros que não apenas as livrarias, que por sinal, nunca deram o devido espaço a este tipo de publicação” (CUNHA, 2006, p. 54).

A disponibilização desses materiais em espaços diversos do ambiente culto e intelectual das livrarias estimulava o contato com outros públicos, não habituais de livrarias. Essa outra forma de comercialização dos manuais permitia uma ampliação dos diálogos, bem como, novos olhares, entendimentos e memórias acerca dos temas tratados. O menor investimento sobre o custo da produção contribuía para a acessibilidade aos materiais e a vulgarização dos seus conteúdos. Não obstante manterem os propósitos anunciados – em muitos casos, nos títulos –, possibilitaram vislumbrar novas formas de compartilhamento de tais leituras, ampliando a rede de difusão de determinados sentidos ou sensibilidades. Nessa esteira, é possível que os manuais de etiqueta em formato de bolso tenham contribuído para o processo de emancipação e integração social (WOUTERS, 2012) de outros grupos, e não apenas para os considerados abastados ou em ascensão. A transformação do suporte abria possibilidades para outras leitoras e leitores e fazia com que os conteúdos fossem cada vez mais conhecidos, apropriados, utilizados e praticados de alguma forma. Quanto maior o número de leitoras e leitoras, alargava-se o processo de informalização das boas maneiras.

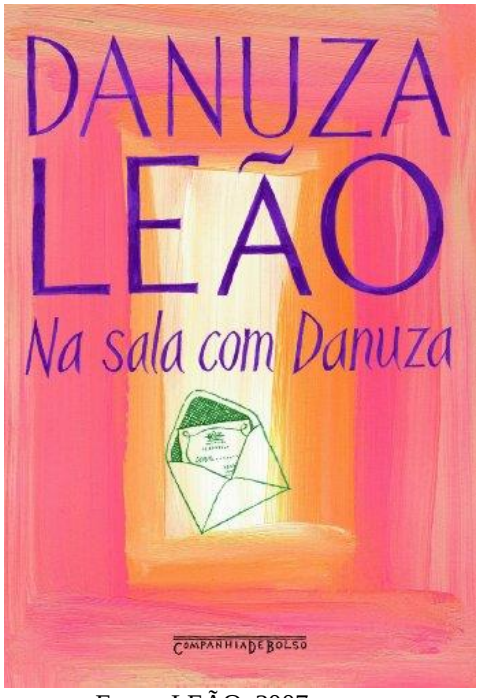
A coleção de romances pesquisada por Cunha foi concebida sob o formato de bolso. Essa perspectiva editorial baliza e escrita e organiza o texto. No caso dos romances, não seria possível pensar uma história sem um desfecho, tampouco, desdobramentos que deixassem o livro com muitas páginas, grosso e pesado. A portabilidade é um fator delimitador e um diferencial nesse tipo de publicação, portanto, um aspecto a ser considerado. Entretanto, no caso de livros que foram produzidos em outros tamanhos e, posteriormente, foi feita uma versão em formato de bolso, havia necessidade de um novo trabalho de editoração que garantisse a abordagem do tema e a coerência do conteúdo. Condensar as informações de mais de cem páginas em um livro de tamanho 10cmX15cm (tamanho usual) exige um trabalho exímio de síntese e uma alta sensibilidade editorial para escolher itens que podem ser suprimidos ou não. Essa redução que tem como produto final um livro de bolso, intenta manter o texto em si (CHARTIER, 2014), buscando convencer leitoras e leitores que o mais importante permaneceu e que não houve perdas para a leitura. No caso dos manuais, esse aspecto se intensifica ainda mais, porque é necessário construir o novo projeto editorial sobre a premissa de que continue a ser útil ao seu fim, ou seja, ao aprendizado de modos e comportamentos, de acordo com cada proposta.

O manual de Danuza Leão passou por um processo peculiar sobre a questão da editoração. Lançado primeiramente em 1992, ganhou uma obra de continuidade em 2003, quando foi lançado o *Na sala com Danuza 2*, pela editora Arx. É possível supor que a escrita desse manual – o qual não faz parte do acervo da minha pesquisa – foi atenta ao processo de transformação social e cultural ocorrido no período que separa uma publicação da outra, haja vista o investimento da editora sobre um mesmo tema mais de dez anos depois. A continuidade foi verificada no título e no contexto proposto pela escrita, como se os assuntos inicialmente tratados no primeiro manual recebessem uma abordagem atualizada devido às transformações socioculturais. No entanto, um manual, de mesmo título do primeiro, *Na sala com Danuza*, foi lançado em 2007, pela Editora Companhia das Letras, sob o selo Companhia de Bolso. Em uma página anterior à *Introdução*, a autora situou o contexto do manual.

> Este livro, publicado pela primeira vez no início da década de 1990, foi elaborado num ambiente muito diferente do de hoje – havia menos telefones celulares, menos gente conectada na internet e no e-mail, por isso deixei de lado todo um mundo de "mandamentos" que agora são tão correntes e óbvios quanto, digamos, não tagarelar no cinema, não guardar para si o que tomou emprestado... e não escrever introduções longas demais. Por isso, em 2003, o livro ganhou uma nova edição, mais antenada, que serviu de base para este *Na sala com Danuza* de bolso que a Companhia das Letras está lançando. Mas não resisti e fiz novas mudanças: conforme o tempo passa, ficamos mais tolerantes com algumas coisas e menos com outras, e tudo muda um pouquinho. Mas o básico está aí, pois há certas coisas tão atemporais quanto devolver o que pegou emprestado, não falar no cinema, bom, você sabe (LEÃO, 2007, p. 7).

O manual de bolso de Danuza Leão (Figura 30), de tamanho 12cmX18cm, se propôs a fazer uma revisão/atualização das duas publicações anteriores, utilizando o mesmo título da primeira. A opção editorial foi por vincular a publicação às anteriores, em uma iniciativa de manter a atenção sobre o tema no qual a autora tinha conquistado reconhecimento. Em relação ao volume, o manual de bolso foi mais generoso, com 219 páginas, ao passo que o outro finalizou com 214 páginas.

Figura 30: *Na sala com Danuza* – versão de bolso



Fonte: LEÃO, 2007, capa.

Editorado em fonte de tamanho menor, o manual de bolso manteve o padrão de utilizar uma página inteira para o título do capítulo e dispensar o uso de imagens no interior dos capítulos. A *Introdução* da autora, escrita em 1992, foi reproduzida na íntegra, enquanto o *Prefácio* e a *Apresentação* – escritos por Renato Machado, marido da autora à época, e Eduardo Logullo, respectivamente – foram suprimidos. Considerando-se a *Introdução*, o manual de bolso anunciava uma versão condensada do lançado em 1992. Ocorre que o desenvolvimento da narrativa desmitificou por completo essa suposição. Sobre o assunto, julguei necessário apresentar o seguinte quadro:

Quadro 5: Os capítulos dos manuais de Danuza Leão

Manual de 1992	**Número de páginas**	**Manual de bolso de 2007**	**Número de páginas**
1. Os assuntos	5	1. Coluna social: os bastidores ou as ilusões perdidas	11
2. Dinheiro	7	2. Ricos e famosos: como chegar lá	3
3. Amizades	9	3. Jantares	17
4. Apresentando pessoas	5	4. Tolerância zero	3
5. Geral	11	5. As novas tribos	7
6. Na mesa	9	6. Assuntos	5
7. Beleza	5	7. Dinheiro	3
8. Correspondência	5	8. Amizades	3
9. O telefone	5	9. Empréstimos	3
10. Viagens	13	10. Apresentando pessoas	3
11. Hospedar	9	11. As máfias: uma mão lava a outra	3
12. Festas	21	12. Curtinhas	5
13. Trabalho	5	13. Beleza	3

14. Fumo	5	14. Etiqueta na academia	3
15. Os solteiros	7	15.Umas coisinhas	3
16. O mundo gay	3	16. Cabeça de filho	3
17. Noivados e casamentos	5	17. À mesa	5
18. Morando juntos	9	18. Trabalho	5
19. Banheiro	3	19. Quem fala?	5
20. Gastronomia	5	20. Viagens	11
21. O bar	5	21. Hospedar	5
22. Ressacas	5	22. Banheiro	1
23. Um bruch	5	23. O fumo	3
24. Bichos	3	24. O mundo gay	3
25. Mães & crianças	9	25. Gastronomia	5
		26. Bons conselhos difíceis de seguir	3
		27. As leis da natureza	1
		28. Os solteiros	5
		29. Noivados e casamentos	5
		30. Morando junto	7
		31. Outras curtinhas	3
		32. O bar	3
		33. Ressacas	3
		34. Jingle bells	3
		35. Mães, crianças, famílias em geral	9
		36. Dois nobres sentimentos (Ou: A raiva e a vingança)	3
		37. A maturidade, enfim	4

Fonte: Produção da autora a partir de Leão, 1992; 2007.

O quadro com a lista de títulos de capítulos dos dois manuais de Danuza Leão mostra que 20 dos 25 itens abordados no manual de 1992 aparecem entre os 37 itens abordados no manual de 2007. Houve um acréscimo de 12 itens no manual de 2007, em relação ao de 1992, mesmo sendo um manual de bolso. O incremento na quantidade de assuntos a serem tratados e a diminuição das medidas das páginas, sugere que os assuntos foram reescritos de forma sucinta para ceder espaço aos novos assuntos considerados necessários para compor o manual. Como a própria autora havia anunciado em sua nota introdutória, os hábitos passaram por transformações que, por sua vez, remodelaram as relações. Comparando a quantidade de itens e o empenho em produzir mais prescrições que abarcassem as práticas emergentes de um novo contexto cultural, a questão aqui é pensar sobre a estratégia de conservar algumas partes do escrito e, principalmente, o seu título, como uma nítida vinculação ao manual que alcançou, pelo menos, 32 edições, segundo informa o exemplar do acervo de fontes da tese.

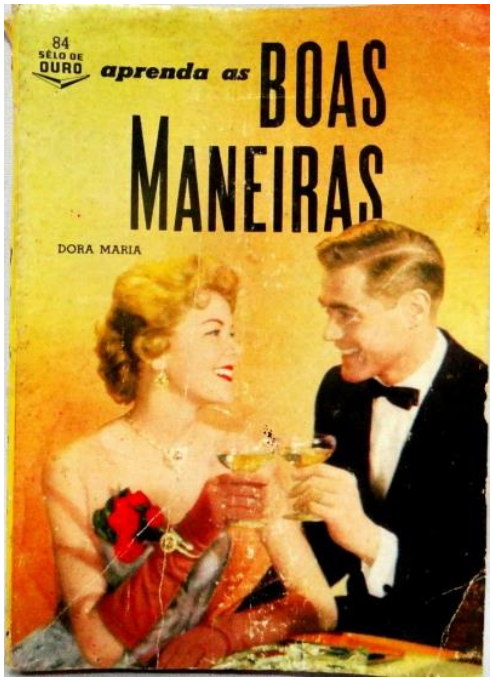
O recrutamento de um passado que havia constituído significados entre suas leitoras e leitores se traduziu em mobilizar uma memória-lembrança e colocá-la em exercício novamente. A narrativa que havia elaborado sentidos com certa repercussão, haja vista a quantidade de vezes que foi reeditada, foi ativada em meio ao repertório de sentidos que povoaram as memórias sobre as prescrições escritas pela autora. O aparato de 12 itens a mais no manual de bolso foi lastreado pelo uso de outros 20 que já tinham conquistado algum reconhecimento

entre leitoras (es) e lugares do passado. Sob a afirmação de estar conectado com as novidades, o manual de bolso, representativo de seus editores, não é isento de sua estrutura e a exibe como estratégia de legitimação. Em fuga do anacronismo, a narrativa se apresentou como uma bricolagem que, uniu parágrafos, trocou nomes próprios, suprimiu redundâncias, mas, não deixou de apresentar um passado como referência. Com a proposta do manual de bolso de ser portável em qualquer circunstância, foram feitas adequações como, por exemplo, o item *Festas* que em 1992 ocupava 21 páginas, foi condensado em assuntos mais específicos e direcionado para situações do cotidiano do século XXI. E outros, como *Dinheiro*, *Amizades* e *Apresentando pessoas*, que, juntos, ocupavam 21 páginas e foram suprimidos para 9, recebendo enfoques mais objetivos, uma vez que, eram assuntos circunscritos por novos contextos relacionais e com modos, teoricamente, já informalizados.

O paradoxo da escrita da autora receber uma versão atualizada em uma edição de bolso se minimiza diante da representação que o passado tem sobre o tema. A nova publicação sugeriu um movimento como se a apreensão dos modos fosse algo gradativo e ao mesmo tempo estático, um processo envolto em um tempo que segue em frente, mas tem a necessidade de, às vezes, olhar para trás. Diante das formas, teoricamente, já apreendidas, foi possível tornar alguns assuntos mais sucintos e nem abordar outros, considerados não mais importantes no contexto depois dos anos 2000. O esforço de apresentar itens conectados com o presente da produção se configurou como um qualificativo do manual, possibilitando conteúdo em maior quantidade, atualizado e em formato confortável.

O manual *Aprenda as boas maneiras* (1979), de Dora Maria, também teve uma versão livro de bolso. A obra de 12cmX17cm, da Editora Tecnoprint, foi publicada antes da versão em tamanho maior e, possivelmente, foi a primeira edição lançada pela autora. Vê-se aqui uma concepção diferenciada sobre o manual no que tange à materialidade. Foi uma produção escrita para o formato de bolso (Figura 31) e, posteriormente, recebeu uma versão em tamanho maior, papel de melhor qualidade e capa diferente.

Figura 31: *Aprenda as boas maneiras* – versão de bolso



Fonte: MARIA, 1958, capa.

Os conteúdos dos dois tamanhos de manuais de Maria são exatamente iguais. As publicações se diferenciam pela composição gráfica dos textos, o tamanho da fonte e a quantidade de ilustrações (o livro de bolso tem 19 e o outro tem 14 ilustrações). Assim como os romances de Corin Tellado, o manual de Dora Maria foi concebido como livro de bolso, sob as afirmações da autora na apresentação: "é um livrinho genuinamente popular, que você deverá ter em casa, guardar em sua gaveta de trabalho ou levá-lo consigo no bolso ou na bolsa". Nos limites das fontes, não foi possível identificar a quantidade de edições das duas versões, pois, em ambos os manuais não consta essa informação. Há outros indícios que podem ser considerados, assim como, as cinco últimas páginas do manual de bolso apresentaram uma lista de 34 outros títulos diversos em formato de bolso e na contracapa (Figura 32) existia uma lista de temas oferecidos pela editora naquele período.

Figura 32: Contracapa do livro de bolso de Dora Maria

Fonte: MARIA, 1958, contracapa.

Os títulos divulgados no livro de bolso destacavam manuais para diversos assuntos, sinalizando que a editora dedicava espaço para esse tipo de publicação. Segundo Hallewell (2005, p 673), "o empreendimento mais duradouro no campo do livro de bolso de qualidade foi, sem dúvida, o da Tecnoprint Gráfica". O autor credita esse sucesso à experiência bem sucedida do lançamento das "Edições Segredo"[85], no final da década de 1950 e, ao investimento sobre um campo não explorado, as coleções do tipo "aprenda sozinho", segundo suas palavras. O manual de bolso de Dora Maria é de 1958, portanto, inscreve-se nesse contexto. A dedicação aos guias e manuais que ensinavam as mais diversas coisas e as publicações de palavras cruzadas consolidaram a editora no segmento. Essas informações me permitem pensar que o trabalho de transformar a edição de bolso em um livro maior[86] e seguir editando até 1979, se deve ao fato de a publicação ter auferido vendagem satisfatória e bom retorno financeiro. Essas conjecturas sinalizam uma circulação das boas maneiras de Dora Maria em públicos que consumiam produtos de menor valor, vendidos fora dos circuitos das livrarias, como por exemplo, em banca de jornais. Nesse sentido, o processo de informalizar os modos e as condutas

[85] As Edições Segredo eram publicações eróticas de autores diversos, entre eles o autor cita Nelson Rodrigues, sob o pseudônimo de "Suzanna Flag" (HALLEWELL, 2005, p. 673).
[86] Uma pesquisa no sebo virtual Estante Virtual apresentou ofertas do manual com ano de edição em 1958, 1961, 1965, 1968, 1969 e 1979, sendo que nos anos de 1961 e 1979 apresentava a capa do maior, sugerindo que o manual pode ter sido editado em tamanho maior já em 1961. Disponível em: https://www.estantevirtual.com.br/livros/dora-maria/aprenda-as-boas-maneiras/1379434549?offset=2. Acesso em: 20 mai. 2018.

ampliava o espectro e alcançava grupos sociais diversificados. A autora Celia Ribeiro também teve suas boas maneiras editadas em versão de bolso (Figura 33).

Figura 33: *Boas maneiras à mesa: comer e beber segundo as regras da etiqueta moderna*

Fonte: RIBEIRO, 2006, capa.

Diferentemente de Danuza Leão e Dora Maria, seu manual não foi transcrito na íntegra, com todos seus itens. No ano de 2006, a mesma editora de *Etiqueta século XXI*, lançou sob o selo L&PM Pocket o manual chamado *Boas maneiras à mesa: comer e beber segundo as regras da etiqueta moderna*. O manual de bolso selecionou um, dentre os diversos temas tratados nos anteriores da mesma autora, que foi os modos à mesa. Segundo o texto que consta na contracapa:

> O modo como uma pessoa se porta à mesa pode significar tudo. Num mundo competitivo como este em que vivemos, o menor deslize pode causar constrangimentos ou prejuízos materiais. Este livro é uma contribuição para a divulgação das regras que regem o convívio social, especificamente no que se refere ao comportamento à mesa. Um guia prático, ilustrado com despojamento e bom gosto pelo pintor, ilustrador e gravador Vitório Gheno. Do couvert ao cafezinho, tudo o que pode ocorrer durante uma refeição está indicado de acordo com os procedimentos internacionalmente corretos e recomendáveis (RIBEIRO, 2006, contracapa).

A contracapa do manual de bolso de Celia Ribeiro indicou algumas concepções sob as quais a autora e editores consideraram a questão da etiqueta e boas maneiras. O conhecimento sobre as boas maneiras à mesa foi colocado como um fator de diferenciação no sentido da ocupação dos espaços. O texto é incisivo ao destacar que o comportamento à mesa pode gerar (des) qualificativos sobre cada indivíduo. As impressões produzidas a partir de uma refeição em grupo foram colocadas como elementos que distinguem e hierarquizam as pessoas. O descumprimento da prescrição é considerado "deslize", pressupondo e existência de um algoritmo adequado para o desenvolvimento da ação e, a consequência do desconhecimento das regras pode ser medida, inclusive, materialmente. Essa argumentação estimulava leitoras e leitores a naturalizarem os modos prescritos como práticas definidas, previamente aceitas, já existentes, as quais deveriam ser apreendidas e exercitadas. A não apropriação das práticas prescritas poderia impactar o presente e o futuro do indivíduo, causando-lhe perdas materiais e de imagem diante do outro.

Havia ainda, no texto da contracapa, um argumento que intentou conectar leitoras e leitores com uma concepção ampliada acerca das boas maneiras, considerada quase um ente, que é o "internacionalmente aceito e recomendável". Essa ideia, explicitada em outras circunstâncias de outros manuais, introduzia esses comportamentos em uma rede que abarcava as sociedades – possivelmente, as ocidentais – e as massificava em padrões e formatos. Ainda que se estivesse escrevendo para todo tipo de público, em espaços sociais e geográficos diversos, alimentava-se a perspectiva de que havia comportamentos gerais ou, universais, os quais todos poderiam e deveriam compartilhar. Foram sugestões que se impuseram como condicionantes para ser e estar em sociedade, estimulando a construção de memórias sobre tais comportamentos e possibilitando o seu exercício cotidiano. Ao mesmo passo que não se estava tratando de legislações rígidas, se torna compreensível que o acordo tácito acerca das boas maneiras era bilhete de entrada na edificação de lugares sociais. As pessoas com domínio sobre os códigos "internacionalmente aceitos", internalizavam e se tornavam portadoras das memórias que permitiam discernir os modos e definir seus limites. A perspectiva dada a ver por essas boas maneiras universalizantes dialogam com a informalização, na qual "a tendência era estabelecer as divisões sociais menos com base no pertencimento a certos grupos – classe, raça, idade, sexo ou etnicidade – e mais com base no comportamento individual" (WOUTERS, 2009, p. 110). A circulação de conhecimentos que possibilitassem aproximação entre os comportamentos dos diversos grupos sociais contribuiria para o movimento de transferir as tensões entre as pessoas para tensões internas, forjando o quê Cas Wouters (2007) denominou como terceira natureza.

Possivelmente outros títulos dentre os que formam o acervo de pesquisa foram produzidos em versão de bolso, entretanto, o exercício feito aqui concentrou-se em inscrever esse tipo de publicação em uma lógica editorial que buscava seduzir outros públicos, que não apenas os mais abastados, com condições de adquirir em livrarias uma obra de material mais caro, com aparência requintada, para ostentar em suas estantes. Um público que, pelos meios modernos de comunicação, se cosmopolitizava, queria aprender boas maneiras para ter acesso a outros mundos...ser aceito. Esse movimento de "encontrar" outras leitoras e leitores corrobora o exercício da lembrança e sugere a repetição (RICOEUR, 2007). Nessa esteira, os manuais de etiqueta e boas maneiras de bolso se configuraram em elementos consideráveis no que tange à informalização dos modos formalizados nas prescrições. O aumento do grupo leitor, potencializava a instituição dos conteúdos e produzia novas possibilidades na rede de compartilhamentos das maneiras. O desejo de aproximar-se das classes mais abastadas por meio do aprendizado e da formação criava um repertório de sensibilidades que viabilizava desde uma boa desenvoltura em uma conversa, até uma convivência definitiva construída por laços de parentesco.

As perspectivas de construir memórias e informalizar o processo civilizador convergem na construção de novos indivíduos conectados por redes de compartilhamento disseminadas em espaços e tempos múltiplos. Fazer ou não fazer parte dessa rede era opcional sob o risco de ter acessos e pertencimentos ameaçados ou destituídos em função de não ser portador de tais conhecimentos. A questão não se resume, apenas, a ser ou não um indivíduo conhecedor de boas maneiras, mas, ser ativo em uma trama social que gera possibilidades a uns e veta a outros, utilizando-se de argumentos como a falta de preparo para determinada possibilidade. Diminuir o volume das boas maneiras por meio do formato de bolso foi mais um elemento significativo nos vestígios que iluminam como as memórias se inscrevem no tempo.

4.4 DESEJOS DE FIDALGUIA: A CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO PELOS MODOS

> Nesta clara disputa de poder, bastava que uma moda proposta por um nobre fosse adotada por um burguês esperto para que outra surgisse no dia seguinte e a antiga perdesse a pose. Apropriar-se dos códigos de moda e etiqueta foi para esse burguês fator de ascensão social, uma arma para substituir o poder do título pelo poder do dinheiro.
> E por mais escandaloso que possa parecer, o poder do dinheiro é mais democrático que o dos títulos de nobreza. Qualquer um pode chegar a ganhar dinheiro, ao passo que sangue azul só se tem por direito de nascimento. É verdade que o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade do novo regime pode não ter se realizado

> completamente, mas nos livrou de muitos dos códigos discriminatórios que uma sociedade de condições impõe.
> No Antigo Regime a etiqueta existia para preservar as hierarquias (lembre-se de Luís XIV, em Versalhes). Depois passou a existir para permitir a melhor convivência a vida civil ente cidadãos iguais.
> Hoje parece que andamos para trás nesse jogo social. O "momento umbigo" que vivemos parece ter despertado o desejo dos privilégios e a prática de um sistema de exclusões de que a humanidade demorou tanto para se livrar só faltava essa: fazer uma caricatura dos hábitos aristocráticos que há muito perderam sentido. É só pensar nessa gracinha de ter porteiros de boate que deixam algumas pessoas entrar e barram outros porque "não pertencem", caricatura do desprezo dos nobres pelo *sine nobilitate*. Quantos pescoços reais rolaram por representar esses valores! Para esses esnobes, guilhotina já! (KALIL, 2004, p. 25)

A citação da autora Gloria Kalil, embora extensa, apresenta uma sucinta narrativa acerca das transformações ocorridas durante alguns séculos no que tange aos costumes e tratamentos, desde a sociedade de corte do Antigo Regime até os anos 2000 no contexto da sociedade brasileira. Em um sistema como o Antigo Regime, no qual o círculo de poder estava circunscrito às alianças configuradas entre famílias da nobreza por meio de casamentos, a apreensão de conhecimentos acerca dos modos nas diversas relações sociais poderia ser uma mola propulsora para a ascensão social, ou, até, a entrada definitiva nos círculos sociais mais seletos, conquistando um casamento com alguém pertencente à nobreza. Os concentradores de riquezas – os burgueses – valiam-se do domínio financeiro para abrir outros acessos aos restritos círculos de poder e com isso, forjavam novas estratégias de conquista de poder, ultrapassando o determinismo dos laços consanguíneos.

A iniciativa descrita pela autora, de "apropriar-se de códigos de moda e etiqueta" circulantes em estratos sociais mais abastados constituiu, durante séculos, os movimentos de formalização dos modos e comportamentos compreendidos como civilizados e adequados a uma convivência gentil e pacífica. Segundo o estudo de Norbert Elias, *O processo civilizador vols. I e II* (2001; 1993), o compartilhamento de posturas contidas diante de situações sociais que exigiam maior sensibilidade diminuiu, lentamente, o distanciamento entre os que eram educados já no âmbito familiar com base em tais contenções e os que adquiriam os conhecimentos mais tarde. Era por meio da apreensão de modos que se legitimava o estabelecimento em espaços públicos de circulação e no espaço doméstico se configurava o ambiente formativo, no qual se estimulavam novas sensibilidades, se exercitavam novas práticas de cordialidade e se gestavam os desejos de fidalguia. Nessa direção, optei por destacar neste subcapítulo aspectos que considerei como dois extremos das relações no âmbito doméstico: o convívio com empregados e a recepção de convidados, no sentido de evidenciar tensões existentes no desempenho das diversas funções que cabem aos indivíduos perante o seu

grupo, nesse caso, as funções de patrões e anfitriões, com ênfase sobre as prescrições para mulheres.

No século XX, os ideais de ascensão e pertencimento já não eram voltados para a nobreza, entretanto, não deixaram de existir, e os manuais, nesse sentido, continuaram operantes nesse processo de adequação dos indivíduos. A autora Carmen D'Ávila (1958, p. 5), explicou na nota introdutória de seu manual de onde emergia a inspiração para sua escrita: "A edição que hoje vem a público é a décima primeira, e, como das outras vezes, não me ocorre a quem possa eu oferecer um só dos seus exemplares... Porque foi precisamente na convivência fidalga de todos quantos me cercam, que aprendi as lições que aqui deixo". A convivência definida como fidalga foi a expressão escolhida para caracterizar os círculos sociais da autora e a legitimação de sua narrativa. A sua inscrição nesse tipo de lugar social lhe conferia autoridade para tratar do assunto e convergia com as premissas de um manual de etiqueta destinado a instruir e possibilitar a transformação dos modos.

A preocupação em preservar os elos com os modos distintos de classes bem estabelecidas financeiramente – a nobreza, a burguesia e, posteriormente, a aristocracia – fazia com que a organização de manuais de etiqueta estimulasse constantemente essa relação por meio do uso de determinadas expressões, exemplos ou mesmo comparações. Reverberando a "convivência fidalga" a qual Carmen D'Ávila se referiu anteriormente, a autora alertou sobre o tratamento que deveria ser dispensado aos empregados domésticos.

> A um criado só se dá o tratamento de você; aos nossos, não se diz – faça o favor, nem outras deferências; a um alheio, entretanto, convém não esquecer de pedir por favor, etc. – Guiomar, faça o favor de servir-me um café, etc. (D'ÁVILA, 1958, p. 77).
>
> Agradecer o lugar que nos foi oferecido à mesa, ou os serviços dos nossos próprios criados, não se deve (D'ÁVILA, 1958, p. 81).

A nomenclatura utilizada pela autora para designar os empregados domésticos remetia à concepção dos trabalhadores que desempenhavam suas funções em ambientes familiares, próximos de seus empregadores, designados como amos. No entanto, a forma de tratamento indicada pela autora era conflitante com a perspectiva descrita pelo cônego J. I. Roquette, autor de um dos primeiros manuais de civilidade lidos em terras brasileiras. Em sua obra, o autor dedicou um capítulo, nomeado *Dos criados*, no qual escreveu como deveria ser a relação entre empregadores e empregados, também chamados de amos e criados. Segundo a releitura organizada por Lilia Moritz Schwarcz, o autor do manual destacou em suas prescrições que o relacionamento deveria prezar pela amistosidade e consideração. Recomendou ele: "Quando repreenderdes algum criado, não ralheis descomedidamente, nem lhe digais injúrias nem

afrontas; não fareis senão exasperá-lo, e expor vossa dignidade. Permite-se a severidade, mas não o insulto e a humilhação. Respeitai-vos, e respeitar-vos-ão" (SCHWARCZ, 1997, p. 353). O tratamento recomendado para com os criados não fazia distinção entre os próprios e os alheios. O respeito foi destacado como algo recíproco na relação, independente da hierarquia. Na prescrição de J. I. Roquette havia o estímulo a uma sensibilidade que colocava a relação com o outro em situação de anterioridade a relação trabalhista, tornando um ato de civilidade o bom trato com os "criados".

O texto reorganizado pela autora, escrito originalmente pelo cônego em fins do século XIX, evidenciou a lógica apontada por Elias (2001) quanto ao processo de formalização dos costumes e a diminuição dos distanciamentos entre posições sociais superiores e inferiores, bem como, a de Wouters (2004), a qual reverberou a diminuição da hierarquia, da formalidade e rigidez entre as classes. Ainda que de forma sutil, era estimulada a construção de respeito para com trabalhadores domésticos, fazendo referência, inclusive, a possível cumplicidade desenvolvida entre empregados e empregadores quando a relação fosse de longa data. A consideração familiar pelos domésticos, como se referiu o autor, conferia aos "amos" um caráter de generosidade e polidez, virtudes constitutivas da civilidade. A dispensa enfática de agradecimentos por gestos usuais, destacada por Carmen D'Ávila era indicativo da permanência de uma hierarquia mais rígida e, além disso, a vontade de restabelecer, por meio da sua narrativa de boas maneiras, o distanciamento e o exercício de poder depreciativo o qual remontava ao período escravocrata. A perspectiva de conviver com empregados tratados como "criados" sem a necessidade de constituir uma reciprocidade de respeito reafirmava uma concepção de autoridade na qual ordens não eram discutidas e favores não eram agradecidos. Os resquícios da relação com os escravizados expunham permanências de um autoritarismo, que, felizmente, sinalizavam estar em vias de superação.

O manual de Margery Wilson abordou a relação entre empregados e empregadores com entendimento que corroborava a perspectiva de J. I Roquette.

> Qualquer mulher que tenha criados (refiro-me à mulher, porque o homem é menos propenso a este abuso) deveria refletir calmamente acerca do que realmente contratou. Se foi um trabalho consciencioso durante um certo número de horas semanais, não lhe cabe o direito de exigir outras horas de serviço suplementar. [...] Uma dona de casa não tem o direito moral de pedir a um empregado que se conforme com as exigências eventuais da sua vida ou da sua casa. [...] As maneiras de uma dona de casa com os empregados são corteses, refletidas, porém firmes. Não se entrega a explosões de cólera, nem faz confidências às criadas (WILSON, 1947, p. 198).

As relações esboçadas por Margery Wilson previam um tratamento baseado na cordialidade e no respeito aos limites, ainda que, não sugerisse laços familiares, prezava pelo

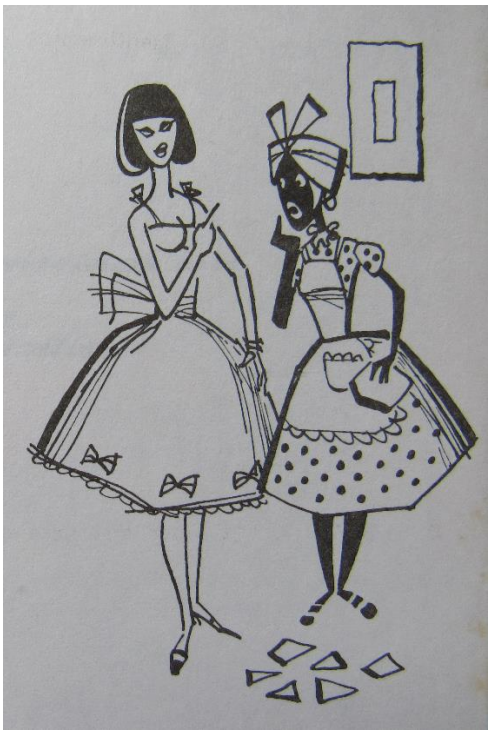
direito de empregados executarem suas tarefas dentro dos limites acordados no ato da contratação. Na mesma esteira de J. I. Roquette prescreveu a amistosidade como prática civilizada. A autora Amy Vanderbilt dedicou um capítulo de sete páginas a prescrições acerca da convivência próxima entre empregadores e empregados domésticos, que, em geral eram mulheres. A construção da relação foi abordada em pormenores, assim como a forma de tratamento e os aposentos oferecidos. Segundo a autora, deveriam ser apresentadas à família pelo primeiro nome e a sua especificação (arrumadeira, cozinheira, babá), bem como, à eventuais visitantes da casa. Nesse capítulo, foram ainda, detalhados os devidos confortos que a empregada doméstica deveria ter em seus aposentos, como, uma cama que lhe proporcionasse bom sono, uma rádio e mesa com boa luz. Segundo suas palavras "não se esqueça de que os que trabalham sob o nosso teto merecem consideração e um certo respeito" (VANDERBILT, 1962, p. 192). A construção narrativa foi cuidadosa ao sinalizar que essa relação deveria ser revestida de dignidade pelas duas partes e, com o mesmo ânimo, alertou sobre os inconvenientes causados pela ausência de empregados.

> Se necessário, você poderá levantar-se às sete horas ou antes, preparar o café – às vezes, diversos, em diversas horas –, lavar a louça, limpar a casa, lavar a roupa, vigiar as crianças, fazer o almoço e depois limpar a cozinha, atender ao telefone e a porta, fazer as compras, fazer o jantar e de novo lavar, limpar, enxaguar, entreter os pequenos, estar bem arranjada e bem-humorada..., poderá? Muitas mulheres que sempre tiveram criadas aprenderam, nestes últimos anos, o que representa, em matéria de monotonia e... de paciência, ter que fazer agora estas coisas. E lembram, com saudades, como era bem empregado o dinheiro que pagavam!... (VANDERBILT, 1962, p. 193)

O comedimento e consideração explicitados na narrativa da autora eram proporcionais a necessidade de ter e manter suas subordinadas trabalhando em harmonia com as demandas da casa. Os indicativos de diminuição de distanciamento entre superiores e inferiores eram de caráter formal, no sentido de estimular uma convivência pacífica e, de caráter discursivo, no sentido de dar continuidade aos comportamentos esperados. A convivência cordata com pessoas consideradas subalternas dentro das residências sinalizava transições de modos – antes norteados pela austeridade que causava subserviência e, depois revestidos pela cordialidade – para que continuassem a ser praticados. A figura 34, utilizada no manual de Maria do Carmo Nickol (1968), no capítulo *Regras gerais de civilidade*, deu a ver os indícios da continuidade. Ao mesmo passo que tratava do respeito devido a todas as pessoas com as quais se convivia, exibiu como ilustração a imagem de uma jovem falando algo indevido para uma empregada doméstica – identificada pelo uso de um avental e pano de limpeza na mão – e esta foi ilustrada como uma mulher negra, reafirmando estereótipos de cor de pele que alocavam (alocam?),

comumente, pessoas negras em serviços domésticos ou subalternos. As mesmas narrativas elaboradas com o intuito de amenizar diferenças e construir respeito nas relações profissionais domésticas como uma caracterização de civilidade, conforme prescreveu Amy Vanderbilt (1962), reverberavam as representações de passados nos quais o distanciamento permeava as relações de poder, justificando excessos e expropriações.

Figura 34: A representação da empregada doméstica



Fonte: NICKOL, 1968, p. 71.

As tensões que constituíram as narrativas sobre questões do âmbito doméstico evidenciavam os processos sociais em movimento. Penso que esse universo das relações domésticas se inscreveu na transformação das sensibilidades acerca do estabelecimento das cadeias entrelaçadas de interdependência, as quais Elias (1993) identificou como espaços de pertencimento dos indivíduos, os quais estavam em constante adequação pelo fato de que alguns indivíduos eram incluídos e outros não. As mulheres dos grupos sociais que estavam habituadas a contar com serviçais que atendessem as demandas de suas casas desejavam manter tal condição, entretanto, inúmeros fatores externos incidiam sobre essa possibilidade e os manuais eram representativos dos avanços e recuos que assolavam essas relações. A prescrição de Carmen D'Ávila para continuar a tratar empregados e empregadas como subalternos não dignos de respeito, sinalizava uma resistência diante dos contextos narrados por Amy Vanderbilt. Havia ainda uma questão que considero pertinente ser colocada, que é o fato de Margery Wilson

e Amy Vanderbilt, autoras que destacaram a importância da cordialidade para manter a dignidade da relação profissional, eram estadunidenses e, possivelmente, escreveram a partir desse contexto estrangeiro[87]. Carmen D'Ávila e Maria do Carmo Nickol, autoras que produziram no/para o Brasil – onde emergia uma nova classe média –, mobilizaram passados sobremaneira distanciados em um esforço de instituir uma memória legítima sobre comportamentos e lugares, voltando-se para a edificação de signos de distinção entre os que ascenderam e os que desejavam ascensão.

Além do tratamento dispensado aos trabalhadores domésticos, outros aspectos do comportamento no âmbito das residências também eram inspirados por culturas do passado. O comportamento à mesa foi um aspecto amplamente estudado por Elias (2011) a partir de inúmeros códigos de boas maneiras produzidos a partir do século XIII como um referencial das transformações de comportamentos individuais impostos pelo meio social. Os escritos produzidos com esse fim específico ou dispersos em meio a outras prescrições de maneiras visavam a condicionar os indivíduos a certos hábitos e instrumentá-los para uma convivência aprazível, ao menos nos momentos de se alimentar. Na mesma esteira podem ser compreendidas as prescrições contidas nos manuais do acervo de pesquisa. O manual de Celia Ribeiro, *Boas maneiras à mesa* (2006), com 95 páginas, em formato de bolso, foi inteiramente dedicado às questões do comportamento à mesa e as formas de servir. Com 53 pequenas ilustrações distribuídas ao longo do manual, exemplificou os tipos de utensílios e seus manejos para cada tipo de alimento, bem como, modelos de serviço de mesa e, como não poderia faltar, as posturas recomendadas.

O ritual da alimentação foi um tema recorrente nos manuais produzidos em diversos anos, como, por exemplo, o caso dos serviços de mesa abordados em onze, dos vinte e um manuais utilizados nessa pesquisa, situação na qual, segundo Carmen D'Ávila (1958, p. 162), "a dona da casa tem à mesa uma autoridade suprema". No capítulo que essa autora nomeou de *A mesa*, foram detalhadas todas as etapas para receber convidados em diversas ocasiões. Com a utilização de imagens, foram exemplificados os possíveis ambientes e os respectivos utensílios concernentes aos diversos tipos de recepções. O mesmo recurso foi empregado em outros manuais, a partir das seguintes especificações:

Quadro 6: Páginas com imagens do serviço de mesa

[87] O período pós-guerra oportunizou aos EUA se empenhar na aceleração do desenvolvimento capitalista, reafirmando uma economia baseada na tecnologia e nos bens de consumo. Por conseguinte, ocorreu uma considerável transformação nas relações sociais, nos hábitos de consumo, bem como, nas relações trabalhistas.

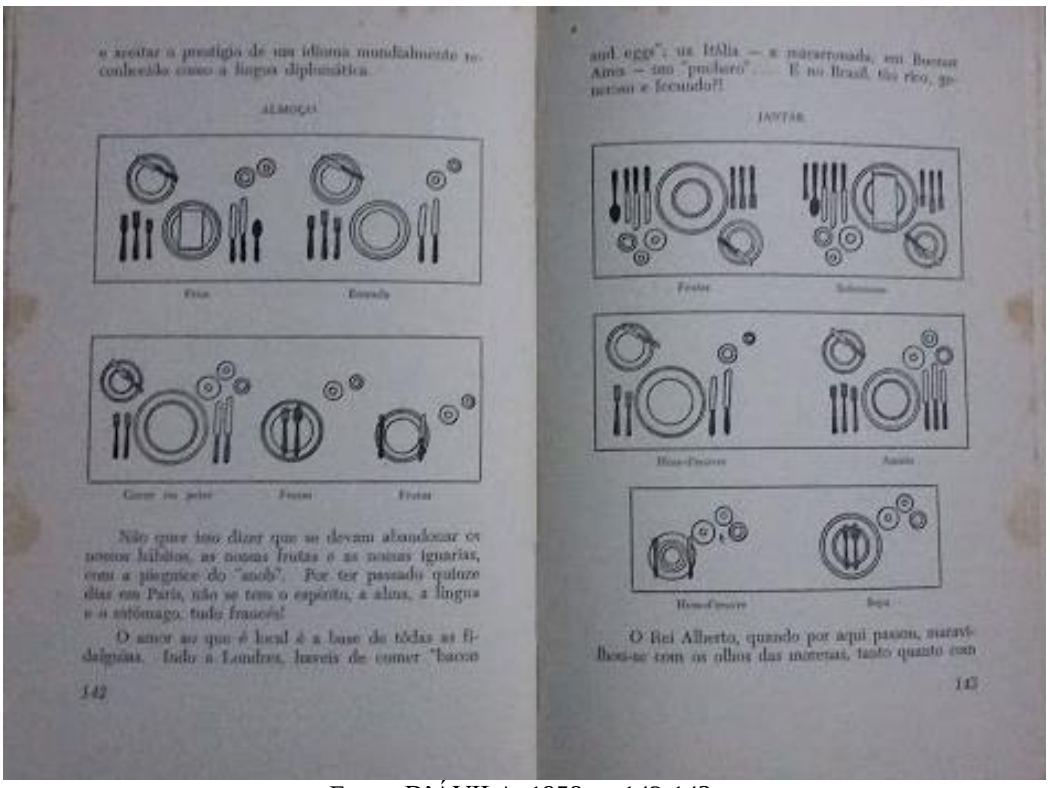
Título	Tipos de mesa	Pratos e talheres	Copos	Disposição das pessoas
Cortesia: novo código social das boas maneiras (1947)	-	Serviço para Jantar (p. 173)	O serviço dos vinhos (p. 198)	Ordem em que se sentam os comensais (p. 177)
Boas Maneiras (1958)	Mesa para banquetes (136, 137)	Almoço/Jantar (p. 142, 143)	Copos para (p. 139)	Precedência de lugares à mesa (p. 159)
Aprenda as Boas Maneiras (1958)	Refeições (52)	A arte de comer (53,54)	-	-
Guia de Boas Maneiras (1961)	-	-	O vinho (p. 77, 79, 81	A mesa (p. 42)
O Livro de Etiqueta (1962)	-	O arranjo da mesa (p. 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 186, 188, 203)	Cristais (p. 173, 174)	Lugares à mesa (p. 148)
Mil Regras Ilustradas De Boas Maneiras (1968)	-		Dos brindes (p. 175)	Dos banquetes (p. 174)
Aprenda as Boas Maneiras (1979)	-	A arte de comer (p. 54, 55)	-	Refeições (p. 53)
Etiqueta na prática (1992)	A mesa do bufê (p. 58); A mesa do chá (p. 68)	Talheres (p. 54)	Tipos de cálices (p. 50); Copos (p. 91)	Ordem de serviço (p. 61, 62)
Etiqueta sem frescura (1995)	-	Sem medo de usar copos e talheres (p. 72)	-	*Placement* (p. 74)
Sempre, às vezes, nunca (2003)	-	À mesa (p. 92, 95, 99, 102)	-	Lugares à mesa (p. 116, 117)
Etiqueta século XXI (2005)	-	Montagem do lugar à mesa (p. 125)	O copo influi na degustação (p. 134); Como tomar cachaça (p. 138)	-

Fonte: Quadro produzido pela autora a partir de acervo de pesquisa.

As informações com a indicação das páginas são os títulos sob os quais estão colocadas as imagens dos serviços, nos manuais destacados. O quadro informa sobre uma prática, comumente atribuída às mulheres, que é a organização dos utensílios necessários para receber pessoas em casa. Além de administrarem os trabalhos executados por suas empregadas ou "criadas", como se referem alguns manuais, as mulheres eram responsabilizadas pela preparação de pequenas, médias ou grandes recepções que, igualmente, eram matéria dos manuais de etiqueta e boas maneiras. A contabilização do uso de imagens para tratar de regras de serviço de mesa diz respeito a estratégia dos manuais para aproximar as leitoras e leitores da forma mais correta de seguir as prescrições e adequar o seu estoque de utensílios. Apresentando os diversos tipos de serviço de mesa e a infinidade de utensílios necessários à organização das mais variadas recepções, os manuais auxiliavam as anfitriãs a tirarem dúvidas e aprenderem sobre o funcionamento dessas ocasiões, segundo os costumes herdados das famílias da nobreza

e da aristocracia. O fazer igual, além de mostrar refinamento nos modos de servir, compartilhava dos costumes de grupos considerados bem-educados, sugeria um pertencimento, ainda que remoto, às vivências de pessoas consideradas “fidalgas”, as quais se admirava e se almejava igualar.

Figura 35: A mesa no manual de Carmen D’Ávila



Fonte: D’ÁVILA, 1958, p. 142-143.

O emprego de ilustrações dos diversos tipos de pratos, talheres e copos (Figura 35) diminuía as possíveis dúvidas sobre formas e tamanhos, características difíceis de serem descritas. Essa forma de interlocução foi, particularmente, utilizada como estímulo para uma execução mais aproximada possível do ideal, ou seja, o que as autoras e autores consideraram correto e tradicional. A verificação da abordagem desse assunto nos manuais estabeleceu diálogo com as estratégias mobilizadas na direção de construir desejos de ascensão em leitoras e leitores. A historiadora Maria Cecília Barreto Amorim Pilla empreendeu no estudo dos modos e usos relativos a questão da alimentação, prescritos em manuais de civilidade da primeira metade do século XX. A autora inferiu que “o prato, a cozinha, os instrumentos, os alimentos e as bebidas são objetos de discursos, de discussões, de debates, de preferências e de exclusões” (PILLA, 2005, p. 55). É nessa clave que o empenho das autoras e autores do acervo de pesquisa em destacar e ilustrar essas prescrições para servir se aproximou da construção de ideais a serem

alcançados, de uma formação com vistas a elevar o padrão dos seus usuários e, como consequência, expandir as possibilidades de relacionamento em outros meios. Nesse sentido, foi importante, após compreender as tensões acerca do tratamento aos serviçais, percebê-las também no tratamento aos visitantes.

Do ponto de vista estético, os manuais abordaram a disposição de utensílios na mesa e a disposição das pessoas. Mas, o que eu desejo destacar é o detalhamento dos artefatos e a significação que os mesmos assumem ao serem utilizados de forma "correta".

> Os banquetes das sociedades ocidentais, desde há muito, contribuem para manifestar publicamente o lugar dos que neles participam. A ostentação está tanto no efeito visual como na qualidade dos alimentos oferecidos. Os modos de vestir, de falar, as habilidades à mesa, a postura, a composição e as opções de cardápio e as predileções alimentares podem classificar os indivíduos. Qualidades do saber viver implementam-se a partir do saber fazer. E esse saber fazer reveste-se em valor distintivo quando as escolhas, de modo particular, traduzem-se em atos como destreza e percepção da arte da vivência social (PILLA, 2005, p. 68).

O diálogo que Pilla (2005) estabeleceu com Fischler (1995) abordou uma dimensão social dos alimentos e do ato de consumi-los. As escolhas feitas até o momento de levar convidados à mesa era um percurso minucioso, significativo da ocasião, das pessoas presentes e dos desdobramentos daquele momento. A autora discutiu o simbolismo que alguns alimentos eram portadores e a sua interferência na construção dos espaços sociais. Poder consumir e, principalmente, poder servir de forma correta determinados tipos de alimentos tinha potencial de classificar, acolher ou excluir. Com efeito, o domínio sobre determinadas práticas era elemento discursivo com relação a organização de grupos sociais e o compartilhamento dos conhecimentos instrumentalizava os indivíduos a se movimentar entre os grupos. Segundo Margery Wilson (1947, p. 167), "há mesmo muitas casas elegantes que não possuem um só serviço completo de porcelana. Naturalmente, quando se herdam ou colecionam peças de um desenho particular, é justo exibi-las com mal disfarçado orgulho, porém sem ostentação", ou seja, a posse e a manipulação desses objetos poderia ser elemento narrativo de uma procedência, de uma história familiar a ser valorizada e lembrada.

Retomando o estágio social, o qual Gloria Kalil nomeou de "momento umbigo", os manuais produzidos após a década de 1990 sinalizaram movimentos de revalorização da questão do distanciamento e da hierarquização. Nessa esteira, o trabalho de formação (Figuras 36 e 37) desenvolvido pela autora Claudia Matarazzo se configura em uma reverberação dessa demanda que, mesmo sem fazer referência, lança olhares para passados nos quais a hierarquização era naturalizada e o distanciamento almejado.

Figura 36: Como receber

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/1517699751650024/?type=3&theater. Acesso em: 10 mai. 2017.

Figura 37: O novo conceito de luxo

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/714818261938181/?type=3&theater. Acesso em: 10 mai. 2017.

As imagens veiculadas na rede social *facebook* da autora, exemplificaram o trabalho formativo desempenhado pela autora para além de suas publicações sobre etiqueta e boas maneiras. A postagem divulgando o *workshop* oferecido era de 11 de agosto de 2017 e a da palestra, de 14 de setembro de 2014. Os assuntos abordados pela autora buscavam estabelecer diálogos com um público desejoso de ilustração para o refinamento dos gostos, para diferenciar-se e, sobretudo, seguir os conselhos de uma mulher proveniente de uma família "tradicional" da elite paulistana. Sua descendência e percurso profissional lhe conferiram uma fala legítima sobre a manutenção ou construção da distinção, dessa forma sua narrativa sobre modos sociais se estabelece a partir de modelos aprovados em determinados grupos.

Sobre o comportamento à mesa, em seu *site* nomeado "Claudia Matarazzo sem frescura", a autora publicou em 23 de julho de 2018, um texto intitulado "Descansar os talheres durante a refeição – não é bicho papão", no qual, na abertura, afirmou "parece um detalhe bobo, mas não dá para falar segurando garfo e faca – esse gesto aliás, no renascimento, era considerado um gesto de traidor uma vez que, empunhando a faca, estariam sempre prontos para um eventual ataque a mesa…"[88]. O passado distante foi recrutado para falar do presente. Ainda que não servisse como referência, o conhecimento de experiências superadas foi utilizado para instruir sobre os modos mais adequados. A autora não dispensou longos discursos para resolver a questão apresentada no artigo, exemplificando as formas de proceder em tal situação e alertando sobre os transtornos gerados pelo desconhecimento de alguns comportamentos. O passado mobilizado como referência se torna empoderador para quem o utiliza como argumento. Outras pessoas, sem os mesmos conhecimentos e sem os mesmos passados não receberiam atenção ao tratar de um assunto, em tese, já resolvido no século XXI. A postagem da autora em seu perfil do *facebook*, divulgando o texto disponível no *site* teve 55 reações e 7 compartilhamentos no mesmo dia de sua publicação. Supõe-se que, pelo menos, as 7 pessoas que compartilharam o conteúdo devem tê-lo lido, mas, em se tratando de redes sociais virtuais, é apenas uma suposição. Não é o caso de afirmar que esse tipo de assunto ainda tem alto grau de relevância, mas, de pensar que mostrar interesse pelo assunto – via manifestações virtuais – sugere refinamento, portanto, qualifica os indivíduos.

O que se depreende da presença de temas relativos à construção de distinção em redes sociais virtuais do século XXI é a continuidade dos estereótipos de nobreza, de burguesia, de

[88] Publicação feita no perfil do *facebook* de Claudia Matarazzo, em 23 de julho de 2018. Disponível em: http://www.claudiamatarazzo.com.br/etiqueta-empresarial/descansar-os-talheres-durante-a-refeicao-nao-e-bicho-papao/. Acesso em: 23 jul. 2018.

aristocracia, ou seja, a vontade de pertencer a classes mais altas incentiva a busca por conhecimentos que se acredita serem intrínsecos a esses círculos sociais. Aprender modos e comportamentos se apresenta como um meio de se destacar e, no âmbito da virtualidade, esse movimento se dá pela publicização dos assuntos selecionados para edificarem uma imagem sobre si. Compartilhar publicamente determinadas informações tem o potencial de associar pessoas a ideias ou conceitos, afinal, o perfil em uma rede social virtual tem essa função de mostrar ao mundo quais são as convicções, as preferências e os desafetos dos indivíduos. Dessa forma, a quantificação do movimento virtual do assunto etiqueta e boas maneiras não define, efetivamente, a maior ou menor circulação de determinadas narrativas, mas, é indicativo da continuidade de uma concepção que associava etiqueta à distinção. Ter um texto ou imagem sobre etiqueta compartilhado inúmeras vezes não significa que o interesse foi considerável, pode ser apenas o movimento de levar a público a que conjunto de concepções alguns indivíduos desejam ser associados.

4.5 ESCOLA DE PRINCESAS X OFICINA DE DESPRINCESAMENTO: TEMPORALIDADES EM EMBATE

> Uma conhecida revista semanal resolveu fazer uma reportagem sobre a mulher do vice-presidente, Michel Temer. O texto causou grande repercussão nas redes sociais, e não é para menos: o que lemos foi o retrato de uma "esposa perfeita", daqueles muito comuns nos jornais femininos das primeiras décadas do século passado. Nesse tipo de publicação, era ensinado às mulheres que o papel de boa esposa e mãe era o que elas deviam almejar. As qualidades ditas femininas eram exaltadas: doçura, cordialidade, submissão, pudor, paciência e resignação.[89]

O texto do qual foi retirado o excerto é da historiadora e jornalista Márcia Pinna Raspanti e foi escrito após mídias brasileiras terem destacado a figura da mulher do então vice-presidente do país, como um modelo louvável de esposa. A reportagem mencionada pela autora foi veiculada em uma revista semanal e intitulava-se "Bela, recatada e do lar", fazendo uma menção ao estilo de vida e ao lugar social em que se inscrevia tal personalidade. Raspanti trouxe à tona o debate de que as referências utilizadas para compor uma figura ideal de mulher e esposa mantêm uma conexão simbólica com os discursos disseminados em jornais e revistas do início do século XX. No sentido de aprofundar o diálogo sinalizado pela autora, meu esforço na direção de entendimento, aqui, foi balizado por pesquisas sobre o tema de autoras como Pinto

[89] O artigo foi publicado em 20 de abril de 2016, no *site* História hoje.com, assinado pela historiadora e escritora Mary Del Priore e a historiadora e jornalista Márcia Pinna Raspanti. Disponível em: http://historiahoje.com/bela-recatada-e-do-lar/. Acesso em: 10 set. 2016.

(2002), Priore (2007) e Bassanezi (1996; 2014). A publicação foi carregada de representações de um passado no qual as mulheres eram educadas para a submissão e para ter como objetivo maior de vida o casamento e a vida como "rainha do lar". Segundo Raspanti, o "indisfarçável cheiro de mofo" da reportagem, qualificou como exemplaridade os atributos ressoantes de quase um século atrás, enfatizando a cordialidade, a discrição, a maternidade, como aspectos que fundamentavam uma esposa perfeita. As qualificações morais ainda foram evidenciadas positivamente pelos atributos físicos que definiram a jovem mulher – à época com 33 anos – como "bela" e incluíram o aspecto na figuração de esposa.

A tensão debatida no *site* de Raspanti se inscreve nos mecanismos e nas formas como esse tipo de ideia encontra interlocução no século XXI e permite a continuidade de concepções e estereótipos de mulheres delimitadas pela condição exclusiva de dona de casa e destinadas à maternidade. Um desses possíveis mecanismos problematizado na minha pesquisa, foi a criação de uma instituição chamada "Escola de Princesas", a qual foi destacada na abertura do texto introdutório da tese. Os parâmetros mobilizados pela Escola foram anunciados na abertura do sítio eletrônico (Figura 38) e nas demais páginas que veicularam os serviços oferecidos. A construção da imagem se deu a partir da seleção de ícones com intuito de despertar a atenção e identificação com um universo idealizado como feminino.

Figura 38: O *site* da Escola de Princesas

Fonte: Disponível em: http://escoladeprincesas.net/ws/. Acesso em: 20 mai. 2017.

A imagem da coroa de princesa, uma joia delicada, com pérolas e brilhantes, busca suscitar uma memória acerca de contos de fadas, veiculada em narrativas literárias e fílmicas,

que reativa um passado romântico, sobre moças reclusas, de modos refinados, que esperavam por um amor "verdadeiro" ou um "príncipe encantado". Essas ideias eram nutridas nas diversas fases da vida "pré-matrimonial" das mulheres, assim como apontou a pesquisa de Cunha (1999) sobre os romances de M. Delly, entre as décadas de 1930 e 1960. Tais romances compunham a coleção *Biblioteca das moças* e eram parte do repertório das leituras não formais que contribuíam para a educação das jovens no período anterior ao casamento. Segundo Cunha (1999, p. 18), "neles estão representados normas, condutas e valores suscetíveis de se caracterizar como uma forma de educação. Uma educação que seduz. Uma sedução que educa". Oferecer às jovens mulheres histórias centradas no amor romântico davam continuidade à expectativa feminina para com os homens, permitindo-lhes que dessem vasão aos seus ímpetos mais íntimos por meio do exercício subjetivo de leituras nas quais, em grande parte, o desfecho se dava com a realização do casamento e o benefício de um final feliz.

Os devaneios constitutivos tanto dos contos de fadas, quanto dos romances de M. Delly, estimulavam desejos em jovens adolescentes, e, com efeito, foram continuados por meio da adequação às formas, aos suportes e aos sujeitos. No caso da Escola de Princesas, os diversos eventos constantes no programa de formação (cursos, *workshops*, palestras e comemorações) se constituem em mobilizadores de lembranças possíveis de se fazerem presentes, uma vez que, a escrita e a oralidade permitiram a sobrevivência dos contos de fadas e as expectativas em torno do amor romântico foram, então, constantemente renovadas. A cor rosa claro, um signo socialmente construído como feminino, e a delicadeza das mãos juvenis segurando a joia anunciaram que "todo sonho de menina é tornar-se uma princesa", evocando uma generalização inverossímil, com contornos excludentes e hierarquizantes no que tange à autodeterminação das mulheres. As lutas feministas empreendidas desde fins do século XIX – amplamente estudadas por Hahner (1990), Faria e Nobre (1997), Pinto (2002), Rago (2004), Pedro (2013), entre outras pesquisadoras, a curtos passos, buscaram igualdade de direitos e de escolhas justamente no sentido de desconstruir as generalizações e ampliar as possibilidades de ocupação feminina nos diversos espaços sociais. A proposta da Escola vai de encontro a esses movimentos socioculturais e apresenta uma perspectiva de formação para mulheres forjada sob moldes sobremaneira conservadores, os quais constam na extensa, porém, necessária, citação retirada de forma integral da apresentação da Escola em seu sítio eletrônico.

> Você não se torna uma Princesa simplesmente vestindo um vestido extravagante e uma tiara brilhante. Ser uma Princesa de verdade é ter a confiança para ser a melhor versão de si mesma. Acreditamos firmemente que todas as mulheres são princesas e que podemos aprender a aplicar os atributos de caráter e comportamento de Princesa em tudo o que fazemos na vida.

> A ESCOLA DE PRINCESAS é um projeto criado para levar ao coração de meninas, valores e princípios morais e sociais que as ajudarão a conduzir sua vida com sabedoria e discernimento. É sobre a tratar a todos com bondade e generosidade, ter valores e princípios imutáveis independentes de modismos, assim como acreditar apaixonadamente em si mesma e em seus sonhos.
> A ESCOLA DE PRINCESAS não é somente um curso de etiqueta ou uma escola de comportamento. Nós acreditamos na construção de um caráter sólido e incorruptível, resgatando os valores éticos e morais, na civilidade básica e queremos incorporar este pensamento (esta convicção) em nossos programas.
> A cada lição, as meninas são encorajadas a aproveitar as qualidades positivas do caráter e do comportamento de Princesas – tanto reais quanto fictícias, bem como históricas ou modernas – e aplicá-las em sua vida.
> A Missão da Escola é oferecer serviços de excelência que propiciem experiências de natureza intelectual, comportamental e vivencial do dia a dia da realeza, para meninas com idade entre 4 e 15 anos que sonham em se tornar princesas e fazê-las resgatar a essência feminina que existe em seus corações.[90]

A caracterização de uma princesa, segundo a Escola, tem relação com o porte de hábitos que são internalizados, com a repetição da prática, se tornam informalizados (WOUTERS, 2007) e constituem a vivência das meninas em qualquer situação cotidiana. É enfatizada a afirmativa de que "todas as mulheres são princesas", portanto, se faz necessário trabalhar a aplicabilidade desses hábitos por meio de uma formação moral pautada em "valores e princípios imutáveis", exemplificados como a bondade e a generosidade. O investimento pedagógico tem objetivos ousados e infere sobre a "construção de um caráter sólido e incorruptível", sugerindo uma formação que ultrapassa o conhecimento de normas de etiqueta e se espraia pela transformação do padrão formal das condições de convivência, o qual configura maneiras de estar e de ser em sociedade. A estratégia da exemplaridade foi mobilizada no sentido de produzir identificações com princesas que figuram entre histórias oficiais e de ficção, assim como nos moldes de formação utilizados na disciplina de Educação Moral e Cívica, vigente entre as décadas de 1960 e 1990, da qual mobilizei três manuais escolares como fontes na minha dissertação de mestrado. A concepção pedagógica desses materiais se pautava, entre outras coisas, na exemplaridade como elemento de prospecção e o conhecimento da trajetória de personalidades consideradas heróis e heroínas. No caso da formação oferecida pela Escola, a figura da heroína, comumente protagonista de um conto de fadas, estabelece um elo de ligação com um passado distante que merece ser reproduzido para povoar o horizonte de expectativas das alunas dos cursos.

O contato visual com imagens que remontam à nobreza europeia visa a imersão das jovens alunas em um universo feminino simbólico que associava os modos de mulheres habitantes de castelos a pressupostos de civilidade e distinção. O aprendizado nesse ambiente

[90] Disponível em: http://escoladeprincesas.net/ws/. Acesso em: 20 mai. 2017.

suscita a informalização da delicadeza e suavidade atribuídas àquelas mulheres. A ritualização dos eventos – mesmo os cotidianos – possibilita a internalização de uma memória recrutada a partir de outros contextos. No capítulo chamado *A memória exercitada: uso e abuso*, Paul Ricoeur (2007, p. 72) mencionou que "o exercício da memória é o seu uso", nesse sentido, as formas como é evocada geram reconhecimento e a sua repetição possibilita constituir uma recordação. Dessa maneira a abordagem cognitiva da memória – expressada pelo ensino dos modos – e a abordagem pragmática da memória – representada pelo objetivo da formação – se tornam possíveis na ação de recordar, internalizada por meio desse processo de construção de memórias.

A identificação com o modelo de princesa elaborado pela Escola, foi caracterizado pelos elementos relacionados no item nomeado de "Identidade de Princesa", no qual consta que "saber qual é a sua verdadeira identidade, reflete diretamente em sua autoestima, em seu caráter interno além de ajudar a identificar e seguir diretamente rumo ao seu destino"[91]. A constatação dessa "verdadeira" identidade seria subsidiada pelo contato com alguns conhecimentos prévios, os quais auxiliariam as alunas nessa suposta descoberta. A ênfase sobre tal descoberta reverbera as concepções essencialistas sobre a condição das mulheres. A atribuição de um caráter homogêneo ao grupo realiza uma seleção que desconsidera posicionamentos e características pessoais que possam afastar as jovens alunas do "seu destino". O estabelecimento do lugar social pré-definido para as alunas se apresenta como uma única possibilidade, invisibilizando qualquer outra. Os conhecimentos selecionados para o aprendizado estão agrupados sob os seguintes módulos:

- Os relacionamentos de princesa;
- Etiqueta de princesa;
- Estética de princesa;
- O castelo de princesa;
- De princesa a rainha.

A linearidade dos itens sugere uma expectativa progressiva que visa a instruir desde a convivência em diversos espaços até o grande evento da vida de uma mulher: o casamento[92]. A perspectiva que Raspanti apontou na reportagem, a qual vislumbra no casamento e na vida doméstica uma finalidade intrínseca à vivência feminina, emergiu, igualmente, na pedagogia

---

[91] Disponível em: http://escoladeprincesas.net/ws/. Acesso em: 20 mai. 2017.

[92] O único manual de etiqueta e boas maneiras do acervo de pesquisa que negligenciou o assunto "casamento" foi o *Só para homens*, de Marcelino de Carvalho. Portanto, a concepção de ser o casamento um grande evento social, especialmente para as mulheres, haja vista a quantidade de prescrições direcionadas para elas no que se refere a esse item, foi continuada no período em que se situam os manuais, de 1947 a 2007.

social empreendida pela Escola de Princesas. O modelo de formação oferecida pela instituição foi embasado em princípios que dialogam com a valorização de uma trajetória que culmina em um casamento aos 19 anos, com um homem com 43 anos de diferença, de carreira consolidada, provedor e potencial chefe de família, ou seja, situação caracterizada como um bom casamento – como é o caso da mulher do vice-presidente. Segundo a Escola de Princesas, "o passo mais importante da vida de uma mulher, sem dúvida nenhuma, o matrimônio. Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do sonho de um bom casamento. Enfim, a ideia do 'felizes para sempre' é o sonho de toda princesa"[93]. A afirmação constante no programa desenvolvido pela Escola corrobora o posicionamento de Amy Vanderbilt, em seu manual:

> O problema é duro e nenhuma mulher pode encontrar felicidade preterindo a família e a casa em favor do trabalho. Uma vez que assumiu as naturais responsabilidades de mulher, se o trabalho que tiver de exercer deve sacrificar seus deveres domésticos, o benefício material não compensará essa falta (VANDERBILT, 1962, p. 113).

É preciso destacar que o manual de Vanderbilt é representativo de uma sociedade tensionada por movimentos na direção de garantir às mulheres condições igualitárias[94] e poderia ser um sinalizador de resistência frente à possíveis mudanças quanto aos anseios das mulheres naquela sociedade. O meu intuito em evidenciar essa prescrição da autora foi entrever os vestígios de passados presentes nas concepções da Escola e a preservação de uma estrutura narrativa que intenta manter condições e espaços sociais. Não obstante pouco mais de meio século que separa as perspectivas com relação à mulheres e casamento, a narrativa da Escola encontrou identificações e promoveu meios de investir na continuidade. Portanto, o casamento constitui-se no desfecho de um conto de fadas realizado e permanece nas memórias nutridas por esse tipo de narrativa.

A concepção do projeto pedagógico sob tais moldes se aloca em um regime de historicidade que busca a revigoração de passados. Assim como a discussão de François Hartog acerca do que definiu como "regime heroico"[95] (2014, p. 49), no qual os feitos do passado impactam sobre o desenvolvimento do futuro, as práticas ensinadas e disseminadas pelos planos

---

[93] Disponível em: http://escoladeprincesas.net/ws/. Acesso em: 20 mai. 2017.

[94] Originalmente, o manual de Vanderbilt foi lançado nos EUA, país que vivenciou a revolução sexual incentivada pelo desenvolvimento da pílula anticoncepcional e os movimentos pelo amor livre, inseridos no contexto da contracultura capitalista. As mulheres sobre as quais a autora escreve, possivelmente, fazem parte da parcela de mulheres que optou pela continuidade dos costumes e a preservação das formas instituídas, entre elas, o casamento. Não é possível pensar em generalizações nesse período, especialmente nos EUA.

[95] A definição se constitui a partir de estudos acerca de diversos grupos tribais, habitantes das Ilhas Fidji, e suas formas sociais construídas sobre histórias que envolviam reis e batalhas. A invocação de passados associava suas práticas aos dos antepassados e seus feitos ou derrotas, como se a sua própria história fosse contada sob uma matriz heroica.

de ensino da Escola mantêm uma aproximação com as histórias e contos ambientados em castelos, na corte e na nobreza, construindo uma relação com passados remotos, distantes espacial e culturalmente da sociedade em que suas alunas estão inscritas. A construção das relações naqueles espaços se constituí em elemento norteador das práticas ensinadas no presente e projetam representações atualizadas de modos há muito utilizados. Prevalecem as idealizações sobre uma vida de princesa, a qual se concentra prioritariamente na aquisição de modos refinados e conhecimentos sobre ambientes e utensílios.

A Escola de Princesas, funciona na cidade de Uberlândia, interior de Minas Gerais, desde 2013, e no ano de 2017 contava com franquias em cinco estados brasileiros. Essa expansão pode ser um indicativo da recepção das concepções sobre mulheres, no entanto, não se pode desconsiderar que estou me referindo a uma instituição privada, com fins lucrativos, portanto onerosa para quem deseja acessar tais conhecimentos. No mesmo ano, teve início, na cidade de Sorocaba, localizada no interior de São Paulo, o projeto chamado "*Girls Rock Camp* Brasil"[96]. A iniciativa partiu de um grupo de mulheres envolvidas com música e movimentos sociais e se configura como uma organização comunitária da sociedade civil, sem fins lucrativos, baseado no trabalho voluntário e doações.

> É um Acampamento MUSICAL de Férias, exclusivo para meninas! Onde durante uma semana, meninas com idades de 7 a 17 anos são convidadas a ter uma experiência empoderadora, muito divertida e completa no mundo da música! Em meio a atividades de fortalecimento de autoestima, desinibição, trabalho em grupo, elas aprendem a tocar um instrumento, formam uma banda, fazem uma composição inédita e uma apresentação ao vivo, aberta para os pais, familiares, amigos e toda a comunidade![97]

A atividade oferecida pelo Acampamento tem uma perspectiva diversa sobre a infância e adolescência feminina e apresenta uma proposta formativa que corrobora os movimentos feministas do século XXI que almejam a uma educação libertadora e equidade social. A emergência destes dois perfis de atividades sinaliza um embate entre temporalidades distintas sob as quais se alocam memórias sobre mulheres. São possibilidades idealizadas e idealizantes que se ramificam em múltiplas representações tensionadas por estratos de passados e futuros que se interpenetram. Assim como a Escola construiu um embasamento remontando aos modos

---

[96] A iniciativa está associada a uma organização internacional chamada *Girls Rock Camps Alliance*. Segundo os objetivos descritos em sua página oficial, o movimento ajuda as meninas a construir a autoestima e encontrar a sua voz por meio de uma programação que combina a educação musical e as oficinas de desempenho, capacitação e justiça social, modelos positivos e colaboração e capacitação em habilidades de liderança. Os acampamentos organizados por essa instituição acontecem em cinco estados norte-americanos e, também na Suécia e Reino Unido e a mesma apoia acampamentos em todo o mundo com a mesma missão. Disponível em: http://girlsrockcampalliance.org/. Acesso em: 20 mai. 2017.

[97] Disponível em: https://www.girlsrockcampbrasil.org/home. Acesso em: 20 mai. 2017.

de uma realeza que não encontra referências na formação da sociedade brasileira, o Acampamento se inspirou nos movimentos libertários dos anos 60, em uma associação de liberdade, empoderamento feminino e música. Nessa mesma esteira, foi importada do Chile[98], em 2016, pela jornalista Mariana Desimone e a filósofa e pedagoga Larissa Galdolfo, a "Oficina de Desprincesamento"[99]. Anunciando no título um enfrentamento direto à Escola de Princesas, o projeto foi realizado após a instalação de uma franquia na cidade de São Paulo, a mesma das idealizadoras. A visibilidade da demanda pela formação conservadora oferecida pela Escola desencadeou uma disputa por representatividade, dando ênfase a um processo silencioso que se instaura por múltiplos percursos e tem potencial de promover consideráveis rupturas ou fornecer estruturas de repetição (KOSELLECK, 2014) para a permanência de determinadas concepções em detrimento de outras.

As diversas memórias circulantes sobre a condição das mulheres são interpeladas pelos diversos projetos sociais que, igualmente, entram em disputa. Nessa confluência, o tempo como marco estabilizador é diluído e passa a ser recrutado como argumento regulamentador que confere legitimidade à algumas formas sociais, conforme a perspectiva que é defendida. Se o passado das mulheres princesas for capaz de comportar os anseios de grupos que primam pela continuidade das práticas e dos lugares, ele é útil, legítimo e se torna funcional. Para outros grupos, que buscam desconstrução de maneiras, esse passado é afrontoso, portanto, entendido como superado, entretanto, esse posicionamento não o apaga e nem o desfaz, pelo contrário, o invoca, para contrapor-se. Não é interessante aqui julgar qual passado é mais válido: o nobre ou o *hippie*, mas, compreender a sua potência na elaboração das memórias.

A concepção da Oficina de desprincesamento se inscreve em uma perspectiva de problematização das construções culturais que excluem e segregam. O projeto teve como premissa constituir um espaço de discussão sobre a diversidade social e as problemáticas que

---

[98] O modelo foi criado em Iquique, região de Tarapacá, no Chile, idealizado pelo grupo de pedagogos e sociólogos Yuri Bustamente, Lorena Cataldo e Jendery Jaldín. O projeto partiu da concepção da "Escola de Desaprendizagem Sociocultural", a qual busca questionar as construções das práticas culturais e as formas como são instituídas. Sob essa perspectiva, "desprincesar" significa desaprender os estereótipos de gênero impostos na infância e adolescência, permitindo que as meninas não se sujeitem aos limites impostos e não reproduzam os contextos de desigualdade e excludência, comumente identificados entre homens e mulheres. A proposta das aulas é empoderar meninas, produzindo debates e aulas práticas e construir uma nova identidade das crianças: livre das delimitações por gênero, que associam exclusivamente a figura da princesa para as meninas e a do super-herói para os meninos. O projeto foi encampado pelo Ministério da Justiça chileno, que nacionalizou as oficinas por meio do Escritório de Proteção de Direitos da Infância, e, teve o formato replicado na Argentina e no México. Disponível em: http://desaprendernos.blogspot.com.br/?m=1. Acesso em: 20 mai. 2017.

[99] Treinadas pelos profissionais chilenos, Mariana e Larissa e outras profissionais propuseram debates e atividades práticas sobre autoimagem, autodefesa, o que é ser menina e outros assuntos. Além disso, conversaram com os pais das meninas sobre como oferecer um ambiente saudável para um crescimento de forma confiante e feliz. Disponível em: http://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,oficina-de-desprincesamento-chega-a-sao-paulo,10000087075. Acesso em: 20 mai. 2017.

envolvem questões de gênero. Não obstante as formações se utilizarem de estratégias diversas – a Escola pela disponibilização de conhecimentos e conceitos e a Oficina pelo debate e a ludicidade –, ambas visam a uma transformação dos comportamentos e a internalização de modos que devem constituir as formas individuais de conviver na coletividade. As disputam não residem somente na preponderância de uma representação sobre a outra, mas, nas medidas de ruptura e permanência que são estabelecidas por meio do compartilhamento em maior ou menor grau de cada visão de mundo. A intermitência entre passados, presentes e futuros, produz uma temporalidade própria das representações de mulheres que se encontram em tensionamento constante e se materializam na formação de grupos de afinidade com objetivos de defender avanços ou recuos. Não se verifica qualquer indício de unanimidade e, nesse sentido, são múltiplos os exercícios de memória e alguns, fomentados pelos manuais de etiqueta e boas maneiras, incidem sobre práticas como as discutidas no presente capítulo.

O estímulo à busca da realização dos sonhos de futuras mulheres tem perspectivas distantes nas experiências da Escola, do Acampamento e da Oficina. Em ambos os casos, os sonhos recebem contornos diferentes, formam mulheres com lugares diferentes em tempos concomitantes. A ética e a moral pensadas pela Escola têm um lugar de fala circunscrito aos grupos sociais que podem pagar pela formação de suas filhas e, possivelmente, assim como as leitoras e leitores dos manuais de etiqueta, desejam distinção e ascensão, uma vez que o módulo final de curso direciona os conhecimentos para fazer "um bom casamento". A prática da educação musical ministrada pelas instrutoras do Acampamento percorre as vias da educação que abre possibilidades, valoriza as habilidades e estimula a criatividade. São representações complexas que dão a ver formas diversas de ser mulher. É relevante pensar que as experiências oferecidas pela Escola, a Oficina ou o Acampamento terão a procura dos grupos que têm afinidade com os princípios das atividades. Entretanto, desejo enfatizar as peculiaridades de cada formação como resquícios temporais que se aglutinam e produzem um presente conflituoso no que tange ao entendimento sobre a condição de mulheres.

Ainda que seja de ampla divulgação as questões sociais que perpassam os discursos feministas no século XXI, a constituição de memórias sobre a condição das mulheres, os espaços ocupados, as escolhas feitas, os comportamentos externados são ações de um processo em curso, o qual permanece assolado por inúmeras disputas. As formas como as mulheres querem ou precisam ser vistas no tecido social não se circunscreve pela homogeneidade. Os projetos evidenciados neste capítulo como alguns pontos de embate não foram, de modo algum, superados ou vencidos. As particularidades de cada representação de mulheres sinalizam para tensões próprias que não podem seguir em uma avaliação generalizante. Esses são alguns dos

inúmeros embates na rede de compartilhamentos constituída pela apreensão de maneiras. O meu intuito foi cotejar as possíveis ressonâncias de um passado prescrito sobre um presente vivido, o qual se apresenta renovado pelas formas e pelos suportes, e, no entanto, resiste às rupturas drásticas e possibilita estruturas de repetição. Ainda que os contos de fadas sejam apenas contos e, que o final feliz seja um tanto questionável, o conjunto de signos que povoa a formação de mulheres resiste ao tempo e permanece associado ao cor-de-rosa. É, igualmente, importante destacar que o meu olhar não é guiado pelas vias da superação, mas, pela recolha de pistas que elucidem as construções de memórias e que sustentem a demanda por etiqueta e boas maneiras. Quanto à definição da cor das memórias, defendo o trabalho de pesquisa como produtor de espaço de debate e como meio de fornecer as escolhas.

5 RITUAIS ESTRUTURANTES E NARRATIVAS CAMBIANTES

> A cortesia, uma vez que é sempre atual, deve guardar a sua força de adaptação. É, pois um assunto complexo, que apresenta uma grande multiplicidade de aspectos, e sempre sobra alguma coisa para se dizer.
> Saber viver é uma arte regida por uma lei que não foi escrita e que se não pode enquadrar num ensaio arbitrariamente doutrinário.
> Há usos e costumes sociais que variam segundo as latitudes, pois a cortesia não é privilégio exclusivo de nenhum meio restrito. Entretanto, alguns aspectos da polidez, por isso mesmo que se originam na lei natural da ética humana, são mais ou menos universais (WILSON, 1947, p. 13).

A concepção de uma ética humana universal respaldou a ideia de que a etiqueta pode ser compreendida como um conjunto de códigos inteligíveis entre as mais diversas culturas. O limite entre considerar ou não tal ideia subsiste na fragmentação da memória e na movimentação temporal. Não é possível desconsiderar a construção de memórias funcionais que efetuam seleções, recortes, apagamentos e se vinculam às circunstâncias específicas de um indivíduo ou grupo. Modos considerados adequados para determinada cultura ao serem transladados no espaço ou no tempo se sujeitam ao efeito de outros eventos ou demandas e, necessariamente, passam por adaptações ou são suprimidos. Esse movimento é operado pela reverberação de alguns e a desqualificação de outros. No entanto, não me refiro a um processo planejado, pacífico e sem percalços. A seleção das coisas que serão lembradas e perpetuadas nos grupos sociais ocorre com tensão e disputa e, sobre isso, invisto na perspectiva de que permanecem as formas que se sensibilizam ao presente em que estão inscritas, produzindo narrativas que dialogam com pontos específicos do passado: aqueles que são funcionais à consecução do objetivo.

Essa produção narrativa se legitima por meio da correlação com eventos pretensamente tradicionais, aprovados e reproduzidos por outros grupos distantes cultural e temporalmente. Dar continuidade aos rituais tece possibilidades na rede de compartilhamentos e permite aos praticantes se aproximar mimeticamente, mesmo que estes sejam de contextos completamente diversos. A própria busca das leituras de formação se constituí em ritualística de preparação para acessar novas cadeias sociais que atendam às aspirações de indivíduos ou grupos. A vigência do tema permite a sua adequação a novos suportes e a apreensão de novos interlocutores. A natureza prática das boas maneiras aproxima as prescrições do cotidiano e suas imponderabilidades. A emergência de novas “tribos” e rearranjos familiares pressupõe o estabelecimento de outras relações, sendo estas a matéria prima para a elaboração de normas e condutas. No contexto do “novo” as maneiras não são inventadas, mas, reinventadas para darem conta da complexidade das situações.

A reinvenção é prática que olha para o passado e rastreia nele referenciais úteis. Dessa forma a estrutura se instala sob a conjuntura e permite a repetição (KOSELLECK, 2014). Nesse movimento, os eventos não são os mesmos, tampouco, com os mesmos elementos, entretanto, o olhar sobre a forma dá a ver vestígios de passados atuando para possibilitar continuidade. Os subcapítulos que seguem se constituíram compreendendo a correlação como dimensão finalizadora de uma construção de memória. Meu investimento foi na perspectiva de que as memórias são a visada retrospectiva que impulsiona o porvir. Se as narrativas dos manuais se comprometem com uma formação que prepara os indivíduos para um futuro, em certa medida, se sustentam sobre passados que vez por outra se apresentam como lastro do modo adequado.

Em busca de pistas para elucidar como os passados se fazem presentes nas narrativas, foram escritos os subcapítulos a seguir. A partir da compreensão de que existem elementos estruturais ancorados no passado, a ritualização dos modos se torna um indicativo de um processo em curso que delineia espaço em meio a um tempo de transição.

> Vivemos, hoje, em um mundo fundamentalmente diverso daquele de nossos avós e mesmo, sem recuar muito no tempo, de nossos pais: vida trepidante, veloz, inquieta, em que a velocidade e, pois, o relógio, substituíram os vagares de outrora; em que a cordialidade e a civilidade cederam lugar à agressividade e à indelicadeza, em que a sensibilidade aos poucos vai sendo esmagada por um materialismo desconcertante (CARVALHO, 1961, orelha).

Não fosse o uso de algumas expressões menos coloquiais e a ausência de uma crítica ao uso das tecnologias – recorrente nos comentários sobre falta de cortesia no presente da minha escrita –, a queixa escrita na orelha do manual de Marcelino de Carvalho de 1961 seria pertinente ao século XXI. Essa noção temporal remete ao ritmo próprio identificado nas mudanças dos costumes e o quanto permanece a sensação de que algo deve ser retomado ou, que há um curso correto e que algumas contingências o fazem se perder. Esses olhares para passados selecionados são constitutivos de prescrições para o presente e, perseguir pontos de convergência foi a estratégia que escolhi para torna-los evidentes e perceber se têm vinculação com uma construção de memórias.

No limite das narrativas, as mudanças se apresentam como uma conexão com o tempo da escrita. Nesse sentido, a transformação dos costumes incentiva a produção de rupturas e negocia a ressignificação de modos que condizem com a manutenção de uma sociedade organizada e cordial. Nesse caso, são recrutadas memórias-lembrança para serem convertidas em memórias-hábito (RICOEUR, 2007), hierarquizando os modos como valores com o potencial de aproximar ou distanciar, ao sabor dos recursos mobilizados na narrativa. Como

esses recursos atuam para estruturar ou mudar é o que interessa buscar um entendimento possível.

5.1 ESCRITAS QUE PRESENTIFICAM O TEMPO: NOS INTERSTÍCIOS DA MEMÓRIA

> Outro dia, numa dessas conversas sem compromisso, inventadas para fingir que não existem as duras realidades, a brincadeira era cada um de nós contar os melhores momentos que já tínhamos tido na vida. Quando chegou minha hora, disse que foram muitos, tantos que a resposta ia ser grande e foi. [...] Nenhum deles dava um livro, nem um conto de duas páginas, mas estavam guardados ou esquecidos dentro de mim; afinal, eles são minha grande riqueza. Voltei para casa e, já sozinha, recomecei a pensar nas minhas horas mais felizes. Então, me surpreendi lembrando de momentos totalmente diferentes daqueles que eu havia relatado antes. Quais seriam os mais verdadeiros?[100]

A escrita, entre outros atributos, tem potencial de registrar a existência humana em suas diversas dimensões. Por meio de signos identificados e compartilhados, indivíduos registram suas atividades cotidianas, profissionais, culturais, pessoais ou afetivas pelas mais diversas razões. Escrever em variados suportes e, principalmente, dar a ler, configura formas de existir no mundo e construir relações. A escrita registrada em uma tela de computador, em especial nas redes sociais virtuais, é constituída dos mesmos elementos gráficos que possibilitam a decodificação de signos ou imagens no papel, entretanto, tem o potencial de amplificar as significações possíveis, uma vez que, seu suporte permite o estabelecimento de diálogos, intervenções e entrecruzamentos que, em impressos ou manuscritos, se tornariam um tanto limitados. Dessa forma, o uso de suportes digitais em rede emergiu como uma alternativa profícua no que tange à produção e profusão dos diversos usos da escrita, inclusive, a escrita de si. Narrativas pessoais, como a transcrita da página de perfil no *facebook* de Danuza Leão, tornaram-se compartilháveis, uma possibilidade de mostrar-se e construir-se em um mundo virtual e, ainda mais, reeditar as próprias memórias a cada nova perspectiva sobre os eventos.

Há dois movimentos interessantes na escrita de Danuza Leão. A percepção de uma seleção de memórias feita para ser compartilhada e a potencialização das mesmas pelo uso do suporte virtual e pelo fato da autora ser uma pessoa pública. Esses dois movimentos se interpenetram na medida em que os compreendo como práticas carregadas de subjetividade – a qual promove tal seleção – e guiadas pela objetividade de explicitar as negociações com as próprias lembranças, conduzindo a forma como a autora quer ser lembrada, conferindo

---

[100] Publicação feita no perfil do *facebook* de Danuza Leão, em 27 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966.59305.234594333337684/553543681442746/?type=3&theater. Acesso em: 05 set. 2017.

funcionalidades às lembranças. Essa forma de se compartilhar com os interlocutores evidencia uma temporalidade específica na constituição da lembrança. Danuza Leão problematizou essa constituição pensando como suas lembranças foram mobilizadas e quais foram consideradas realmente importantes naquele momento. Os movimentos percebidos por meio da escrita desta autora dizem respeito ao tempo único da memória, a especificidade de transformar-se conforme o instante de sua configuração. Esse processo não linear incide com intensidade sobre a produção do presente da escrita e da leitura, correlacionando tempos que se intercalam e sobrepõem.

A virtualidade que circunscreve a escrita digital viabiliza explicitar os tempos do evento, da escrita e o da memória. Esse jogo de temporalidades constitui o entrelaçamento que torna evidente a questão de Danuza Leão: quais momentos foram mais verdadeiros? Segundo Artières (1998, p. 11), "não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens". A ação de fazer o registro sobre determinado evento já ocorre afetada por seleções e recortes que organizam o repertório a ser "guardado". Os critérios adotados pelos indivíduos para proceder o lembrar e o registrar são circunstanciais e, algumas vezes, não calculados. Quando a autora percebeu a diferença entre as lembranças suscitadas em cada um dos momentos, constituiu a fugacidade do momento e da motivação que as deflagrou. Dessa forma, a subjetividade que permite o recrutamento de algumas lembranças se configura em uma instância de reafirmação de sua potência.

Essa alternância de critérios sinaliza as diversas funções da memória. Atribuídos a um mesmo evento, os significados atendem às funcionalidades e têm o potencial de se remodelarem aos imponderáveis do tempo vivido. As lembranças "contadas" por Danuza Leão no momento da conversa entre amigos atenderam a seleção que mais prenderia a atenção dos seus interlocutores e, talvez, diferentes das suscitadas em um momento de reflexão solitária, sem a obrigação de socializar os pensamentos. A flexibilidade das memórias não diz respeito a autenticidade dos seus relatos, mas, ao espaço relacional que as mobilizam. Para cada circunstância, as memórias cumprem funções diferentes e, ao produzirem uma narrativa escrita, se adaptam aos critérios desse tipo de linguagem. Como possiblidade ainda dentro desse processo, se destaca a peculiaridade de serem alocadas em uma rede social virtual, um espaço de publicização e interatividade, ou seja, as lembranças constitutivas de memórias, nesse caso, são pluridimensionais e tem funções circunstanciais.

Afastada da perspectiva de afirmar a veracidade dos eventos, a memória se apresenta como um mecanismo único de seleção, o qual permite perfilar ou sobrepor diversos tempos em

um mesmo grau de importância pelo fato de não se vincular a métodos específicos de acionamento. Os critérios que selecionam as lembranças estão em constante movimento, uma vez que, se associam ao presente vivido e, portanto, fazem parte da imponderabilidade de cada instante. O relato da autora destacou a sua análise sobre as formas de construção de memórias nas diferentes ocasiões e, é significativo no sentido de pensar a especificidade da construção de memórias no campo da individualidade e como se dão as adaptações em relação aos contextos coletivos, principalmente, movidos por pertencimento. Ao escrever sobre sua experiência, Danuza Leão expôs as camadas de tempo e de memória que constituem esse processo e apontou a relativização da "verdade" dos eventos.

A reflexão apresentada pela autora dialoga com a questão da seletividade e, principalmente, da função da memória. O enquadramento dos eventos – nesse caso, os felizes – atende a uma seleção que não se vincula apenas aos critérios sensoriais ou afetivos, mas, igualmente, àqueles instituídos como interessantes, peculiares, admiráveis, ou simplesmente, que provocam risos nos interlocutores da narrativa. A classificação como "melhor" ou "pior" se altera de acordo com variáveis que afetam o julgamento. Da memória são evocados diferentes eventos para serem contados ou, simplesmente lembrados, constituindo dobras que se desfazem, se fecham ou se aprofundam, dependendo da circunstância. Entretanto, como ponderou a própria autora, a ordem em que se apresentam não é suficientemente capaz de atribuir-lhes veracidade. Sob a interferência de pessoas, lugares e espaços, as lembranças remontam os passados múltiplos de um indivíduo e as múltiplas formas como um indivíduo compreende seu passado, os quais tomam forma pela narrativa, seja ela oral ou escrita.

A seleção implica em determinar quais passados serão constitutivos de memórias e a quais funções esta atenderá. No caso da produção de uma memória escrita há preocupações com relação ao sentido que produzirá no outro, se estará de acordo com a veracidade compreendida, afinal, os eventos classificados para serem registrados conferem o sentido que se quer atribuir à própria vida. A forma escrita oferece uma oportunidade ímpar de administrar as memórias que se quer registrar ao mesmo passo que potencializa os entendimentos. Ao lembrar dos eventos que selecionou para construir a sua narrativa na publicação em rede social, Danuza Leão conferiu um significado à sua escrita e possibilitou uma interlocução acerca dos seus próprios questionamentos. O presente vivido no instante do evento foi perenizado pela escrita da autora para possibilitar a estabilização de diversos passados no sentido de rever os seus significados e lhes atribuir novos sentidos. O julgamento sobre os eventos do futuro será somente pela apreensão e repetição de subjetividades já processadas e guardadas na memória.

Danuza Leão só classificará seus momentos como melhores ou piores de acordo com os parâmetros internalizados em relação às circunstâncias vividas.

As dobras temporais também foram presentes no manual *Na sala com Danuza*. Em busca de destacar sua personalidade descontraída, a autora iniciou a *Introdução* alertando: "Se você acha que esse livro é um tratado sobre etiqueta, errou de livro. Para aprender a etiqueta tradicional, é só escolher qualquer dos títulos que existem no mercado, todos excelentes e absolutamente iguais" (LEÃO, 1992, p. 11). A advertência anunciou que o texto propunha um rompimento com modos considerados tradicionais e o investimento sobre uma perspectiva fora do senso comum, acompanhando o perfil da autora. Como anteriormente mencionado, a autora tinha visibilidade social e ocupava funções que lhe permitiam escrever sobre modos sociais. Entretanto, o entendimento sobre os "modos tradicionais" recebeu outros contornos no desenvolvimento da *Introdução*, quando a autora questionou acerca do presente de sua escrita.

> Terminei de escrever este livro pensando no quanto o Brasil anda mal-educado. Da vulgaridade à grosseria, os homens que dirigem o nosso país se tratam – e nos tratam – sem o menor respeito. É possível que a boa educação tenha desaparecido dos nossos costumes? Ninguém respeita ninguém, os códigos desapareceram. Tudo se nivela, mas por baixo. Não será esse o momento de pensar em conviver mais educadamente com nosso semelhante? (LEÃO, 1992, p. 13-14)

O questionamento que a autora fez sugere que em algum período do passado havia costumes, considerados por ela, de "boa educação". E sua resposta afirmou a presença anterior de "códigos" instituídos, delimitando os modos aceitos e os desqualificados. A proposição de reabilitar modos não mais praticados deslocou o olhar da autora para um passado no qual a mesma acreditou encontrar referências legítimas que poderiam ser compreendidas como de boa educação. O rompimento de padrões proposto inicialmente se alterou a partir da mobilização de um passado entendido como correto, seguro e aceito para justificar o retorno da gentileza. Essa negociação temporal se deu pela evocação de subjetividades lembradas, assim como nas vivências relatadas pela autora no excerto de abertura do capítulo. Nas dobras da memória permaneceram as lembranças aprazíveis e estas se configuraram em prescrições, colocando em diálogo um passado legitimador, um presente reivindicando mudança – com relação ao desejo de rompimento com os modos tradicionais – e um futuro ao qual se destinam as prescrições.

A tensão gerada entre as tendências do presente e as estruturas de um passado produz uma leitura específica que reafirma alguns modos como uma memória compartilhada sobre os comportamentos. As transformações socioculturais constituem outros arranjos e a transformação nos códigos e costumes sociais reorganiza as relações entre os indivíduos e entre os grupos constituindo novas categorias por afinidade e interesse. O desejo de elaborar

prescrições em consonância com seu tempo impulsionou Danuza Leão para uma escrita de ruptura, entretanto, a negociação temporal estabeleceu o espaço para novos comportamentos que ensejavam mudança da mesma forma que se ancoravam na tradição. A produção de um acordo tácito naturaliza alguns modos, tornando-os informais e constituindo novas maneiras de diferenciação. Nesse interstício é possível pacificar lembrança e transformação e elaborar novas formas sobre antigas estruturas. A repetição em coletividade, gradativamente, diminui a cobrança e dispensa as punições sociais, formando assim, novos indivíduos para os novos grupos em emergência.

É preciso ainda pensar que o período de produção do manual de Danuza Leão se passou durante o governo do primeiro presidente eleito por voto direto após vinte e um anos de ditadura civil militar e um governo eleito de forma indireta[101]. O ânimo da renovação político-social circulava na sociedade brasileira e as perspectivas de rompimento com práticas antigas impactava a lógica do desenvolvimento social, assim como, das prescrições de comportamentos. A ideia de levar algo diferente às leitoras e leitores se validava nesse ambiente, da mesma forma que abria espaço para rever algumas subjetividades que norteavam práticas sociais. Cas Wouters (2009, p. 93) afirmou que "costumes são uma arma tanto de ataque quanto de defesa", portanto, se conectar aos movimentos de uma sociedade em transição se refere ao domínio dos códigos voltados para as relações no futuro. Nesse sentido, informalizar os modos que resultaram da interconexão entre uma memória instituída e os anseios de um presente constituem novas estruturas que põem em equilíbrio o novo e o antigo, ou, no caso dos modos, a ousadia e tradição.

O autor Paul Ricoeur (2007) ao tratar da fenomenologia da memória, destacou a possibilidade do recrutamento da lembrança sobre um evento, atribuindo-lhe novos entendimentos a partir da circunstância imposta pelo presente. A potência da memória-lembrança resguarda a sua unicidade da mesma forma que permite a sua ressignificação. A singularidade dos eventos passados não impede a sua repetição ou reaparecimento, ainda que, em circunstâncias diversas, constituindo uma memória-hábito. No que tange aos manuais de etiqueta e boas maneiras, os mesmos se identificam como elementos subsidiários de uma memória-hábito, pressuposta por uma experiência anteriormente adquirida e incorporada à vivência do presente. Mediado pelo tempo, esse movimento define a anterioridade sem romper

[101] A eleição de Fernando Collor de Mello para presidente do Brasil ocorreu em 1989, embasada em forte desejo de renovação política e desconstrução de um passado ditatorial. O mesmo permaneceu na presidência até o final de 1992, quando foi afastado em razão de um processo de *impeachment* que estava em curso. Apresentou carta de renúncia ao cargo, fato que não impediu o seu julgamento e condenação por crime de corrupção.

com a similitude entre as memórias e permite a repetição de “alguma coisa” que já foi adquirida anteriormente. Sendo assim, passados, ainda que, culturalmente distantes das experiências das leitoras e leitores dos manuais, poderiam ser recrutados como exemplaridade e até expostos como ícones de civilização. A anterioridade, enfatizada pelas experiências consideradas bem-sucedidas, constituía possibilidades de identificação com diversos passados, reforçando a ideia de processo que se encaminha para o aprimoramento. Portanto, o presente seria sempre compreendido como uma melhor versão dos passados.

Essa relação temporal também pôde ser observada em outros manuais. No prefácio do manual *Guia de Boas Maneiras*, o autor Marcelino de Carvalho elaborou um apanhado de costumes que remontavam à nobreza, especialmente a francesa, e relatou alguns exemplos de como os comportamentos se alteraram no período das monarquias. Uma minuciosa digressão – digo isso, porque as suas referências de tempo, além do século, indicam o reinado para localizar o leitor – foi escrita para justificar a importância do tema naquele presente. Algumas questões despontaram como foco de longos debates, como, por exemplo, “toma-se sopa com a ponta da colher ou com o lado?”, “deve-se ou não apreciar o molho da carne com um pedaço de pão?”, “bate-se o champanha para que o gás se vá?” (CARVALHO, 1961, p. XV). Todas essas questões foram focos de discussões à época e importantes com intuito de aperfeiçoar os modos nos ambientes sociais e instrumentalizarem interlocutores para frequentar e conviver em círculos sociais mais seletos. A ideia de oferecer um pouco de nobreza às leitoras (es) por meio do aprendizado dos modos visava ao refinamento de grupos sociais que poderiam, segundo as concepções do autor, se assemelhar aos frequentadores de salões palacianos dos séculos XVIII ou XIX, nas monarquias europeias. A pouca, ou nenhuma familiaridade com os contextos utilizados como exemplos pelo autor não desqualificava a legitimidade de sua narrativa edificadora de vínculos entre lembranças e hábitos. As referências à anterioridade dos eventos aparecem, igualmente, em trechos dos conteúdos do manual de Carvalho.

> Quando todos os convidados estiverem presentes, a dona da casa pode dar, discretamente, ordem de servir, o que sempre leve uns dez minutos, até que os últimos retoques terminem, como o pão e os vinhos. Quando tudo estiver pronto, o empregado chega à dona de casa e avisa que a refeição vai ser servida. Antigamente, na corte dos Luíses de França, dizia-se que as carnes estavam servidas – *les viandes sont servies, Madame!* (CARVALHO, 1961, p. 35).

A prescrição de Marcelino de Carvalho reuniu vestígios de um tempo passado e singular que se fez presente por meio da repetição das ações e da valorização dos parâmetros. O diálogo do autor foi direcionado para as leitoras, que, na década de 60 eram anfitriãs responsáveis pela refeição a ser servida para os convidados, reafirmando o protagonismo feminino na preparação

dos eventos domésticos. Além disso, relacionou a situação aos hábitos da nobreza europeia, inferindo sobre a importância de preservar as formas como vinculação às coisas aprendidas no presente daquele passado. A escrita, nesse sentido, promoveu um intenso intercâmbio entre tempos, contextos e sujeitos, nos quais se projetava uma descendência artificial e um referencial que se correlacionava por meio de uma memória-hábito.

A perpetuação de alguns hábitos era justificada de diversas formas nos manuais, podendo ser considerados ícones de civilidade, sinais de nobreza, entre outros qualificativos. Entretanto, algumas repetições eram mediadas pela narrativa para conectar os modos e as formas culturais em um gesto de ressignificação. O manual da autora Carmen D'Ávila (1958) dedicou um item de seus capítulos para tratar do que chamou de "beija-mão". Novamente foi possível perceber a atualização de hábitos da nobreza como uma forma de ser considerado atual e tradicional, a um só tempo. Em uma alusão aos períodos monárquicos, em que altas autoridades disponibilizavam-se para deixar que a população beijasse a sua mão, a autora explicou,

> Em todas as cortes, o beija-mão tem sido a mais solene cerimônia dos Paços. No Brasil, o beija-mão manteve-se sempre nas famílias e em sociedade, como prova de respeito. Hoje, porém, o beija-mão parece estar perdendo o seu quê de fidalguia, descambando para a desenvoltura das atitudes modernas... Vejamos, pois, as normas sobre o beija-mão. Em princípio o beija-mão requer o senso das oportunidades e o recato dos ambientes, assim: dentro de casa o beija-mão é sempre oportuno. Fora de casa: na rua o beija-mão não é oportuno (D'ÁVILA, 1958, p. 49).

Como forma de manter o intuito – demonstrar respeito a alguém – o ato era adaptado e prescrito para a convivência entre as famílias de maior apego aos rituais. Com indicativos de resistência às mudanças, afinal, o hábito parecia estar "descambando para a desenvoltura das atitudes modernas", um passado remoto era revivido sob o auspício de ser um modo de demonstrar educação e polidez. A escrita de Carmen D'Ávila corroborava o hábito como um constitutivo de memória e evidenciava a invocação de uma presença, ainda que, não fosse de coisas aprendidas pelos sujeitos da ação. A transição do entendimento sobre a prática foi destacada no manual de Claudia Matarazzo a partir do relato da autora sobre como foi surpreendida com essa forma de cumprimento ao conhecer um rapaz de vinte e dois anos. Na sequência, a autora concluiu ser pertinente abordar o assunto.

> O beija-mão, na verdade, não tem nada de beijo. Você apenas deve sugerir o gesto e, no máximo, encostar os lábios na mão. Nada de estalos. Para que o seu movimento seja mais harmonioso, levante um pouco a mão da senhora e faça uma suave inclinação para a frente. Lábios e mãos encontram-se no meio do caminho. Bonito não?
> Nos lugares muito informais, beijar a mão de alguém fica fora de contexto. A não ser que seja a rainha Elizabeth. Como vai ser muito difícil encontrar Sua Majestade no

> supermercado da esquina ou na praia, é melhor não arriscar. Mas existem mulheres que sempre merecem ter sua mão beijada (pelo menos segundo a etiqueta tradicional):
> - a anfitriã de uma festa;
> - a sua sogra;
> - membros da realeza e da nobreza (MATARAZZO, 1995, p. 48).

Em meados da década de 90, Claudia Matarazzo deu a ler resquícios de um tempo, lembranças exercitadas pelo hábito como marcas de um comportamento diferenciado e cortês. Mesmo que não mais fosse comum esse tipo de prática, a narrativa alocada no capítulo *Comunicação* funcionava como um estímulo a sua continuidade, uma vez que, a autora, após o relato da cena vivida, destacou: "Fiquei encantada, é claro. E beijar a mão corretamente tem os seus segredos, para surtir aquele efeito de 'nossa, mas ele não é o máximo?'" (MATARAZZO, 1995, p. 47). A elaboração de um novo significado tem o potencial de destacar as qualidades da prática e forjar um espaço social que lhe atribua um valor. A negociação entre as dimensões escrita, memorial e prática possibilita a atualização da cena e sua existência nos grupos que se identificam com essa configuração.

O exercício formativo proposto nas prescrições de etiqueta constantes nos manuais contribui com o estabelecimento dessas estruturas simbólicas que perpetuaram ideias e atitudes. A referência ao passado, em geral nobre e civilizado, além de dar legitimidade às narrativas que se pretendiam construir, infere sobre os diversos ritmos que se impõem ao desenvolvimento dos grupos sociais. Ao mesmo passo que as mulheres adentravam, de forma irreversível, no mercado de trabalho, oportunizado pelas demandas de um país imerso em um contexto de desejado desenvolvimento econômico, os autores dedicados ao tema das boas maneiras dispensavam seus esforços para constituir um espaço feminino doméstico e de passividade diante das normas de conduta para elas dirigidas.

Os manuais eram convergentes no sentido de formação para o futuro, bem como, na busca de referenciais em passados distantes nos casos mencionados, constituindo uma convivência conflituosa entre mudanças e permanências. A esse respeito é preciso pensar sobre a própria configuração do presente, o qual permanece assolado por presenças que não são mais, mas, que se presentificam por meio da repetição. Não é possível considerar apenas como sugestões de compartilhamento os modos prescritos em tais narrativas. São escritas que apresentam tensões conjunturais sob as quais há disputas entre o que é considerado moderno ou novo e a permanência de um determinado *status*. Não se trata somente de averiguar as idealizações, mas, de perceber indícios estruturais que são constitutivos daquele presente e de um possível futuro. Não se pode afirmar que os conteúdos dos manuais refletiam diretamente as práticas daquele presente, entretanto, são escritas datadas com vestígios acerca do período.

Essa condição é reafirmada pela não linearidade das ideias. As referências a passados são numerosas, entretanto, não são uma unanimidade no acervo de pesquisa. Salvo que a escolha dos títulos foi arbitrária, pondero que essa questão pode estar relacionada à diversidade de editoras, materialidades, autoras e autores, fatores estes que promovem recortes entre os leitores. Mesmo assim, os manuais em que foi identificada essa perspectiva narrativa podem figurar entre o repertório de "enunciados básicos que só muito lentamente se modificam ao longo dos séculos e permanecem disponíveis, mesmo que nem todos os compartilhem" (KOSELLECK, 2014, p. 25), considerando que utilizaram a ancestralidade como argumento legitimador e as referências de culturas mais antigas como ícones de civilização.

A internalização dos modos não ocorre de forma integral ou homogênea, nesse sentido, o que respalda a existência de estruturas é o eco dos manuais da metade do século XX sobre os produzidos nas décadas seguintes. Sobre a questão, o manual de Celia Ribeiro apresentou uma interessante peculiaridade. Além de organizar o tema no sumário sob uma visada semelhante aos manuais anteriores, ofereceu ao final de cada parte do livro – no total de quatro – um item nomeado como *Da História*, no qual a autora remontou um histórico acerca do tema geral que organizou os capítulos de cada uma das partes. Os itens foram intitulados da seguinte forma:

Quadro 7: Referências *Da História* de Celia Ribeiro

Parte	**Capítulos**	**Da História**
1. Comunicação	Saber falar na hora certa; A comunicação escrita é nossa imagem; Cuidados com a aparência.	A etiqueta é um código social
2. Civilidade	Vida urbana; Como agir à hora de comer; Civilidade nas relações amorosas.	Evolução dos gestos civilizados
3. Festa	A festa também é um investimento; Comemoração de datas especiais;	No mundo de sonhos e divertimento
4. Casamento	Noivado no terceiro milênio; Trajes dos noivos e convidados; Organização do grande dia; Casamento pela lei dos homens; Com a bênção de Deus; A sonhada festa nupcial.	Da união primitiva ao casamento

Fonte: RIBEIRO, 2005, p. 77-163-207-279.

Em cada texto dos itens *Da História* a autora apresentou um breve histórico do tema anunciado nos títulos, mesclando informações de civilização antigas como Grécia, Roma e Egito, com informações de períodos mais recentes, como séculos XIX e XX, tomando como base a cultura ocidental. Os históricos propostos pela autora podem ser considerados pequenos capítulos de curiosidades sobre os temas abordados, mas, também propunham uma linha de ligação com as culturas ancestrais. Em destaque três trechos que considerei suficientes para elucidar a questão da percepção de estruturas.

> Foi no início do século XVIII que os homens adquiriram o hábito de escrever seu nome nas cartas de baralho, usando-as quando faziam uma visita e não as encontravam em casa. O costume do cartão de visita foi se difundindo, a ponto de pintores famosos ilustrarem cartões brancos, acrescentando o nome da pessoa (RIBEIRO, 2005, p. 77).

> O menu, o cardápio escrito, era conhecido tanto na Grécia como em Roma, em tabuletas. [...] Só a partir do século surgiram, na Europa e na América, os menus à francesa, divididos em três partes com uma sequência que incluía a sobremesa (RIBEIRO, 2005, p. 164).

> A expressão "colocar as alianças" é bastante usada como sinônimo de noivado e tem origem romana. Um anel de ferro com dois aros unidos por um nó, usado pela noiva e pelo noivo, tinha de ser enfiado no dedo anular esquerdo, pressionando a veia que ia direto ao coração. As classes mais abastadas usavam a aliança de ouro ou prata e, no dia do casamento, o anel passava para o dedo anular da mão direita, ao contrário do costume moderno (RIBEIRO, 2005, p. 280).

Em cada um de seus históricos, a autora remontou a relatos de temporalidades diversas e distantes, construindo uma relação com a forma como o costume sobreviveu. Não é importante colocar aqui em avaliação o critério ou a veracidade de suas fontes para escrever os breves históricos, no entanto, creio ser pertinente considerar a maneira como a autora constituiu a relação da sua perspectiva sobre as boas maneiras com passados diversos. Da mesma forma, foi possível vislumbrar resquícios desses passados que habitam as práticas do século XXI e são presentificados por meios das prescrições. A autora explicou, ao final de cada parte do livro, que muitas das práticas ainda vigentes tiveram sua emergência há um considerável tempo e que isso não as desqualificaria, nem as colocaria em condição de desuso. A intersecção da memória-lembrança com a memória-hábito, mediada pela escrita circunscreve a existência de elementos estruturantes.

Na convergência entre a lembrança e o hábito se constituiu um ponto de intersecção: a informalização dos modos. A aproximação entre as duas dimensões da memória permitiu que os costumes elaborados como signos de identificação se vulgarizassem ao ponto de se tornarem ícones de civilidade. A reprodução de elos com passados distantes por meio das narrativas dos manuais incentivou o desejo de pertencimento e transformou práticas como a de noivos trocarem alianças na ocasião do casamento em senso comum, transpondo diferentes classes ou religiosidades. Celia Ribeiro evidenciou essa relação colocando na ordem do tempo as boas maneiras por ela tratadas. No item em que mobilizou referenciais históricos para explicar a emergência das etiquetas abordadas, a autora sugeriu que elementos das práticas em questão permaneceram ou, pelo menos, inspiraram suas adaptações. Esses traços buscados na memória-lembrança permitiram aumentar o escopo do conhecimento sobre o modo, tornando-o acessível em escala progressiva na questão da quantidade e do tempo.

A repetição das práticas criava maior familiaridade e se tornava um comportamento não mais destoante, portanto, permitia o acesso aos grupos ou ambiente que compartilhavam de determinadas maneiras. Dessa forma se estabeleciam as redes de interdependência das quais faziam parte alguns indivíduos e outros não. Para Wouters (2007) é a sensibilidade para a autorregulação que permite essas relações. Sendo assim, é possível pressupor que a constante mobilização da memória-hábito incentivava os indivíduos a se autorregularem, e compreender que a informalização também se constitui em um elemento estruturante na construção de memórias. No que tange as memórias sobre os comportamentos de mulheres esse fator ilumina como alguns modos permaneceram no decorrer do tempo.

A estratégia de utilizar a cultura europeia, como nos manuais de meados do século XX, continuou a inspirar a escrita sobre a etiqueta e as boas maneiras e o lastro do passado permaneceu como argumento da narrativa. Esses aspectos podem ser considerados, igualmente, estruturantes pelo fato de evidenciarem permanências na estratégia textual. Com a renovação dos termos e até dos conceitos sob os quais eram delineadas as boas maneiras, se revigorava o fôlego do tema e se estimulava novas demandas. O interesse pela repetição das práticas condizia com as constantes atualizações ditadas por diferentes conjunturas, entretanto, era programado a partir de uma matriz que subsistia e permanecia atuante.

Retomando a questão de Danuza Leão: “quais memórias são mais verdadeiras?”, a partir dos diversos usos da memória por meio da escrita, é possível pensar em mobilizações incentivadas pela significação. Cada uma das autoras e autores mencionados recrutou um passado específico que fornecesse sentido à narrativa do presente. Se eram memórias próprias ou de outrem, individuais ou coletivas, era mero detalhe diante da consecução do objetivo: elaborar de forma eloquente uma relação entre leitoras (es) e os diversos passados. A veracidade da memória constituída se atrela ao seu significado circunstancial. Dessa forma, os passados foram apropriados e legitimados como parte de um percurso reconhecido individualmente, ainda que fosse de forma múltipla e heterogênea. A presentificação do passado se dá por inúmeros caminhos e estabelece sentido de forma única com cada indivíduo, entretanto, contribui sobremaneira à continuidade de memórias relacionadas ao pertencimento.

5.2 VÃO-SE OS TEMPOS, FICAM OS RITUAIS: SOBRE CASAMENTOS

> Quando o assunto é casamento, parece que todas as categorias conhecidas de bom senso desaparecem e qualquer loucura pode ter vez. Até com pessoas sabidamente moderadas e inteligentes. Casamento coloca os figurantes num limbo, numa terra de ninguém, onde todas as mais exóticas fantasias são permitidas. Noiva, mãe da noiva, família da noiva, padrinhos e madrinhas mudam de personalidade. Viram todos

> protagonistas de um filme conhecido, mas que se renova a cada exibição (KALIL, 2004, p. 145).

As construções sociais acerca da felicidade almejada por mulheres costumam associá-las a uma finalidade canônica: o casamento. Esse evento é compreendido como um divisor de fases da vida, um momento digno de ser "guardado" por diversos tipos de registro, um motivo de orgulho para os familiares, enfim, uma finalidade vinculada à condição de ser mulher. A autora Gloria Kalil destacou a importância desse evento apontando a preocupação de fazer do momento o mais único possível, ainda que para isso sejam cometidos alguns excessos e excentricidades. Sua relevância na trajetória de uma vida, especialmente de uma vida feminina, sugere um envolvimento metódico com a preparação do evento em todos os seus detalhes. A ritualização da cena faz com que os casamentos sejam eventos repetitivos, com elementos previsíveis, entretanto, a expectativa criada em torno desse momento, o torna inigualável, ainda que pretenda ser uma fiel repetição de todos os outros.

O conjunto de práticas que caracteriza os casamentos, ao ser repetido sistematicamente, confere a esse evento um *status* de tradição, a qual é estimulada por meio da narrativa que associa o casamento ao desejo íntimo de "toda" mulher. Essas práticas, que podem ser de natureza ritual e simbólica – nesse caso, considero que abarca as duas –, visam a legitimar comportamentos por meio da repetição, o que implica, circunstancialmente, em uma continuidade em relação ao passado. Dessa forma, são criadas condições para que a prática continue a existir e seja subjetivada como algo que pertence ao repertório de realizações esperadas para mulheres, bem como, almejadas por elas. Ao pesquisar a emergência da família burguesa no Brasil dos finais do século XIX, Maria Ângela D'Incao (2007, p. 223) afirmou que "um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível" para as mulheres do período. Essa delimitação impactaria a construção cultural do século seguinte, evidenciando o contexto do casamento como o lugar idealizado e previsto, caracterizando a função social das mulheres de classe abastada, as quais representariam um "bom exemplo" para as demais.

> É na ocasião dos casamentos que os nossos contemporâneos se conservam mais presos às tradições. Com efeito o casamento representa um acto de alcance social ao mesmo tempo familiar e pessoal. Assim, embora muitos costumes tenham sido simplificados, uma grande parte do protocolo subsiste, dando à celebração deste acontecimento o caráter encantador e solene que teve em todos os tempos (BERNAGE, 1961, p. 141).

A importância atribuída ao evento contribuiu para instituí-lo como marco de um período vivido, como categoria social e, inclusive, como autenticador de virtudes e posturas esperadas de homens e mulheres em uma sociedade dita civilizada. Compreendido como organizador do primeiro núcleo social dos cidadãos, o casamento era idealizado como ícone de realização pessoal. Segundo Amy Vanderbilt (1962, p. 5) "entre todos os cerimoniais da vida, o do casamento é o mais tocante e belo. É o clímax longamente aguardado pelas adolescentes e pelos rapazes também – o portal da verdadeira maturidade, o adeus aos pais como protetores, a aceitação da responsabilidade". Considerado como um rito de passagem, foi tratado nos manuais de etiqueta pelo seu caráter de ritual tradicional. A mesma autora, enfatizou a abrangência do ritual abordando prescrições nas cerimônias católica romana, judaica, judaica ortodoxa, oriental, da ciência cristã, dos Quakers e dos Mórmons. O reconhecimento do casamento como parte das mais diversas culturas remete a uma memória que atende funções sociais, religiosas ou políticas e, nesse sentido é constantemente revigorada.

Essa relevância sobre o evento transformou-o em tema recorrente entre as prescrições de boas maneiras. Os manuais que compõem o acervo desta pesquisa, em sua maioria, abordaram de forma específica o ritual do casamento. O percurso que envolve desde a decisão (o pedido) de realizar o evento até os aniversários (bodas) do mesmo e, até mesmo, o final (divórcio), foi detalhado nos diversos capítulos dedicados às etiquetas para casamentos. No sentido de visualizar de forma sistematizada como foi tratado o casamento em cada um dos manuais, elaborei o quadro que segue.

Quadro 8: O casamento nos manuais

Autora (or)/ Título/Ano de publicação	**Itens do capítulo dedicado ao casamento**	**Quantidade de páginas**
WILSON, Margery. **Cortesia** – novo código social das boas maneiras (1947)	Casamentos; Preparativos; Cerimônia na igreja; Em casa; Recepção após o casamento; Partida dos noivos.	11
D'ÁVILA, Carmen. **Boas maneiras** (1958)	O pedido; Como se faz um pedido; Noivado; Primeira visita; Jantar; Noivos órfãos; Participações; Pais separados; Participação de casamento de um filho ou uma filha; Presentes oferecidos pelo noivo; Anel de noivado; As alianças; Flores; Fotografia; Presentes oferecidos pela noiva; Presentes oferecidos aos noivos; Exposição dos presentes; Ruptura de noivado; O enxoval; Como se marca um enxoval; Testemunhas; Papeis de casamento; Casamento civil; Casamento religioso; As "demoiselles d'honneur" e os "garçons d'honneur"; Ornamentação da igreja; O vestuário da noiva; Viúva ou noiva depois dos quarenta anos; O noivo; Cavalheiros; Senhoras; O cortejo; Entrada na igreja; Diante do altar; Bênção das alianças; Na sacristia; Cumprimentos; Recepção; Chegada dos convivas; Separações e anulações.	63

MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras** (livro de bolso) (1958)	Você conhece todas as regras anteriores e posteriores a um casamento?; Namoro; Noivado; Preparativos; Celebração.	15
CARVALHO, Marcelino de. **Guia de Boas Maneiras** (1961)	O pedido; As gentilezas de ambos os lados; A participação e o convite; Os documentos para o civil e o religioso; A ornamentação do templo; Como o noivo e a noiva se vestem; O cortejo; Os cumprimentos; Os presentes.	13
BERNAGE, Berthe. **Arte das Boas Maneiras** (1961)	Preliminares de uma casamento; Informações; Acordo dos jovens; O pedido de casamento; O anel de noivado; Noivado; Participação dos esponsais; Recepção por ocasião dos esponsais; Os noivos; Flores; Os presentes; Presentes oferecidos aos futuros esposos; Para escolher um presente; Objetos que se oferecem; Ruptura de noivado; Enxoval; Como se prepara o enxoval; Roupa de casa; Roupa de uso pessoal; Os modelos; O enxoval do homem; Marcas na roupa; Marca na roupa de casa; Marca na roupa individual; A escritura de casamento; Casamento civil; Casamento religioso; Convites; O traje da noiva; O noivo; Convidados; As senhoras convidadas; Os carros; Cortejo nupcial; Entrada na igreja; Celebração do casamento; A recepção; Refeição de casamento; A viagem de núpcias; As visitas de recém casados; Casamento de viúvo ou de viúva; Casamento misto; Casamento no campo; Divórcio – separação – anulação de casamento; Aniversário de casamento; A instalação.	33
VANDERBILT, Amy. **O Livro de Etiqueta** – um guia para uma vida elegante (1962)	Convites e participações de casamentos; Organizando o casamento; A cerimônia nupcial; A recepção; Casamento em casa; No presbitério; Casamento de ministro protestante; Fugas e cerimônias civis; O enxoval; Presentes de casamento; A lua de mel e as visitas depois do casamento; Presentes de aniversários de casamento; Namoro e noivado.	57
CARVALHO, Marcelino de. **Só para homens** (1967)	Casamento.	8
NICKOL, Maria do Carmo. **Mil Regras Ilustradas de Boas Maneiras** (1968)	O pedido oficial; A participação do noivado; Durante o noivado; O casamento no civil; O casamento no religioso; Algumas regras sobre "toilette" de noiva; Como se vestem os convidados; A guarda de honra.	10
MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras** (1979)	Você conhece todas as regras anteriores e posteriores a um casamento? Namoro; Noivado; Preparativos; Celebração.	15
RIBEIRO, Célia. **Etiqueta na prática** (1992)	Tipos de cerimônia; Convites; Impressos; Modelos de convites; Participação; Traje; Os padrinhos; Responsabilidades; Chá de panelas; Lista de presentes; Monogramas; Rumo à igreja; A cerimônia; Variações; Pais divorciados; Na sinagoga; A recepção; Chuva de arroz; Segundo casamento; Casamento em casa ou em clube; O novo casal; Bodas; Denominações; *Open house*; Presentes; Agrados; Como receber; Flores; Aniversário.	23
LEÃO, Danuza. **Na sala com Danuza**(1992)	Noivados e casamentos.	6
MATARAZZO, Claudia. **Etiqueta sem frescura** (1995)	Noivado; Noivado rompido; Só na igreja; Quem convidar?; Lista de presentes; Festa em casa ou no bufê?; Participação do casamento; Segundo casamento; Segundo casamento na igreja; Agradecimentos; A noiva; O noivo; Pais da noiva; Pais do noivo; Padrinhos; Igreja (música, durante a festa).	7
ARRUDA, Fabio. **Sempre, às vezes, nunca** (2003)	Chá de cozinha ou chá-de-panela e chá-bar; A festa de casamento; Lista de presentes; Noiva; Noivo; A cerimônia; Conheça a nova legislação; Casamento civil; Sugestão de um cronograma; Aniversários de casamentos/bodas; Lista dos nomes de aniversários de casamento; Visitas; Convites;	22

	Convites impressos para casamento; Cartão pequeno para participação da festa.	
KALIL, Gloria. **Chic [érrimo]** (2004)	Amores eternos; Recuse sem hesitar; Festa fina; Ainda se usa; Usa, mas não é obrigatório; Final feliz; Não se usa mais; Definitivamente não; Casamentos em diferentes fases da vida; Gafes que o noivo não pode cometer; A roupa e o horário; Casamento gay; Casamentos temáticos (estilo romântico, country, cigano, etc.); Casamento que vira assunto; Recado para os eleitos; Quando você aceita o convite.	12
RIBEIRO, Célia. **Etiqueta Século XXI** (2005)	Noivado no terceiro milênio; Trajes dos noivos e convidados; Organização do grande dia; Casamento pela lei dos homens; Com a bênção do Deus; A sonhada festa nupcial.	67
LEÃO, Danuza. **Na sala com Danuza** (livro de bolso) (2007)	Noivados e casamentos; Casamentos curtos; Até que a morte os separe; Os filhos dele X Os filhos dela.	7
KALIL, Gloria. **Alô, Chics!** (2007)	Noivado: que festa é essa?; Casamento-balada; Espetáculo ou balada?; Casar de novo; Uma cerimônia muito antiga; A lista de casamento moderna; Casamento com ingresso pago; O terceiro; Criança não entra!; Os dois pais da noiva; Indicação de traje; Casar sem terno; A noiva veio de *pink*; Longo em casamento; Roupa de madrinha; Botas no altar; O noivo veio de branco; Champanhe ou prosecco? No sítio; Na praia.	23

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do acervo de pesquisa.

Da totalidade de 21 (vinte e um) manuais, 4 (quatro) não abordaram o tema casamento em um capítulo separado[102]. As subdivisões dos capítulos mostram em que medida de detalhamento cada uma das autoras e autores abordou o assunto e quais detalhes foram selecionados como de maior destaque nas fases de preparação do acontecimento e posteriormente. Alguns manuais dedicaram um número considerável de páginas ao tema, entretanto, essa característica não pode ser associada ao período em que foi produzido por que os números mais expressivos foram em manuais de 1958 (63 páginas) e 2005 (67 páginas), temporalmente afastados. A construção dos capítulos deu a ver que as (os) autoras (es) se preocuparam em prescrever protocolos desde o início da relação do casal[103] até a fase posterior ou a sua finalização. Essa perspectiva sobre o casamento se configurou nos manuais produzidos em todo o período estudado. O entendimento acerca da extensão e o impacto desse evento sobre a vivência dos envolvidos permanece como um dia que marca histórias individuais e que se pretende ser único dentre todos os outros rituais de passagem. As narrativas, supostamente renovadas, reforçam o protagonismo de alguns assuntos como a vestimenta da noiva, a

[102] PITIGRILLI. *O marido perfeito e a mulher ideal*; PITIGRILLI. *Não se come frango com as mãos*; CARVALHO, Marcelino de. *Snobérrimo* e RIBEIRO, Celia. *Boas maneiras à mesa* (livro de bolso).

[103] Em grande parte dos manuais tratou-se de casais heteronormativos, haja vista apenas o manual de Gloria Kalil (2004) tenha feito referência a casais homoafetivos.

comunicação aos familiares e amigos e a comemoração posterior à realização dos votos. Preocupações não superadas que perduraram carecendo de instrução.

O manual de Amy Vanderbilt abordou o casamento com destaque, apresentando-o no primeiro capítulo. A narrativa da autora, produzida a partir de uma perspectiva norte-americana, buscou contemplar as mais diversas situações, valorizando o evento como o mais importante da vida. O nível de detalhamento contemplou, por exemplo, 33 (trinta e três) tipos de correspondências para participação do evento, uma lista dividindo a competência sobre os gastos entre os pais dos noivos e uma lista básica de cama, mesa e banho com 77 (setenta e sete) itens. Mas seu manual não era o primeiro contato de leitoras e leitores brasileiros com as suas prescrições para casamentos. O jornal *O Globo*, no ano de 1958, veiculou artigos assinados por Amy Vanderbilt (Figura 39), dentre os quais, um foi dedicado aos noivos.

Figura 39: Amy Vanderbilt escreve para *O Globo*

9

O GLOBO Feminino

Boas Maneiras na Vida Diária

Não se Indica Preferência Por Presentes

(De Amy Vanderbilt — Exclusivo Para O GLOBO Feminino)

"SRA. VANDERBILT: Que pensa a Sra. de uma noiva cujos convites de casamento traziam apenas uma pequena nota com os seguintes dizeres: "Preferimos dinheiro a presentes porque, depois do casamento, vamos mudar-nos para outro Estado"? H. N."

O procedimento, sem dúvida, foi de todo incorreto. Nunca é lícito a um casal indicar sua preferência em matéria de presentes, a menos que seja especificamente solicitado a fazê-lo. Até mesmo parentes próximos sentem-se por vêzes embaraçados quando um jovem casal indica sua preferência por dinheiro, pois talvez se vejam na obrigação de dar uma importância superior à que gastariam com um presente. Todavia, se parentes próximos e amigos íntimos oferecem dinheiro a um jovem casal, é perfeitamente correto que a oferta seja aceita.

Entre certos grupos estrangeiros, como por exemplo os procedentes de certas áreas do sul da Itália, é da tradição que a noiva receba dinheiro de todos os convidados a seu casamento. Existe um curioso costume, neste particular, em que as cédulas oferecidas à noiva são afixadas pelo ofertante a seu vestido, cabendo à contradança principal do baile de casamento àquele que ofereceu a maior soma e que, em geral, é o padrinho. Naturalmente, num caso como êsse, governado pela tradição, o procedimento é correto e, também, muito sensato, pois proporciona um dote em dinheiro para a noiva, em lugar de uma série de presentes que ela talvez preferisse não receber.

AGRADECIMENTO DE PRESENTES

"SRA. VANDERBILT: Inúmeras pessoas que assistiram a um casamento recentemente realizado e que enviaram presentes aos noivos, não tinham recebido cartas de agradecimento dois meses após a cerimônia. Alguns dos convidados começaram a ter dúvidas sôbre se seus presentes tinham sido entregues, mas ficaram hesitantes em perguntar. O pai da noiva diz ser perfeitamente correto agradecer por escrito, em qualquer período dentro de seis meses. Não estou de acôrdo. Quê opina a senhora? H. M."

A meu ver, três meses é o limite máximo para os agradecimentos, a não ser que haja circunstâncias atenuantes — como uma viagem longa, doença, centenas de presentes a serem agradecidos ou o retôrno da noiva a seu emprêgo. Já tive ocasião de sugerir a uma noiva que recebera cêrca de mil presentes, os quais não pudera agradecer pessoalmente decorridos seis meses do casamento (embora sua família tivesse enviado breves cartões acusando o recebimento e dizendo que ela escreveria depois) que enviasse telegramas individuais aos convidados que a tinham presenteado. Tratava-se de um agradecimento dispendioso, e possivelmente só numa emergência como a em que ela se encontrava, alguém optaria por êsse recurso.

E' boa medida de previdência que a noiva, antes do casamento, adquira papel de correspondência de pequeno formato e de boa qualidade, e, à medida que forem chegando os presentes, escreva algumas linhas de agradecimento, sem exigir que essa obrigação se acumule.

(Copyright U. P.)

BOLOS — DOCES

Mme. Eiras dará início às suas aulas em 3 de março, com o finíssimo bôlo de sua criação, trabalhado em arte de confeitaria, próprio para as festas da Páscoa: Caminho Interrompido. Aula, 70 cruzeiros. Dará a receita da ornamentação. Em 5 de março dará o curso das lindas flôres que ornamentavam as belas bandejas da sua última exposição. Curso completo de 16 flôres, mil cruzeiros. Em 7 de março dará o curso de bolos para principiante em 10 aulas divididas em 5. Curso completo, 600 cruzeiros. Na última aula será lançado um deslumbrante bôlo para criança, de sua criação, artisticamente trabalhado e iluminado em arte de confeitaria. As interessadas no curso de flôres devem trazer: pinça, 4 boleadores e tesoura pequena. E' favor não trazer crianças ou companhias para ficar esperando. Aulas do curso, às 13 horas e as outras, às 14. Rua S. Francisco Xavier, 427, apto. 301 — Tel. 48-4157.

PARA PRAIA — Neste elegante conjunto de praia combinam-se calça de linho branco e original blusa de algodão estampado em amarelo e branco, apresentado em Paris, por Virginie. — (Foto Keystone — Exclusivo para O GLOBO Feminino).

Fonte: O Globo, 22/02/1958, p. 9.

Na coluna intitulada *Boas Maneiras na Vida Diária*, a autora escreveu sobre a questão do comportamento dos noivos em relação aos presentes de casamento, as formas de presentear em outros países e como proceder os agradecimentos aos convidados. A produção da coluna partia de dúvidas remetidas à autora e dicas de etiqueta sobre o assunto. A escolha do tema para o artigo n'*O Globo* pode ter partido dos editores, mas é um indicativo da circulação de suas publicações em outros veículos e, possivelmente, para outros públicos antes mesmo de seu manual ser publicado no Brasil.

As transformações sociais verificadas, a emergência de novos discursos sobre relações amorosas, a grande oferta de produtos e serviços na área de produção de eventos não foram argumentos potentes para desconstruir o simbolismo do ritual e os desejos de continuidade. Ainda que se atualizassem os elementos e o seu emprego, permaneciam os pontos de referência que caracterizavam a prática, mantendo elos com passados e se configurando em tradição. Como a afirmação da representação do casamento, as autoras e autores expuseram os diversos contextos em que a prática ocorreu e suas apropriações. Dessa forma, não se verificaram limites impostos por religião, cultura ou condição social. Mesmo com lugares, tempos e sujeitos diversos, as prescrições se fizeram presentes nos manuais e, como afirmou Gloria Kalil (2004, p. 154) "já estou me preparando para novos tempos e para as perguntas que virão. 'Meu noivo vai de terno preto, tenho que ir com um da mesma cor?' Ou ainda: 'Nem eu nem minha noiva nunca usamos um vestido longo. Fica chato casar de calça comprida?'".

Algumas leituras oferecidas nos manuais se apresentavam sob a lógica da permanência, na qual se evidenciam aspectos preservados e uma memória potente sobre como se desenvolvem as ações. Entre as (os) autoras (es) foi comum a opinião de que ao selar um compromisso o noivo ofereceria uma joia à noiva, entretanto, essa ação era ritualizada a partir do momento que fazia parte de um contexto mais amplo que era o comunicado efetivo aos familiares. O momento da entrega de um anel ou aliança simbolizava materialmente o compromisso assumido, como alertou Berthe Bernage.

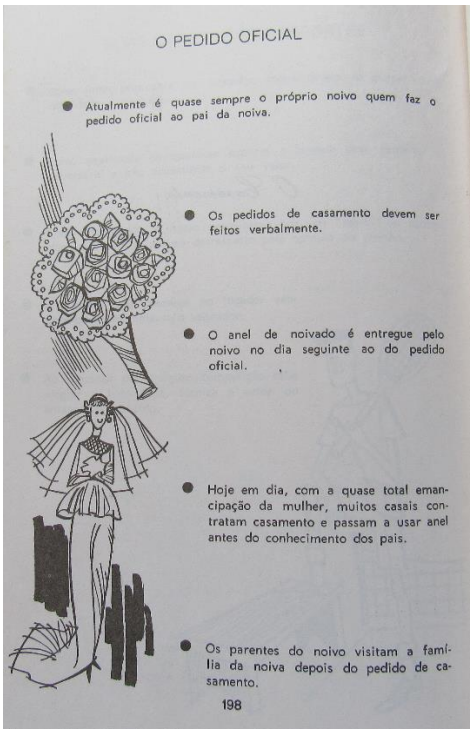
> É o primeiro presente feito pelo homem à mulher que deve desposar. Presente que tem um valor simbólico: o compromisso que representa não é ratificado pela lei nem pela religião, mas tem certa gravidade e não pode ser destruído levianamente (BERNAGE, 1961, p. 144).

A autora reconheceu o caráter informal da prática, no entanto, defendeu a sua continuidade por considerar potente o simbolismo construído sobre a peça usada pelos noivos. Em consonância com a ideia, Carmen D'Ávila (1958, p. 321) afirmou que "o compromisso que este anel representa não foi ainda ratificado pela lei nem pela religião; mas a tradição,

consagrando-o através das gerações, nos impõe o dever de respeitá-lo". A narrativa da autora enfatizou o entrecruzamento entre a representação e a prática acerca de um mesmo modo que ultrapassava fronteiras e se fazia reconhecer por indivíduos de diversas culturas. Sobre essa dinâmica, se percebe a construção de uma memória funcional constituída a partir das ressonâncias de uma identificação projetada para além dos limites de um grupo ou um espaço geográfico. Compreendida assim como uma memória de função específica, caracterizada por se inscrever entre o pertencimento e a sensibilidade, mobilizando indivíduos dos mais diversos grupos, possibilitando o compartilhamento de ideais coletivos e afetividades pessoais. Os desejos construídos nos indivíduos atendiam, potencialmente, aos anseios íntimos e as expectativas sociais.

As transições conjunturais abrem flancos para as práticas tradicionais, ainda que reconhecendo as suas peculiaridades. O manual de Maria do Carmo Nickol prescreveu com detalhes a sequência lógica do noivado e estimulou o campo imagético acerca do dia do casamento.

Figura 40: O noivado, segundo Maria do Carmo Nickol



O PEDIDO OFICIAL

- Atualmente é quase sempre o próprio noivo quem faz o pedido oficial ao pai da noiva.
- Os pedidos de casamento devem ser feitos verbalmente.
- O anel de noivado é entregue pelo noivo no dia seguinte ao do pedido oficial.
- Hoje em dia, com a quase total emancipação da mulher, muitos casais contratam casamento e passam a usar anel antes do conhecimento dos pais.
- Os parentes do noivo visitam a família da noiva depois do pedido de casamento.

198

Fonte: NICKOL, 1968, p. 198.

As prescrições para o pedido de casamento apresentaram uma mescla do ritual tradicional e o contexto do presente da escrita da autora. Não obstante salientar "a quase total emancipação da mulher", a ilustração utilizada foi uma mulher vestida de noiva e um buquê de

flores, item, comumente, utilizado no dia da cerimônia. Se a narrativa escrita abriu possibilidades sobre as decisões serem centralizadas na vontade dos noivos acerca do evento de noivado, a iconográfica reforçou a idealização do ritual como o desfecho esperado para o referido pedido de casamento, onde se anunciava o benefício de um "final feliz". O caráter emancipado, destacado pela autora para a condição das mulheres, apresentava limites quanto à forma de finalização do processo, o qual deveria atender as expectativas familiares e sociais como um todo. A observância das novas conjunturas, por partes das autoras e autores, era tensionada pela existência de uma memória acerca do ritual, portanto, a função de gerar identificação reforçava a permanência da forma e a importância do evento.

A realização do noivado marcava o início de uma nova etapa na vida do casal, o qual participava sua escolha à sociedade pelo uso de um anel ou aliança. Depois dos anos 2000, a preocupação com o evento ainda encontrou espaço, tanto na prática, quanto na representação.

> O noivo costuma presentear a noiva com um anel de brilhantes ou uma joia de família, e a noiva optar por um presente especial, como um relógio ou uma caneta com a data gravada.
> Se for possível, dê um anel de brilhantes, não importa o tamanho das "pedritas", pois garanto que não há mulher que não goste disso (ARRUDA, 2003, p. 39).

A memória construída acerca do significado do presente oferecido pelo homem foi nutrida pela permanência do percurso de ações que antecedem o casamento em si. A informalização da prática permitiu a sua permanência no universo simbólico que significou a entrega de um anel ou uma aliança como a materialização de um compromisso afetivo entre os indivíduos. O processo de efetivação da união conjugal teria início em tal ato, portanto, foi considerado como parte do casamento na construção narrativa dos manuais. Exposta num membro raramente coberto pelo vestuário comum – a mão –, a joia comunicaria à sociedade que aquelas pessoas se comprometeram em um relacionamento que, possivelmente, desencadearia em um casamento. Se em um passado recente a entrega da joia servia como pedido oficial para se casar com uma mulher, em outro, mais recente ainda, continuava a cumprir a função de externar essa decisão ao grupo social em que se convivia.

> Houve um casal de médicos que decidiu colocar aliança e noivar. O rapaz chegou à casa da noiva com a joia no bolso. Foram até o terraço e, sem testemunhas, puseram as alianças. Eram oito horas da noite, e a família estava na sala, uma ocasião ideal para o noivo, descontraidamente, fazer a comunicação.
> - O que vocês acham de nós casarmos daqui a seis meses? Já estamos de alianças – disse ele, mostrando a mão da noiva aos futuros sogros (RIBEIRO, 2005, p. 211-212).

A formalização de intenções continuava a ser expressada pela materialidade da joia e o signo conhecido e aceito socialmente tinha o potencial de classificar os indivíduos entre casados e solteiros sem a necessidade de qualquer outro tipo de comunicado. A importância dessa parte do processo suscitava preocupação com eventualidades e, nesse sentido, a quebra do compromisso, após a formalização, também era motivo de atenção das prescrições na década de 1960. Sobre os rompimentos, Berthe Bernage (1961, p. 151-152) afirmou,

> É sempre um passo grave, sobretudo quando parte do noivo. A reputação da noiva sofrerá sempre com isso. Em geral, o noivo deve fazer constar que foi o repudiado. Mas sejam quais forem os maus efeitos de uma ruptura, não deve hesitar-se a chegar a esse extremo, mesmo perto do casamento. Vale mais que realizar uma união infeliz. [...] **Depois da ruptura** – O jovem enviará à jovem todas as cartas que ela lhe tenha escrito, as suas fotografias e as prendas.

Assim como no romance de José Eduardo Agualuza (2004), no qual eram fabricados passados para pessoas que desejavam selecionar seus esquecimentos, havia a tentativa de forjar um novo passado apagando os vestígios de um relacionamento que não se efetivou em casamento. Esse tipo de situação era considerada prejudicial para a "reputação", principalmente das mulheres, no sentido de que a inexperiência era uma das virtudes que lhes eram cobradas para se comprometerem com um pretendente. Desfazer-se das evidências materiais de um relacionamento anterior funcionava como "apagar um passado" que lhe desabonasse. Enquanto na década de 60 se recomendava que ao término do noivado, os noivos deveriam devolver presentes e correspondências trocadas, nos anos 90, Claudia Matarazzo (1995, p. 87) foi firme ao prescrever: "não devolva nada. A etiqueta tradicional manda que, uma vez rompido o noivado, todos os presentes sejam devolvidos. Eu sou contra. Presente é presente, e quem deu fez isso porque quis". Entretanto, essa postura menos conservadora de sua narrativa não se espraiava por todos os assuntos relativos a casamentos. A questão das escolhas das mulheres foi matéria recorrente nas prescrições e o tom tutelar de algumas posturas tinha vestígios de permanências.

> Quando o noivo é viúvo e a noiva está se casando pela primeira vez, o casamento pode ser absolutamente igual aos outros. A noiva de branco, com tudo o que manda a tradição. Se a noiva é viúva e o noivo se casando pela primeira vez, antes de mais nada, ela deve levantar as mãos aos céus e agradecer. Hoje em dia está tão difícil encontrar um homem disposto a encarar um casamento na igreja, quanto mais dois. Mesmo assim, o ideal é que mantenha a discrição. O vestido deve ser um pouco mais escuro (evite o branco ou o creme clarinho) e os adereços tradicionais, como véu e grinaldas, podem ser substituídos por enfeites sem nenhuma conotação simbólica (MATARAZZO, 1995, p. 89).

Essa preocupação em regular a apresentação visual de uma noiva com mais idade, que não estaria se casando pela primeira vez se relacionava às representações de pureza e castidade, as quais, durante muito tempo, foram sobremaneira valorizadas e, todavia, permaneceram como representações que circunscrevem o uso do vestido branco. Sob a ótica das prescrições, o casamento, para as mulheres, se inscrevia em uma temporalidade específica caracterizada pela juventude e a inexperiência. Essas características funcionavam como qualificativos que balizavam a *performance* feminina no dia de seu casamento. Na mesma esteira, Gloria Kalil (2004, p. 150) recomendou: "segundo, terceiro e quarto casamentos: evite os modelos com ares de mocinha fazendo seu *début* na vida (não é mais o seu caso). Prefira modelagens mais secas e cores *off white* (prata, gelo, *champagne*, bege, manteiga e rosado)". Essas sugestões podem ser ecos de períodos em que, em alguns grupos, o casamento era considerado o principal acontecimento na vida das mulheres, portanto, o primeiro teria maior importância e, se ocorresse novamente, deveria ser com discrição, evitando qualquer constrangimento ou comentários depreciativos.

> Este é o sistema mais usado entre nós, para todas as viúvas, moças ou não. Revistam-se, porém, de simplicidade as cerimônias de um segundo casamento: A igreja ou capela, se possível, adornada sem festões nem tules; a recepção, sempre em casa da noiva – almoço, lanche, etc., tudo simples (D'ÁVILA, 1958, p. 316).

Ainda que a condição da viuvez permitisse – perante a lei e a religião –, o *status* de segunda vez impunha algumas restrições à forma como ocorreria, e estas, recaíam sobre a mulher. Segundo Berthe Bernage (1961, p. 170), "o casamento de uma viúva faz-se geralmente na intimidade. Pode formar-se um cortejo ou abster-se deste cerimonial. O casamento de um viúvo com uma jovem não difere de outro casamento". A autora destacou, da mesma forma que Claudia Matarazzo, que a distinção tinha um recorte de gênero, dando a ver passados ressonantes que atuavam sobre modos e formas, evidenciando estruturas que amparavam determinadas maneiras de pensar e agir. A forma como as mulheres se apresentavam na ocasião de um casamento recebia especial atenção nas prescrições de autoras e autores. Marcelino de Carvalho (1961, p. 105) avisou: "pouca maquiagem e muita discrição, sobretudo ao entrar na igreja", reafirmando que a elegância era associada ao recato. O corpo das noivas foi matéria constante na etiqueta dos casamentos.

> Para a igreja, uma "toilette" discreta com mangas, para a cerimônia em casa, vestuário de luxo, e à noite, um vestido de baile. [...] Quando a cerimônia é seguida de recepção, é permitido que na igreja se esconda um vestuário espalhafatoso ou sem mangas, com uma capa de seda ou de peles. Mas, em qualquer hipótese, a celebração de um casamento é sempre um ato solene, requer o apuro de vestuários, que fazem a elegância da cerimônia (D'ÁVILA, 1958, p. 352-353).

O ritual no ambiente das igrejas evocava o respeito para com o caráter sagrado do lugar. O corpo não deveria estar exposto e nem chamar a atenção do outro, os adereços eram convenientes em um ambiente festivo, no entanto, o empenho na produção não comportava estilos demasiado exuberantes, pois, isso fugia à concepção de elegância. Décadas mais tarde, a perspectiva reverberava, afinal, "casamento não é baile, e pede roupa apropriada. Cerimônia religiosa exige certa contenção na exibição dos brilhos e do corpo. Decotes e fendas podem ser disfarçados e atenuados por xales e estolas, até a hora da festa, sinal de respeito" (KALIL, 2004, p. 147). Era perfeitamente aceitável que as tendências atuassem sobre as escolhas, entretanto, estas deveriam ser feitas com cuidado e parcimônia.

> Os vestidos de noiva não respeitam o vaivém da moda, mas acompanham a estrutura da silhueta do momento, especialmente nos ombros mais ou menos destacados. A linha clássica tem sido a preferida para não marcar determinada fase da moda e, mais tarde o traje parecer antiquado, nas fotos do álbum de família ou em vídeo (RIBEIRO, 2005, p. 225).

Ainda que a transformação dos modos permitisse novas práticas no ato do casamento, algumas concepções, assim como, os vestidos de noiva, se apegavam ao conceito de que o passado ditava o clássico, e este era expressão máxima de tradição que conferia distinção. Claudia Matarazzo (1995, p. 90) também recomendou: "Hoje é o seu grande dia. Você é a estrela principal, e tudo gira ao seu redor. Mas, segure-se, vá devagar e evite exageros. Um vestido simples é sempre mais elegante. Desconfie dos enfeites em excesso. Não pense que a noiva pode tudo". Gloria Kalil (2004, p. 148) refletiu e depois ponderou: "Noiva pelada. Os vestidos de noiva estão cada vez mais decotados. Tenho tido a sensação de que um dia uma delas vai ser barrada na porta por um padre mais conservador. Não exagere". Fabio Arruda (2003, p. 44) concluiu: "Evite um modelo de vestido sexy. Sem dúvida o dia é seu, mas o resultado não combina com o momento". Ou seja, as prescrições de um passado mais recente concordaram que os conselhos de discrição enfatizados em períodos mais recuados permaneceram válidos e deveriam ser repetidos, pois, comportavam ainda os mesmos significados e provocavam os mesmos julgamentos. A execução do ritual com todas as suas características se estabeleceu sob uma temporalidade que suspendeu o conceito – nesse caso, o de elegância – e permitiu que a sua atualização residisse justamente na permanência. Sobre a tentativa de deslocamento da atualização de sua zona estabelecida:

> Casamento é um ritual muito antigo e tem na noiva de branco, nas testemunhas e na reunião da família, abençoando a união do casal, a sua realização máxima. A entrada na igreja de uma noiva vestida como se espera provoca sempre uma emoção delicada e sincera nos convidados, preparados para esse ritual. E rituais são cerimônias que se repetem. Quando alguém quebra essa sequência, arrisca cortar aquela emoção que está

> no ar, e provocar até mesmo reações de rejeição. É o preço da ruptura (KALIL, 2007, p. 97).

A autora pensou sobre o complexo processo de reconfigurar a forma como a atualização dos modos ocorre. A reflexão elaborada por Gloria Kalil foi decorrente de um questionamento feito por uma interlocutora de suas narrativas a respeito de ela se casar, na igreja, com um vestido *pink* (cor-de-rosa forte) e, nesse sentido, a autora evidenciou a efetividade de um modo que já foi aceito e legitimado. A relevância adquirida pela expectativa social de cada grupo move a conduta dos indivíduos e os conduz ao estágio de hábito informalizado, naturalizando certas formas de conceber suas ações e minimizando a sujeição às críticas e julgamentos. Não é vetado o movimento de quebra do ciclo, no entanto, a autora advertiu que a ruptura pode ter efeito negativo sobre a estabilidade do ciclo e suscitar rejeição. E no caso de um significativo evento como o casamento, recomendou cautela. A internalização de práticas que repercutem de forma positiva, ou, ainda, sinalizam destaque dos indivíduos frente ao meio social em que estão inseridos constitui uma zona de segurança que os assegura determinadas condições. Sendo assim, a ousadia da mudança poderia ser reservada a outros setores do cotidiano.

Em dois manuais o olhar prescritivo sobre o casamento se estendeu, inclusive, sobre o seu final, pois, segundo Carmen D'Ávila (1958, p. 365) "as separações dos cônjuges são tão antigas quanto os casamentos". No subcapítulo dedicado ao tema, a autora expôs a complexidade da questão e a forma como incidia sobre as mulheres, deslindando os ideais da união conjugal como uma finalidade da vida e um ícone de felicidade. A autora alertou,

> Mas a arte de romper é complicada!... Requer muita calme e uma linha perfeita. Mesmo por que os homens, que, segundo Pascal, são governados mais pelos caprichos do que pela razão, muitas vezes procuram dar razão aos seus caprichos. [...] Divorciada, ou separada, a mulher obriga-se a uma grande reserva de atitudes (D'ÁVILA, 1958 p. 366-367).

O mesmo entendimento sobre a condição de mulheres que se separavam foi compartilhado por Berthe Bernage (1961, p. 171), concordando que "as mulheres separadas ou divorciadas devem usar de grande reserva". Como uma narrativa comum dos anos 50 e 60[104], o divórcio era uma prática que impactava de forma mais incisiva as mulheres. Como forma de minimizar esses desdobramentos que ocasionavam discriminações e violências simbólicas, os manuais faziam o alerta da mesma forma que reverberavam a cultura segregadora sobre as

[104] No estudo de Iáris Ramalho Cortês (2013) a autora discutiu as legislações que contemplaram direitos e deveres de mulheres, desde a primeira Constituição do Brasil. Nas décadas de 50 e 60 ocorriam debates acerca dos direitos civis e políticos das mulheres, sendo que a lei do divórcio se efetivou somente no ano de 1977, portanto, antes disso, a condição de mulher separada motivava o descrédito e a difamação de tais mulheres.

mulheres descasadas. Esse tipo de questão não foi abordada nos manuais produzidos depois dos anos 2000, entretanto, foi possível perceber a diferenciação entre as mulheres casadas e descasadas nas prescrições sobre a vestimenta e as cerimônias com noivas de segundo casamento. A (des) qualificação foi travestida de bom senso para determinar que a estreia como noiva é única e os outros momentos serão definitivamente diversos. A evolução da legislação (CORTÊS, 2013) e as mudanças culturais afastaram a concepção de imoralidade atribuída às mulheres separadas ou divorciadas dos anos 50 e 60, todavia, a classificação permaneceu, ainda que de forma atenuada e sutil. O fato é que os significados acerca do casamento reverberaram sobre as escolhas das mulheres no século XXI e continuaram como uma memória funcional que organiza as relações. Em meio às disputas e mudanças, Gloria Kalil ponderou:

> As novas famílias, constituídas de pais separados e de outros casamentos que fazem surgir mais irmãos e parentes, exigem flexibilidade e uma nova edição das regras de etiqueta, pois não há jurisprudência formada sobre esses comportamentos. Até porque são tantas as novas composições familiares que não houve tempo hábil para classificá-las e organizá-las. Vamos deixar que as novas regras se formem ditadas pelo afeto e pelo bom senso (KALIL, 2007, p. 94).

No caso do casamento, arrisco a pensar que as mudanças se ajustaram ao ritual e não o contrário. As transformações das práticas sociais não diminuíram a expressividade da representação e engendraram formas de existir no construto de uma tradição. Os sujeitos, os recursos materiais e as subjetividades do século XXI se desdobraram em pontos de convergência que possibilitassem a sua inscrição no ritual. Com adaptações e permutas os casais continuaram a compreender a cerimônia do casamento como um evento válido, marcador de vivências e que deve ser executado com destaque na produção de memórias agradáveis. Se as relações afetivas passaram por uma série de abreviações ou se as experiências cotidianas confluíram para um distanciamento de alguns protocolos, a repetição do ritual faz emergir passados correlatos que a cada execução são vividos de forma nova e única, mas, nem por isso deixam de ser passados. A continuidade da forma estimula a permanência de alguns significados e repercute sobre construção de prescrições conservadoras que tendem a limitar os excessos e regular as mudanças. Ainda que Gloria Kalil afirme ser o casamento um evento no qual se permite “exóticas fantasias”, os elementos estruturantes persistem na ritualização da cena e, quanto menos ousam os noivos, mais se aproximam da forma idealizada: um casamento de contos de fadas.

Não é o caso de afirmar que nada mudou. As novas tendências materiais e subjetivas promoveram uma renovação na concepção de rituais como o casamento. Algumas práticas, antes fundamentais, caíram em desuso e, no âmbito das relações sociais, foram abolidas. Se no

século XXI, não é mais essencial que se promova um encontro no qual um homem oficializa um pedido de casamento ao pai de uma mulher, resquícios dessa prática são conservados e adaptados de forma que dispensem formalidades e não ofendam as individualidades construídas. Não obstante a sociedade ter desenvolvido novos arranjos familiares, novas sociabilidades ou novos laços afetivos, a força do ritual sobreviveu como um rito de passagem que pode ser vivenciado pelos mais diversos grupos e das mais diversas formas. As rupturas negociaram com as permanências em prol da continuidade do ritual, o qual se reinventa à luz do movimento das sociedades, que continuam a se casar.

5.3 *PLUS ÇA CHANGE, PLUS ÇA RESTE LA MÊME CHOSE!*[105]

> Transgredindo uma série de regras, conheço bem aquela sensação de "nada me obriga a seguir este modelo, posso muito bem ir pela minha cabeça". Claro que se pode. Mas, no que diz respeito à etiqueta, as regras existem para facilitar nossa vida e não para complicar. São formas de comportamento testadas e modificadas através dos séculos para que o entendimento entre as pessoas possa fluir com mais naturalidade. Seguindo algumas diretrizes básicas, a chance de vivermos melhor é muito maior do que se inventarmos novos códigos de comportamento que só farão comprometer o equilíbrio de nossas relações. Para quê? (MATARAZZO, 1995, p. 11)

As autoras e autores constantes na tese, recorrentemente se referiram à questão da tradição como forma de lastrear as escritas e estreitar os vínculos com passados de distinção. Essa relação, construída algumas vezes de forma artificial a partir de eventos que não fizeram parte do repertório de experiências das leitoras e leitores, se inscreve nas práticas adquiridas por meio da formação ou da convivência. Não raro, são informalizadas e naturalizadas, como formas e modos intrínsecos à determinados contextos. O passado se torna um referencial entendido como indiscutível e a abertura para mudanças permanece condicionada a práticas que visam a manter o equilíbrio mencionado por Claudia Matarazzo. A elaboração dessa mobilização temporal em relação ao passado não se dá por vias únicas e implica em um aparato social que a torne legítima e viabilize sua permanência.

As narrativas veiculadas nos manuais não eram discursos dispersos, mas, representações de determinados tempos com intuito de estabelecerem padronização e continuidade. Os costumes classificados como tradicionais pelas (os) autoras (os) de manuais de etiqueta e boas maneiras, comumente, se referiram a uma ancestralidade que remontava aos salões de corte e aos saraus que reuniam uma elite aristocrática – no Brasil ou não – no sentido de identificar

---

[105] Frase escrita no manual *Cortesia* de Margery Wilson, no capítulo XIV, chamado *Cartas e cartões***,** traduzida pela autora como "quanto mais a coisa muda, tanto mais se parece com o que era antes" (WILSON, 1947, p. 135).

referências a esses passados por meio de seu enaltecimento. A apresentação do manual de Margery Wilson, escrita por Gilda Marinho, referindo-se àqueles que buscavam a leitura do manual como formação, deu alguns indícios de tal relação.

> Muito embora desejem praticar os usos de uma sociedade requintada, de maneiras perfeitas e atitudes impecáveis, não sabem, já por falta de prática, já por acanhamento pessoal, agir de acordo com os preceitos de rigor, estabelecidos pra certas e determinadas ocasiões (WILSON, 1947, p. 13).

Os modos, segundo a apresentadora do livro, eram instituições já dadas com o prestígio de serem apropriadas e praticadas da forma mais fiel possível pelos ascendentes a uma "sociedade requintada". Essa concepção sobre as boas maneiras que foram tratadas na obra pressupunha uma anterioridade que autenticava a retidão das práticas a serem apreendidas e era convergente ao curso, supostamente natural, de um processo civilizatório que previa o aprimoramento. Comumente a sociedade brasileira foi colocada em desvantagem nesse percurso. No texto introdutório do manual *Snobérrimo* (1966), Marcelino de Carvalho, utilizou treze páginas para responder ao questionamento que intitula o texto: *Por que Snobérrimo?* Sua extensa resposta se assemelhou ao estilo coluna social, no qual eram destacadas personalidades importantes de algum círculo social seleto, suas práticas, seus bens e sua relação com ala vanguardista da sociedade. As narrativas de Carvalho mobilizaram experiências de leituras próprias ou de pessoas conhecidas como exemplaridade a ser observada. Em certa medida o autor se referiu às sociedades francesa e britânica como geradoras de grupos seletos com comportamentos refinados, entretanto, reconheceu as limitações de possíveis analogias.

> Mesmo sem longas tradições, sabemos que – neste próprio Brasil – está superada a fase da nobreza com árvore genealógica e anel de armas e brasões, o que não impede que alguém possa citar – o mais despreendidamente possível – o nome de um bisavô que tinha um título nobiliárquico [...] Hoje em dia – e isso é generalizado nos outros quatro continentes – a fortuna fala mais alto do que a nobreza, por que é mais fácil comprar um título com dinheiro do que arranjar dinheiro com o simples fato de ter três ou seis gerações de sangue azul. Mas é necessário mostrar a fortuna por meios indiretos e camuflados (CARVALHO, 1966, p. 7).

A distinção preconizada por Marcelino Carvalho dialogava com passados ao mesmo tempo em que se alocava no presente dos indivíduos e suas condições materiais. O autor especificou que não seria mais suficiente ter uma procedência nobre para distinguir-se, era necessário agregar os modos aristocráticos aos bens materiais e, dessa forma, os seus manuais serviriam como guias para facilitar as relações no caso da ausência de alguma das condições.

No manual de Amy Vanderbilt, o enfoque foi semelhante ao de Margery Wilson, ainda que o prefácio não tenha sido assinado pela autora. No prefácio, alguns apontamentos:

> Ao trazer à publicidade este livro, moveu-nos o desejo de ver difundido em nossa pátria os princípios básicos e universais da arte-elegância que se denomina Etiqueta, a fim de que brasileiros e, principalmente, brasileiras, deles se possam utilizar em favor de uma existência, requintada ou simples, mas sempre adornada com toques de beleza, de distinção, harmonia e graça (VANDERBILT, 1962, p. XVIII).

No sentido de validar a escrita da autora, a etiqueta foi apresentada como prática universal e universalizante, uma vez que deveria ser divulgada para além dos limites geográficos das nações, as quais, em tese, desenvolveram-se antes. A autora em questão se apresentou na *Introdução* como pessoa qualificada para tratar do assunto e explicou a metodologia utilizada para elaborar a obra: "depois de dez anos como conselheira de etiqueta, quatro anos escrevendo este trabalho – quatro anos entrevistando dezenas de autoridades em diversos setores em busca de material a incorporar aqui" (VANDERBILT, 1962, p. XIX). Sua escrita foi construída por meio da pesquisa, mas, também pela vivência familiar que foi explicitada nas referências a sua linha de descendência, sua educação "em parte, europeia", suas viagens pelo país e pelo estrangeiro, enfim, a evidência do capital cultural que expôs o lugar do qual falava e lhe conferiu a legitimidade para empreender sobre o assunto.

A interlocução entre a experiência e os estudos permitiu que a autora enfatizasse a eficiência da continuidade dos modos. A costura de uma rede de similitude entre as diversas formas de comportamentos sociais estudados pela autora, suas vivências em outros países e a sua herança cultural familiar remete a uma forma de compartilhamento que qualifica determinados indivíduos para atuar na formação dos modos, na qual conhecimento e vivência têm participações semelhantes. A dinâmica desenvolvida entre os grupos que constituem essa rede se assemelha ao movimento de sincronização de ideias e ações ocorrido entre grupos sociais pensados por Elias (1993), que, cada vez mais interdependentes, demandavam códigos de identificação e distinção próprios. Nesse sentido, Amy Vanderbilt corroborava tendências europeias, validando-as em seu espaço norte-americano e a tradução de seu manual colocava em circulação as prescrições duplamente autenticadas. A partir de um entendimento hierarquizado pela constituição dos Estados, o brasileiro se configurava em um espaço da rede que recebia um repertório acumulado. Na mesma clave de Marcelino de Carvalho, o qual adotou como referência as elites sociais – ainda que, de outros lugares e outros tempos – Amy Vanderbilt elaborou algo próximo de uma genealogia da existência do grupo que a circunscreve, construindo uma narrativa eloquente acerca da forma como os modos se instituíram, colocando a sua ascendência como exemplaridade de processo civilizador efetivo e que teve êxito. No intuito de elucidar a discussão, considerei necessária destacar o seguinte excerto:

> Nos países novos – e o nosso é por certo um deles se levarmos em conta os dois mil anos de Paris – os livros de etiqueta têm um lugar muito importante. As transformações físicas e econômicas que sofre o país trazem inevitavelmente transformações sociais. Os pioneiros de uma terra virgem chegam naturalmente como trabalhadores, pois todas as mãos são necessárias, as comodidades de vida equivalem a prêmios, e assim pouco ou nenhum vagar ou dinheiro existe para o imediato desenvolvimento de uma aristocracia. Eis porque todas as velhas famílias americanas, inclusive a minha, possuem aqui fortes e singelas raízes. Algumas poderão ter trazido com elas as maneiras de salão de mais antigas civilizações, mas acharam que muitas das finuras do viver exigiam adaptação – ou melhor, tinham de ser afastadas – nesta vigorosa, atarefada terra nova (VANDERBILT, 1962, p. XX).

O passado selecionado pela autora destacou que os primeiros antepassados a se instalarem em território norte-americano tiveram uma existência simplória, voltada para a construção de bens e riquezas. Entretanto, não foi ignorada a informação de que alguns eram dotados de civilidades peculiares, compartilhadas entre os frequentadores de círculos sociais seletos. A autora valorizou a atitude dos ascendentes que se entregaram aos comportamentos de uma vida simples com o objetivo de se dedicar com afinco ao desenvolvimento por meio do trabalho árduo e buscaram ascensão econômica em um lugar desconhecido e pouco explorado. As "raízes nobres" permaneciam lá no passado e, enfim, prontas para serem revigoradas pela ascensão econômica e a configuração de teias de poder. Famílias como a de Amy Vanderbilt serviam de inspiração para sua escrita que, a rigor, era apenas um elo que possibilitava reaver códigos e significados abandonados temporariamente pela condição de imigrantes. É possível que para a maior parte das leitoras e leitores esse elo fosse inexistente, no entanto, a "invenção" dessas heranças simbólicas possibilitava o pertencimento e estimulava o compartilhamento, formando grupos com modos e interesses distintos, nos quais se aproximavam as afinidades em torno do poder econômico, político e, por que não, cultural.

A elaboração de memórias funcionais coletivas que abarquem uma noção de pertencimento sem limites geográficos, linguísticos e até culturais por meio dessas narrativas, diz respeito ao entendimento sobre o próprio conceito de civilização utilizado para balizar os modos socialmente aceitos. Naquele período, se brasileiros aprendessem a "ser civilizados" como europeus, se colocariam sob o mesmo qualificativo e isso era sinônimo de sincronia com seu tempo e com classes "bem-sucedidas", com desejos de distinção como pano de fundo. Compartilhar de memórias lidas e não vividas, apreendê-las e torná-las práticas estava associado a continuidade e a tradição. A repetição amparava a ideia da tradição e se tornava possível por intermédio da memória.

Considerando o intervalo de tempo entre os manuais de Margery Wilson (1947), Amy Vanderbilt (1962) e Marcelino de Carvalho (1961; 1966) é possível supor que eu tenha abordado narrativas de um tempo menos acelerado e, por esse motivo se assemelharam as

formas de mobilizar os passados e elaborar os vínculos. Com percursos diferentes, cada escrita se reportou a passados significativos para seus autores, reunindo argumentos provenientes de experiências e conhecimentos percebidos a partir de outras culturas. Mesmo o brasileiro Marcelino de Carvalho utilizou-se de exemplos franceses e britânicos para narrar seu entendimento sobre o refinamento dos modos. Naquele período, no qual a circulação de ideias ocorria de forma mais lenta, a leitura de livros ou periódicos e a vivência se apresentavam como relevantes fontes de informação para conhecer diferentes contextos e contribuíam para a ilustração dos escritores de etiquetas.

Ainda que de forma mais lenta, essa interação cultural respaldou as afirmações feitas por Claudia Matarazzo na epígrafe deste subcapítulo. Segundo a autora, no que tange à etiqueta, havia regras pré-concebidas que serviam para nortear as ações dos indivíduos e segui-las seria muito mais fácil e conveniente para uma interação pacífica. Matarazzo destacou sua personalidade transgressora e a contrapôs ao constrangimento causado por não estar de acordo com determinadas formas. O caráter tradicional emergiu no excerto com o destaque sobre a eficiência de tais formas e a sua longevidade. Porque então mudar, se permanecer igual é mais fácil? O argumento de preservar um suposto equilíbrio sobre as relações estimulou a autora a deixar à mostra sua faceta estrutural, a qual considerava conveniente preservar alguns modos e formas sociais sob a justificativa de não ter que pensar uma outra ordem, porque essa já fora testada e aprovada há muito tempo. Foram estratégias de tornar o passado pertinente, referencial e legítimo.

Vistas por outro ângulo, as estratégias poderiam ser renovadas com o foco sobre o mesmo tipo de passado, sob a suspeita de permanecer com os mesmos intuitos. Havia indícios desse tipo de uso do passado também em narrativas produzidas depois dos anos 2000. O manual de Celia Ribeiro (2005), *Etiqueta século XXI*, optou por outra forma para estabelecer relações com o passado, mas, não o deixou de fazer encerrando cada uma das quatro partes do manual com breves referências históricas sobre os tópicos tratados na parte correspondente. Essa seção do seu manual foi nomeada *Da História* e apresentou informações no sentido de evidenciar uma continuidade dos diversos temas abordados na parte que se encerrava.

> Os modos delicados da era de Luís XIV e seus sucessores, segundo Voltaire, "transformaram uma nação turbulenta como a França em um povo pacífico, perigoso só para os inimigos". A palavra cortesia se originou também na corte, das atitudes dos nobres que frequentavam o palácio real, procurando agradar o soberano como mandava a etiqueta. Esse formalismo teatral extrapolou os muros palacianos e foi imitado pela burguesia emergente. Com a Revolução Francesa caiu um sistema político, cabeças rolaram, mas não os costumes da Versailles de Maria Antonieta. Napoleão Bonaparte reproduziu tudo aquilo e nunca houve protocolo tão rigoroso como o de suas recepções (RIBEIRO, 2005, p. 78).

O breve texto de Celia Ribeiro valorizou a evolução dos modos da corte e os considerou uma inspiração para transformações ocorridas além do ambiente palaciano. O refinamento atribuído aos integrantes da nobreza se constituiu em ícone social a ser copiado e continuado. O aprendizado e a incorporação de modos polidos sugeriam a aproximação de grupos sociais distanciados econômica e politicamente, portanto, incentivando outros indivíduos que, por relações de trabalho ou parentesco, circulavam naquele meio. Mesmo em situações extremas – como a Revolução Francesa – a cortesia era observada, dando continuidade à sua disseminação. Com relação às mulheres, a autora destacou algumas situações que permitiram entrever a sua concepção de modos de mulheres.

> Nos banquetes da Antiga Grécia, eram convidadas algumas mulheres privilegiadas por sua inteligência e o dom de estabelecer uma conversa agradável. Assim, elas transformavam extenuantes banquetes em alegres reuniões. A maioria, no entanto, recebia muito pouca informação e apenas tocava cítara e flauta, contribuindo para tornar as reuniões de características masculinas mais amenas. Durante o Império Romano, houve uma que fez fama por saber conversar: Calpúrnia, a mulher de Júlio César. O imperador a incluía nos banquetes porque ela conseguia quebrar as barreiras políticas entre certos convidados especiais, a ponto de, informalmente, exercer um trabalho diplomático (RIBEIRO, 2005, p. 77).

Não obstante a autora ter contextualizado os costumes utilizados como referências de etiqueta, se faz necessário pensar sobre os limites da sua escolha e a elaboração da sua narrativa. Dentre os cinco textos que compõem a seção *Da História*, o tópico pensado para abordar a condição de mulheres no contexto da etiqueta social remeteu às suas "utilidades" nos ambientes considerados masculinos. A escolha por narrar a atuação feminina em complementaridade à masculina mobilizou no passado condições, em tese, já superadas. O destaque conferido às mulheres com eloquência para desenvolver um diálogo abordava a existência de funções as quais elas eram determinadas – tocar cítara e flauta – e as que auferiam por suas habilidades incomuns. Sem qualquer inferência de ser o excerto ilustrativo ou inspirador, a condição de mulheres da Idade Antiga aparece como uma decorrência de seu desempenho nos ambientes públicos, as com maior desenvoltura recebiam algum protagonismo. A autora não atribuiu às mulheres do século XXI uma condição figurativa, entretanto, evidenciou uma anterioridade que lhes era passível de pertencimento.

Na terceira parte do manual, na qual tratou de festas e comemorações, Ribeiro destacou os modos de jovens mulheres.

> Durante a Belle Époque, nos últimos anos do século XIX, moças e rapazes parisienses tinham aulas de dança e postura. As mães achavam que a dança, pela proximidade do

> par, estimulava o casamento. Era o tempo do *carnet* de baile, uma agenda minúscula com a capa da madrepérola e uma lapiseira de ouro pendente por um cordão de seda. As páginas do *carnet* tinham uma pauta e cada linha correspondia à reserva de uma dança, assinada pelo rapaz. A mãe da casadoira não permitia a um rapaz assinar mais de três marcas. Combinado com a namorada, não era raro ele driblar a censura e atravessar a assinatura em todas as linhas do *carnet* de baile. Ambos dançavam de luvas brancas, para não haver o toque direto na pele. Demasiado sensual! (RIBEIRO, 2005, p. 207-208)

Nesse tópico *Da História* as referências ao modo como jovens eram vistas e tratadas na *Belle Époque* deram a ler as formas de contenção do comportamento feminino e a preocupação social em se fazer cumprir o destino do casamento. A estratégia narrada pela autora evidenciou as tensões, as resistências e, inclusive, a normatização das relações, haja vista, o controle ser documentado, por escrito e assinado. No entanto, a aparência do *carnet* de baile e o uso das luvas brancas deram o tom romantizado à cena e estimularam o poder imaginativo de leitores e leitores, pensando o quão leve e feliz seria aquele passado. Essa vinculação se dava de forma sensorial, suscitando lembranças não vividas, entretanto, constitutivas de um repertório de imagens apreendido pela memória. A leitura e seu potencial de transpor limites físicos e imagéticos é atuante no estabelecimento desse tipo de relação temporal. Sem qualquer identificação concreta com determinadas situações é possível compartilhar das práticas de um contexto e lhes dar continuidade. A narrativa *glamourizada* de um período difícil para as escolhas femininas o tornava leve e aprazível, fácil de ser abstraído pela memória.

A produção de etiquetas para os "novos tempos" – segundo a proposta que o manual de Celia Ribeiro expressou no subtítulo – representava uma adequação dos modos às demandas emergentes de um período assolado por muitas mudanças de ordem social, cultural e tecnológica. Sob essa perspectiva, a autora escreveu sua obra integrando os diversos temas que permeiam a convivência de grupos sociais no século XXI, entretanto, essa premissa não foi determinante no que se refere à perspectiva temporal que amparou a organização da escrita da autora. Centrada no presente, voltada para o futuro, a narrativa utilizou-se de correlações com passados abstratos, significando-os e lhes dando uma funcionalidade, tornando as transformações verificadas no presente em decorrências de uma anterioridade legitimada por modelos culturalmente desconexos. Num movimento de retomada de passados nobres, Celia Ribeiro quis ilustrar que "quanto mais a coisa muda, tanto mais se parece com o que era antes" (WILSON, 1947, p. 135), instigando leitoras (es) a vincular a etiqueta e as boas maneiras do século XXI como um desdobramento inevitável dos tempos da corte europeia.

A presença da seção *Da História* no manual de Celia Ribeiro dá indícios sobre a existência de pontos de estruturação, uma vez que, para além de oferecer uma referência

histórica para determinados eventos ou práticas, ofereceu possibilidades de diálogo com contextos não vividos, mas, acessíveis por meio do compartilhamento de modos e formas e a identificação de elos de continuidade. Se os costumes refinados podem ser o desdobramento de um processo cumulativo, os passados contêm a anterioridade do presente. Essa aproximação pode ter efeito sobre o campo subjetivo ou prático, procedendo adaptações ao presente vivido. Essa negociação temporal, expressa no manual de Celia Ribeiro, permite um equilíbrio na dosagem do passado, mas, não o invisibiliza, portanto, demarca uma presença e torna explícita sua atuação. O olhar para o futuro anunciado pelo título do manual buscou referenciais em eventos selecionados no passado como forma de evidenciar um processo.

Essa construção de referenciais foi também mobilizada por Gloria Kalil (2004) em *Chic[érrimo]*. Sua estratégia foi fazer uma breve referência, no final da obra, ao que considerou como *Os regimes históricos da etiqueta*. A autora optou por dividir sob quatro temas a etiqueta pensada como um conjunto de regras de civilidade. Sob os tópicos: *Etiqueta humanista*, *Etiqueta de corte*, *Etiqueta burguesa* e *Etiqueta em novo regime*, Kalil organizou cronologicamente um processo evolutivo das percepções sobre a etiqueta. Os textos explicativos são curtos e buscam informar o lugar da etiqueta no período nomeado. Os tópicos ocuparam a parte final do manual – apenas antes de um teste para leitoras (es) e a bibliografia – colocados como conclusivos ao mesmo tempo que legitimadores de toda a leitura feita. Segundo seus textos, os pontos de referência utilizados pela autora remontam ao século XIV, período no qual,

> O perfeito cortesão já não é mais apenas o nobre de sangue, mas aquele que busca excelência física, moral e social pela incorporação da cultura (letras a artes da Antiguidade Clássica), pela interiorização e domínio de todas as habilidades humanas e pelas regras de convívio social (KALIL, 2004, p. 250).

A sinalização de uma anterioridade alocada nos reinos do Ocidente, especialmente na França e Itália, segundo a autora, se apresentou nos manuais como o início de um processo que resultaria nas práticas dos séculos XX e XXI. Admitida a sua maior longevidade no processo civilizacional, a Europa se apresentou como espaço de produção de um tipo de sociabilidade que serviria de exemplo para outros lugares. Um aspecto interessante da obra da autora é que em sua bibliografia consta *O processo civilizador* de Norbert Elias, sugerindo como se construíram os posicionamentos e as escolhas para tratar do assunto etiqueta e boas maneiras. Elias foi citado pela autora nas páginas em que trata de “modos à mesa ao longo dos séculos” (KALIL, 2004, p. 108-109) a partir de excertos referentes aos costumes dos séculos XIII, XVI, XVII e XVIII. A ideia de que os modelos foram transformados e continuados em práticas

individuais e coletivas sugeriam aproximação entre as sociedades europeias e latino-americanas e isso era visto como um fator positivo no que tange ao aprendizado das boas maneiras. O compartilhamento dos modos pode ser um ponto de convergência social e de identificação cultural, e se comportar como os grupos considerados ícones no assunto denota sincronia com o processo em curso.

No último tópico d'*Os regimes históricos da etiqueta* a autora apontou sinais de transição e demarcou uma nova estratégia.

> ETIQUETA EM NOVO REGIME
> Em meados do século XX, o regime burguês da etiqueta começou a desmoronar. O bom-tom, o bom gosto e o bom senso burgueses passaram a ser violentamente contestados, e seus códigos, desprezados e afrontados. Ficamos então sem códigos? A etiqueta perdeu o sentido? Nem pensar! O que precisamos é de uma nova maneira de encarar a etiqueta. Não ser passivos diante dos códigos – usá-los com liberdade e conhecimento de causa. Com sentido. Agir por escolha, mostrando em cada gesto o que se pensa e quer da vida. É esse o novo regime de etiqueta que propomos: o da autonomia, sem perder de vista o Outro e o Mundo (KALIL, 2004, p. 251).

Referenciando passados remotos para produzir sua narrativa voltada para o futuro, a autora expôs as tensões depreendidas de um período de tempo acelerado, assolado por inúmeras mudanças. Como uma mulher inscrita nesse período e participante das mudanças, a autora problematizou a ressignificação da etiqueta e das boas maneiras e o seu novo *status* em uma sociedade em transição. Sua postura não foi passiva diante da complexidade da questão – haja vista que as memórias e os costumes operam mudanças em média e longa duração – a qual impactou sobremaneira a sua produção e o seu campo profissional. Gloria Kalil abriu flancos para pensar outras perspectivas para a etiqueta e reelaborar um espaço possível nas relações sociais.

Na clave da correlação com passados, o manual de Fabio Arruda desenvolveu um diálogo diferente com leitoras e leitores. As referências a passados estavam presentes no manual, entretanto, foram pulverizadas ao longo da totalidade das páginas. O autor utilizou caixas de comentários de dois tipos, nas quais escreveu sobre a procedência da expressão ou assunto tratado na página e sobre opiniões pessoais. Sob o título *Curiosidades* as caixas de texto continham explicações sobre a origem de algum termo do texto, citações de pessoas famosas, um evento histórico que se relacionasse ao tema da página ou alguma curiosidade acerca de usos e costumes.

> Vale lembrar que a 'famosa' saída à francesa é com beijo ou cumprimento. Em geral a expressão é usada de forma equivocada no Brasil, pois a saída à inglesa é que é sem beijo ou cumprimento (ARRUDA, 2003, p. 22).

> Originalmente na Grécia, os buquês não eram feitos apenas de flores, e costumava-se incrementá-los com ervas e temperos. Os de cheiro mais forte, como os de alho, eram usados para espantar maus espíritos (ARRUDA, 2003, p. 46).
>
> Até a Revolução Francesa a sopa era servida com garfo devido à sua consistência (ARRUDA, 2003, p. 99).
>
> A origem do termo *vernissage* vem do século passado quando os artistas boêmios, ao terminar uma obra com verniz, convidam os amigos para apreciá-la degustando um vinho (ARRUDA, 2003, p. 127).

As curiosidades encontradas ao longo do manual estavam relacionadas ao passado do assunto, as quais funcionaram para elucidá-lo e dar confiabilidade. A correlação entre os tempos e os espaços se beneficiou do tempo da leitura que possibilitava se apropriar da prescrição e de sua referência na fluência das páginas. Associando a aparência das páginas ao padrão de textos produzidos na tela de um computador, o autor passou uma mensagem de conexão com seu presente, dando nova embalagem ao produto já conhecido. Essa relação sintoniza os anseios de aprender modos que facilitem o percurso futuro e que ofereçam a garantia de êxito junto ao grupo social em que se inscreve. Se as prescrições têm lastro, se foram "testadas", se permaneceram, preenchem os critérios de diferenciação e refinamento que buscam as leitoras e leitores dessas obras. A elaboração de narrativas que permitam evidenciar passados válidos constitui um repertório de coisas a serem lembradas, de práticas a serem repetidas, contribuindo na identificação de grupos.

De forma peculiar, cada autora e autor buscou suprir as demandas do seu presente. De acordo com as transformações sociais de cada período, as escritas anunciaram sincronia com os "novos tempos". As mudanças de contexto, de linguagem e mesmo de costumes não impactou de forma efetiva a forma de tratar sobre etiquetas e produzir prescrições. Os manuais foram escritos sob a perspectiva de continuidade de algo já existente, em busca de um aprimoramento. Esse "algo" está, comumente, associado aos modos provenientes de outras culturas e simboliza civilização. A ação de recorrer aos eventos anteriores elucida uma forma específica de produzir lembranças e transformá-las em práticas dispensadas de qualquer dispositivo de cobrança. Permanece em aberto como leitoras e leitores se relacionam com essas propostas, bem como, quais medidas de passados podem ser identificadas em seus presentes, todavia, essa seria uma outra proposta de pesquisa que, nesse momento, se inscreve somente no campo das ideias.

5.4 VESTÍGIOS ESTRUTURAIS: A MEMÓRIA ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Em uma matéria intitulada “Danuza Leão: ‘O Globo de Ouro me pareceu um grande funeral’”, a referida escritora questionou os limites do entendimento sobre o assédio e fez críticas a uma “onda de denúncias” ocorrida no campo das produções cinematográficas estadunidenses. Tais declarações causaram polêmica por se tratar de um assunto em tensão, entretanto, a autora possibilitou entrever as múltiplas dimensões temporais que coabitam as experiências e, por conseguinte, configuram formas de pensar e se relacionar com o mundo. Alguns aspectos de sua relação com o tempo foram evidenciados.

> RIO — Um grupo de cem artistas e intelectuais franceses levantou polêmica ao publicar no jornal "Le Monde" um artigo defendendo a liberdade dos homens de "importunar" as mulheres com "paqueras insistentes" e "galanteios". A declaração foi dada como resposta à cerimônia do Globo de Ouro, que serviu de palco para manifestações contra o assédio sexual. Para a escritora Danuza Leão, as francesas estão certas: "o Globo de Ouro pareceu um grande funeral", disse ela.
> Leia o depoimento de Danuza ao GLOBO:
> *"O que não está claro para mim é o conceito de assédio. É uma paquera? Avanços sexuais entre homens e mulheres começam sempre de um lado. Às vezes, o outro lado não quer, e isso é normal. Como definir?*
> *Espero que essa moda de denúncia contra assédio sexual não chegue ao Brasil. O que aconteceu no Globo de Ouro me pareceu um grande funeral. Apesar dos vestidos lindíssimos, acho que aquelas mulheres (que foram à cerimônia de preto) foram muito pouco paqueradas e voltaram sozinhas para casa.*
> *Não acho que as denúncias de assédio possam gerar uma ‘caça às bruxas’ porque são uma coisa ridícula, para começo de história. É doloroso saber que uma mulher pode fazer uma acusação e tirar o emprego de um homem. É algo pecaminoso. Mas isso é coisa de americano. Lá eles não têm noção de sexo. É ótimo passar em frente a uma obra e receber um elogio. Sou desse tempo. Acho que toda mulher deveria ser assediada pelo menos três vezes por semana para ser feliz. Viva os homens”*.[106]

As declarações proferidas pela autora Danuza Leão causaram imediata controvérsia entre leitoras (es) do Jornal e motivaram inúmeras reações em sua página de perfil na rede social *facebook*[107], na qual, ela compartilhou a reportagem. A entrega do prêmio destinado a produções cinematográficas em âmbito internacional, chamado Globo de Ouro, em 2018, foi utilizada como oportunidade para manifestações de atrizes renomadas contra os assédios cometidos em seu meio profissional. A questão, acolhida por alguns grupos e criticada por outros, foi alvo de comentários por parte de Danuza Leão. Na análise da publicação no perfil da autora, até a data da coleta de dados (11/05/2018), foram registrados 143 comentários[108],

---

[106] Reportagem veiculada no sítio eletrônico do Jornal *O Globo*, em 10 de janeiro de 2018. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/danuza-leao-globo-de-ouro-me-pareceu-um-grande-funeral-22271999. Acesso em: 12 jan. 2018.

[107] Na estabilização dos dados de pesquisa, feita no dia 11 de maio de 2018, às 16:18, os indicadores da publicação marcavam 223 reações. Sendo 109 manifestações de raiva, 72 curtidas, 27 manifestações de riso, 8 manifestações de amor, 6 manifestações de tristeza e 1 manifestação de espanto. Ainda foram registrados 143 comentários, entre os quais, alguns foram destacados no corpo do texto. As reações aos comentários e as respostas não foram contabilizadas para efeito dessa análise.

[108] Alguns comentários foram considerados extensos, sendo que o maior alcançou 717 palavras, um padrão incomum para textos publicados em redes sociais.

todos em desacordo com o posicionamento da autora quanto à questão do assédio às mulheres. Essas reações me permitem destacar o descompasso da autora com seu tempo[109] e a sua pouca familiaridade com as discussões acerca do tema. Além disso, é possível pensar acerca dos passados constitutivos de um presente, suas operações de seleção de memória-lembrança. Alguns comentários de interlocutoras (es) corroboram tal percepção.

> Talvez você não tenha percebido, mas estamos em 2018. Acho que você errou a época em que estamos.
>
> Danuza fez seu próprio funeral com esse texto. Mostrou que não existe mais como mulher, que não se encaixa mais nos tempos de progresso e repúdio ao machismo, que sua mente ficou no passado, e por isso, não tem mais condições de se manter no presente.
>
> O tempo que você viveu já acabou. Percepção e sensibilidade. Sabe mesmo o que significa? Entenda.
>
> Mulher retrógrada que vive em outra época, no passado, não no futuro.
>
> O nome disso é conflito de gerações. Essa senhora não conseguiu acompanhar as mudanças no modo de pensar da sociedade atual.
>
> A sociedade não aceita mais um embuste desses. Textos assim não passarão. Quem não foi capaz de evoluir com a História, pertence ao passado, e deve ter a dignidade de permanecer lá. A etiqueta também exige que uma dama saiba se retirar de onde não se encaixa, e Danuza provou não se encaixar mais na sociedade com essa defesa machista do assédio.[110]

Os excertos de comentários publicados sugeriram que a noção de retrocesso – nesse caso – dos diversos comentaristas estaria associada às mudanças culturais no que tange ao comportamento de homens e mulheres no ambiente profissional e nas relações cotidianas. O presente de tais escritas evidenciou a desqualificação de um passado que a autora mobilizou em suas declarações. A abordagem descomprometida com as demandas sociais contemporâneas ao evento que a autora fez acerca do tema a deslocou temporalmente tornando sua narrativa anacrônica, politicamente incorreta e ausente de identificação – ao menos, com esses comentaristas. O seu entendimento sobre limites nas relações entre mulheres e homens sugeriu que a submissão feminina é algo a ser preservado. O recrutamento de um passado

---

[109] As redes sociais e o ambiente virtual como um todo têm se configurado em importante espaço de debates acerca das questões de violência contra mulheres nos diversos âmbitos. É possível perceber a emergência de novos tipos de embates e ativismos, nos quais é encorajada a exposição de posicionamentos diversos protegidos pela falsa sensação de anonimato despertada pela *internet*. Dessa forma, qualquer publicação feita em um perfil oferece a possibilidade de interações que podem desencadear diálogos, debates e até ataques.

[110] Excertos coletados das caixas de comentários de uma publicação feita no perfil do *facebook* de Danuza Leão, em 10 de janeiro de 2018. Cada uma das frases foi retirada de comentários de homens e mulheres diversos, sob o critério de fazerem referência a concepções temporais. A autoria foi suprimida por não contribuir com o objetivo da análise. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/NoChatComDanuza/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 11 mai. 2018.

contextualizado pela própria vivência e alocado em suas memórias individuais destituiu suas palavras de sentido no presente da publicação. O descompasso das concepções acerca de um assunto evidenciou os movimentos temporais que permitem a sua superação ou permanência, da mesma forma que demarcam os limites entre passado, presente e futuro. A noção temporal destacada pelos comentaristas é marcada pelo progresso como expressão de melhoria e a vivência humana destinada a decrepitude. A forma de lidar com as questões do presente é, nesse sentido, sinalizadora de uma adaptação ou obsolescência e, sendo assim, as acusações de não estar de acordo com o seu tempo foram numerosas.

As críticas proferidas sobre Danuza Leão remetem às formas de superação de memórias, que são validadas pela vivência e desqualificadas pela conjuntura. E quanto a isso a sociedade da informação tem notória expressividade na aceleração ou retardamento dessa superação. As demandas sociais emergentes inauguram modos de pensar e reeditam memórias para entrar em acordo com o contexto vivido. A manutenção do equilíbrio entre os interesses dos diversos grupos formadores das sociedades ocasiona o abrandamento de algumas reações e abre espaço para a elaboração de novas sensibilidades acerca de determinados eventos e situações. Esse movimento não implica necessariamente apenas em esquecimentos, mas, circunstancialmente, em obliterações que, vez por outra, vêm à tona pela demanda de grupos menores ou maiores. Essa disputa está associada mais especificamente ao que é conveniente perenizar, adaptar ou compartilhar. É necessário lembrar que memórias são processuais e têm funções dentro de sociedades, portanto, são passíveis de revisão, apagamento e edição.

O anacronismo das concepções de Danuza Leão sinaliza um regime de historicidade voltado para o passado, no qual a autora invocou uma autoridade conquistada nos anos 90, quando “vendeu 300 mil livros ensinando o Brasil a se comportar com etiqueta moderna” (O Globo, 19/11/2005, p.1) e acreditou na potência do seu lugar de fala. O processo de contenção de alguns comportamentos e a imposição de autocontrole abrandaram as pulsões e classificaram algumas atitudes como abusivas e inconcebíveis. As nuanças desse processo que, em maior ou menor ritmo, continua a acontecer se confrontam com as memórias de Danuza Leão, as quais minimizam as incongruências e buscam espaço em uma sociedade em movimento. Considero, nesse sentido, os limites estruturais do passado e a consistência das rupturas que se instalam. As formas de entendimento dos interlocutores da publicação sobre as relações de gênero não comportaram a opinião da autora sobre os acontecimentos do Globo de Ouro. Há sinais de que algumas concepções que eram aceitas em passados recentes foram repensadas pelos comentaristas e adequadas as demandas socioculturais que desqualificam os assédios contra mulheres. A mudança se expressou na condenação sobre as declarações de Danuza Leão,

apontando para um processo de produção de novas concepções sobre o assunto, porém, não homogêneo e nem linear.

A continuidade do trabalho voltado para a etiqueta e as boas maneiras das autoras e autor que produziram a partir da década de 1990, foi circunstancialmente afetada pela relação edificada com o passado. A virada do século XX, marcada pela emergência de múltiplos movimentos sociais e a implementação de novas tecnologias de informação e comunicação, desafiou as narrativas produzidas a se sensibilizarem a essas demandas e forjarem um novo espaço. A autoridade das vozes conquistada pela circulação dos manuais na primeira década do século XXI não definiu automaticamente a potencialidade de interlocução e a renovação do interesse pelo tema. Nesse sentido, as autoras Gloria Kalil e Claudia Matarazzo ressignificaram sua produção sobre o tema. Conectada com o tempo, Gloria Kalil investiu na longevidade de suas produções, adaptando-as a esses novos contextos.

Figura 41: Etiqueta em *audiobook*

Fonte: Disponível em: https://www.travessa.com.br/alo-chics-etiqueta-contemporanea-audiobook/artigo/fcba9ecf-9450-4015-9fa3-7f2355ad3a0b. Acesso em: 20 set. 2018.

O *Alô, Chics!* (2007), de Gloria Kalil, no ano de 2016 ganhou a versão de CD em MP3[111] (Figura 41), com cinco horas de duração, narrado pela própria autora. Nove anos após seu

[111] A sigla CD MP3 se refere ao tipo de disco chamado *compact disc*, gravado no formato de compressão que diminui o tamanho dos arquivos de música chamado MP3 (abreviação de *Moving Picture Experts Group*, desenvolvedor do produto).

lançamento, o manual colocado em formato de áudio ofereceu novas perspectivas de leitura sobre os seus conteúdos. Com a possibilidade de ser executado simultaneamente a outras tarefas desenvolvidas por seu ouvinte, o CD se propôs a otimizar o tempo de leitoras e leitores que, a priori, tinham que dedicar tempo e atenção específicos para se apropriar dos conteúdos. Na mesma clave da incorporação das tecnologias de comunicação, em 2017, a autora lançou o *Chic profissional – circulando e trabalhando num mundo conectado* já em versão impressa e em *e-book*, no intuito de alcançar o público que tem preferência pela leitura na tela. A questão de Gloria Kalil foi perceber a transformação dos modos sociais e edificar um espaço conciso para as práticas constitutivas do seu campo profissional. Além do caráter comercial dessa relação, há um esforço em instituir tais práticas como parte de um repertório de ações compartilhadas e constituí-las como parte da memória coletiva de certos grupos.

Em uma entrevista, ao ser questionada sobre os comportamentos tidos como distintivos, mas que podem ser considerados deselegantes, a autora dispensou sua atenção à evolução dos costumes.

> Havia atitudes chiques numa época mais machista que já não têm mais sentido. Um homem puxar a cadeira para uma mulher sentar num almoço de negócios, por exemplo. Isso valia na época em que a mulher ainda não trabalhava, na época em que abriam a porta do carro para ela entrar, esse tipo de coisa. São comportamentos do passado. Claro que existem gentilezas. Eu gosto que me ajudem a carregar um pacote pesado, por exemplo. Não custa nada, desde que seja uma gentileza de verdade, e não uma expectativa ditada pelo gênero.[112]

Sua percepção sobre os modos sociais não desconsiderou a reivindicação de novas formas de convívio, como no caso das mulheres. A autora ponderou que problemas sociais estruturais, como o machismo, estão em processo de diminuição e as boas maneiras circunscrevem essas mudanças práticas. A apropriação de linguagem produzida a partir de debates por direitos torna a narrativa da autora sincronizada com a mudança. É o uso da linguagem como recurso de pertencimento, como sinal de compartilhamento do "novo", como sensibilização frente à diversidade do coletivo. O fato de a autora ter produzido diálogos direcionados aos grupos economicamente privilegiados não lhe impediu de apostar na ampliação do escopo e forjar afinidades que lhe aproximassem de outros grupos diversos na classe, na idade ou na cultura. A continuidade da estrutura se constrói pela adaptação à conjuntura. A atualidade do tema se dá pelo interesse e procura e, nesse sentido, o suporte e a forma narrativa se tornam ferramentas relevantes em um presente de tempo acelerado.

---

[112] Entrevista de Gloria Kalil, concedida à Revista Exame.com, em 08 de junho de 2017. Disponível em: https://exame.abril.com.br/carreira/gloria-kalil-diz-o-que-parece-chique-mas-nao-e-no-trabalho/. Acesso em: 20 set. 2018.

Entretanto, é possível perceber a construção de uma narrativa que valorizou a permanência de conceitos, viabiliza uma transformação que conserva alguns elementos e os ressignifica. Questionada sobre a concepção de que se o tema funciona como um fator de diferenciação entre ricos e pobres, para quem se destinaria a etiqueta, respondeu: "vejo a etiqueta como um diminutivo de ética, do francês '*etiquette*', ou seja, uma pequena ética do cotidiano. Etiqueta é uma questão de civilidade. É preciso haver normas para que a sociedade funcione" (Revista Exame.com, 08/06/2017). Tal entendimento é a afirmação de um conceito que se espraia pelos mais diversos âmbitos e facilita sobremaneira a informalização de práticas em um corpo social que se quer caracterizar, fundamentalmente, por ser civilizado. A continuidade subsiste na representação e na narrativa.

Outros elementos dispensam a transformação para serem conservados, pois já se configuraram como memórias potentes de rituais colocados sob o *status* de tradicionais. É o caso dos casamentos. A autora Claudia Matarazzo, assim como Gloria Kalil, diversificou a carreira e empreendeu no campo da formação e consultoria sobre etiquetas. Ministrante de palestras e *workshops*, a autora dedicou um nicho específico à cerimônia do casamento. Considerando esse evento como um relevante vestígio estrutural da construção de memória sobre mulheres, justifico o fato de este elemento de discussão estar apartado do capítulo exclusivamente dedicado ao tema. Claudia Matarazzo manteve um elo estreito com a questão dos cerimoniais no decorrer da carreira e isso, além de sua expertise no assunto, lhe criou possibilidades para uma atuação legítima na produção de eventos voltados à produção do casamento, também aqui considerado o grande dia da vida de uma mulher.

Figura 42: Cerimoniais de casamento com Claudia Matarazzo

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1191591267594209/?type=3&theater. Acesso em: 15 mar. 2018.

As formações foram oferecidas em diversos estados do país. A permanência da ideia de ser o casamento um evento almejado por grande parte das mulheres forjou espaço para uma correlação com as formas do passado que se configuraram como tradicionais. A fidelidade ao ritual classifica a estética do evento, portanto, nada mais adequado do que aprender em detalhes como reproduzi-lo. A instituição do casamento como demarcador da vida sob diversos aspectos lhe assegurou continuidade na memória coletiva e lhe conferiu lugar entre as práticas sociais que pouco se transformaram para permanecem, haja vista, inúmeras pessoas compreenderem-no como uma importante celebração do amor romântico, mesmo com as evoluções percebidas no estabelecimento dos relacionamentos.

Não obstante a autora ser uma entusiasta dos rituais de casamento, sua conexão com seu tempo baliza a concepção sobre a prática, bem como, os parâmetros e as possibilidades. Mesmo alocado sob o *status* de tradição, permanece inscrito nas conjunturas de cada período e, portanto, é marcado pelas mesmas.

> Ela pediu os protestos em seu casamento! [...][113] casou com um mega protesto com direito a copos de cerveja e garrafas atirados contra ela além de cusparadas, muitos gritos, pedras e lixo. Considerando que, tanto ela quanto a família parecem ter pedido por isso, tiveram sorte de não terem ateado fogo ao local. Pirei? É que não tenho paciência para ostentação – e esse tipo de falta de sensibilidade que beira a cara de pau. No Brasil, por conta da crise e também de uma bem-vinda onda de bom senso,

[113] Os nomes da noiva e de seus pais foram suprimidos pelo fato de que pertencem à carreira pública política e sua identificação em nada acrescentaria à análise.

> os casamentos há alguns anos vem sendo celebrados com apenas amigos e familiares: 80, 100 no máximo 300 convidados - quando a família é realmente imensa e tem muitas posses. [...] A mãe da noiva, declarou que era uma festa familiar. Para 1.200 familiares? Nada justifica - uma família há 3 gerações na política exibir tamanha falta de sensibilidade. A noiva, (jovem e com direito a sonhar sim), não enxerga o que está acontecendo no país? Acha normal ostentar esse tipo de gasto com símbolos exagerados como paredão de rosas e 12 candelabros de cristal gigantes? Hello! E não, lamento mas não importa se o dinheiro é da família, legítimo e ganho através do próprio trabalho. Na vida pública é preciso, além de honestidade, decoro. Que passou longe. Faltou respeito ao próximo e saber se conduzir de acordo com o momento. Daí os protestos - legítimos pois o ambiente do país não está pra isso.[114]

A autora, nessa publicação, criticou veementemente a postura da organização do referido casamento. Suas questões não foram puramente estéticas, mas morais. Em um período em que a atuação na política brasileira se tornou alvo de intensas discussões acerca da ética e da lisura no trabalho público, a autora considerou inadmissível ignorar toda uma conjuntura social conturbada em favorecimento da realização de um sonho dispendioso. Nesse sentido, o que importa destacar aqui são as negociações que circundam a prática para que possa continuar a existir. Se a memória sobre o casamento é potente e desperta o desejo de compartilhamento nos mais diversos grupos sociais, a concretização da prática se molda aos valores presentes em cada tempo. Nem tudo é permitido em nome da realização do ritual e a conexão com o seu tempo sintoniza as antigas práticas e os novos modelos.

A dialética que possibilita a permanência das práticas prescritas nos manuais de etiqueta e boas maneiras se refere ao potencial de ressignificação contido nas narrativas. Se alguma ideia é considerada ultrapassada pela evolução dos costumes, sua condição de uso ou desuso se atrela ao investimento feito sobre a adaptação aos mais diversos contextos. Dessa forma se constrói a ideia de universalidade sobre alguns conceitos, característica que já foi atribuída por alguns autores do acervo de pesquisa no que tange às etiquetas e boas maneiras (WILSON, 1947, p. 13; VANDERBILT, 1962, p. XXII; CARVALHO, 1961, orelha; MATARAZZO, 1995, p. 11; KALIL, 2004, p. 30; 2007, p. 15). Mas é preciso chamar atenção para a historicidade das ideias, bem como, para a conjuntura que as circunscreve porque os entendimentos produzidos são assolados por múltiplos fatores que não são autoexplicativos. As transformações no campo dos modos se dão na longa duração e a concepção de que há um processo civilizador em curso contínuo, rumo ao aperfeiçoamento, sugere a evolução como melhoria.

---

[114] Publicação feita na página do perfil do *facebook* da autora em 16 de julho de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1490277934392206/?type=3&theater. Acesso em: 15 mar. 2018.

Não obstante terem sido circunscritas por importantes movimentos de lutas femininas por direitos e equidade[115], as narrativas elaboradas nos manuais foram organizadas por questões que se impunham como válidas, apresentando balizamentos para o comportamento de mulheres no sentido de destacar um perfil. A entrada definitiva de mulheres no mercado de trabalho e a ocupação de um maior espaço público motivou a emergência de prescrições que contemplassem essas novas possibilidades, uma vez que, abarcou mulheres de diversas procedências sociais. A construção de si de Gloria Kalil e Claudia Matarazzo, destacadas em suas redes sociais, estabelece diálogo com essas demandas na medida em que se tornaram profissionais atuantes, presentes nas várias mídias, se apresentando como mulheres trabalhadoras, chamando a atenção para a junção do refinamento com o cotidiano, aproximando essas mulheres de condição privilegiada de tantas outras – não necessariamente de mesma condição – que as seguem em redes sociais, as assistem nas diversas mídias ou frequentam os eventos por elas ancorados (Figuras 43 e 44).

Figura 43: Gloria Kalil palestrante

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806/918200861637810/?type=3&theater. Acesso em: 16 abr. 2018.

A percepção ampliada de Gloria Kalil sobre a etiqueta e as boas maneiras lhe permitiu legitimar a sua operacionalidade nos diversos meios profissionais. Atenta às tensões e disputas impostas pelo estabelecimento de um espaço no mercado de trabalho, a autora investiu na oferta

[115] Sobre o assunto é possível consultar o artigo de Miriam Pillar Grossi, "A Revista Estudos Feministas faz 10 anos – Uma breve história do feminismo no Brasil", publicado na Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), Florianópolis, v. 12, p. 211-222, 2004.

de formação para a dimensão profissional da vida, entendido como um aspecto relevante nas questões de satisfação pessoal, dignidade e *status* social. A figura 43 mostra a presença da autora em uma feira de empreendedorismo, realizada em nível nacional, anunciada como "Palestra de abertura" da parte do evento nomeada de "Visão de futuro". O destaque conferido à autora é indicativo do alcance da sua interlocução e da adaptação da sua narrativa sobre o tema. Esse tipo de evento é direcionado a um público diverso, proveniente dos mais variados campos profissionais. O que importa destacar é o valor atribuído à civilidade nas relações e a perspectiva de que contribui no êxito dos negócios. Sem a intenção de analisar o conteúdo abordado na palestra, considero a continuidade da atuação da autora como um vestígio de interesse pelo tema em um processo de ampliação de escopo. Com um alcance maior do que as estantes de mulheres leitoras e em um projeto formativo com receptividade, a autora dá continuidade à sua narrativa, classificando comportamentos e estimulando a informalização dos modos refinados.

Figura 44: Claudia Matarazzo palestrante

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/768645669888773/?type=3&theater. Acesso em: 15 mai. 2017.

Na mesma esteira, Claudia Matarazzo empreendeu no universo profissional. Além de oferecer *workshops* de como realizar uma cerimônia de casamento, como receber ou como entender as novas concepções de luxo – aspectos tratados em capítulos anteriores – a autora estendeu suas etiquetas também ao campo corporativo (Figura 44). Por meio de palestras, cursos e oficinas divulgados em seu sítio eletrônico, Matarazzo se apropriou do espaço virtual como um percurso de continuidade de suas prescrições e transformou a prática em produto. As ofertas de formação foram diversificadas oferecendo cursos em empresas públicas e privadas e na modalidade à distância. A presença da autora nas redes sociais, em programas de televisão e rádio não inviabilizou o interesse pelos manuais que produziu. Ao compartilhar uma postagem

feita por uma empresa de decoração de interiores, na qual recomendava aos seus seguidores os manuais de etiqueta e boas maneiras da autora, ela comemorou: "delicia é ver que nosso primeiro trabalho (lá se vão mais de 28 anos) agora atualizado e revisado ainda vale e é indicado por pessoas antenadas como a galera da @elhomeoficial"[116]. O manual que faz parte do acervo desta pesquisa, o qual alcançou vinte e seis edições em 1995, foi novamente publicado em 2012, em edição atualizada e revisada, pela Editora Planeta, no sentido de retomar as prescrições e adaptá-las ao contexto do século XXI[117]. O investimento sobre o tema é dimensionado pelo exercício da lembrança que seleciona modos e formas a serem continuados por meio de sua correlação com um passado. Ainda que a edição tenha sido revisada, permaneceu o caráter funcional da memória e a afirmação de há padrões e direcionamentos.

A continuidade de perspectiva na escrita sobre etiqueta e boas maneiras também pode ocorrer por meio do arcabouço referencial. O autor Marcelino de Carvalho foi referenciado por Fabio Arruda (2003, p. 80), Gloria Kalil (2004, referências), Celia Ribeiro (1992, referências) e Claudia Matarazzo (*Marcelino por Claudia,* 2006). Na mídia periódica seu nome também foi citado acompanhado de qualificativos que enalteciam sua produção como *best sellers* da área da etiqueta e das boas maneiras. Claudia Matarazzo escreveu uma releitura do *Guia de boas maneiras*, considerado pela crítica um clássico sobre o tema. Essas autoras e autor que escreveram após a virada do século construíram uma nova perspectiva de etiqueta voltada para o século XXI. Ainda que tenham incorporado vivências observadas na sociedade como o uso de celulares, de redes sociais ou os novos relacionamentos afetivos e trabalhistas, todos optaram por continuar abordando a cerimônia do casamento e as dicas de como receber pessoas. Algumas atribuições continuaram a se direcionar para mulheres como, por exemplo, o casamento.

Sobre o assunto, ainda que Gloria Kalil (2004, p. 154) tenha ampliado os horizontes ao tratar de casamento homoafetivo, é preciso ponderar que o espaço dedicado foi ínfimo (quatro linhas) em relação ao casamento heterossexual (doze páginas), portanto, majoritariamente, o ritual é pensado como uma experiência para mulheres com homens. Segundo a autora, "o povo adora se amarrar desde o começo dos tempos e, pelo que vemos, vão continuar a fazê-lo até o final do mundo!" (KALIL, 2007, p. 89). Nessa clave, é importante pensar sobre o modelo que

---

[116] Publicação feita no perfil do *facebook* de Claudia Matarazzo em 09 de abril de 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/2307575082662483/?type=3&theater. Acesso em: 12 abr. 2019.

[117] Em entrevista ao programa "Capítulo à parte", veiculado na TV Câmara de São Paulo, em 1º de novembro de 2007, a autora afirmou que dentre os seus livros publicados, o *Etiqueta sem frescura* ainda era o mais vendido na época da entrevista e essa foi uma das motivações para organizar uma reedição. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iI_RZP6ORtQ. Acesso em: 12 abr. 2019.

se inscreve na forma, haja vista esse item merecer pelo menos um capítulo inteiro em todos os manuais publicados depois dos anos 2000 (conforme quadro do subcapítulo 5.2). Se as diversas pesquisas realizadas (CUNHA, 1999; BASSANEZI, 2007) sobre as idealizações sociais construídas por e para as mulheres da primeira metade do século XX indicavam para a prática do casamento, a presença de prescrições que se direcionam ao público feminino são indicativos que o tema continuou tendo relevância na produção de manuais depois dos anos 2000.

Outra questão sugestiva de permanências é a disciplinarização do corpo das mulheres no ambiente de trabalho. Os manuais publicados depois dos anos 2000 dedicaram espaço ao tema a partir de perspectivas próximas dos manuais publicados nas décadas de 1950 e 1960. A preocupação em manter um suposto recato materializado pelo tipo de vestimenta emerge como sinônimo de competência e seriedade no desempenho da função profissional. Além das já citadas prescrições de Fabio Arruda (2003, p. 65) e Celia Ribeiro (2005, p. 69), no subcapítulo 3.2, é importante destacar a narrativa construída por Gloria Kalil, que é considerada uma referência na consultoria de moda e estilo, inclusive, com uma obra dedicada especialmente ao tema, o *Chic profissional*, publicado em 2017. No *Chic [érrimo]* a autora destacou uma série de itens, "para ela" os quais devem ficar longe dos escritórios.

> - Decote e fendas (o que está em pauta no trabalho é a sua capacidade intelectual, e não seu corpinho malhado);
> - Transparências ou lingerie aparecendo;
> - Barriga de fora;
> -Saias curtas;
> - *Looks* noturnos próprios para baladas;
> - Jeans enfeitados, detonados, bordados, agarrados, justíssimos, de cós muito baixo;
> - Calças compridas tão justas ou transparentes que revelem o modelo da calcinha;
> - Sandálias peladas, chinelos, saltos altíssimos, de tirinhas subindo pela perna;
> - Mules;
> - Botas muito poderosas, botas brancas ou de caubói;
> - Bijuterias em excesso ou barulhentas (KALIL, 2004, p. 193).

Enquanto que, "para ele",

> - Cuidado com a mistura de peças formais e informais;
> - Suéteres pesados, de pontos grandes, cheios de pinheirinhos do Campos do Jordão;
> - Suéter de lã em baixo de paletó de terno de verão;
> - Xadrez de lenhador;
> - Blazer de veludo remendos nos cotovelos;
> - Camisetas regatas, estampas de times de futebol, com grandes dísticos ou muitas cores – especialmente as cítricas;
> - Camisas de tecidos transparentes e brilhantes;
> - Camisas de seda;
> - Se a empresa permitir os jeans nos seus dias de informalidade, evite os de lavagens desbotadas, furos e enfeites laterais;
> - Jaquetas jeans detonadas, claras e envelhecidas;
> - Cintos com fivelas enormes;
> - Sapatos claros ou brancos (a não ser que você seja médico);

- Tênis ou sapatênis (KALIL, 2004, p. 195).

A partir das prescrições para mulheres e para homens, me permito pensar que houve uma maior preocupação com a questão da exposição do corpo feminino ao outro. As dicas direcionadas ao vestuário masculino têm centralidade na questão da harmonia e ao feminino na questão da sobriedade. Sob essa perspectiva, o ambiente profissional se configura em espaço prioritariamente masculino, no qual a presença feminina não deve despertar a atenção do outro, uma visada que se aproxima das prescrições das décadas de 50, 60 e 90, anteriormente analisadas. Nos detalhes emergem vestígios que estruturam significados dando continuidade a certos modos e posturas. Das mulheres se cobram condutas que remetem ao recato, à discrição e à adequação aos grupos sociais delineados por uma sociedade essencialmente patriarcal. Os movimentos feministas têm dedicado esforços às discussões sobre a liberdade do corpo e da aparência das mulheres e, principalmente ao incentivo de ações que contribuam na descontinuidade de formas estabelecidas e arraigadas nos diversos âmbitos da sociedade. Para além do valor meramente prescritivo compreendido nas narrativas dos manuais, estas dão a ler os modos que permaneceram e desenvolveram constantes estratégias de revalidação.

As mudanças ocorridas nas relações sociais do século XXI apontam para inúmeros modos que foram ultrapassados, transformados e reeditados, no entanto, outros se ressignificam, se constituíram em memórias que se materializam nas práticas do cotidiano. Não se trata de afirmar que a condição das mulheres permanece a mesma, mas, de jogar luz sobre as formas como vêm se transformando. As narrativas elaboradas nos manuais analisados contêm indícios de passados estruturantes do presente da minha escrita. Nas entrelinhas de discursos atualizados é possível identificar a presença de ideais condicionantes e limitadores. O interesse em alinhar-se a esses ideais se projeta na expressividade das carreiras de Claudia Matarazzo e Gloria Kalil que, adaptadas aos novos suportes, continuam a produzir e a divulgar suas convicções sobre a importância das boas maneiras. Segundo Kalil (2004, p. 31) “é tempo de recuperar o prazer da civilidade – ao menos para os que teimam em acreditar que a civilização é uma necessidade e um prazer sofisticado. É tempo de um novo regime”. E sob os auspícios de pertencer a dita civilização os indivíduos continuam a buscar formação ou, pelo menos, compartilhar informações que lhes vinculem a essa preocupação. Nos limites dos documentos – especialmente os virtuais – o que se depreende como vestígio estrutural é a presença – e sim, real – da continuidade expressiva das carreiras de Gloria Kalil e Claudia Matarazzo, que transformaram conceitos em produtos de mercado, promovendo visibilidade e

circulação. Se não todos, alguns modos de ser e fazer continuam a se reproduzir, e, assim, construindo memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS. (IN) CONCLUSÕES SOBRE O TEMPO E A MEMÓRIA

> Sê bonita se puderes; espirituosa, quando for conveniente: mas agradável sempre, mesmo que te custe a vida! (WILSON, 1947, p. 21)

A escolha de construir um problema de pesquisa a partir de narrativas prescritivas condensa em si a compreensão de que prescrições apenas norteiam relações e indicam representações de um tempo a partir de formas idealizadas que se direcionam ao processo formativo dos mais variados grupos sociais. Pesquisar essa dinâmica em manuais de etiqueta e boas maneiras se apresenta circunscrito pelos limites de pensar sobre a transformação das representações em práticas e o alcance de produtos culturais elaborados com focos direcionados sobre determinadas parcelas de uma sociedade. A possibilidade de identificar ressonância de ideias disseminadas por manuais se torna plausível pela inscrição dessas publicações no tempo. Essa foi a forma encontrada para lidar com fontes que se apresentam tão profícuas em seu conteúdo e, ao mesmo tempo, tão limitadas em sua dimensão prática. Eu não encontrei evidências de que as prescrições narradas no acervo desta pesquisa foram efetivamente praticadas, todavia, identifiquei inúmeros indícios de continuidades que se desdobraram em uma produção em curso, a qual adentrou o século XXI e manteve a mesma proposta: prescrever e dar sentido aos modos considerados civilizados.

Dessa forma, o **esboço de um processo de construção de memórias** foi o flanco que consegui abrir para discutir as etapas que atravessam os domínios de tal construção. Sem o intuito de impor hierarquia ou cronologia a esse processo, as chaves de entendimento pensadas para guiar a minha análise estiveram à serviço de uma maior aproximação do plano intermediário da memória, entre o tempo e a narrativa, tal qual o concebe Ricoeur (2007). Produzindo significados específicos para os verbos lembrar, selecionar, exercitar e correlacionar foi a maneira de esboçar um instrumento de pensamento que possibilitasse desenvolver uma narrativa histórica a partir das fontes que estavam disponíveis. Além de etapas de uma construção de memórias, tais verbos se configuraram como dimensões que interagem e coexistem no tempo, em resposta aos diversos eventos e contextos nos quais podem ser identificados. A partir do desenho de um percurso plausível, foi alicerçada a narrativa que permitiria pensar nas estruturas de repetição que amparam a presença de passados.

Na direção de perceber os elementos estruturantes que atuam na construção de memórias sobre comportamentos para mulheres, o acervo de manuais utilizado na pesquisa evidenciou, a meu ver, dois percursos de entendimento possíveis: o presente da produção das narrativas e a presença do passado na projeção do futuro. Sobre a primeira questão, se faz

necessário compreender que cada um dos manuais pesquisados produziu em sua escrita uma temporalidade própria e, dessa forma, contemplou um determinado projeto de mulher. As narrativas nas décadas de 1940, 1950 e 1960 se inscreviam em uma sociedade na qual as idealizações se direcionavam para mulheres coadjuvantes, especialmente as de camadas médias, que deveriam concorrer para objetivos comuns ao lado de um marido por meio de um casamento em moldes canônicos. Não obstante as publicações desse período considerarem a possibilidade de mulheres em ambientes profissionais, suas atribuições domésticas eram consideradas ponto fundamental para o êxito de suas vidas. Aqueles presentes reafirmavam o protagonismo social dos homens, contudo, possibilitavam espaços públicos às mulheres, salvo que suas funções de mãe e esposa fossem desempenhadas com igual ou maior dedicação.

A seleção de conteúdos dos manuais destacou aspectos próprios das expectativas depositadas sobre as mulheres. A condição secundária em relação aos homens reverberou sobre a produção de prescrições que foram desde a desqualificação da fala em público até a obrigação de beleza. A presença de mulheres em público continuou e ser regrada pelo protagonismo dos homens no sentido de que, em nome da gentileza, autoras e autores fizeram restrições à proatividade de mulheres. Os elementos estruturantes emergiram dessas narrativas travestidos por cuidado e gentileza. A ideia de que elas necessitavam de pares satisfazia a harmonia dos ambientes. As práticas de embelezamento foram narradas de forma impositiva e padronizante. A beleza feminina se tornou uma expectativa contínua e a instituição de padrões contribuiu para robustecer a premissa de adequar-se para ser aceita. Os manuais, nesse sentido destoam dos discursos de empoderamento feminino que buscam a valorização da beleza em sua diversidade. Não se pode esquecer que essas leituras estabeleciam um recorte de público, no entanto, isso não foi empecilho para ressoar em declarações públicas veiculadas na grande mídia, no século XXI. Essas expectativas não abarcaram, de forma alguma, a totalidade das mulheres, mas isso não invalida o fato de estarem imersas em um tempo de disputa por permanência e desconstrução. Se alguns grupos não encontravam representatividade nessas prescrições, outros, liam, se identificavam e constituíam hábitos.

A qualificação das prescrições se amparou em desejos de distinção, de forjar pertencimento a grupos não acessíveis, de construir aproximação. O exercício dos modos, incorporando-os ao cotidiano, buscava formar novos indivíduos considerados mais civilizados, mais polidos e, portanto, mais preparados para um porvir. O desejo de ser vista como mulher refinada alimentava a procura pelo aprendizado. Receber bem, servir bem, comer bem, eram considerados atributos esperados de uma boa anfitriã. Ainda que, a intenção permanecesse sobre formas de naturalizar os modos como intrínsecos às pessoas, dez dos manuais dedicaram

páginas de impressão aos detalhes de como preparar uma recepção, bem como, um manual em versão de bolso (RIBEIRO, 2006) todo dedicado ao tema. A etiqueta para receber se tornou tema também do trabalho atual de Claudia Matarazzo, autora que organiza eventos específicos para abordar o assunto. Essa presença do assunto me permitiu inferir que essa parte das boas maneiras foi sobremaneira informalizada, se não os modos propriamente ditos, pelo menos, o desejo de distinção por saber servir com requinte, inspirado nos distantes salões de corte. Em um mundo assolado pelo instante do *fast-food* e das refeições de minuto, há espaço para instruções sobre como receber, servir e comer. Mesmo que não se disponha do aparato necessário para oferecer uma mesa requintada, saber como manusear tudo se torna importante para qualquer eventualidade.

O olhar direcionado para um passado distante foi destaque no estudo sobre a Escola de Princesas, fundada em 2013. O desejo de diferenciar-se emergiu fortemente em um ambiente pedagógico desenvolvido especificamente para formar princesas. A identificação de grupos sociais com um passado nobre – não vivido – ganhou materialidade na existência desse tipo de instituição. A busca por essa formação é representativa da diversidade em uma sociedade que conduziu às instâncias de poder, no ano de 2018, parlamentares que se definiram como monarquistas, católicos e ultraconservadores [118]. Talvez seja possível pensar essas questões como resquícios de uma construção político-administrativa que se iniciou com um Império, mas, atendendo ao interesse da minha análise percebi um movimento de temporalidades que se alternam, sobrepõem e coabitam em formas e ritmos variados, configurando um corpo social em tensão e dinâmico. A disputa pela construção de narrativas que respaldem o futuro se evidencia na produção de eventos como o *Girls Rock Camp* Brasil ou a Oficina de Desprincesamento, os quais se dedicam a construção de autonomia e poder criativo para formar futuras mulheres autodeterminadas e cientes de seu espaço social. A questão não é a existência de perspectivas diversas e nem a qualificação destas, mas, as temporalidades presentes na construção de memórias e esquecimentos que estruturam os modos sociais. A existência de uma Escola com um projeto pedagógico que mantém o olhar para passados com valores e práticas diferentes, a meu ver, se embasa sobre elementos estruturais que selecionam tais passados e os dão novos sentidos para que se projetem sobre o futuro.

A relação com o futuro esteve implícita em todas as narrativas estudadas na forma de prescrições direcionadas para a vida, haja vista que, segundo Amy Vanderbilt (1962, p. XXII), um manual "pode criar raízes e tornar-se parte integrante da família". O meu interesse sobre

[118] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47728267. Acesso em: 10 abr. 2019.

essa longevidade se concentrou aos meios mobilizados para atualizar as prescrições, a forma como se apresentaram e como motivaram a repetição. O esforço empreendido na busca pelo entendimento possível foi iluminado por três possibilidades: tornar o passado uma presença, nutrir os rituais e invocar ancestralidades. A compreensão sobre esses aspectos me atentou para a importância das questões da tradição, do pertencimento e da herança nas narrativas. O recrutamento de passados remotos identificado nos manuais das décadas de 1940, 1950 e 1960 poderia se justificar pelo perfil emergente de novos grupos sociais no país, privilegiados de capital financeiro e desejosos de capital cultural. Todavia, essa mesma estratégia foi considerada adequada por Fabio Arruda (2003), Gloria Kalil (2004) e Celia Ribeiro (2005), vinculando suas etiquetas aos modos que consideraram tradicionais, deixados como uma suposta herança civilizacional. A estrutura narrativa teceu redes de compartilhamento com espaços e tempos sobremaneira distanciados, sugerindo a possibilidade de se estabelecerem novas terminações no presente de suas escritas. Como se os indivíduos do século XXI fossem herdeiros de uma civilização na qual o progresso é sinônimo de aprimoramento e que há um caminho correto a ser percorrido.

Os protocolos que se configuram como etiqueta e boas maneiras propõem uma roteirização do cotidiano, normatizando as práticas e qualificando-as. A questão do ritual se faz presente nas mais diversas situações da vida, nesse sentido, emergiu de diversas formas nas narrativas dos manuais. Dos vinte e um manuais, dezessete destacaram o casamento como um ritual de grande relevância na trajetória de uma mulher. A concepção, socialmente construída, de que todas as mulheres desejam intimamente realizar uma cerimônia de casamento ressoou fortemente em grande parte do acervo de pesquisa. Capítulos inteiros foram dispensados para tratar desde o processo preparatório até o divórcio, em alguns casos. A idealização desse ritual se constituiu sobre elementos estruturais consistentes ao ponto de internalizá-la como uma memória potente que se espraia pelos mais diversos grupos sociais. A adaptação contextual do ritual não impede que seja evocada a manutenção de elementos compreendidos como tradicionais como, por exemplo, a cor do vestido da noiva ou o uso de uma joia representativa do compromisso assumido. O casamento se inscreveu nas memórias funcionais que foram mobilizadas de formas variadas, com a preservação do sentido do ritual.

O casamento é um exemplo da robustez na representação que transgride temporalidades e permanece como um ritual, no qual, quanto maior a fidelidade ao padrão, mais digno de destaque social. As narrativas constantes nos manuais das décadas de 1990, 2000 e, inclusive, em suportes digitais contemporâneos a minha escrita, apresentaram o casamento como ritual instituído, com regras próprias, que atende às tendências, contudo, não se curva às rupturas.

Afinal, por mais inovadores que sejam os indivíduos envolvidos com a produção do evento, o ritual não foi desconstruído, pelo contrário, pouco se inventou para substituir a prática, a não ser dispensá-la. Nessa esteira, os manuais ofereceram prescrições sobre a participação da união aos familiares e à sociedade, assim como, sobre a troca de alianças. Sim, mesmo que não se realize uma cerimônia tradicional, o compromisso se materializa pelo uso de uma joia, a qual concentra em si o mesmo significado: a existência de um laço afetivo entre duas pessoas. Em grande medida, o casamento se destacou entre as prescrições como um elemento ritualístico que contribuiu para uma memória coletiva configurada pela ideia da tradição.

A suposta presença de um altruísmo intrínseco às mulheres emergiu nas narrativas, primeiramente, com o cuidado da família, da casa e do marido e, mais recentemente, do ambiente de trabalho e da aparência oferecida à sociedade. Os parâmetros de comportamento e apresentação para ser aceita como pessoa realizada foram construídos constantemente em relação ao outro. As narrativas destacaram a necessidade de parecer bela, competente e jovem para não destoar da expectativa social que construiu idealizações nos limites de cada um dos manuais. As premissas da aparência, do controle das pulsões e da competência na execução das tarefas se tornaram critérios de seleção para especificar quais tipos de instruções seriam cabíveis nas narrativas dos manuais. A edificação de posturas, a padronização de aparências e a construção de modos contidos configurava um repertório de maneiras direcionadas para mulheres. Haja vista serem os manuais, majoritariamente, de autoria de mulheres, considero que a interlocução com as leitoras era sobremaneira facilitada, afinal, ler prescrições – ou conselhos – produzidas por outra mulher, de certa forma legitimava a narrativa e conferia representatividade. Não tenho ilusões de que autoras como Carmen D'Ávila, Maria do Carmo Nickol ou Dora Maria, as quais pouco ou quase nada de informações biográficas foram encontradas, fossem realmente mulheres, por que os limites das fontes me impuseram a dúvida. Mas, permaneço alinhada à perspectiva do diálogo entre mulheres, o qual tem potencial na questão de sensibilização e proximidade. Obras de mulheres escrevendo de/para mulheres, a meu ver, teriam maior receptividade e empatia ao mesmo passo que estabeleciam o espaço da formação de modos como um escopo feminino.

A construção das narrativas se apresentou como um espaço que contemplou a transição. Ainda que, adquirir manuais de etiqueta e boas maneiras, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, fosse restrito a determinados grupos sociais com condições financeiras e instrumentais privilegiadas, as narrativas sinalizaram ciência de que as mulheres estavam ocupando espaços profissionais e empreendendo em atividades que não apenas as domésticas. A questão é que essas práticas se tornaram matéria prescritiva na medida em que os manuais se mostraram

alinhados com as modernidades daquele presente. Dessa forma, as delimitações sobre modos, espaços e relações se apresentaram como pragmatismo diante das mudanças, entretanto, o caráter objetal da memória construída por tais narrativas contribuiu para a presença dos assuntos domésticos nos manuais até depois dos anos 2000. Afinal, construiu-se a noção de que o conhecimento dos modos refinados começa a ser aplicado no ambiente da casa e, nesse sentido, prescrições sobre como receber, ou mesmo, como se relacionar na intimidade se tornaram matérias cativas nas narrativas em manuais das décadas de 1970 e 1990, um passado mais próximo em relação a minha escrita.

Compreendendo os modos como processo, foi destacada a necessidade de referenciá-los em passados e estabelecer redes que possibilitassem saber de onde vinham aqueles padrões, tornando-os legítimos e aceitáveis. O recrutamento de passados remotos e desconexos construiu elos artificiais com uma ancestralidade distante temporal e culturalmente. Manuais como os de Amy Vanderbilt (1962) e Marcelino de Carvalho (1961) remontaram aos modos dos salões das cortes europeias para lastrear suas narrativas direcionadas a uma sociedade em plena transformação – o Brasil em seu processo de industrialização e urbanização. O passado de outras culturas inspirou o presente daquelas narrativas incentivando práticas que eram consideradas decorrência de modos aperfeiçoados. Entendidos como povos que constituíram civilização nos séculos a mais de história, modelos da nobreza e da burguesia europeia eram adaptados à jovem civilização dos trópicos. Essa relação me permitiu pensar a etiqueta e as boas maneiras em uma perspectiva de estratificação do tempo, na qual as narrativas dos manuais mobilizam temporalidades que atendam aos objetivos do presente, possibilitando alternância e convivência. Os manuais pretendiam formar para um futuro a partir de olhares voltados para passados.

As relações construídas pelas narrativas dos manuais mobilizavam lembranças de um passado não vivido, o qual era acessado pelo ato de contá-lo novamente. O importante é ressaltar como os manuais elaboraram essas lembranças e, isso ocorreu por diversos percursos. A circulação de manuais traduzidos de outras línguas, além de ser uma prática configurada pelo mercado editorial brasileiro em meados do século XX, possibilitou perceber a concepção universalizante adotada pelo tema da etiqueta. Nos textos introdutórios e de apresentação dos manuais traduzidos as autoras enfatizaram a etiqueta como assunto pertinente a todas as culturas, considerando, inclusive, ser um balizador entre os civilizados e os não civilizados. Ressalto aqui o aspecto identitário da construção de memórias, o qual visa a configurar pertencimento a determinados grupos e espaços. O aprendizado da “ética universal” tinha (ou tem) o intuito de qualificar indivíduos aos círculos seletivos de uma sociedade, incluindo uns e

colocando outros à margem. Estabelecer um cotidiano ritualizado pelos modos qualificava a distinção desejada. Sem abordar as questões materiais envolvidas na produção de tais maneiras, as narrativas naturalizavam a aproximação dos grupos pelos modos.

Ser conhecedora das boas maneiras era um recurso lançado para compor a figura agradável a qual se referiu Margery Wilson na epígrafe deste texto. Dentro ou fora de casa, os protocolos para mulheres afirmavam uma presença aprazível, que mantivesse a elegância como sinônimo de limpeza, beleza e discrição. Com a utilização de poucas figuras, além das capas – salvo o manual de Maria do Carmo Nickol (1968), totalmente ilustrado –, as narrativas dos manuais estimulavam composições imagéticas que construíam perfis considerados ideais para as mulheres leitoras daqueles manuais. A descrição de tais modos se estendia às relações de poder ocorridas também no âmbito doméstico. Para além de prescrever figuras "agradáveis", os manuais contribuíram com novas sensibilidades no que tange as relações entre patroas e empregadas (os). Acredito que o projeto formativo de Margery Wilson (1947), Amy Vanderbilt (1962) e Maria do Carmo Nickol (1968), por exemplo, deu a ler que a civilização se efetiva também nas relações de poder. Desenvolver respeito e consideração por subalternos se mostrava como um comportamento digno de patroas bem-educadas, sensíveis à condição do outro. Entre outras, essa questão me permitiu entrever as microrrupturas presentes nas continuidades, pois, se as mulheres eram estimuladas a terem posturas inspiradas na nobreza – com margem para tendências autoritárias –, da mesma forma, eram instruídas sobre o tratamento dispensado aos empregados, sinalizado como civilidade.

A seleção de passados tidos como exitosos viabilizou narrativas positivadas e possibilitou a sua utilização como base da edificação de prescrições para os presentes daquelas escritas. Se alguns manuais se apegaram ao Velho Mundo, outros se valeram dos críticos – jornalistas, colunistas – ou, dos pares – outros autores. A polidez da nobreza e da burguesia se tornava presença no refinamento cotidiano, viabilizando repetições pela forma e pelo sentido. Ainda que distantes, os processos se aproximavam, lembrando às leitoras e leitores que quanto mais distintos os modos, mais "civilização". Os manuais que não se utilizaram de exemplos da nobreza, articularam a exemplaridade em seus paratextos por meio da escrita laudatória de jornalistas, críticos ou pessoas de camadas sociais abastadas, consideradas tradicionais. A evocação da ideia de tradição norteou as narrativas de diversas autoras e autores. Dessa forma, se instituía certa aprovação social sobre a escrita e o diálogo era estendido a outros suportes como jornais, revistas ou mídias digitais. A narrativa de assemelhar-se à nobreza, nos fins do século XX se transformou em assemelhar-se aos "tradicionais". Nesse contexto, os argumentos se concentraram nas experiências que deram certo e que não justificavam mudanças. Autoras

como Danuza Leão e Claudia Matarazzo associaram esse olhar para o passado com o uso do bom senso, característica importante na amistosidade das relações sociais.

A abordagem sobre as prescrições direcionadas para mulheres apresentou tensionamentos e negociações. Oferecidos como subsídios de formação para "toda" a sociedade, os manuais, em suas narrativas, condicionaram a atuação de mulheres às expectativas culturalmente construídas sobre a forma e o sentido de suas presenças. O intuito de balizar as possibilidades femininas foi narrado como uma demanda social, reverberando a ideia de responsabilidade sobre o âmbito privado dos grupos. Não raro o campo profissional das mulheres foi representado em condições de subalternidade e regrado pela hegemonia masculina. Não foi vetado o trabalho fora de casa em nenhum dos manuais, entretanto, os vetos se concentraram aos usos do corpo como condição de aceitação e permanência. As prescrições sobre vestimentas e aparência também foram feitas aos homens no sentido de lhes conduzir pela premissa da adequação e elegância. No que tange às mulheres, as restrições sobre o caráter ousado de roupas e acessórios foram, constantemente, associadas ao dever de não chamar a atenção sobre si e não oportunizar assédio por parte de colegas de trabalho. A contenção do corpo feminino foi narrada como virtude de uma boa profissional, situação que reverberou nos discursos sociais, midiáticos e institucionais presentes na contemporaneidade da minha escrita, os quais atribuem culpabilidade à aparência de mulheres que sofrem diversos tipos de violências, subjetivas ou concretas.

A visibilidade proporcionada pelo uso de mídias digitais permitiu a continuidade de narrativas formativas e levou consigo reverberações dos modos disseminados nas publicações impressas. Estender a pesquisa ao ambiente virtual foi produtivo no sentido de perceber descontinuidades de perspectiva e entendimento. Esse movimento foi enfatizado na migração das autoras Danuza Leão, Gloria Kalil e Claudia Matarazzo da escrita impressa para a escrita digital. Exposta a hiperconexão e a múltipla interação, essa nova forma de escrita estabeleceu novas interlocuções entre autoras e leitoras (es) de etiqueta e boas maneiras. As autoras pesquisadas no ambiente virtual – Gloria Kalil e Claudia Matarazzo – evidenciaram a incorporação de demandas sociais do seu tempo e, por conseguinte, mudanças na narrativa. A hiperconectividade vivenciada no século XXI foi apropriada por essas autoras e lhes permitiu dar continuidade aos seus produtos culturais voltados para formação. A possibilidade de interação até em tempo real deu novos contornos à produção da etiqueta e das boas maneiras. Foi possível se aproximar das necessidades de um público leitor ampliado e prosseguir com as devidas adaptações. Conectadas com a mudança, Gloria Kalil e Claudia Matarazzo imergiram

nos novos entendimentos sobre as relações entre homens e mulheres e adaptaram suas perspectivas sobre a elaboração de prescrições.

O caso de Danuza Leão, também pesquisada no ambiente virtual, foi dissonante entre as demais autoras. A análise da sua presença no ambiente virtual indicou desinteresse ou pouca versatilidade para continuar a produzir propriamente prescrições sociais, dedicando-se mais efetivamente ao campo das crônicas. Em certa medida a autora se mostrou vinculada ao passado e desencontrada com o futuro, uma vez que não teve desenvoltura para se situar em alguns contextos de transformações culturais. Quanto à Gloria Kalil e Claudia Matarazzo, continuam ativas no campo profissional de formação e utilizam suas redes sociais como vitrines de seus trabalhos, bem como, posicionamentos frente a questões sensíveis aos direitos das mulheres. Esse suporte de narrativa permitiu visualizar a seleção de passados realizada por Kalil e Matarazzo. Algumas escritas de seus manuais, de um passado próximo, não encontram continuidade diante das tensões do presente e, sensivelmente, foram obliteradas pela narrativa em suporte digital. A exposição das autoras anunciou a superação de algumas prescrições e sentidos que não são mais culturalmente plausíveis. Distante de significar uma ruptura efetiva, essa sensibilidade de adequação – seja por renovação de ideias ou para ganhar *likes* – inscreve essas autoras em movimentos de negociação sobre quais passados são selecionados na construção de memórias. A interatividade das referidas autoras, tratada no subcapítulo 3.4, permitiu pensar no alcance dessas novas narrativas e nas suas atuações nesse processo de mudança.

Sobre esse olhar para o passado, as narrativas digitais de Danuza Leão evidenciaram descontinuidades quanto ao comportamento de mulheres. A luta pelo reconhecimento de direitos, pela extinção de violências e por condições igualitárias entre homens e mulheres se constituiu em pauta internacional no século XX. Essas demandas encontram empatia em uma parte das sociedades que se sensibilizaram com a morosidade na questão cultural em relação a questão econômica, por exemplo. As polêmicas declarações de Danuza Leão, em mídias digitais, sobre a definição do conceito de assédio e o seu impacto nas relações, permitiram visualizar uma amostra dos posicionamentos diante da desqualificação de violências contra mulheres. A autora construiu sua narrativa, possivelmente, a partir de sua vivência em um período circunscrito por outros valores e práticas. No entanto, isso não foi suficiente para justificar sua opinião diante de fatos reprováveis do ponto de vista das demandas sociais por equidade. A interlocução entre Danuza Leão e seus comentaristas na sua rede social me alertou para a percepção temporal fora do contexto cronológico. O passado se constitui, também, pela superação de ideias e concepções não mais aceitas nos grupos sociais que as renovam de acordo

com as demandas do seu tempo. Dessa forma foi possível perceber a movimentação que caracteriza a transformação dos modos, na qual alguns passam a ser considerados ultrapassados e sem espaço no presente. É a temporalidade configurada pela reelaboração das ações humanas, sem a interferência de um padrão cronológico.

Nesse processo de adaptação ao presente, o empreendimento formativo de Gloria Kalil se estendeu ao oferecimento de palestras para diversos segmentos profissionais. O seu aforismo de que "Ninguém é chic se não for civilizado" é revalidado pela perspectiva de que há padrões – considerados civilizados – que norteiam as relações, principalmente, no campo profissional ao qual ela dedica seus eventos. O processo civilizatório, tal qual o compreendeu Norbert Elias, se configurou em campo profissional que viabiliza ensinar as seleções de passado que vão ao encontro dos critérios de quem nele atua. Não se trata da utilização das mesmas prescrições, mas, da adaptação destas ao tempo. As tecnologias de informação e comunicação impactaram a convivência de forma sem precedentes e a função da etiqueta, nesse caso, continuou sob a perspectiva de mobilizar referências que assegurem a manutenção de um mínimo de cordialidade e respeito. Independente do suporte, essa autora se valeu da ideia cumulativa de conhecimentos como forma de aprimorar as relações em sociedade. Na urgência das mudanças, o passado continua a ser um local de segurança no qual é possível selecionar as maneiras convenientes de pensar o futuro. Se o passado nobre e burguês não é mais evocado, engendraram-se outras narrativas para atualizar os elementos estruturantes constantes no processo.

Sobre passados que não passam, Claudia Matarazzo, no século XXI, dispondo de todas as facilidades tecnológicas, depositou seus investimentos sobre uma memória potente em nossa sociedade: a cerimônia do casamento. Seu projeto formativo contempla o oferecimento de cursos de cerimonial, bem como, consultorias para noivas e familiares, inclusive na modalidade de ensino à distância. Entendo que essa possibilidade não existiria se não existisse demanda, afinal, estou me referindo ao campo de trabalho da autora. Em novos contextos, os casamentos continuam a ocorrer e, por conseguinte, sendo matéria de prescrições. A utilização de processos tecnológicos para disseminação de narrativas acerca de etiquetas representou uma nova fase, entretanto, não posso afirmar que a guinada virtual seja um ponto de inflexão no que se refere ao assunto. A assimilação de pautas sociais latentes nesse início de século impactou a produção das boas maneiras de Gloria Kalil e Claudia Matarazzo, mas faço restrições quanto a promoção de rupturas efetivas. Como migrantes do impresso para o virtual, essas autoras se apropriaram do suporte e se aproximaram de públicos diversos, entretanto, elementos estruturantes de suas

narrativas permaneceram como referenciais em um campo no qual a ancestralidade e a tradição recebem um tom de processo de melhoria.

Os suportes digitais, apropriados por Gloria Kalil e Claudia Matarazzo, reinventaram a forma de prescrever e articularam a mobilização de passados e a projeção de futuros de maneira diferenciada. Sim, por que as prescrições e os sentidos continuaram! A efetiva novidade consistiu na adesão das discussões de gênero e do posicionamento frente ao processo de desconstrução de estereótipos e preconceitos. Uma ruptura real? Sim e não. Não obstante Kalil e Matarazzo terem se apresentado como as únicas autoras constantes no acervo de pesquisa impresso, a permanecerem atuando intensamente na área de produção de prescrições, suas narrativas se inscrevem no seu presente, ou seja, um tempo acelerado, marcado pela disputa entre a era digital progressista e o conservadorismo da tradição. Acredito que estas autoras abriram flancos nesse movimento e, para tanto, fizeram uso das memórias potentes, aquelas exercitadas pelos rituais e ressignificadas pelo pertencimento.

O entendimento sobre o presente de cada um dos manuais do acervo de pesquisa criou possibilidades para identificar as diversas estratégias narrativas que se mantiveram interessantes aos olhos de editoras, leitoras e leitores. A relação com passados múltiplos é inegável, entretanto, a adequação contextual fez emergir os aspectos cambiantes das narrativas que engendraram formas de continuar o diálogo e enfatizar a sua relevância formativa em um período marcado por percepções de tempo com um alto nível de aceleração. Os elementos estruturantes receberam novas interfaces para prender a atenção de seus interlocutores. As narrativas se mesclaram aos elementos temporais que lhes permitiram conservar algoritmos com a mesma funcionalidade: gerar padrões de cortesia e civilidade. Não obstante serem esses conceitos marcados pela historicidade, sua utilização como base narrativa abarcou em si o sentido adotado por publicações dispersas no mais de meio século estudado. O objetivo dos manuais foi conservado pelo êxito no aspecto cambiante das narrativas. A ritualização do cotidiano continua a ser possível por meio da adaptabilidade das formas de ser narrada. Os processos civilizadores prescritos por manuais propõem conceitos “universais” que só fazem sentido quando colocados na ordem do tempo.

A mudança das prescrições de etiqueta e boas maneiras do suporte impresso para o suporte digital criou outras possibilidades no que tange ao alcance e a interação. O diálogo estabelecido com leitoras e leitores do assunto foi sobremaneira alterado em função da imersão nas tecnologias de informação e comunicação em constante atualização. A dicotomia de apresentar conteúdos construídos sobre o lastro das ideias de tradições, herança e pertencimento em um suporte extremamente inovador foi um desafio enfrentado pelas narrativas produzidas

para suporte digital. Com elementos narrativos majoritariamente diferentes foi preciso dar continuidade ao sentido de instruir sobre cortesia e civilidade. A forma de compreender em que medida foi possível esse movimento foi, justamente, depreender a incorporação de demandas socioculturais atuais da estrutura narrativa de prescrições constantes nos suportes digitais. A sensibilidade quanto as novas conjunturas de lutas femininas por direitos e equidade evidenciou as narrativas cambiantes das autoras Gloria Kalil e Claudia Matarazzo. A mudança de suporte e a atenção sobre as pautas sociais mobilizadas por mulheres no tempo da escrita das autoras incentivou novas microrrupturas na questão do comportamento de mulheres, ainda que, algumas práticas consideradas ícones de tradição – como a cerimônia de casamento e servir uma mesa com requinte – continuem a figuram entre o repertório formativo destas autoras.

O século XXI evidenciou o exacerbamento do individualismo em função da reconfiguração das relações. Ao mesmo passo que há desejos de pertencimento, há a busca pela autenticidade e o protagonismo. Há uma "obrigatoriedade moral" de aceitar o outro por que a convivência depende da coletividade. Dessa forma se desencadeiam novas sensibilidades sobre o respeito à diversidade. Às mulheres permaneceu preservada a expectativa de serem agradáveis, como prescreveu Margery Wilson, em 1947. Ainda que se identifique um amplo movimento pela autodeterminação e o protagonismo feminino na sociedade brasileira, a identificação com o doméstico e com a formação de novas gerações – possivelmente, os filhos – continua fortemente atribuída às mulheres. A análise de narrativas produzidas desde a década de 1940 me permitiu inferir que o balizamento do comportamento feminino foi, e é, um projeto social no qual os acordos se configuram a partir de uma visão circunstancial das relações na qual sejam atendidas as expectativas de sociedades majoritariamente patriarcais. Contudo, não cabe à História assumir posições de julgamento, sendo assim, minha análise se concentrou em "como" as narrativas contribuíram e contribuem na construção de memórias que se instalam em alguns grupos sociais.

É conveniente, nesse momento de (in) conclusão, pensar o que posso considerar acerca das questões que se delinearam no processo inicial desta pesquisa: Quais conteúdos constituíam esse tipo de leitura? Como as mulheres estavam representadas nos conteúdos? Quais modos foram selecionados para serem prescritos? Esse tipo de escrita tinha em vista um determinado projeto de mulher? Como as narrativas elaboraram memórias? Por que esse tipo de livro ainda é produzido no século XXI? De que ordem do tempo os manuais são produtores e produtos? Como são a etiqueta e as boas maneiras para as mulheres do século XXI? Como um último fôlego de análise, penso que persegui cada uma das minhas elucubrações acerca de como seriam iluminadas essas questões na minha narrativa. Muitos percursos de entendimento eram

possíveis, todavia, a minha tese de que os elementos estruturantes existentes entre as prescrições e os sentidos foram configurados por temporalidades em interação se apresentou como a mais pertinente escolha de uma historiadora para se aproximar dos processos de elaboração de memórias. Chego a essa etapa final convicta de que as memórias sobre os comportamentos para mulheres se constituem em um processo complexo o qual não se define, apenas, por escolhas aleatórias de lembranças selecionadas como elementos agradáveis para continuarem a ser compartilhados. Em um movimento descontínuo e não linear se processaram as mudanças nos modos como as mulheres se estabelecem e são representadas nos mais diversos setores da sociedade. Os passados constitutivos do processo de construção de memórias sobre o comportamento das mulheres é um elemento estruturante de cada presente que se apresenta de forma fragmentada e assolada pelos projetos inconstantes de futuro. A disputa entre tradições e inovações produz dobras na memória de indivíduos em constante adaptação. Compreendendo que as narrativas dos manuais foram/são apenas um ponto de convergência no movimento temporal e, que tem a capacidade de projetar os indivíduos ao ritmo de sua intensidade. Assim, abandono a minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUALUZA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryfus Editora, 2004.

AL HANATI, Yuri. O segredo das orelhas de livros. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 ago. 2009. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-segredo-das-orelhas-de-livros-bsbluy23eli867ksm36bep8we/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ALVAREZ, Sônia. **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

AMELANG, James S. Presentación – Dossier: De la autobiografia a los ego-documentos: un fórum abierto. **Cultura Escrita & Sociedad**, n. 1, p. 17-18, set. 2005.

ASSIS, Vivianny Bessão de. Leonardo Arroyo e a Coleção "Biblioteca De Educação", da Editora Melhoramentos. In: XXIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA SP - História por que e para quem?, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1462404044_ARQUIVO_2016VIVIANNYEEHtextocompletov3final.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARTlÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 607-639.

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1955.

BENEVIDES, Silvio Cesar; RODRIGUES, Vanessa Ionara. Beleza pura: uma abordagem histórica e socioantropológica das representações do corpo e beleza no Brasil. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 10, p. 81-99, 2017. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/5547/3079>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre-RS: Zouk, 2007.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais, **Revista de História**, São Paulo, vol. XXX, ano XVI, n. 62, p. 261-294, abr./jun 1965.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle **História das mulheres no Ocidente**. Vol. 2. Porto-PT: Edições Afrontamento, 1990. p. 99-141.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **Historia de la cultura escrita**: del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, 2002. p.15-25.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
_____. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1598>. Acesso em: 20 mar. 2016.
_____. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
_____. História, Educação e Civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 e 1960. **Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 121-138, 2005.
_____. Para ler e educar-se: a circulação das novelas de Corin Tellado no sul do Brasil. In: 52º CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS. Cultura, emociones y educación: perspectivas teóricas y aplicadas, **Anais...** 2006, p 49-60.
_____. Ser de cerimônia: Manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos. In: NEPUCENO, Maria de Araújo; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes (Orgs.). **A Educação e seus sujeitos na História**. Belo Horizonte: Argumentum Editora Ltda., 2007. p. 91-108.
_____. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, Assis, vol. 3, n. 1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>. Acesso em: 15 out. 2015.
_____. Saberes impressos: Escritas de civilidade em impressos educacionais (Décadas de 1930-1960). In: YASBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da (Orgs.). **Cultura e História da Educação**: Intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora - MG: Editora da UFJF, 2009. p. 232-251.
_____. Un protocolo de civilidades. Estudio sobre los libros de Corín Tellado. **Cultura escrita & sociedad**, Alcalá de Henares-Madrid, v. 127, p. 12-21, 2010.
_____. Leituras e civilidades. Um estudo sobre os livros de Corin tellado (Décadas de 1960 e 1970). In: BESTANI, Rosa M.; BRUNETTI, Paulina; MARTÍNEZ DE SÁNCHEZ, Ana M.; VERA DE FLACHS, Maria Cristina (Orgs.). **Textos, Autores y Bibliotecas**. Córdoba - ARG: Editora da Universidad Nacional de Córdoba, 2011. p. 417-430.
_____. Das mãos para as mentes: Protocolos de civilidade em um jornal escolar SC (1945-1952). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 49, p. 139-159, 2013.
_____. A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940-1960/ Brasil-Portugal). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 13, p. 285-309, 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 223-240.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
_____. A imprensa e os conselhos para as "boas moças". **históriahoje.com**. Brasil, 31 jan. 2015. Disponível em: <http://historiahoje.com/a-imprensa-e-os-conselhos-para-as-boas-mocas/>. Acesso em: 10 abr. 2017.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>. Acesso em: 14 ago. 2016.
_____. O acontecimento-monstro. In.: _____. **Renascimento do acontecimento um desafio para o historiador***:* entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Editora UNESP, 2013. p. 259-277.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
_____. **O processo civilizador**. Volume 1: Uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.) **Gênero e desigualdade**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1997.

FARIAS, Gilberto; MEDEIROS, Eduardo Santana. **Introdução à computação**. [S.l.:s.n.]. Virtual Books. Disponível em: <http://producao.virtual.ufpb.br/books/camyle/introducao-a-computacao-livro/livro/livro.chunked/ch05s01.html>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e identidade cultural**. Construção da identidade gaúcha em Zero Hora. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação Social da Faculdade dos Meios de Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 2006.

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Vol. 2. Porto-PT: Edições Afrontamento, 1990. p. 461-511.

GÊNERO E AUTONOMIA ECONÔMICA PARA AS MULHERES. **Caderno de Formação** – Brasília: SPM – Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, MMIRDH. Brasília, 10 nov. 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/caderno_genero_autonomia.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editorias**. Tradução: Álaro Faleiros. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. **Revista Brasileira de História**. ANPUH/Marco Zero, São Paulo, vol. 11, nº 21, p. 09-20, 1991.

GOETTERT, Jones Dari; SARAT, Magda (Orgs.). **Tempos e espaços civilizadores**: Diálogos com Norbert Elias. Dourados-MS: Editora da UFGD, 2009.

GREENBLATT, Stephen. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, p. 244-288, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>. Acesso em: 10 jun. 2016.

GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de Freira: Estudo Antropológico sobre a vocação feminina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 73, p. 45-58, 1990.
_____. Feminismes Et Generations Politiques Des Annees 90 Au Bresil. **Cahiers du Cedref** (Politique et Recherchees Feministes), Paris, v. 6, p. 169-190, 1996.
_____. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos – Uma breve história do feminismo no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 211-222, 2004.

GUIA TRABALHISTA. Curitiba: [S.n.], 2017. Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario_minimo.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2005.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850- 1940. Florianópolis: Mulheres, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HOBSBAWN, Eric; RANGER Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÈSENT. Paris-FR, 2016. À propos L'Institut D'Histoire du Temps Présent. Disponível em: <http://www.ihtp.cnrs.fr/>. Acesso em: 10 out. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Mapa do analfabetismo no Brasil**. Brasília-DF: [s.n.], 2003. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>. Acesso em: 23 abr. 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-PUC/Rio, 2006.
_____. **Estratos do tempo**. Estudos sobre a história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto-PUC/Rio, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. 6. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.

LIMA, Guilherme Cunha; MARIZ, Ana Sofia. Editora Civilização Brasileira: novos parâmetros na produção editorial brasileira. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia.

Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 253-270.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Artífices do futuro**: cultura política e invenção do tempo presente de Florianópolis (1950-1980). Florianópolis: Insular, 2016.

LUCA, Tania Regina de Luca. Fontes impressas, historiografia e escrita da História. In: LOHN (Org.). **História nas bancas de revista**: um país impresso: entre representações sociais e culturas políticas. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016. p. 25-48.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado de trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147.

MEZRICH, Ben. **Bilionários por acaso**: a criação do *facebook*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

MONARQUISTAS OCUPAM CARGOS EM BRASÍLIA e reabilitam grupo católico ultraconservador. **BBC News Brasil**. São Paulo, 04 abr. 2019. BBC News Brasil, abr./2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47728267. Acesso em: 10 abr. 2019.

NASCIMENTO, Angela José do. A trajetória da Editora Vecchi. **Intercom**-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol. 12, nº 60, p. 102-106, 1989. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1373/1322>. Acesso em: 20 out. 2017.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. Beleza: uma questão de gênero rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1990). 2005. Tese (Doutorado do Centro de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, 2005.
_____. Imagens de beleza... questões de gênero. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 17, n. 01, p. 293-316, jan./jul. 2007.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

PEREIRA, Daniela Scridelli. **Em busca do refinamento**: um estudo antropológico da prática da etiqueta. São Paulo: Annablume, 2006.
_____. **Interiores e exteriores da etiqueta e da decoração**: gênero, posição social e histórias de vida. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Gosto e deleite: Construção e sentido de um menu elegante. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42, p. 53-69, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4641/3799>. Acesso em: 10 mai. 2017.
_____. **A Arte de Receber**: distinção e poder à boa mesa. Curitiba: Instituto Memória, 2011.
_____. Elementos para a construção do *honnêtehomme* na França do século XVII: civilidade, *bienséance* e domínio da palavra. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 8, n. 14,

jan./jun. 2016. Disponível em: <http://fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/499/698>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
_____. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 513-544.
_____. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 2002.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. Sentidos e significados da viuvez: gênero e poder. **Dimensões**, Vitória-ES, vol. 23, 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2514/2010>. Acesso em: 15 jun. 2007.

PORTINHO, Waldívia Marchiori; DUTRA, Waltensir. Paulo Ronái: tradutor e mestre de tradutores. **Trad Term**, São Paulo, n. 1, p. 21-30, 1994. Disponível em: <www.journals.usp.br/tradterm/article/download/49942/54065>. Acesso em 10 out. 2018.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 578-606.
_____. **A aventura de contar-se**: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RASPANTI, Márcia Pinna. **Bela, recatada e do lar**. históriahoje.com. [S.l.], 20 abr. 2016. Disponível em: <http://historiahoje.com/bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso: 10 set. 2016.

RICOEUR, Paul. **História, memória, esquecimento.** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SALERNO, Lauro Peretto; CUNHA, Maria Teresa Santos. Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR, n. 40, p. 127-139, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/15545/16282>. Acesso em: 10 out. 2017.

SANTANA, Joelma Ramos; WAISSE, Silvia. Chegada e difusão da pílula anticoncepcional no Brasil, 1962-1972: qual informação foi disponibilizada às usuárias potenciais? **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 203-218, jul./dez. 2016. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=57. Acesso em: 12 jun. 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SARTI, Cynthia Andersen. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, vol. 10, n. 1, p. 3-13, 2001. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/1204>. Acesso em: 24 mai. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Código do bom-tom**: ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SIBILIA, Paula. En busca del aura perdida: Espectacularizar la intimidad para ser alguien**. Psicoperspectivas. Cl**, Valparaíso-CL, vol. VIII, n. 2, p. 309-329, 2009. Disponível em: <http://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/viewFile/83/82>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PLÁSTICA ESTÉTICA. De acordo com a ISAPS, Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo. cirurgiaplástica.com.br . São Paulo, 29 jul.2014. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/2014/07/29/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo/>. Acesso em: 20 mai. 2018.

SOHIET, Rachel. **Feminismos e antifeminismos**. Mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e não-remunerado. In: **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Perseu Ábramo, 2004.

STRANG, Bernadete De Lourdes Streisky; SANTOS Fabiane Luzia Menezes. Para casar: as boas maneiras e a economia doméstica na formação das normalistas nas décadas de 1940 a 1960. **Imagens da Educação**, Maringá-PR, v. 7, n. 1, p. 14-23, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/31503>. Acesso em 10 jun. 2017.

SUA LÍNGUA. O autor. **Sua Língua**. [S,l,], 03 abr. 2017. Disponível em: <http://sualingua.com.br/sobre-o-autor/>. Acesso em: 03 abr. 2017.

TESSER, Tereza Cristina. Programas dedicados às mulheres e às crianças marcam os primeiros vinte anos do Rádio, nas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...** V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, São Paulo, 2007, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Programas%20dedicados%20as%20mulheres%20e%20as%20criancas%20marcam%20os%20primeiros%20vinte%20anos%20do.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 139-156.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. **Editora Globo**: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
_____. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 235-252.

WOUTERS, Casparius Adrianus Petrus Maria "Cas". Changing regimes of manners and emotions: from discipline to informalization. In: QUILLEY, Stephen; LOYAL, Steven. **The sociology of Norbert Elias**. Cambridge-UR: Cambridge University Press, 2004. p. 193-211.
_____. Tecnologia e o equilíbrio da sensualidade1 no amor e no sexo. **Revista Gestão Empresarial**, Ponta Grossa-PR, v. 02, n. 03, p. 174-183, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281861194_Revista_Gestao_Industrial_TECNOLOGIA_E_O_EQUILIBRIO_DA_SENSUALIDADE_1_NO_AMOR_E_NO_SEXO_TECHNOLOGY_AND_THE_LUST_BALANCE_OF_SEX_AND_LOVE>. Acesso em: 02 nov. 2016.
_____. **Informalização**: Maneiras e Emoções desde 1890. Londres: Sage, 2007.
_____. Mudanças nos regimes de costumes e emoções: da disciplinarização à informalização. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas (Orgs.). **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 91-117.
_____. Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 27, n. 3, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000300006>. Acesso em 10 dez. 2016.

FONTES

Bibliográficas

ARRUDA, Fabio. **Sempre, às vezes, nunca**. 7. ed. São Paulo: Arx, 2003.

BERNAGE, Berthe. **Arte Das Boas Maneiras**. Lisboa: Portugália, 1961.

CARVALHO, Marcelino de. **Guia de Boas Maneiras**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1961.
_____. **Snobérrimo**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966.
_____. **Só para homens**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.

D'ÁVILA, Carmen. **Boas maneiras**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

KALIL, Gloria. **Chic [érrimo]** Moda e etiqueta em novo regime. 6. ed. São Paulo: Códex, 2004.
_____. **Alô, Chics!** 1ª reimpressão. São Paulo: Ediouro, 2007.

LEÃO, Danuza. **Na sala com Danuza**. 32. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
_____. **Na sala com Danuza**. Livro de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras**. Livro de bolso. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1958.
_____. **Aprenda as Boas Maneiras**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

MATARAZZO, Claudia. **Etiqueta sem frescura**. 26. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

NICKOL, Maria do Carmo. **Mil Regras Ilustradas De Boas Maneiras**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

PITIGRILLI. **O marido perfeito e a mulher ideal**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1956.
_____. **Não se come frango com as mão**s – moderno código de boas maneiras. Rio de Janeiro: Vecchi, 1959.

RIBEIRO, Celia. **Etiqueta na Prática.** Um guia moderno para as boas maneiras. 19ª edição. Porto Alegre: L&PM, 1992.
_____. **Etiqueta Século XXI.** Um guia prático de boas maneiras para os novos tempos. Porto Alegre: L&PM, 2005.
_____. **Boas maneiras à mesa.** Comer e beber segunda as regras da etiqueta moderna**.** Livro de bolso. Porto Alegre: L & PM, 2006.

VANDERBILT, Amy. **O Livro de Etiquêta –** um guia para uma vida elegante. Rio de Janeiro: Récord, 1962.

WILSON, Margery. **Cortesia-** novo código social das boas maneiras. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1947.

Entrevista em canal virtual

MATARAZZO, Claudia. Capítulo à Parte -Etiqueta sem frescura. **TV Câmara**, São Paulo, 1º nov. 2007. Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iI_RZP6ORtQ>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Hemerográficas

O GLOBO. Acervo virtual. Rio de Janeiro: 27 abr. 1945, p. 9. O Globo abr./1945. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019450427C&edicao=Vespertina>. Acesso em: 25 abr. 2018.
_____. Acervo virtual. Rio de Janeiro: 01 jun.1945, p. 9. O Globo jun./1945. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019450601C&edicao=Vespertina>. Acesso em: 25 abr. 2018.
_____. Acervo virtual. Rio de Janeiro: 16 nov. 1945, p. 9. O Globo nov./1945. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019451116C&edicao=Vespertina>. Acesso em: 10 mai. 2018.
_____. Acervo virtual. Rio de Janeiro 30 nov. 1945, p. 12. O Globo nov./1945. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019451130C&edicao=Vespertina>. Acesso em: 20 jul. 2018.
_____. Acervo virtual. Rio de Janeiro: 22 fev. 1958, p. 9. O Globo fev./1958. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=195019580222>. Acesso em: 10 mai. 2018.
_____. Acervo virtual. Rio de Janeiro: 16 jan. 1962. O Globo jan./ 1962. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019620116>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. Acervo virtual. Rio de Janeiro: 16 mar.1962. O Globo mar./1962. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019620316>. Acesso em: 20 abr. 2018.
O Globo. Acervo *on line*. Rio de Janeiro: 19 nov. 2005, p.1. O Globo nov./2005. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020051119>. Acesso em: 12 mai. 2018.

THE NEW YORK TIMES ARCHIVES. New York, 28 dez. 1974. The New York Times, dez./ 1974. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1974/12/28/archives/amy-vanderbilt66-falls-to-death-here-amy-vanderbilt-is-dead-at-66-a.html>. Acesso em: 25 mai. 2017.
_____. New York, 28 dez. 1974. The New York Times, dez./1974. Disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1974/12/28/79373054.html?action=click&contentCollection=Archives&module=LedeAsset&region=ArchiveBody&pgtype=article>. Acesso em: 25 mai. 2017.

Documentos de jornais eletrônicos

CLÁSSICO DOS LIVROS DE ETIQUETA ensina a ser mais sofisticado e elegante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/683468-classico-dos-livros-de-etiqueta-ensina-a-ser-mais-sofisticado-e-elegante.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2016.

DANUZA LEÃO: ‘O Globo de Ouro me pareceu um grande funeral’. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jan. 2018. Entrevista. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/danuza-leao-globo-de-ouro-me-pareceu-um-grande-funeral-22271999>. Acesso em: 12 jan. 2018.

ESCOLA DE ETIQUETA volta a funcionar depois de 20 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 out. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/escola-de-etiqueta-volta-funcionar-depois-de-20-anos-17711233>. Acesso em: 10 out. 2016.

ESCOLA DE PRINCESAS ensina etiqueta, culinária e organização de casa a meninas de 4 anos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 2016. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,escola-de-princesas-ensina-etiqueta-culinaria-e-organizacao-de-casa-a-meninas-de-4-a-15-anos,10000081544>. Acesso em: 13 out. 2016.

GLORIA KALIL lança o livro 'Chic Profissional'. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2017. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gloria-kalil-lanca-o-livro-chic-profissional,70001849646>. Acesso em: 20 jun. 2017.

INSTITUIÇÃO que ditava regras de boas maneiras agora ensina a lidar com celulares. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 nov. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/instituicao-que-ditava-regras-de-boas-maneiras-agora-ensina-lidar-com-celulares-18054941>. Acesso em: 10 out. 2016.

OFICINA DE 'DESPRINCESAMENTO' chega a São Paulo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 08 nov. 2016. O Estado de São Paulo, nov./2016. Disponível em: <http://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,oficina-de-desprincesamento-chega-a-sao-paulo,10000087075>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SARAIVA FECHA compra da Siciliano por R$ 60 milhões. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 mar. 2008. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/saraiva-fecha-compra-da-siciliano-por-60-milhoes-3624750>. Acesso em: 21 mai. 2017.

Documentos de revistas eletrônicas

CLAUDIA LEITTE, a decotada do 'The Voice', dá dicas para manter casamento: 'Meia-luz para as cheinhas'. **Veja**, São Paulo, 3 nov. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/claudia-leitte-a-decotada-do-the-voice-da-dicas-para-manter-casamento-meia-luz-para-as-cheinhas/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

DANUZA LEÃO – Defesa da baixaria. **Época**, São Paulo, 06 abr. 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI131634-15228,00-DANUZA+LEAO+DEFESA+DA+BAIXARIA.html>. Acesso em: 10 jun. 2017.

KALIL, Gloria. Gloria Kalil diz o que parece chique (mas não é) no trabalho. **Exame**, São Paulo, 08 jun. 2017. Entrevista. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/gloria-kalil-diz-o-que-parece-chique-mas-nao-e-no-trabalho/>. Acesso em: 20 set. 2018.

LOGULLO, Eduardo. O livro de Aracy surgiu de um enigma. **Bahia Vitrine**, Salvador, 2015. Entrevista. Disponível em: <http://www.bahiavitrine.com.br/entrevistas/eduardo-logullo/103>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Redes sociais virtuais

KALIL, Gloria. **Na série**. [S.l.], 06 set. 2017. Facebook: Gloria Kalil. Disponível em: <https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806/776250485832849/?type=3&theater>. Acesso em: 20 out. 2017.
_____. **Estive há poucos dias**. [S.l.], 20 set. 2017. Facebook: Gloria Kalil. Disponível em: <https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806/783711668420064/?type=3&theater>. Acesso em: 20 out. 2017.
_____. **Amanhã estarei na Feira do Empreendedor 2018**. [S.l.], 06 abr. 2018. Facebook: Gloria Kalil. Disponível em: <https://www.facebook.com/GloriaKalilChic/photos/a.329574293833806/918200861637810/?type=3&theater>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LEÃO, Danuza. **Eu já fui garota propaganda do cigarro Charm**. [S.l.], 19 dez. 2012. Facebook: Danuza Leão. Disponível em: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/244089579054826/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.
_____. **O que significa o botão curtir**? [S.l.], 26 dez. 2012. Facebook: Danuza Leão. Disponível em: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/246984395432011/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.
_____. **Há quanto tempo você não vê um homem**. [S.l.], 17 jul. 2014. Facebook: Danuza Leão. Disponível em: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/514923881971393/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. **Afinal, homem serve pra quê?** [S.l.], 26 jan. 2015. Facebook: Danuza Leão. Disponível em: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/432661336864315/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.
_____. **Outro dia, numa dessas conversas sem compromisso**. [S.l.], 27 set. 2014. Facebook: Danuza Leão. Disponível em: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966.59305.234594333337684/553543681442746/?type=3&theater>. Acesso em: 05 set. 2018.
_____. **Dúvida que chegou por e-mail**. [S.l.], 28 jul. 2014. Facebook: Danuza Leão. Disponível em: <https://www.facebook.com/NoChatComDanuza/photos/a.234984846631966/519722854824829/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MATARAZZO, Claudia. **O novo conceito de luxo**. [S.l.], 14 set. 2014. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/714818261938181/?type=3&theater>. Acesso em: 10 mai. 2017.
_____. **CARAS Blogs é assim, a todo momento**. [S.l.], 17 dez. 2014. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/768645669888773/?type=3&theater>. Acesso em: 15 mai. 2017.
_____. **A vida é assim - corra atrás dos seus sonhos e fantasias**. [S.l.], 16 fev. 2015. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/805350632884943/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.
_____. **Feliz com o #claudiamatarazzoensina!** [S.l.], 05 mai. 2016. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1055471124539558/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.
_____. **No Finess Buffet Festas em Teresina**. [S.l.], 04 jun. 2016. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1074740195945984/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2017.
_____. **Maceió - Espero vocês nesse grande evento**. [S.l.], 24 out. 2016. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1191591267594209/?type=3&theater>. Acesso em: 15 mar. 2018.
_____. **Ela pediu os protestos em seu casamento!** [S.l.], 16 jul. 2017. Facebook: De Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/1490277934392206/?type=3&theater>. Acesso em: 15 mar. 2018.
_____. **Não percam!!!** [S.l.], 11 ago. 2017. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575.62081.250357628384249/1517699751650024/?type=3&theater>. Acesso em: 10 mai. 2017.
_____. **Delicia é ver que nosso primeiro trabalho**. [S.l.], 09 abr. 2019. Facebook: Claudia Matarazzo. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiamatarazzooficial/photos/a.250397701713575/2307575082662483/?type=3&theater>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Websites

AMAZON. Loja virtual. Consulta de livros estrangeiros. Seattle-EUA, 12 mar. 2017. Disponível em: <https://www.amazon.com/Amy-Vanderbilts-Complete-Book-Etiquette/dp/B0007I885Y>. Acesso em: 12 mar. 2017.
_____. Loja virtual. Consulta de livros estrangeiros. Seattle-EUA, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.amazon.com/New-Etiquette-Modern-Social-Behavior/dp/B000NZ9ZNU>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BABELIO. Biografia de Berthe Bernage. **Babelio** - Comunidade sobre livros e leitores. [S.l.], 25 mai. 2017. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Berthe-Bernage/76169>. Acesso em: 25 mai. 2017.

CATALOGUE GÉNÉRAL. Berthe Bernage. Lista de publicações. [S.l.], 25 mai. 2017. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/rechercher.do?motRecherche=Berthe+Bernage+1947&critereRecherche=0&depart=0&facetteModifiee=ok>. Acesso em: 25 mai. 2017.

EBAY. Loja virtual. Consulta de livros estrangeiros. [S.l.], 20 jul. 2016. Disponível em: <http://www.ebay.it/itm/COME-QUANDO-FUORI-PIOVE-PITIGRILLI-SONZOGNO-1954-/232126684422?hash=item360bd41d06>. Acesso em: 20 jul. 2016.

ESCOLA DE PRINCESAS**. Escola de Princesas**, Uberlândia, 20 mai. 2017. Disponível em: <http://escoladeprincesas.net/ws/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

ESCUELA DESAPRENDIZAJES SOCIOCULTURALES. **Escuela desaprendizajes socioculturales**. Desaprendizajes socioculturales. Desaprendernos, Chile, 22 mar. 2016. Disponível em: <http://desaprendernos.blogspot.com.br/?m=1>. Acesso em: 20 mai. 2017.

ESTANTE VIRTUAL. Consulta de acervos. [S.l.], 11 abr. 2018. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/b/carmen-davila/boas-maneiras/3461541077&offset=2>. Acesso em: 11 abr. 2018.
_____. Consulta de acervos. [S.l.], 20 mai. 2018. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/dora-maria/aprenda-as-boas-maneiras/1379434549?offset=2>. Acesso em: 20 mai. 2018.

GIRLS ROCK ACAMP. **Girls Rock Acamp**. [S.l.], 20 mai. 2017. Disponível em: <http://girlsrockcampalliance.org/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GIRLS ROCK ACAMP BRASIL. **Rock Acamp Brasil**. Sorocaba, 20 mai. 2017. Disponível em: <https://www.girlsrockcampbrasil.org/home>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GRUPO RBS. Nossas marcas. **Grupo RBS.** Porto Alegre, 25 mai. 2017. Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>. Acesso em: 25 mai. 2017.

IBERLIBRO. Livraria virtual. Consulta de publicações de Pitigrilli. [S.l.], 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.iberlibro.com/colecciones/sc/pitigrilli/6aq73ZLt3NQnzLnRhRoWvE>. Acesso em: 10 dez. 2018.

LIVRARIA TRAVESSA. Loja Virtual. Alô, Chics! Etiqueta contemporânea (audiobook). Rio de Janeiro, 20 set. 2018. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/alo-chics-etiqueta-contemporanea-audiobook/artigo/fcba9ecf-9450-4015-9fa3-7f2355ad3a0b>. Acesso em: 20 set. 2018.

MATARAZZO, Claudia. Descansar os talheres durante a refeição – não é bicho papão. **Claudia Matarazzo Sem Frescura**. São Paulo, 23 jul. 2018. Disponível em: <http://www.claudiamatarazzo.com.br/etiqueta-empresarial/descansar-os-talheres-durante-a-refeicao-nao-e-bicho-papao/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

PORTO ALEGRE - HISTÓRIAS/PERSONAGENS. Gilda Marinho. **Porto Alegre/ Histórias e personagens**. Porto Alegre, 25 out. 2010. Disponível em: <http://portoalegre-rs.blogspot.com.br/2010/10/gilda-marinho.html>. Acesso em: 10 fev. 2017.

RIBEIRO, Celia. **Editora LP & M**. Vida e obra de Celia Ribeiro. Porto Alegre, 25 mai. 2017. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=27>. Acesso em: 25 mai. 2017.

SOCILA ESCOLA. Rio de Janeiro, 2017. **História da Socila**. Disponível em: <http://www.socilaescola.com.br/site/historia-da-socila/>. Acesso em: 20 jan. 2017.

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT. Profile Margery Wilson. **Women Film Pioneers Project**. [S.l.], 25 mai. 2017. Disponível em: <https://wfpp.cdrs.columbia.edu/pioneer/ccp-margery-wilson/>. Acesso em: 25 mai. 2017.

ANEXO 1: O Globo de 01 junho de 1945: múltiplas mulheres

O PAPEL DA MULHER NO APÓS-GUERRA

Por ADELAIDE KERR

CARTA A UM MENINO

(Especial para O GLOBO FEMININO)

"A ciência a serviço de Eva"

PARA AS NOIVAS DE JUNHO

Por DOROTHY ROE

PELETERIA FRANCESA LTDA.

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO DE PELES FINAS DE TODAS AS QUALIDADES

O MAIOR SORTIMENTO OS MENORES PREÇOS

RUA DA ALFÂNDEGA, 234 — Fone 43-4600

PROMPTO A ATENDER PAIZOS

AGUARDEM!...

PELETERIA FRANCESA LTDA. (Filial)

COMO NÃO ALIMENTAR UMA CRIANÇA

Por ROBERT S. COOL

Ágora! novamente é vendida em Catinhas

BIOLAIMO

ANEXO 2: O Globo de 30 de novembro de 1945: os 10 mandamentos das donas de casa

PARA AS DONAS DE CASA

(Especial para O GLOBO FemININO)

1 — Não tenha na cama além das 8 horas, qualquer que seja a hora da sua dormida na véspera.

2 — Uma vez levantada, cuide logo de sua "toilette", refeição matinal; a seguir dê aos cozinheiros as suas instruções às empregadas.

3 — Durante o resto da manhã examine o que vai pela sua casa, cuide das coisas que a guarnecem, principalmente das roupas e de tudo quanto seja quinda-feira, sem se esquecer de conferir as contas dos fornecedores.

4 — Ao sair à tarde, procure voltar antes do regresso do seu marido para verificar se tudo está em ordem para o jantar.

5 — Receba-o alegre e prazenteira, porque a pertinácia, o lar e o seu sorriso são para o espírito dele, após o labor diário, como o óleo para o viajante, ao fim de jornada pelo deserto.

6 — Nunca o aborreça com a narrativa das suas pequenas contrariedades domésticas, pois estas você deverá solucioná-las inteligentemente.

7 — Seja ordenada e metódica em seus gastos domésticos e procure porque fartura e variedade, elegância e conforto não existem economia.

8 — Não se esqueça de que sabe como não há bom cavalo montado por mau cavaleiro, não existe boa empregada mandada por deficiente dona de casa.

9 — Considere sua empregada como ser humano e não e sobrecarregue de trabalhos para lhe tirar os momentos de folga que você propria tanto aprecia. Se ela for uma só auxilia-a em certos serviços mais leves para aliviá-la e suavizar-lhe o sentimento de servidão.

10 — Não abdique de nenhuma de suas prerrogativas de dona de casa, está certo; não fuja, porém, a nenhuma dos deveres dessa.

11 — Convença-se de que as atenções morais para com o seu companheiro valem, as vezes, tanto quanto os cuidados materiais. A suprema inteligência consiste, o conjunto delas como elemento inseparável da felicidade conjugal.

12 — Se seu marido voltar da rua aborrecido, não lhe agrave o estado daíma reprimindo-o por isso ou importunando-o com perguntas a tal respeito ao ser se conservar silencioso. Agindo, procedendo, a sua discrição e bom humor reagirão benfeitorizante sobre ele. Eis aí uma serie de advertências que sentidas a fôrça, muito contribuirão para a felicidade do lar.

AGUA OXIGENADA

As mamães podem ir tranquilas ao cinema...

O problema das mamães que querem passar um dia, seja ir ter ir passar na casa da amiga de a infância, sem abandonar ou mesmo assistir a uma sessão de cinema, porque não contam com uma pessoa de confiança que lhes tome conta convenientemente dos bebês, está sendo solucionado pelo espírito prático dos americanos. Assim é que em todos os núcleos dos Estados, uma organização feminina que se apresenta as mães de "Bandeirantes", ensina aos seus filhinhos a difícil ciência de tratar por algumas horas de um pimpolho de pouco meses.

Elas aprendem os pontos mais importantes para o bom estar de um bebê na ausência de sua mamãe — como dar banho, trocar de roupa, divertir e alimentar, como preparar uma fórmula, esterilizar mamadeiras, o que fazer se um bebê chora, os sinais.

Com isso, muitos papais e mamães, atualmente, quando querem sair, seja para um assunto fútil ou importante, telefonam para o centro mais próximo das "Bandeirantes"—e ficam aguardando por alguns minutos à espera de uma moça especializada para cuidar com toda a eficiência do bebê.

1) Muito prazer em conhecê-lo! A jovem atendeu o telefonema dos papais que precisam sair, e mostra-se ensaiada com o escrito de que terá de tomar conta por algumas horas.

2) O garoto servirá para uma "aula de banho", as novatas, "Tudo aprendem: a temperatura da água, o melhor modo de enxugar sem irritar a pele, a forma de segurar para colocar na bacinete, como aplicar o talco e a loção para fortalecer as partes mais sensíveis do corpo.

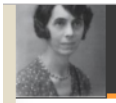
3) A lenda da fralda... É fácil colocar uma fralda, mas não muito fácil colocar uma fralda muito bem... A colocação do alfinete, as dobras e a junção das pontas são coisas que nem todas sabem como perfeição. E é o que as novatas estão aqui aprendendo. Como se pode notar o garoto mostra-se muito confiante.

4) As dedicadas jovens ficam sabendo também como preparar uma fórmula, seja ela medicinal ou alimentícia. O curso as prepara para qualquer emergência. A Dra. Ruth Merkley, do Departamento de Medicina aparece na gravura instruindo as futuras "mães".

5) A hora da mamadeira. Betty Weiner, uma "Bandeirante" que já completou o curso, indica aqui a maneira correta de segurar um bebê enquanto lhe dá a mamadeira. Há o que aprender, neste sentido...

Rosalie

ANEXO 3: Biografia de Berthe Bernage



Berthe Bernage

INFOS CITATIONS (94) PHOTOS (3) FORUM

AJOUTER UNE PHOTO

ASSOCIER À UN AUTEUR

Note moyenne 3.46 /5 (sur 25 notes)

41 Livres, 6 Critiques

BIOGRAPHIE & INFORMATIONS

LIRE MODIFIER HISTORIQUE

Nationalité : France
Né(e) à : Paris , le 11/08/1886
Mort(e) à : Paris , le 2/05/1972
Biographie :

Berthe Bernage est une écrivaine française. Elle est connue notamment pour sa série Brigitte, commencée en 1925, qui raconte la vie de Brigitte Hauteville de son adolescence à sa vieillesse. Elle est aussi connue sous le pseudonyme de Bettine.
Sa vie a été consacrée à l'écriture (des romans, des nouvelles, des ouvrages théoriques et pratiques, des chroniques), à l'édition ("la Semaine de Suzette" et "Les veillées des chaumières") et aux Editions Gautier Languereau (55, quai des Grands Augustins, puis 18, rue Jacob) en général.

Jacob) en général.
Dès son enfance elle a observé et noté le comportements de son entourage bourgeois, milieu dans lequel elle évolue, où seuls, ordre, discipline, devoir, sacrifice, amour de la patrie et bons sentiments sont de rigueur. C'est du moins ce qu'elle croit et retient. Ses tableaux enfantins deviennent peu à peu des contes qu'elle lit à ses amis puis qu'elle envoie à quelques revues bien pensantes qui les acceptent. Ainsi en 1923 elle commence véritablement une carrière littéraire.
Très active dans les organisations catholiques, elle participa en octobre 1932 avec Marguerite Bourcet à une retraite d'écrivains catholiques organisée par le père Bessières au couvent de la Solitude à Versailles : y furent fondées les Journées des Femmes écrivains catholiques, rencontres-retraites qui se tinrent trois fois par an dans les années suivantes.
En 1934 Berthe devient sociétaire de la Société des Gens de Lettres. Elle y fut présentée ainsi « Comparés aux livres de Mlle Berthe Bernage, ceux de la Bibliothèque rose pourraient passer pour licencieux et presque démoniaques ». Ses livres furent traduits en plusieurs langues y compris le turc.

Source : http://pivoineblanche7.canalblog.com
AJOUTER DES INFORMATIONS conformément à nos conditions d'utilisation.

Contributeurs : JulyF, lormari

ANEXO 4: Biografia de Margery Wilson

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT

OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT

Search

In Partnership with

CDRS

COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES/ INFORMATION SERVICES

PROFILE

Margery Wilson

Lived: October 31, 1896 - January 21, 1986

Also Known As: Sara(h) Barker Strayer, Margie Wilson, Marjory Wilson, Marjorie Wilson, Mrs. Otto Meeks

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT

OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT

Search

In Partnership with

CDRS

COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES/ INFORMATION SERVICES

by Janet Walker

By the time Margery Wilson reached her late twenties, she had completed her work as a film director. Prior to that, according to autobiographical accounts, she had received a seminary education supplemented in philosophy and literature by her father, actively pursued social-service work, and given one-woman public performances at clubs, schools, and churches in the Cincinnati area. She toured Ohio and south to Atlanta as a leading lady with the John Lawrence players, founded her own theatre company at sixteen years of age, and embarked to London with her sister Mary on an aborted world tour as musical entertainers (Wilson 1956). Then, in 1914, Margery Wilson traveled to Los Angeles and launched her Hollywood career. Today she is best remembered as Brown Eyes in D. W. Griffith's *Intolerance* (1916), but her motion picture career was extensive, with three dozen roles including many starring performances to her credit.

Margery Wilson (a/d/w/p/o) *Eye of the Night* (1916). PC

In Hollywood, she was under contract to D. W. Griffith, then, as Anthony Slide says, "director-in-chief" at Reliance-Majestic Studios, which would later become the Fine Arts Corporation, (Slide 1998, 171). Working under Griffith (credited as Margie Wilson), she costarred with Dorothy Gish in *Bred in the Bone* (1915) and with Douglas Fairbanks in *Double Trouble* (1915). She played the lead (credited as Marjory Wilson) in *The Eye of the Night* (1916), with John Gilbert as her younger brother, and starred with W. S. Hart in a handful of films including *The Return of Draw Egan* (1916), *Wolf Lowry* (1917), and *The Gun Fighter* (1917), all for the New York Motion Picture Corporation, Kay-Bee. In *Venus in the East* (1919) for Famous Players-Lasky Corporation, Wilson was directed by Donald Crisp and she appeared (credited as Marjorie Wilson) with J. Warren Kerrigan in *The House of Whispers* (1920) for

Wolf Lowry (1917), and *The Gun Fighter* (1917), all for the New York Motion Picture Corporation, Kay-Bee. In *Venus in the East* (1919) for Famous Players-Lasky Corporation, Wilson was directed by Donald Crisp and she appeared (credited as Marjorie Wilson) with J. Warren Kerrigan in *The House of Whispers* (1920) for Robert Brunton Productions. Wilson was thus an experienced motion picture actress before she began writing, directing, and producing her own projects.

Magery Wilson (a/d/w/p/o) AMPAS

Born Sara Barker Strayer in Gracey, Kentucky, by her own report, or as Sarah B. Strayer in Tennessee according to the Twelfth Census of the United States [1900], Margery Wilson lived more than sixty years subsequent to her directing career, during which time she achieved success as a speech coach for actors, a public lecturer in person and on the radio, and as an author of numerous guidance books, or what might be called inspirational non-fiction. She had splendid homes on both coasts, was married more than once, became the mother of two children, both of whom predeceased her, and counted among her associates many authors, artists, business people, politicians and diplomats, and celebrities of the twentieth century, including Will Rogers, William Randolph Hearst, Howard Hughes, Elizabeth Arden, broadcast journalist Lowell Thomas, and painter Pierre Tartoué. Her autobiography, *I Found My Way*, was published in 1956.

This, then, is the context for Margery Wilson's short career as a film writer-director-producer, dating from 1920 to 1923, and a few more years if we add the time during which she toured with her films. Can we count her among significant women film directors, celebrating Wilson's achievements as a woman in a man's profession and mourning the loss of her films as director, of which all that remains are photographic stills? Or shall we remand her to the margins of the

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT
OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT

directing profession while recognizing her achievements in acting? After all, she directed and/or produced only four films, including one, *The Offenders* (1922–23), that she claims in her autobiography to have directed as well as produced (196), but that the American Film Institute credits to the directorship of Fenwicke L. Holmes.

As an added complication in assessing this history, Margery Wilson's professional achievements raise once again the question of whether it is appropriate to use the term "feminist" with reference to women directors, writers, and producers who competed and overcame the odds against their projects. One approach is Gwendolyn Foster's inclusive understanding of Wilson's work as "a significant part of our feminist cinema heritage" (Foster 1995, 374). And when Anthony Slide, who researched Margery Wilson's career and spent time interviewing her over many years, revised and expanded his 1977 book *Early Women Directors*, he titled the resulting 1996 publication *The Silent Feminists: America's First Women Directors*. If in one decade we nominate these notable women as "feminists", in an earlier decade people may not have thought of them—and they may not have thought of themselves—as such. One can only speculate whether Wilson would have approved Slide's title change. But as Slide himself later recalled with all due irony at "A Tribute to Early Women Directors" held at the Pacific Film Archive in Berkeley, California, in October 1982, Wilson stated clearly that she did not wish to be called a feminist.

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT
OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT
Search
In Partnership with
CDRS
COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES/ INFORMATION SERVICES

Such apparent conflicts over the decades and among interpretative approaches appear less sharp from a broader cultural perspective. The overarching inspirational scenario Margery Wilson created in her autobiography and interviews, and apparently through her actions, was that of her life itself, with the directing and producing work an integrated part of the plot. In particular, she seems to have been conscious always that a woman's choices are constrained by gender relations favoring male dominance, but still offering plentiful opportunities to the artful woman. The description of her first approach to Hollywood —a streetcar trip to Reliance and Majestic studio, ostensibly to secure a job for her sister Mary by enacting the latter's beauty and talent—illustrates Wilson's delight in scenarizing her life for readers, portraying a Wilson persona who was both enterprising and lucky. She relates how she paid careful attention to her garb ("I went to a shoe-shop and had the buttons tightened on my shoes to make my feet look very trim") and her demeanor (once at the studio, "I turned away to look at the buildings as though I might be considering buying them"). Wilson then writes about how she promoted her sister Mary at the audition: "I walked as she did. I tried to convey her personality. I described her, sang her praises, laughed and cried about her" (1956, 125–128). But this performance, she says with modest surprise, impressed a studio executive and won her own rather than her sister's acting entrée (127).

She Was Padded to Fame

Margery Wilson (a/d/w/p/o). *Photoplay* Dec. 1917. PD

Wilson's guidance books also reflect the ability to set a scene and turn men's actions to her advantage. In the 1951 *How to Make the Most of Wife* [sic], Wilson advises ambitious husbands, saying that "women are simple souls, not at all complicated and difficult as some of them would like to appear," yet in effect she here suggests behaviors that benefit the wives, whose husbands are counseled to treat them with kindness and respect (10). In the chapter titled "The Wife as an

Investment", men are coached to protect one of their greatest economic assets: their wives. "Walk WITH your wife down the street, in stores and public places," "Talk WITH your wife.... Even if you have to recite the multiplication table with a pleased expression on your face, looking at your wife the while, the rest of the world will want to know that animated interesting-looking couple" (16). And the wife will "become" interesting if encouraged, Wilson asserts. These small gestures will build a wife's confidence and consequently she will run an efficient home, keep up her appearance, and in all ways help to recommend the husband in his business career. The irony for contemporary readers, and one suspects for Wilson as well, is that the partner whose behavior is in greatest need of improvement is not the wife but the husband.

Wilson left film production when she married Otto Meeks, the owner of a ranching empire, and began to raise their children. Ever active professionally, however, she turned to writing radio scripts for her own Los Angeles program on charm. The project expanded to a book, *Charm*, initially published in 1928 and then revised and reprinted many times as *The Woman You Want to Be: Margery Wilson's Complete Book of Charm*. Additional books followed, some still quoted: *The New Etiquette* (1937), *Your Personality—and God* (1938), *Make Up Your Mind* (1940), *The Pocket Book of Etiquette* (1940), *How to Live Beyond Your Means* (1945), *Believe in Yourself* (1949), *You're as Young as You Act* (1951), *Double Your Energy and Live Without Fatigue* (1961), and *God—Here and Now* (1978). Wilson maintained her connection to the film industry by contributing to a series of short pamphlets about famous people, writing in her autobiography that she was engaged to write fifty pamphlets drawing on her Hollywood connections (223). Two of these, one on Dolores Del Rio and another on Douglas Fairbanks, are available at the Margaret Herrick Library of the Academy of Motion Picture Arts and Sciences.

Given the wide range of her activities, it is not surprising that fewer than thirty pages of *I Found My Way* are devoted to Wilson's directing and producing career. Nevertheless, she seems to have taken great pride in her accomplishments in the film industry. Interviewed in the documentary film, *The Silent Feminists: America's First Women Directors* (Jeffrey Goodman and Anthony Slide, 1993), and in print, Wilson speaks with animation about her struggles and successes, noting with evident satisfaction the respect she earned from studio chief Robert Brunton at whose

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT
OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT
Search
In Partnership with
CDRS
COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES/ INFORMATION SERVICES

Melrose, Los Angeles, studios she directed her first feature, *That Something* (1920), in which she also starred, and the comedy short, *Two of a Kind* (1920). At the time *Moving Picture World* reported that Wilson had plans to write and direct an entire series of two-reel "super-comedies" at the studio (Giebler 1920, 93).

Like so many of her industry contemporaries who aspired to produce and direct, Margery Wilson's claims of authorship are not consistently validated by contemporary sources. For instance, while a contemporaneous review of *That Something* in *Moving Picture World* (Robb 1921, 758) seems to corroborate Wilson's singular autobiographical statement "I went to the coast and made a picture of the story" (196), the American Film Institute's online catalog (2003–2009) lists Lawrence Underwood as co-director. Likewise, where *Insinuation* (1922) and Wilson's last release *The Offenders* (1922–23) were marketed as Margery Wilson Productions and Wilson states unequivocally that she directed both (196, 200–210), AFI online lists Fenwicke L. Holmes as director of the latter work.

In any case, *Insinuation* was Wilson's most well-received directorial effort, and here contemporaneous as well as modern sources are in agreement that she was responsible for the story, scenario, direction, and producing of this film in which she also starred (Inman 62). Wilson toured with the film throughout the United States and Canada for several years after it opened. A morality tale about a woman (played by Wilson) whose life is almost ruined by the insinuations of a small-town gossip and a brother who fell in with bad company, the film ends with the woman being saved by her upstanding physician husband, whom she meets when her theatre troupe becomes stranded in the town. A 1922 *Moving Picture World* review applauds Wilson's "elusive charm" in the starring role, the casting of the other roles, including Percy Holton as the "weak brother", and the fidelity as well as the beauty of the film's Vermont setting: "the story they tell is natural, wholesome and absolutely faithful in detail and delineation. The plot of the picture-story is laid amid magnificent mountain scenery that is even more beautiful when covered with a mantle of snow... [The film] will be classified among the top-notchers" (62). Responding to the attention Italian neorealist films were receiving for the practice of motion picture location shooting, Wilson claimed with legitimacy to have been an innovator in this area, although her assertion of priority reveals an incomplete knowledge of the early history of the practice. "So far as I know, this was the

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT
OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT

first picture made without building sets for interiors, though the Italians in recent pictures are being credited with being the first to do so. I made mine over twenty years ago" (1956, 201). Perhaps the naturalness the reviewer sees in the film is attributable to Wilson's having brought her own past theatre experience to bear in the creation of the story centered on an acting troupe. In any case, something genuine in *Insinuation* inspired the description of the film as "a page taken bodily from the book of life itself" (Inman 1922, 62).

This phrase may indeed sum up the way in which Wilson's film directorial career, short in its span of years, was nevertheless bound up with the other chapters of the richly inventive life she lived. Testimony to the concern she had for her legacy, Margery Wilson donated her papers to the University of Wyoming in 1980, six years before she died at the age of eighty-nine.

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT

OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT

Search

In Partnership with

CDRS

COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES/ INFORMATION SERVICES

Selected Bibliography

Giebler, A.H. "Los Angeles News Letter by A. H. Giebler." *Moving Picture World* 45, no. 1 (3 Jul. 1920): 93.

------. "That Something – Margery Wilson." *Harrison's Reports* Vol. III, no. 15 (9 Apr. 1921): n.p.

Inman, C.M. "'Insinuation': Margery Wilson Production Wholesome in Theme and Faithful to Detail." *Moving Picture World* (2 Sept. 1922): 62.

------. "Rotarians View Picture: 'That Something' is Given Special Showing at Atlantic City Gathering." *Motion Picture News* Vol. XXII, no. 3 (10 Jul. 1920): 477.

Robb, Jessie. "'That Something': Metaphysics Predominant Theme of Production of Herman Film Corp." *The Moving Picture World* Vol. 49, no. 7 (16 Apr. 1921): 758.

Schader, Fred (as Fred.). Rev. "The Offender (sic)." *Variety* Vol. LXXVI, no. 13 (12 Nov. 1924): 25.

Slide, Anthony. In conversation with the author. 2004.

------. Interview with Margery Wilson. *The Silent Picture* no. 17 (1973): 17-24.

Wilson, Margery. *Dolores del Rio*. 29 pp. *Thumb Prints of the Famous*. Los Angeles: Chimes Press, 1928. USF.

------. *Douglas Fairbanks. Thumb Prints of the Famous*. Los Angeles: Chimes Press, 1928. 33 pgs. USF.

------. *How to Make the Most of Wife*. Kingswood, Surrey, Great Britain: The Windmill Press, 1951.

------. *I Found My Way: An Autobiography*. Philadelphia: J.B. Lippincott, 1956.

------. *The Woman You Want to Be: Margery Wilson's Complete Book of Charm*. Philadelphia: J.B. Lipppincott, 1942. [Note: Originally published as *Charm* by Margery Wilson, 1928.].

WOMEN FILM PIONEERS PROJECT

OVERVIEWS
PIONEERS
RESOURCES
ABOUT

Search

In Partnership with

CDRS

COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES/ INFORMATION SERVICES

Filmography

A. Archival Filmography: Extant Film Titles:

1. Margery Wilson as Actress

Double Trouble. Dir.: William Christy Cabanne, sc.: William Christy Cabanne (Fine Arts Film Co. US 1915) cas.: Margery Wilson, Olga Grey, si, b&w, 35mm. Archive: USW, BRR.

The Eye of the Night. Dir.: Walter Edwards, sc.: C. Gardner Sullivan (New York Motion Picture Corp., Kay-Bee US 1916) cas.: Margery Wilson, William H. Thompson, si, b&w, 35mm. Archive: GBB, USR.

Intolerance. Dir./sc.: D.W. Griffith (D. W. Griffith; Wark Producing Corp. US 1916) cas: Lillian Gish, Mae Marsh, Robert Harron, Margery Wilson, si, b&w, 35mm. Archive: BGS, CAQ, BEB, SES, AUC, ITG, DEI, PLW, USR, RUR, USW, USM, GBB, NLA, ATM, ITN, ITC, ROB, USL, USF, ESM, USI, CAO, DKK, ITT, USB, YUB, USN, FRL.

The Return of Draw Egan. Dir.: William S. Hart, sc.: C. Gardner Sullivan (New York Motion Picture Corp., Kay-Bee US 1916) cas.: Margery Wilson, Willaim S. Hart, si, b&w. Archive: BEB, USR, NLA, USL, DKK.

The Clodhopper. Dir.: Victor Schertzinger, sc.: Monte M. Katterjohn (Kay-Bee US 1917) cas.: Margery Wilson, Lydia Knott, si, b&w, 35mm. Archive: USR, USW, USM, USF.

The Last of the Ingrams. Dir.: Walter Edwards, sc.: J.G. Hawks (New York Motion Picture Corp., Kay-Bee US 1917) cas.: Margery Wilson, Mary Armlyn, si, b&w, 35mm. Archive: USR, FRC.

Wolf Lowry. Dir.: William S. Hart, sc.: Charles Turner Dazey (New York Motion Picture Corp., Kay-Bee US 1917) cas.: Margery Wilson, William S. Hart, si, b&w, 35mm. Archive: USR, USW, USL.

Without Honor. Dir.: E. Mason Hopper, sc.: George Elwood Jenks, st.: C. Gardner Sullivan (Triangle Film Corp. US 1918) cas.: Margery Wilson, Laura Sears, si, b&w. Archive: USR.

ANEXO 5: The New York Times: Biografia de Amy Vanderbilt

ARCHIVES | Amy Vanderbilt, 66, Falls to Death Here

ARCHIVES | 1974

Amy Vanderbilt, 66, Falls to Death Here

By JUDITH CUMMINGS DEC. 28, 1974

About the Archive

This is a digitized version of an article from The Times's print archive, before the start of online publication in 1996. To preserve these articles as they originally appeared, The Times does not alter, edit or update them.

Occasionally the digitization process introduces transcription errors or other problems. Please send reports of such problems to archive_feedback@nytimes.com.

Amy Vanderbilt, the syndicated columnist on etiquette, fell or jumped to her death last night from a second-story window of her residence at 438 East 87th Street, the police said.

Miss Vanderbilt, who was 66 years old, was pronounced dead on arrival at Metropolitan Hospital shortly before 8 P.M., minutes after her body was found lying near the front steps of the four-story building by a passer-by.

Miss Vanderbilt sent her interpretation of proper manners and mores into millions of American homes through her column, called "Amy Vanderhilt's Etiquette" distributed beginning in 1954 by the United Features Syndicate and later by The Los Angeles Times Syndicate.

December 28, 1974, Page 1 | Buy Reprints
The New York Times Archives

She was a first cousin of Commodore Cornelius Vanderbilt, the railroad magnate, and claimed descent from America's first Vanderbilt, Jan Aoertsen van der Bilt.

The pouce said Miss Vanderbilt's husband, Curtis B. Kellar, and her son, who was identified by the police as Stephen Knopf, were in the residence when the fall occurred. Her body was taken to the Medical Examiner's office for an autopsy, the police said.

The police said Mr. Knopf, the youngest of Miss Vanderbilt's three sons, who was on a holiday from college, told them his mother had spent the evening working and occasionally lying down to rest in a second-floor study at the front of the town house. He said he had last talked with her within 20 minutes of her death.

Miss Vanderbilt's body was reported found near the front door of the town house close by three steps that lead to street level. She was dressed in a light-colored, flower-patterned dress, covered by a blue jacket-type housecoat. Police officer Alfred Swetokas, who responded to the call, said there had apparently been a heavy impact of the, left side of the head against the pavement, causing what he thought was instantaneous death.

Detectives said a window was found open in the study. The metal frame of what had been an outer strom window, but which contained no glass, was in a bent state, but this appeared to have been a longstanding condition and was held unrelated to last night's incident, detectives added.

Of Miss Vanderbilt's medical history, the police said it was immediately known only that she had been under treatment for diabetes. No drugs of any kind were found in the room where she was last seen alive, they said.

Etiquette's Arbiter

By ROBERT D. McFADDEN

To Amy Vanderbilt, etiquette was more than a set of social rules or a guide to gracious living. It was, rather, a panoramic view of the world that enabled her to see—and to comment extensively upon—the greatness and smallness of people.

For years, she was the nation's principal authority on the subject, the successor to Emily Post and the arbiter of manners in an increasingly classless society.

Miss Vanderbilt was a celebrity long before the 1952 publication of "Amy Vanderbilt's Complete Book of Etiquette," a 700-page source, book of customs, mores and manners that reviewers of the day called a monumental tract for social historians of the future.

The book, revised a number of times in years since, sold millions of copies. Its advice ranged over the behavioral spectrum from the placement of a soup spoon to the running of a mansion full of servants.

She was a prolific writer. In addition to a half-dozen books, she wrote scores of artitles for The New Yorker, Mc Call's, Collier's, This Week, Better Homes & Gardens, American Home and other magazines and wrote for newspapers for more than 30 years.

She was a columnist for the old International News Service in the nineteen-thirties, and from 1954 to 1968 her column for United Features Syndicate was published in more than 100 newspapers in the United States and abroad and had an audience of more than 40 million readers.

In more recent years, she wrote a column for The Los Angeles Times Syndicate, living, working and occasionally entertaining in her century-old brownstone in Manhattan.

Miss Vanderbilt was married four times and divorced three times and had three sons, Lincoln Gill Clark, Paul Vanderbilt Knopf and Stephen John Knopf.

Her marriages were to Robert S. Brinkerhoff in 1929, Morton G. Clark in 1935, Hans Knopf in 1945 and Curtis B. Kellar in 1968.

A strikingly cosmopolitan woman with gray eyes, Miss Vanderbilt enjoyed her craft and her celebrity. She drew up a code of courtesy for New York bus and subway riders about 10 years ago, and lectured a group of taxi drivers here a year ago.

Miss Vanderbilt was, a direct descendant of Jan Aoertsen van der Bilt, who settled on Long Island in 1650, and of five generations of antecedents who lived on Staten Island starting in 1715. She was a cousin of Commodore Cornelius Vanderbilt, the shipping and railroad magnate; her great - great - grandfather was one of the founders of the Bank of Manhattan, and her grandfather, Joseph L. Vanderbilt, invented the figure-eight stitch on baseballs.

She was born on July 22, 1908, the daughter of Joseph Mortimer Vanderbilt, an insurance broker, and Mary Estelle Brooks Vanderbilt. While attending Curtis High School on Staten Island, she worked as a society and feature writer for The Staten Island Advance, beginning her journalism career at the age of 16.

Studied in Switzerland

After studies in Switzerland and at the Packer Collegiate Institute in Brooklyn, she entered New York University and studied journalism for two years. In the nineteen-thirties and forties, she worked in a variety of jobs, as an account executive in an advertising agency, the business manager of a literary magazine known as The American Spectator, and in public relations for several concerns.

It was in the late nineteenforties that Doubleday, Inc., approached her to write a book about etiquette. She retired to "Daisyfields," her farm in Westport, Conn., and devoted about four years to the project that was to make her the national authority on the subject of etiquette.

At first, she told acquaintances that she thought it was "almost silly" to describe "such things as the traditional formal dinner for 34 with a butler and several footmen." But she warmed to the task and produced a massive volume that Leo Lerman, in a review for The New York Times, described as "monumental."

"In writing what is obviously the most comprehensive of current manners manuals," he said, "Amy Vanderbilt has, while codifying today's man? ners for those who wish information on usage, made a large contribution to the future social historian."

Miss Vanderbilt never talked of etiquette as mere rules, but rather as the basis of kindnesses among people. In recent years, she called traditional etiquette out of place in an era of social, philosophical and economic upheaval and war atrocities.

But she noted that formalized behavior had value in some situations, such as at funerals, where people need to mask their disquiet.

She eschewed the feminist, "Ms." title, declaring: "Ms. is unbearable. Look it up in the dictionary. It means 'manuscript.'"

In addition to her literary efforts, Miss Vanderbilt also appeared often on Television and radio. From 1954 to 1960, she was the host of a television etiquette program called "It's in Good Taste," and from 1960 to 1962 she had a radio show called "The Right Thing to Do."

Miss Vanderbilt, an official etiquette consultant for a variety of organizations, including the World Book Encyclopedia and the State Department, traveled widely, lectured frequently and occasionally found time to tend a garden or fish in the Saugatuck River near her Connecticut farm.

She was often the hostess of parties at her town house here, but she once told an interviewer: "I hate big parties, I like simplicity in people and in entertaining. I have met all kinds of people; I like to talk to and hear them talk."

But she added, "I have no use for people who exhibit manners."

A version of this archives appears in print on December 28, 1974, on Page 1 of the New York edition with the headline: Amy Vanderbilt, 66, Falls to Death Here. Order Reprints | Today's Paper | Subscribe